

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas Câmpus de
Rio Claro

OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE TERESINA (PI)

Rio Claro (SP)
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas Câmpus de
Rio Claro

LAUDENIDES PONTES DOS SANTOS

OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE TERESINA (PI)

Tese de Doutorado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas da Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho, no Programa de
Pós-Graduação em Geografia como
requisito à obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Aparecida
Guarnieri Ortigoza

Rio Claro (SP)

2015

790.0135 Santos, Laudenides Pontes dos
S237e Os espaços públicos de lazer da cidade de Teresina-PI /
Laudenides Pontes dos Santos. - Rio Claro, 2015
323 f. : il., figs., gráfs., tabs., quadros, fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza

1. Lazer. 2. Geografia urbana. 3. Espaço público. I. Título.

LAUDENIDES PONTES DOS SANTOS

OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE TERESINA (PI)

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito à obtenção do título de Doutor.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza - UNESP
Presidente

Prof. Dr. Antonio Cardoso Façanha.- UFPI

Prof. Dr. Ricardo José Gontijo Azevedo. CEFET-MG

Profa. Dra. Maria Dalva de Souza Dezan. Secretaria de Estado de Educação de SP

Profa. Dra. Evelyn Monari Belo . Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro (SP)

Resultado: aprovada.

Rio Claro (SP), 06 de março de 2015.

A Deus, que sempre nos
acompanha em todos os segundos de
nossa vida.

Aos amados, Jean e Maria Luiza.

AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos não constituem mera formalidade, mas um momento oportuno de expressar a essas pessoas especiais, que contribuíram de alguma forma para concretização deste trabalho, o quanto eu lhes sou grata e o quanto são especiais na minha vida.

A Deus, por me conceder a oportunidade de materializar mais uma conquista em minha vida.

A meu professor e orientador inicial desta pesquisa, Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho (*in memoriam*), pelo apoio e confiança depositada em mim durante a efetivação deste trabalho.

À atual orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza, que sempre me foi muito especial, desde a época do Mestrado, na Qualificação e Banca Examinadora, Qualificação do Doutorado, sempre contribuiu com valiosos comentários para minha produção acadêmica. Em especial, por me estender a mão, após o difícil momento da perda do Professor Fadel. Certamente ele também a considera a pessoa mais indicada para terminar o trabalho por ele iniciado.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, pela oportunidade de realizar este aperfeiçoamento.

Aos meus pais, em especial, por terem me ensinado o valor da educação e não medirem esforços para que eu chegasse até aqui.

A meu esposo Jean, pelo companheirismo e apoio em todos os momentos.

A minha estrelinha, Maria Luiza, motivo de meus esforços, que alegra todos os meus dias, e me dá alegria e força para continuar sem medo.

A meus amigos, Francisco e Lidiane, pela amizade e cumplicidade que perpassaram os muros da academia.

A minha cunhada, Rosita “Teté”, que tão bem cuidou da minha Maria Luiza, para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.

Aos professores do Curso de Doutorado, pelas valiosas contribuições e ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Antônio Cardoso Façanha, da Universidade Federal do Piauí, pela ajuda, durante essa pesquisa, com o seu senso crítico, sabedoria, prestatividade que muito enriqueceram este trabalho, e pelos materiais emprestados.

Ao Prof. Dr. Ricardo José Gontijo Azevedo, pela valiosa colaboração no Exame de Qualificação e pelos materiais cedidos.

Aos alunos e amigos Elane, Caio, Gabrieli, Juliana, Liana, Silvana, Jeselia, Rosana, que me ajudaram em várias etapas deste trabalho, como, por exemplo, na realização do trabalho de campo e na elaboração dos mapas.

Ao Arquivo Público do Piauí e a seus funcionários, pela disponibilização dos periódicos pesquisados e cordialidade no atendimento.

Aos funcionários da SEMPLAN, que prestaram as informações necessárias à realização deste trabalho.

A todos os moradores dos bairros pesquisados que aceitaram responder aos questionários, mesmo sem saber o quanto estariam contribuindo para este trabalho.

A todos os entrevistados que, prontamente, se dispuseram a colaborar com esta pesquisa.

A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte; A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte. A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé; A gente não quer só comida, a gente quer a vida, como a vida quer (ArnaldoAntunes / Sérgio Brito / Marcelo Fromer).

RESUMO

Esta pesquisa sobre a Geografia Urbana de Teresina tem como foco os espaços públicos de lazer da cidade, sua distribuição, apropriação, conservação. Como objetivo principal, buscou-se compreender como estão espacializados os espaços públicos de lazer em Teresina (PI), seus principais problemas e potencialidades e os específicos foram entender sua conservação, localização e utilização. O lazer torna-se cada vez mais importante para a qualidade de vida das pessoas, uma vez que se tem atualmente uma rígida separação entre tempo do trabalho e tempo do lazer, nas cidades este ganha destaque, pois esta separação é ainda mais rígida. Os espaços públicos presentes nas cidades devem, portanto, de forma democrática, permitir o acesso ao lazer para todas as pessoas independente de sua classe social; isso porque o lazer passou a ser importante conteúdo da vida urbana. A vertente teórico/metodológica, centrada na dialética, permitiu uma análise dos espaços públicos de lazer de Teresina como um fenômeno social rico em contradições. Os procedimentos metodológicos adotados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação, pesquisa de campo com a aplicação de questionários e entrevistas. O recorte espacial da pesquisa foi a cidade de Teresina, e a amostra utilizada foram dez bairros, sendo dois de cada zona da cidade, foram ainda analisados os espaços públicos de lazer maiores existentes na cidade. A análise empreendida nesta pesquisa permitiu observar que a cidade de Teresina ainda está muito carente no que diz respeito à existência, distribuição e estruturação de seus espaços públicos de lazer. Constatou-se que apesar de a sociedade teresinense ter diversificado suas formas de lazer, ao longo do tempo, as políticas urbanas no sentido de equipar os bairros de espaços públicos não têm sido eficazes. Além disso, existem outros entraves, como a falta de conservação dos espaços públicos existentes e a violência urbana que afasta as pessoas desses lugares.

Palavras-chaves: Geografia Urbana, Espaço Público, Lazer, Teresina.

ABSTRACT

This research on the urban geography of Teresina, focuses on public recreational areas of the city, its distribution, appropriation, conservation. As a main goal, we sought to understand how the public leisure spaces in Teresina-PI are specialized, their main problems and potentialities. Leisure becomes increasingly important to life quality , since it currently has a strict separation between work time and leisure time, this is highlighted in the cities, because this separation is even more rigid. The public spaces of cities, therefore, should in a democratic manner, allow access to recreation for all people regardless of their social class, this because leisure has become an important content of urban life. The theoretical and methodological strand focused on dialectics allowed an analysis of public recreational areas of Teresina as a social phenomenon , rich in contradictions. The methodological procedures adopted were: literature review, documentary research, observation, field research with questionnaires and interviews. The spatial area of research was the city of Teresina, and the sample used were 10 districts two in each area of the city, the largest leisure public spaces existing in the city were further analyzed. The analysis undertaken in this study allowed us to observe that the city of Teresina is still very needy regarding the existence, distribution and structuring of its public spaces for leisure. It was verified that although the society has diversified its forms of leisure over time, urban policies towards equipping the neighborhoods with public spaces have not been effective. In addition, there are other barriers such as lack of maintenance of existing public spaces and urban violence that puts people off of these places.

Keywords: Urban Geography, Public Space, leisure, Teresina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Organograma da metodologia.....	29
Figura 2	- Primeira planta da cidade de Teresina.....	35
Figura 3	- Esvaziamento dos espaços públicos por causa da violência.....	68
Figura 4	- Praça Pedro II na década de 1940 importante espaço de lazer da cidade.....	154
Figura 5	- Campos de futebol improvisados na periferia.....	160
Figura 6	- Praças de Teresina viram ponto de consumo de drogas.....	161
Figura 7	- Manchete: Dragas representam perigo para os banhistas.....	165
Figura 8	- Bombeiros alertam para perigo dos rios com o fim do inverno.....	165
Figura 9	- Uso indevido dos parques urbanos.....	170
Figura 10	- Moradores do Promorar lançam resíduos em praça pública.....	196
Figura 11	- Campanha incentiva preservação de quadras.....	197
Figura 12	- Medo afasta a população dos espaços públicos de lazer.....	200
Figura 13	- Potycabana, um retrato desolador.....	208
Figura 14	- Interditado, Teatro divide espaço com moradores de rua.....	210
Figura 15	- Chuva revela estado crítico do Verdão.....	214
Figura 16	- Curva São Paulo está abandonada.....	218
Figura 17	- Parque da cidade continua a serviço do vandalismo.....	221

LISTA DE FOTOS

Foto 1	- Prainha.....	164
Foto 2	- Praça Cultural localizada no Bairro Itararé, zona Sudeste.....	182
Foto 3	- Pessoas praticando caminhada na Avenida Raul Lopes – zona Leste de Teresina.....	184
Foto 4	- Piscina do CSU do Parque Piauí.....	188
Foto 5	- Vestiário do Centro Esportivo do Mocambinho - zona Norte.....	194
Foto 6	- Alambrado do campo de futebol Renascença - zona Sudeste..	195
Foto 7	- Complexo Turístico Mirante Ponte Estaiada.....	204
Foto 8	- Parque Encontro dos rios.....	204
Foto 9	- Parque Zoobotânico.....	204
Foto 10	- Parque Nova Potycabana.....	204
Foto 11	- Parque Potycabana projeto inicial na década de 1990.....	207
Foto 12	- Teatro 4 de Setembro.....	204
Foto 13	- Teatro de Arena.....	204
Foto 14	- Cine Teatro da Assembleia Legislativa.....	204
Foto 15	- Central de Artesanato Mestre Dezinho.....	204
Foto 16	- Casa da Cultura.....	205
Foto 17	- Complexo Cultural Clube dos Diários.....	205
Foto 18	- Palácio da Música.....	205
Foto 19	- Conjunto da Estação Ferroviária de Teresina.....	205
Foto 20	- Museu do Piauí.....	205
Foto 21	- Museu de Arte Sacra Dom Paulo Libório.....	205
Foto 22	- Estádio Lindolfo Monteiro.....	205

Foto 23	- Estádio Albertão.....	205
Foto 24	- Ginásio Verdão.....	205
Foto 25	- Anfiteatro do Monte Castelo.....	215
Foto 26	- Teatro Municipal João Paulo II.....	215
Foto 27	- Teatro do Boi.....	215
Foto 28	- Balneário Curva São Paulo.....	215
Foto 29	- Balneário Curva São Paulo no ano de 2004.....	217
Foto 30	- Balneário Curva São Paulo no ano de 2007.....	218
Foto 31	- Lagoas do Norte.....	215
Foto 32	- Parque Ambiental do Mocambinho.....	215
Foto 33	- Parque da Cidade.....	215
Foto 34	- Praça do Bairro Mafuá.....	228
Foto 35	- Praça pública João Orsano da Silva.....	228
Foto 36	- Praça da Igreja.....	228
Foto 37	- Quadra Poliesportiva B. L. Martins.....	228
Foto 38	- Biblioteca Comunitária do Bairro São João.....	238
Foto 39	- Praça da Igreja.....	238
Foto 40	- Praça Senador Bernardino Viana.....	238
Foto 41	- Box da polícia na Praça Bernardino Viana.....	238
Foto 42	- Quadra de esportes na Praça do bairro São João.....	234
Foto 43	- Praça sem identificação.....	235
Foto 44	- Coreto da Praça Senador Bernardino Viana.....	238
Foto 45	- Campo Praça Senador Bernardino Viana.....	238
Foto 46	- Praça da Biblioteca.....	238
Foto 47	- Praça do Bairro São João	238
Foto 48	- Campo do Projeto Mandacaru.....	238
Foto 49	- Ginásio Cabeça Branca.....	238
Foto 50	- Rua de acesso ao ao ginásio Proj. Mandacaru.....	236
Foto 51	- Praça Sigefredo Pacheco Sobrinho.....	244
Foto 52	- Sombra proporcionada pelas árvores.....	240
Foto 53	- Pessoas conversando na praça.....	241
Foto 54	- Praça do Parque Mão Santa.....	244
Foto 55	- Academia da Terceira Idade.....	244
Foto 56	- Quadra de de areia.....	244
Foto 57	- Campo de futebol.....	244
Foto 58	- Complexo Cultural Antônio Rodrigues da Costa.....	254
Foto 59	- Circo localizado em praça pública.....	251
Foto 60	- Equipamentos em mau estado de conservação.....	251
Foto 61	- Lixo no Complexo Cultural Antônio Rodrigues da Costa.....	254
Foto 62	- Praça da Igreja Matriz Santa Joana D'Arc.....	254
Foto 63	- Praça da Bíblia.....	254
Foto 64	- Praça da Bíblia Mocambinho.....	252
Foto 65	- Bancos Praça da Bíblia.....	254
Foto 66	- Praça Jornalista Paulo de Tarso.....	254
Foto 67	- Ginásio Poliesportivo Pato Preto.....	254
Foto 68	- Pista de skate.....	254
Foto 69	- Quadra de areia.....	254
Foto 70	- Campo do Mocambinho.....	254
Foto 71	- Parque ambiental do bairro Mocambinho.....	254
Foto 72	- Campo de Futebol Palmeirão.....	260

Foto 73	- Alambrado danificado e traves enferrujadas no Campo Palmeirão.....	256
Foto 74	- Quadra de esportes.....	260
Foto 75	- Campo São Joaquim.....	260
Foto 76	- Quadras poliesportivas.....	260
Foto 77	- Campo Carlos Feitosa.....	260
Foto 78	- Campo Carlos Feitosa - lixo.....	257
Foto 79	- Praça São Judas Tadeu.....	260
Foto 80	- Igreja São Judas Tadeu localizada na praça.....	258
Foto 81	- Quadra na Praça São Judas Tadeu.....	259
Foto 82	- Parque Lagoas do Norte.....	260
Foto 83	- Praça da Polinter.....	271
Foto 84	- Praça Espaço Cultural.....	271
Foto 85	- Praça dos Correios.....	271
Foto 86	- Praça do Bambu.....	271
Foto 87	- Praça do Hospital.....	271
Foto 88	- Placa de identificação da praça danificada.....	271
Foto 89	- Academia pública da Praça dos Correios.....	271
Foto 90	- Quadra de esportes da Praça dos Correios.....	271
Foto 91	- Praça do Mercado do Dirceu II.....	271
Foto 92	- Complexo Esportivo Almeidão.....	268
Foto 93	- Campo de Futebol.....	272
Foto 94	- Pista de Atletismo.....	272
Foto 95	- Ginásio Poliesportivo.....	272
Foto 96	- Quadra de areia.....	272
Foto 97	- Sinais de abandono.....	272
Foto 98	- Ginásio Poliesportivo Edimilson Jorge.....	272
Foto 99	- Pista de Skatismo.....	272
Foto 100	- Campo Carlos Lima.....	272
Foto 101	- Pista de Caminhada.....	269
Foto 102	- Campo de futebol Lucidão.....	272
Foto 103	- Teatro Municipal João Paulo II.....	272
Foto 104	- Praça do Bairro Renascença I.....	279
Foto 105	- Palco.....	279
Foto 106	- Academia pública.....	279
Foto 107	- Quadra coberta.....	279
Foto 108	- Vestiário depredado.....	275
Foto 109	- Praça I do Renascença II.....	279
Foto 110	- Praça II do Renascença II.....	275
Foto 111	- Praça II do Renascença II.....	279
Foto 112	- Brinquedos para crianças.....	279
Foto 113	- Rampa para cadeirantes.....	279
Foto 114	- Comércio como chaveiros e vendedores de CD's.....	279
Foto 115	- Campo de Futebol.....	279
Foto 116	- Porta quebrada do campo.....	276
Foto 117	- Praça do Bairro Parque Piauí.....	287
Foto 118	- Placa de identificação.....	287
Foto 119	- Praça do Bairro Parque Piauí.....	287
Foto 120	- Bancos.....	287
Foto 121	- Praça São João.....	287

Foto 122	- Bancos de madeira.....	287
Foto 123	- Presença de muito lixo na Praça São João.....	283
Foto 124	- Centro Esportivo e Cultural Prof. Francisco das Chagas Venâncio.....	287
Foto 125	- Quadras de esportes de concreto.....	287
Foto 126	- Campo de futebol.....	288
Foto 127	- Campo de futebol.....	288
Foto 128	- Banheiros públicos.....	288
Foto 129	- Academia de ginástica.....	288
Foto 130	- Academia de ginástica.....	288
Foto 131	- Palco.....	288
Foto 132	- Parquinho.....	288
Foto 133	- Banco de madeira.....	288
Foto 134	- CSU.....	288
Foto 135	- Circo.....	288
Foto 136	- Mato e sujeira no CSU do Parque Piauí.....	285
Foto 137	- Pracinhas entre as Casas Saci.....	293
Foto 138	- Praça Prefeito João Mendes.....	293
Foto 139	- Palco.....	293
Foto 140	- Academia.....	293
Foto 141	- Praça da Amizade.....	293
Foto 142	- Quadra de esportes.....	293
Foto 143	- Campo de futebol.....	293
Foto 144	- Equipamentos enferrujados.....	291
Foto 145	- Estádio Municipal Joaquim Filho.....	293
Foto 146	- Quadra de areia.....	293
Foto 147	- Pista de skate.....	293

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Atividade de lazer de preferência segundo os moradores pesquisados / Teresina-PI.....	173
Gráfico 2	- Atividades de lazer que os bairros pesquisados oferecem, segundo os moradores pesquisados / Teresina-PI.....	181
Gráfico 3	- Frequência dos moradores pesquisados nas áreas de lazer do bairro onde moram.....	189
Gráfico 4	- Existência de atividades rotineiras nos espaços públicos de lazer do seu bairro, segundo moradores pesquisados.....	192
Gráfico 5	- Frequência dos moradores pesquisados em espaços públicos de lazer em outros bairros da cidade.....	193
Gráfico 6	- Participação dos moradores pesquisados na conservação dos espaços públicos de lazer do seu bairro.....	196
Gráfico 7	- O que poderia ser feito para melhorar o lazer do bairro, segundo os moradores pesquisado.....	198
Gráfico 8	- Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Centro.....	223
Gráfico 9	- Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Leste.....	231
Gráfico 10	- Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Norte.....	247
Gráfico 11	- Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro/ zona	

	Sudeste.....	262
Gráfico 12	- Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Sul.....	280

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	- Localização dos bairros estudados.....	26
Mapa 2	- Localização Geográfica de Teresina.....	33
Mapa 3	- Região de influência de Teresina-2007.....	44
Mapa 4	- Distribuição dos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina-PI por zona.....	179
Mapa 5	- Mapa de localização dos Espaços Públicos de Lazer da cidade de Teresina-a.....	204
Mapa 6	- Mapa de localização dos Espaços Públicos de Lazer da cidade de Teresina-b.....	205
Mapa 7	- Distribuição dos Espaços Públicos de Lazer das zonas Urbanas de Teresina.....	215
Mapa 8	- Distribuição dos espaços públicos de lazer na zona Centro da cidade de Teresina-PI.....	223
Mapa 9	- Distribuição dos equipamentos Mafuá e Piçarra.....	228
Mapa 10	- Distribuição dos espaços públicos de lazer na zona Leste / Teresina-PI.....	232
Mapa 11	- Distribuição dos equipamentos de Lazer no Bairro São João... ..	238
Mapa 12	- Distribuição dos equipamentos Vale quem Tem.....	244
Mapa 13	- Distribuição dos equipamentos de lazer na zona Norte da cidade de Teresina-PI.....	248
Mapa 14	- Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro Mocambinho.....	254
Mapa 15	- Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro São Joaquim.....	260
Mapa 16	- Distribuição dos equipamentos de lazer na zona Sudeste da cidade de Teresina-PI.....	263
Mapa 17	- Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro Itararé-a.....	271
Mapa 18	- Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro Itararé-b.....	272
Mapa 19	- Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro Renascença.....	278
Mapa 20	- Distribuição dos equipamentos de lazer na zona Sul da cidade de Teresina-PI.....	281
Mapa 21	- Distribuição dos equipamentos Bairro Parque Piauí-a.....	287
Mapa 22	- Distribuição dos equipamentos Bairro Parque Piauí-b.....	288
Mapa 23	- Distribuição dos equipamentos Bairro Saci.....	293

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Distribuição dos setores na composição do PIB de Teresina...	46
Quadro 2	- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM de Teresina.....	47
Quadro 3	- Programas referentes ao lazer no PDLI.....	140
Quadro 4	- Programas e projetos definidos pela Agenda 2015 para o Esporte e Lazer.....	149
Quadro 5	- Opinião dos moradores do Bairro Mafuá sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	225
Quadro 6	- Opinião dos moradores do Bairro Piçarra sobre os espaços	

	públicos de lazer do bairro.....	226
Quadro 7	- Opinião dos moradores do Bairro São João sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	233
Quadro 8	- Opinião dos moradores do Bairro Vale Quem Tem sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	239
Quadro 9	- Opinião dos moradores do Bairro Mocambinho sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	249
Quadro 10	- Opinião dos moradores do Bairro São Joaquim sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	255
Quadro 11	- Opinião dos moradores do Bairro Itararé sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	265
Quadro 12	- Opinião dos moradores do Bairro Renascença sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	273
Quadro 13	- Opinião dos moradores do Bairro Parque Piauí sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	282
Quadro 14	- Opinião dos moradores do Bairro Saci sobre os espaços públicos de lazer do bairro.....	289

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Evolução populacional de Teresina – 1872/2010.....	37
Tabela 2	Renda média por domicílio na cidade de Teresina anexo	321
Tabela 3	- Taxa de Homicídios (por 100 mil) na população jovem por capital e região.....	67
Tabela 4	- Atividade de lazer de preferência dos moradores de Teresina	171
Tabela 5	- Distribuição dos equipamentos de lazer na cidade de Teresina-PI.....	177
Tabela 6	- Frequência dos moradores nos espaços públicos de lazer do seu bairro.....	187
Tabela 7	- Frequência dos moradores nos espaços públicos de lazer do seu bairro.....	190
Tabela 8	- Existência de atividades rotineiras nos espaços de lazer do bairro onde reside segundo os moradores pesquisados.....	191
Tabela 9	- Conservação dos espaços públicos de lazer do bairro.....	195
Tabela 10	- Espaços públicos de lazer da zona Centro de Teresina.....	222
Tabela 11	- Espaços públicos de lazer da zona Leste de Teresina.....	230
Tabela 12	- Espaços públicos de lazer da zona Norte de Teresina.....	246
Tabela 13	- Espaços públicos de lazer da zona Sudeste de Teresina.....	261
Tabela 14	- Espaços públicos de lazer da zona Sul de Teresina.....	279

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	17
1	DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA CIDADE.....	32
1.1	A urbanização de Teresina.....	34
1.1.1	Rede urbana e aspectos socioeconômicos.....	43
1.2	O espaço intraurbano: construção, características e agentes produtores.....	47
1.2.1	Segregação socioespacial, violência e outros impasses.....	57
2	A PROBLEMÁTICA DO LAZER: TEORIAS, PLANEJAMENTO E PRÁTICAS.....	72
2.1	Lazer em questão: notas do percurso teórico.....	72
2.1.1	O tema lazer e o seu surgimento na sociedade.....	72
2.2.2	Lazer: conceitos, finalidades e características.....	78
2.2	O lazer no espaço urbano: impasses e possibilidades.....	90
3	AS POSSIBILIDADES DE LAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE TERESINA: PLANEJAMENTO E GESTÃO.....	108
3.1	O espaço público em questão: notas do percurso teórico.....	108
3.2	O planejamento urbano e gestão dos espaços de lazer: da teoria à prática.....	133
3.2.1	O planejamento urbano em questão.....	133
3.2.2	Abordagem do lazer nos diversos planos urbanos de Teresina.....	138
4	A REALIDADE SOCIOESPACIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE TERESINA.....	151
4.1	Os espaços públicos de lazer em Teresina: ontem e hoje.....	151
4.2	Dinâmica Locacional dos espaços públicos de lazer.....	170
4.3	Utilização dos espaços públicos de lazer.....	186
4.4	Conservação dos espaços públicos de lazer.....	193
5	OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE TERESINA: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO GEOGRÁFICA.....	201
5.1	Espaços Públicos de Lazer da Cidade de Teresina.....	201
5.2	Espaços Públicos de Lazer das zonas Urbanas da Cidade de Teresina.....	214
5.3	Espaços Públicos de Lazer dos bairros da zona urbana de Teresina.....	221
5.3.1	Zona Centro e os espaços culturais.....	222
5.3.1.1	<i>Bairro Mafuá.....</i>	<i>224</i>
5.3.1.2	<i>Bairro Piçarra.....</i>	<i>226</i>
5.3.2	Zona Leste, os parques urbanos em evidência.....	229
5.3.2.1	<i>Bairro São João.....</i>	<i>233</i>
5.3.2.2	<i>Bairro Vale Quem Tem.....</i>	<i>239</i>
5.3.3	Zona Norte e os rios.....	245

5.3.3.1	<i>Bairro Mocambinho.....</i>	249
5.3.3.2	<i>Bairro São Joaquim.....</i>	255
5.3.4	Zona Sudeste e o vazio de espaços.....	261
5.3.4.1	<i>Bairro Itararé.....</i>	264
5.3.4.2	<i>Bairro Renascença.....</i>	273
5.3.6	Zona Sul a evidencia dos espaços esportivos.....	279
5.3.5.1	<i>Bairro Parque Piauí.....</i>	282
5.3.5.2	<i>Bairro Saci.....</i>	289
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	294
	REFERÊNCIAS.....	300
	APÊNDICES.....	311
	ANEXOS.....	320

INTRODUÇÃO

Às cinco horas da tarde, todo mundo se arrumava, pegava sua bicicleta, seu skate, seus patins e ia à praça do distrito. Era uma hora de encontro, brincadeira, alegria. À noite, a rua era o local da conversa, com cadeiras na calçada. Enquanto os mais velhos conversavam, crianças corriam livremente pela rua sem medo. Os muros serviam de base para a nossa improvisada rede de voleibol. Do outro lado, os meninos improvisavam traves e as ruas se transformavam em um campo de futebol. Tudo era simples e “de graça”. Nos dias, as ruas estão vazias, todos estão trancados em casa assistindo à TV, ou à frente de computadores para acessar suas redes sociais.¹

O crescimento das cidades é visível em várias partes do mundo. No Brasil, a tendência para a urbanização foi se consolidando, após a década de 1950, quando a contagem populacional começou a demonstrar um aumento expressivo da população urbana. Na década de 1970, o Brasil já possuía uma população urbana superior à rural.

As cidades recebem a força do trabalho que vem do campo à procura de oportunidades, como, por exemplo, de emprego e de maiores possibilidades em educação, saúde e cultura. No entanto, o crescimento populacional nem sempre está acompanhado dos benefícios necessários, o que gera vários impasses urbanos. Por sua vez, Souza (2005) descreve a vida nas cidades com um misto de orgulho e satisfação; por outro lado, com descontentamento, frustração e medo.

A cidade, especialmente a grande cidade de um país periférico ou semiperiférico (países periféricos, semiperiféricos e centrais), é vista como um espaço de concentração de oportunidades, de satisfação, de necessidades básicas materiais (moradia, saúde...) e imateriais (cultura, educação...), mas também como um local crescentemente poluído, onde se perde tempo e se gastam nervos com engarrafamentos, onde as pessoas vivem estressadas e amedrontadas com a violência e a criminalidade (SOUZA, 2005, p. 21-22).

¹ Relato da autora sobre situação vivenciada na infância.

Ao mesmo tempo em que concentra as decisões e a economia, gerando assim maiores oportunidades de emprego, a cidade, por atrair muitas pessoas, não consegue oferecer a todos os moradores oportunidades iguais, tendo em vista o sistema econômico capitalista que impõe desigualdades sociais, principalmente nos países mais pobres. Dessa forma, surgem problemas nos mais variados setores, como: saúde, educação, lazer, emprego e segurança.

Os problemas urbanos são conhecidos por todos os moradores (especialmente os mais pobres) de cidades (principalmente das maiores). Alguns ganham destaque na mídia, tais como: a violência, o trânsito caótico, os problemas ambientais — enchentes e deslizamentos —, a favelização, a ineficiência dos sistemas públicos de educação e saúde, e são vivenciados dolorosamente no cotidiano dos brasileiros. Chama-se a atenção, porém, para uma deficiência ainda pouco debatida nas cidades brasileiras: a falta de espaços públicos de lazer.

Com diferença de grau de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. Seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. são elementos de diferenciação; mas em todas elas, problemas como a falta de emprego, de habitação, de transportes, de lazer, da água, dos esgotos, da educação e saúde são genéricos e revelam grande carência. Quanto maior a cidade, mais visíveis se tornam essas mazelas (SANTOS, 2008, p. 105).

O solo urbano é visto como mercadoria e seu uso tem que representar lucro. Neste contexto, o espaço para o lazer nas cidades é, cada vez mais, destinado às classes favorecidas; e os antigos pontos de encontro da comunidade são substituídos por projetos mais rentáveis do ponto de vista econômico:

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparece; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui — as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; as árvores são destruídas, praças são transformadas em concreto (CARLOS, 2005, p.19).

A longa jornada de trabalho da maioria dos brasileiros e a falta de um sistema de transporte eficiente e acessível às classes menos favorecidas fazem com que os trabalhadores passem a maior parte de suas vidas na cidade, inclusive o seu tempo livre. Dessa forma, é necessário que a cidade ofereça também espaços públicos de lazer a seus habitantes. Além disso, o chamado “tempo livre” no sistema capitalista não é tão “livre” assim. O sistema induz ao consumo, mesmo nos espaços

destinados ao lazer, como no *shopping*, de tal modo que o “tempo livre” passa a significar “tempo de consumir”, fazendo com que os antigos locais de lazer e sem atrelamento ao consumo comecem a sumir da vida urbana.

Nas sociedades modernas, a jornada de trabalho remunerado estrutura o tempo social. O número de horas de trabalho e sua distribuição nos ciclos vitais, anuais, mensais e semanais na vida das pessoas influem na maneira como elas se sentem, divertem-se e sofrem de forma diferenciada nos diversos países e períodos históricos. E refletem a organização econômica, o estágio técnico, a intensidade das lutas sociais das regiões e dos lugares onde estão inseridos. Assim, o uso do tempo pelo cidadão está atrelado aos locais onde vive (LIMA, 2006, p. 17).

Quando percorremos as ruas de Teresina, encontramos poucos espaços públicos de lazer, e os que existem mostram sinais de depredação e abandono. Esta é a realidade de muitas cidades brasileiras que não possuem equipamentos de lazer suficientes para atender sua população, seja pela má distribuição (que, às vezes, se resume a poucos bairros), seja pelas condições de sua conservação. Em alguns casos, pode acontecer também a falta de divulgação, ou elaboração de uma programação para animar estes lugares e propiciar lazer aos moradores da cidade.

Consideramos para esta pesquisa, como espaços de lazer urbano, espaços públicos que podem, de alguma forma, propiciar momentos de lazer à população, de forma gratuita ou a preços pequenos, como: praças, parques ambientais, áreas verdes, quadras de esportes, academias públicas de ginástica, parquinhos para crianças, ginásios poliesportivos, teatros, museus, centros culturais, cinemas e centros sociais. Conforme Azevedo (2013): “Sob o ponto de vista material, o espaço público de lazer pode ser entendido como uma área geralmente mantida pelo Poder Público, cuja infraestrutura e elementos paisagísticos favoreçam a prática de atividades de lazer e recreação” (AZEVEDO, 2013, p. 64).

Segundo Santini (1993), os espaços, por vezes, podem ser chamados de equipamentos de lazer, uma vez que estes se confundem, pois os primeiros são os suportes para equipamentos e mobiliários em função da atividade lazer. As palavras espaços e equipamentos de lazer serão aqui utilizadas como sinônimos.

Esses espaços, além de proporcionarem melhor qualidade de vida aos cidadãos, podem contribuir, segundo Marcellino (2001), para o processo de valorização e conservação do patrimônio histórico, cultural, ambiental, social, formal, técnico ou afetivo, de modo a propiciar uma vivência mais rica e prazerosa na

cidade, estabelecendo pontos de referência e vínculos afetivos, além de preservar as identidades locais e aumentar o potencial turístico das cidades.

Utilizaremos o conceito de lazer elaborado por Dumazedier (2008), que considera lazer as atividades que o indivíduo pode fazer livremente, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se; ou ainda, para desenvolver sua formação ou informação de maneira desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Tendo em vista a importância do lazer para a promoção da qualidade de vida das pessoas, esta pesquisa buscou contribuir para melhor entendimento do espaço de lazer na organização espacial da cidade de Teresina (PI), o que exigiu uma análise da distribuição espacial dos equipamentos de lazer na cidade, da sua estruturação, utilização e manutenção. Além disso, rever o uso desses equipamentos e de como os espaços públicos foram se modificando ao longo do tempo, e, ainda, como o lazer vem sendo abordado nos diversos planejamentos urbanos realizados na cidade de Teresina. Dessa forma, trata-se de uma análise do espaço urbano de Teresina com enfoque na temática do lazer.

A tese que apresentamos é a de que o lazer em Teresina torna-se cada vez mais uma mercadoria, pois os espaços públicos não conseguem suprir a necessidade dos cidadãos. Este fato deriva da precariedade das políticas públicas de lazer, da falta de segurança nos espaços públicos e da acessibilidade desigual dada pelas estratégias locais dos equipamentos.

Deste modo, os principais questionamentos desta pesquisa são: como estão distribuídos e estruturados os espaços de lazer urbano na cidade de Teresina-PI? Como está a conservação destes espaços? Como se caracteriza a utilização destes equipamentos de lazer?

O objetivo deste trabalho foi, sobretudo, fazer uma espacialização dos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina para conhecer de que forma se distribuem na cidade. O foco é compreender a dinâmica geral desses espaços e não observar de forma detalhada seus usos. Esta análise mais vertical centrada em cada um desses espaços no que tange aos usos e costumes do lazer na cidade de Teresina (PI) envolve outra abordagem e poderá ser realizada por meio de uma nova pesquisa.

A análise construída nesta tese está subsidiada em autores que tratam da análise da produção do espaço urbano, entre eles: Carlos (1994; 1996; 2005), Correa (2004), Santos (2000; 1999; 2008), Souza (2005) e Lefebvre (1991; 1999). Para entender o processo de formação territorial da cidade de Teresina, foram consultados autores como Abreu (1983), Araújo (1993) e Façanha (1998; 2004). Por último, sobre a temática do lazer urbano nas cidades, foram referenciados autores como: Dumazedier (2008), Marcellino (2001; 2006, 2008), Lima (2006), Reis (2006), Muller (2002), Melo e Peres (2005), Azevedo (2013) e Santini (1993).

Para a caracterização da cidade de Teresina, foram utilizados tanto dados oficiais obtidos em documentos elaborados por órgãos ligados a prefeitura, como, por exemplo, Teresina (1993; 2002; 2010; 2012; 2013). Também foram utilizados autores que realizaram pesquisas sobre a dinâmica urbana de Teresina como Façanha (1998; 2004; 2007; 2012), Abreu (1983), Lima (1996; 2006; 2002; 2010), Araújo (1993), Castelo Branco (1994; 1996) entre outros; estes nos ajudaram a entender a dinâmica atual e de outras épocas dos espaços públicos de lazer de Teresina.

Para o entendimento do espaço urbano, sua construção, características, agentes produtores, dinâmica, problemas, segregação espacial, foram utilizados os trabalhos de Carlos (1994; 1996; 2005), Lefebvre (1991; 1999), Correa (2004; 2011), Santos (1982; 1993; 1999; 2000; 2008), Sposito (1999; 2001; 2005; 2010). Sobre o espaço público na cidade, consultamos Gomes (2005; 2006; 2012), Serpa (2005; 2011), Azevedo (2013) e Sobarzo (2006; 2007). Para compreender a importância do planejamento urbano nas cidades: Saboya (2014), Souza (2005; 2002).

Na temática do lazer sobre sua origem, conceituação, tipos, importância, e como este se tornou um componente importante na vida das cidades, utilizamos como subsídios teóricos as obras de Dumazedier (2008), Gutierrez (2001), Camargo (2008), Marcellino (2001; 2006), Padilha (2006), Lima (2006), dentre outros.

O entendimento da “Geografia do lazer” em Teresina possibilita conhecer melhor a produção do seu espaço urbano, como também dos fatores que implicam sua estruturação. A qualificação dos espaços públicos de lazer urbano da cidade é importante também para esclarecer a sua importância social e auxiliar as estratégias, a fim de possibilitar um acesso mais democrático da população ao lazer.

Atualmente, mais do que nunca, as cidades crescem rapidamente, a prioridade é o valor econômico do espaço e não o seu valor de uso para os cidadãos. Dotar estas cidades de equipamentos estruturais não vem sendo uma tarefa fácil, principalmente na questão do lazer. Para Muller:

O espaço urbano se transformou num espaço para construção, tornando-se a paisagem urbana algo criado pelo ser humano para habitar. Com o crescimento desordenado e desequilibrado das cidades, o aspecto mais vulnerável, entre outros, foi o dos espaços para o lazer. As áreas livres que havia cederam lugar a avenidas, prédios e indústrias, restando pouquíssimo espaço para o lazer. A partir disso, adultos, e principalmente crianças, ficaram prejudicadas: à criança restou seu quarto de brinquedos, a televisão, passeios apenas no final da semana. Ocorre, nesse momento, o interesse de passear no campo ou praia, onde existe espaço para atividades que exigem esforço físico em ambientes mais espaçosos, livres, abertos (2002, p. 36).

Neste contexto, torna-se importante estudar como as cidades são dotadas de equipamentos de lazer, procurando avaliar toda a dinâmica espacial envolvida. Esta pesquisa vai neste sentido, à procura de analisar o lazer como um importante componente para a qualidade de vida das pessoas, e trazer uma leitura crítica das cidades, como lugar de moradia e de trabalho, mas que necessitam de oferecer possibilidades de lazer aos seus moradores.

Como atualmente a maior parte das pessoas reside nas cidades, aumenta a necessidade de espaços destinados às diversas atividades pertinentes à vida humana no espaço urbano. Faz-se necessário que a terra urbana seja analisada, tendo em vista todas as funções, que pode exercer, de modo a possibilitar boas condições de moradia, circulação, trabalho e lazer. A compreensão do lazer nas cidades apresenta-se, assim, como tema de grande importância para as sociedades contemporâneas (LIMA, 2006, p. 17).

A importância de estudar a estruturação dos espaços de lazer urbano em Teresina-PI, entender sua distribuição nos diversos bairros e sua utilização, isto se justifica pelo fato de a capital piauiense apresentar grande crescimento urbano e populacional, com o surgimento de novos condomínios, conjuntos habitacionais e loteamentos. Essa expansão urbana nem sempre é acompanhada da infraestrutura adequada, o que se reflete na consolidação da segregação urbana.

Essa segregação, que é socioespacial, resulta em uma diferenciação das condições estruturais dos bairros. De um lado, a constituição de áreas nobres, e do

outro, o crescimento das vilas e favelas na cidade. Essa tendência se revela na cidade desde a década de 1970, como aponta Façanha:

A necessidade de uma maior regulação no uso do espaço urbano devia-se à própria complexidade em que se configurava Teresina. A emergência de novos processos espaciais revelava a construção de um território contraditório, espacialmente, e desigual, socialmente. Em meados da década, enquanto ocorria a construção de uma área de segregação residencial na zona Leste da cidade, concentrando populações de alto poder aquisitivo, acontecia na cidade, resultado de fatores externos e internos à cidade, o surgimento das primeiras favelas (2004, p. 187).

O problema que norteia esta pesquisa surgiu por meio de uma observação pessoal acerca do lazer na cidade de Teresina. A primeira impressão que se tem é que, além de vários problemas estruturais, a capital piauiense é carente de espaços de lazer urbano, principalmente para a população de baixa renda. Observamos que, nos finais de semana, os bares estavam lotados. Na periferia, as pessoas se reúnem para consumir bebidas alcoólicas. Não seria isso um reflexo da falta de outras opções? Essa realidade não pertence só ao presente como foi retratado pela reportagem: “Circuitos oficiais de diversão excluem bairros distantes”:

Fofocas nos bares, esquinas e calçadas, jogos de sinuca, baralho e doses de pinga para os mais exaltados. São essas as alternativas de lazer escolhidas por centenas de pessoas dos bairros e vilas da periferia de Teresina, onde raramente se encontra uma obra destinada ao lazer construída pela prefeitura ou por qualquer outra instituição governamental. A falta de opções para o entretenimento é ainda mais grave nas vilas, onde as pessoas humildes de todas as idades precisam criar os espaços para o lazer e as próprias brincadeiras (JORNAL O DIA, 10 jun., p. 10, 1996).

Esta observação empírica foi sendo reforçada por uma análise do relatório da Agenda 2015, um plano de desenvolvimento sustentável para a cidade de Teresina. Sobre a temática do lazer, este documento afirma:

Quanto às atividades de lazer e também algumas atividades esportivas, são espaços utilizados pela comunidade teresinense os clubes sociais, os shoppings, as ruas e os espaços comunitários na periferia da cidade. Temos ainda 27 parques ambientais e diversas praças, porém, a maioria não apresenta condições adequadas ao aproveitamento integral pela população (TERESINA, 2002, p. 40).

Além da frágil estrutura em espaços de lazer na cidade, Teresina é a única capital nordestina que não se localiza no litoral, o que diminui as opções de

entretenimento público à população. Desse modo, a construção e manutenção de espaços de lazer tornam-se ainda mais urgentes. Esse conteúdo locacional de Teresina traz problemas específicos e concretos que nos revelam a necessidade de se estudar o lazer nesta cidade.

A propósito das possíveis contribuições teóricas deste estudo, acredita-se que sua relevância está em acrescentar dados aos estudos sobre a produção espacial de Teresina. O estado do conhecimento nessa área concentra seus estudos sobre a formação do espaço teresinense, focalizando, sobretudo, a estruturação da cidade, expansão, surgimento de novos bairros e formas espaciais. É possível citar alguns trabalhos: Abreu (1983) estudou o crescimento da zona Leste de Teresina e a segregação nesta área; Araújo (1993) analisou o fenômeno da verticalização na cidade; Façanha (1998) caracterizou as formas, agentes, e processos espaciais em Teresina; e Lima (2002) que investigou o papel dos promotores imobiliários na produção do espaço urbano teresinense e o surgimento de novas centralidades.

Sobre a questão do lazer urbano nas cidades, podem ser citados alguns trabalhos, entre eles o de Lima (2006), que discute a distribuição e utilização dos espaços de lazer na cidade de Natal (RN), Reis (2006), que analisou os lugares de lazer na metrópole do Rio de Janeiro e Azevedo (2013) que analisou a dinâmica de praças e parques em Limeira (SP). No entanto, percebe-se a necessidade de conhecer melhor este tema, no âmbito da cidade de Teresina (PI).

A contribuição social desta pesquisa se dá em conhecer, de forma mais aprofundada, a cidade de Teresina, através de uma análise de como estão distribuídos e estruturados seus espaços públicos de lazer. Verificar quais são os bairros privilegiados nesta questão do lazer, e quais foram os esquecidos; que áreas estão mal preservadas; que fatores implicam na organização dos espaços de lazer; que espaços são efetivamente utilizados pela população, que políticas públicas se voltam para esta questão. Este conhecimento permite identificar os casos de sucesso e também localizar os insucessos, podendo propor medidas para saná-los.

Muitas vezes, o lazer não faz parte da vida de muitas pessoas, as quais exauridas com as grandes jornadas de trabalho e excluídas de acontecimentos culturais por sua condição social e cultural têm pouco ou nenhum acesso aos locais de lazer, quer pela falta de tempo, quer pelas condições financeiras. Dessa forma, o papel do poder público em propiciar espaços que supram a necessidade de lazer das pessoas é fundamental:

O espaço de lazer tem uma importância social, por ser um espaço de encontro e de convívio. Através desse convívio, pode acontecer a tomada de consciência, o despertar da pessoa para descobrir que os espaços urbanos equipados e conservados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos e que se constituem em um direito dos brasileiros. Assim, vale a pena cobrar para que o poder público se faça presente nesse setor, mas é preciso que a comunidade assuma também sua parcela de responsabilidade nessa co-gestão (MULLER, 2002, p. 25-26).

Acreditamos que o lazer não deve ser um “privilégio de poucos”, os quais podem pagar para ir a cinemas, teatros, viagens, clubes particulares, mas sim um direito de todos. Desta forma, apresentamos esta contribuição para desmistificar o estado do lazer urbano na cidade de Teresina, identificar quais espaços de lazer público o teresinense pode encontrar no seu bairro, podendo usufruir de momentos de entretenimento, independentemente da sua classe social. A relevância deste estudo consiste, principalmente, em ampliar as discussões sobre o urbano e a organização espacial da cidade de Teresina (PI), e, ainda, iniciar os estudos da Geografia do Lazer sobre a cidade.

- Metodologia da pesquisa

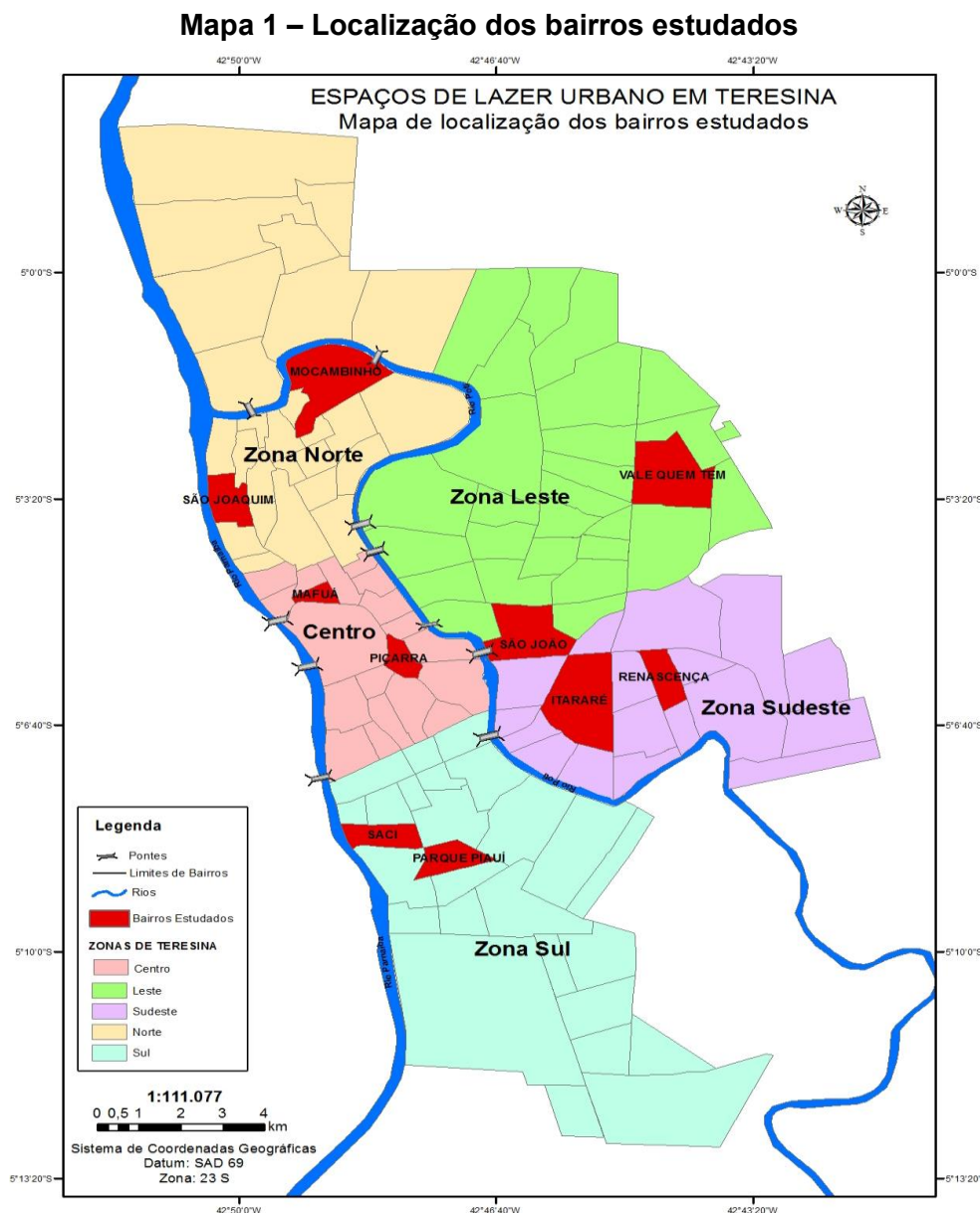
Com relação à metodologia da pesquisa, utilizada neste trabalho, seu arcabouço metodológico é baseado na dialética, pois tenta compreender a distribuição dos espaços públicos de lazer de Teresina como um fenômeno social, que tem como origem processos mais amplos, como o da produção do espaço engendrado pela ação de agentes contraditórios, sejam eles o poder público, empresários e os moradores da cidade. Antônio Filho e Dezan (2009) caracterizam esta metodologia:

São fundamentais a caracterização do modo de produção dominante e as relações de produção que dado grupo social apresenta, num dado momento histórico. A caracterização da infraestrutura social e da superestrutura social é o que consubstancia a ideologia da classe social dominante. Os conflitos/contradições surgidos devem levar a uma superação histórica (hipótese-antítese-tese). Tudo isso permeia qualquer fenômeno ou objeto de estudo, pois estes estão inseridos na sociedade que se estuda. Não há neutralidade do pesquisador, mesmo no estudo de fenômenos pretéritos (ANTONIO FILHO.; DEZAN, 2009, p. 90).

Trata-se de um estudo de caso (GIL, 2010), uma vez que estudou a organização dos espaços de lazer urbano na cidade de Teresina (PI), a partir da análise dessa realidade em alguns bairros da cidade. Assim, o estudo será

configurado como de casos múltiplos (GIL, 2010), pois foram analisados conjuntamente mais de um caso para investigar o fenômeno em questão.

O campo de investigação foi a cidade de Teresina e seus principais pontos de lazer. Foram pesquisados os espaços públicos maiores de toda a cidade e depois foi realizada uma análise mais aprofundada em alguns bairros da cidade. A amostra utilizada abrangeu dez bairros da cidade de Teresina (PI), sendo dois de cada zona da cidade (Centro, Norte, Sul, Leste e Sudeste): Mafuá e Piçarra (Centro), São João e Vale Quem Tem (Leste), Mocambinho e São Joaquim (Norte), Itararé e Renascença (Sudeste), Parque Piauí e Sacy (Sul), conforme Mapa 1, a seguir:



Fonte: Elaborado por Silvana Sousa (2014).

Foram aplicados 150 questionários com os moradores de cada zona pesquisada, totalizando 750 questionários. Estes foram aplicados em locais movimentados dos bairros pesquisados, como avenidas principais onde havia grande fluxo de pessoas. Os indivíduos foram escolhidos aleatoriamente observando apenas ter um público diversificado em faixa etária e sexo. As pessoas foram abordadas e questionadas se gostariam de colaborar com a pesquisa.

Após a análise dos espaços de lazer dos dez bairros escolhidos, foi realizada a análise dos principais espaços de lazer da cidade de Teresina, chamados, nesta pesquisa, de Espaços Públicos de Lazer das zonas Urbanas da Cidade e Espaços Públicos de Lazer da Cidade. Essa escolha foi balizada pelos seguintes critérios: tamanho (tendo prioridade os maiores), importância histórico-cultural, aspectos naturais, localização, relevância no contexto atual da cidade e ainda pelas próprias respostas colhidas pelos moradores entrevistados que apontaram frequentar estes espaços.

A coleta/geração de dados foi realizada por meio dos seguintes procedimentos e instrumentos de pesquisa:

- *Pesquisa bibliográfica*: para a análise das questões pertinentes ao lazer nas cidades, foram referenciados autores que tratam da questão urbana, dos espaços públicos, do lazer nas cidades, e ainda da organização espacial e urbanização de Teresina. Estes autores forneceram subsídios para melhor análise e compreensão da distribuição, conservação e utilização destes espaços pelos moradores da cidade.
- *Pesquisa documental*: foram analisados documentos que tratam do espaço urbano de Teresina, elaborados pela Secretaria de Planejamento Municipal. Os planos urbanos elaborados para a cidade de Teresina (PI). Através desta análise, foi possível caracterizar a distribuição espacial dos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina (PI), e ainda conhecer ações do poder público para possibilitar o acesso da população a essas áreas. Após conhecer a localização destes espaços, foi possível averiguar como está a distribuição destes equipamentos, se é homogênea ou apresenta disparidades. Este estudo também abrangeu matérias jornalísticas referentes aos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina.

- *Questionários com perguntas abertas e fechadas* (RICHARDSON, 2007): foram aplicados para identificar as vivências socioespaciais dos moradores dos bairros escolhidos em relação ao lazer, por meio dos quais foi possível verificar como estes conhecem e utilizam os equipamentos de lazer disponíveis em seus bairros e, conseqüentemente, quais os pontos positivos e negativos dos equipamentos disponíveis na visão destes moradores.

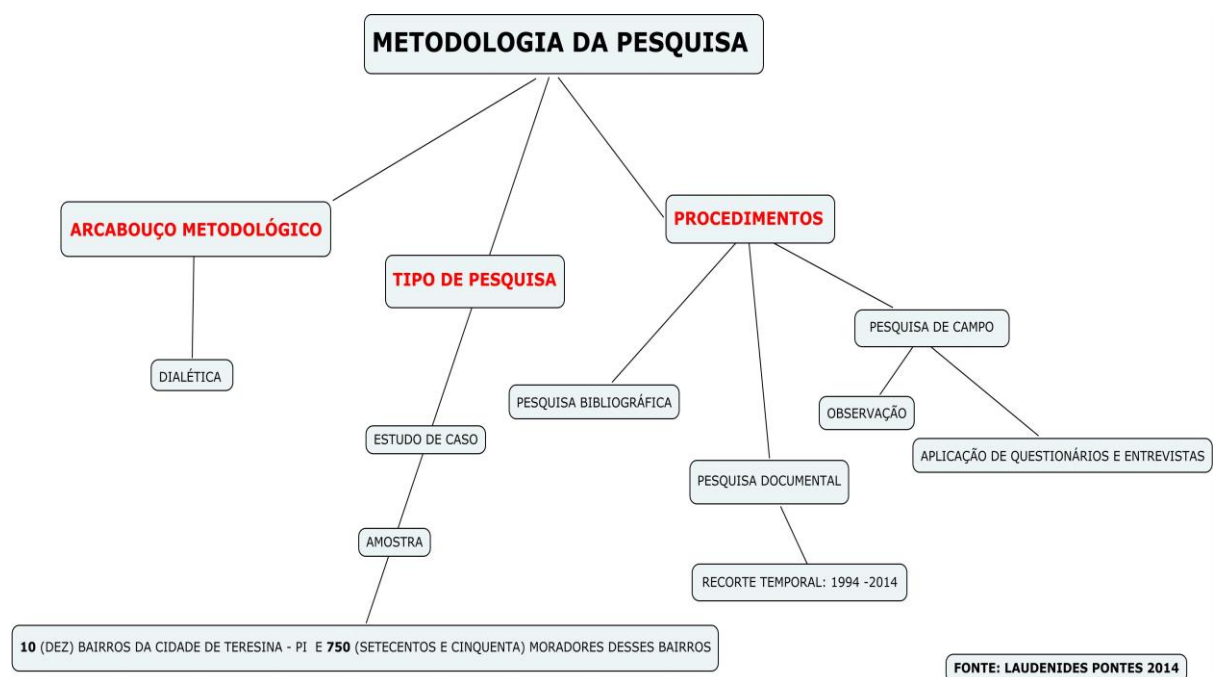
- *Entrevistas estruturadas* (RICHARDSON, 2007): com representantes do poder público responsáveis pela Secretária Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL), com o objetivo de conhecer a forma como são escolhidos os locais para implantação ou recuperação de áreas de lazer, se a comunidade é envolvida neste processo e como é feito o planejamento. Foram ainda realizadas entrevistas com três presidentes de Associações de Moradores dos bairros Itararé, Mocambinho e Saci, para poder identificar como a comunidade reivindica do poder público o lazer. Os representantes dos demais bairros não foram encontrados.

- *Observação sistemática* (GIL, 2010): a fim de apreender elementos interessantes para a compreensão do objeto da pesquisa, ou seja, dar subsídios para entender a distribuição, usos e a conservação dos espaços de lazer em Teresina (PI). Desse modo, com o auxílio de um plano de observação, foi possível coletar informações importantes, como: iluminação destes lugares, arborização, limpeza, condições sanitárias, segurança, existência de planejamento de atividades, acessibilidade, conservação dos equipamentos. Este instrumento nos permitiu verificar o estado de conservação destes espaços.

A análise dos dados foi realizada dentro de uma abordagem apoiada no materialismo dialético, uma vez que o objetivo não é apenas caracterizar o fenômeno da organização espacial do lazer urbano em Teresina, mas também buscar explicações para os processos que envolvem a organização e configuração dos espaços de lazer na cidade de Teresina considerando a sociedade que a constrói e suas contradições, pois esse método de interpretação: “Aceita a existência de classes sociais e o conflito/contradição entre elas, a transformação da sociedade e a emancipação dos indivíduos, e que os fenômenos só podem ser compreendidos quando vistos como totalidades” (ANTONIO FILLHO, DEZAN, 2009, p. 89).

Do ponto de vista temporal, pretendemos analisar o estado atual da espacialização dos equipamentos públicos de lazer em Teresina. No entanto, foi necessário um resgate histórico da sua urbanização, o que possibilitou melhor entendimento acerca do crescimento da cidade, das políticas públicas de organização do espaço, do papel dos agentes sociais, do surgimento e valorização de novas áreas, e de como estes fatores foram articulados na estruturação dos espaços de lazer. Para contar a história do lazer na cidade foram pesquisados revistas e jornais, e priorizado o período entre 1994-2014. Observe-se o Organograma da Metodologia da Pesquisa, a seguir (Figura 1).

Figura 1 – Organograma da metodologia



Fonte: Elaboração da Autora (2014).

Durante a realização desta pesquisa, surgiram alguns entraves para a coleta de dados. O principal deles foi a falta de informação sobre a localização, denominação dos equipamentos públicos de lazer na cidade de Teresina junto ao poder público.

Na Prefeitura Municipal, apesar de toda a disponibilidade dos servidores em colaborar, não há um único documento em que constem dados com o número destes equipamentos. Estão dispersos em vários documentos que contêm informações desencontradas.

Optamos por utilizar o documento *Teresina em Bairros* (2013), pois foi o único que continha os equipamentos por bairro. No entanto, ao chegar ao campo, sentimos muita dificuldade para identificá-los. Primeiro, porque não tínhamos o endereço; e, além disso, a maioria dos equipamentos não possui identificação. Houve ainda ocasiões em que não encontramos os equipamentos descritos ou identificamos mais equipamentos do que aqueles descritos.

No âmbito estadual, as dificuldades foram maiores. Ao chegar à Secretaria responsável pelos esportes, que administra alguns centros esportivos na cidade, os funcionários não sabiam informar com precisão que números são estes, sua localização, pois a secretaria nunca havia feito este levantamento.

Estes fatos mostram a fragilidade das informações que deveriam subsidiar as políticas públicas voltadas à questão do lazer na cidade de Teresina, pois se nem mesmo é feito o registro destes espaços, como será realizada sua conservação e animação? Dentro dessa realidade, talvez haja dados apresentados que possam não corresponder fielmente à realidade; mas o extensivo e intensivo trabalho de campo realizado procurou aproximar-se ao máximo da realidade socioespacial para trazer uma análise dos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina (PI).

O texto da tese está organizado do seguinte modo: *Introdução*, incluindo-se a explanação sobre a Metodologia da Pesquisa.

(1) *DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA CIDADE DE TERESINA*, em que foi feita uma caracterização espacial, social e econômica da cidade de Teresina. Além disso, traz uma revisão da literatura acerca da produção do espaço urbano que possibilitou entender a dinâmica de produção deste, os agentes que contribuem para tal, os problemas das cidades, com enfoque na violência e a segregação socioespacial nas cidades, buscando exemplificar com a realidade da cidade de Teresina (PI).

Em (2) *A PROBLEMÁTICA DO LAZER: TEORIAS, PLANEJAMENTO E PRÁTICAS*, buscamos um aprofundamento teórico sobre o tema lazer; e, dentro da sociologia do lazer, autores que ajudaram a clarificar como este surgiu na sociedade, o que é o lazer, qual a sua importância para a sociedade e quais os fatores que podem contribuir para dificultar sua prática, entre os quais enfatizamos o papel do espaço urbano.

Em (3) *AS POSSIBILIDADES DE LAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE TERESINA: PLANEJAMENTO E GESTÃO*, discorre-se acerca das

possibilidades de lazer nos espaços públicos de Teresina. Neste capítulo, foi realizado um estudo de autores que tratam do espaço público na cidade, e como este vem se modificando ao longo do tempo. Traz também uma discussão teórica sobre a importância do planejamento urbano para a qualidade de vida nas cidades, o que traz consequência também para o campo do lazer. Por último faz uma análise dos planos urbanos já elaborados para a cidade de Teresina, no que tange à área do lazer.

O Capítulo 4, *A REALIDADE SOCIOESPACIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE TERESINA*, trata da realidade socioespacial dos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina. Este contém os dados coletados com a pesquisa documental e de campo sobre os espaços públicos de lazer em Teresina, de 1994 até os dias atuais, como estes foram se modificando e surgindo novos. Traz ainda uma análise sobre a situação atual, no que diz respeito à distribuição destes espaços, sua utilização e conservação.

O Capítulo 5 apresenta uma proposta de classificação para os espaços públicos de lazer da cidade Teresina (PI), no qual são analisados os espaços de lazer maiores que foram chamados de Espaços Públicos de Lazer da Cidade de Teresina, e os intermediários que são os Espaços Públicos de Lazer das zonas Urbanas da Cidade de Teresina; e, por último, os espaços públicos dos bairros que são os menores. Para a análise destes últimos foi utilizada uma amostra de dez bairros. Neste capítulo, foram utilizados os resultados dos questionários aplicados, fotografias e análises conforme observações realizadas.

1 DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA CIDADE

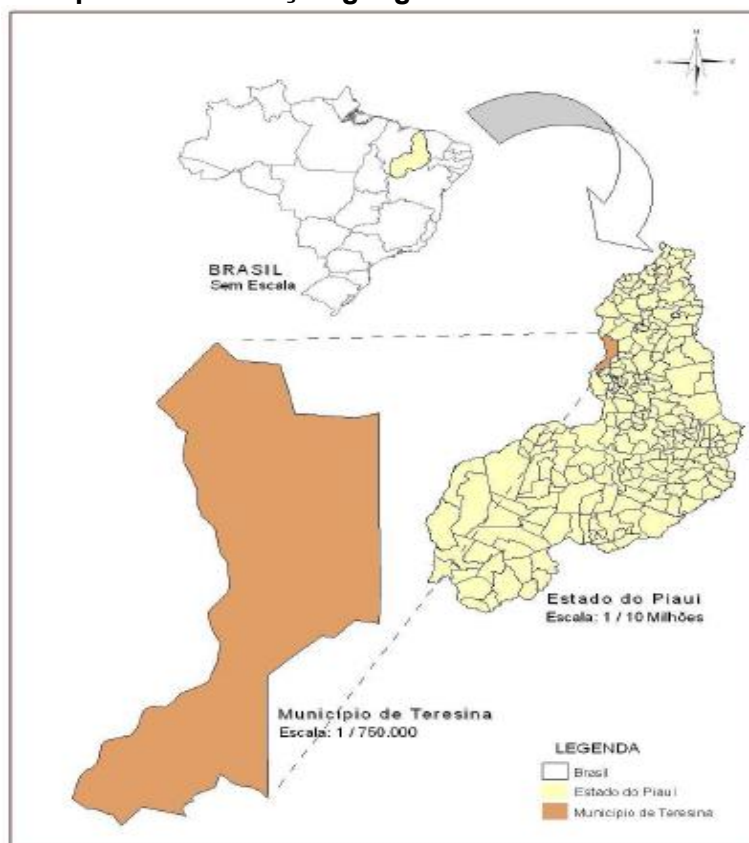
A cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, está localizada à margem direita do rio Parnaíba, no trecho final do seu médio curso. Tem como coordenadas geográficas a latitude de 05°05' ao Sul e longitude de 42° 48' a Oeste. Como características naturais, possui clima tropical com inverno seco e verão chuvoso. Apresenta média de temperatura de 29°C, no entanto, em alguns períodos do ano esta pode atingir valores extremos como 38,7; os períodos de elevação da temperatura ocorrem, principalmente, entre os meses de agosto e dezembro (TERESINA, 1993), que tem seus picos nos meses de setembro, outubro e novembro, os quais são conhecidos na cidade como o “B-R-O BRO”.² Com a maior ocupação do solo vem também se verificando um aumento nas temperaturas.

Os registros de temperaturas no período de 1920 a 2008 evidenciam que a média anual aumentou em torno de 2°C, uma elevação significativa que permite supor que a expansão da cidade, com suas ruas asfaltadas, suas edificações erguidas, com a impermeabilização cada vez maior do seu solo e pelo rigoroso desmatamento, tenha retirado a proteção da radiação solar e a capacidade de absorção do calor por ela produzido, influenciando assim na temperatura do ar e com isto trazendo desconforto a sociedade teresinense (TERESINA, 2013, p. 6).

Quanto à vegetação, possui características dos biomas cerrado e cerrado, podendo também ser encontrados no município babaquais e carnaubais (TERESINA, 1993). Atualmente, esta se encontra bastante alterada, pela crescente ocupação humana e uma intensa extração mineral, tanto nos planaltos quanto nas margens e leitos dos rios. Compõem sua hidrografia dois rios perenes: o rio Poti com 54Km de margem dentro do município, e o rio Parnaíba com 90 Km. O regime pluviométrico concentra 75,6% das chuvas nos primeiros quatro meses do ano, e 24,4% restantes nos oito meses subsequentes, o que representa uma dinâmica irregular na distribuição das chuvas, conforme Mapa 2, a seguir (TERESINA, 2013).

² Esse período é conhecido na cidade de Teresina como o “B-R-O BRO”, pois é quando são registradas as temperaturas mais elevadas do ano, chamado assim por coincidir com os meses terminados com a sílaba “bro”: setembro, outubro, novembro e dezembro.

Mapa 2 – Localização geográfica de Teresina



Fonte: Lima (2009).

Atualmente, Teresina possui uma área de 1.392 Km² e uma população de 814.230 habitantes, com densidade demográfica de 585 hab/Km²; segundo o Censo IBGE (2010), deste total, 767.557 vivem na zona urbana e 46.673 na zona rural, a população prevista para 2014 é de 840.600 habitantes. É o centro político e administrativo do Estado e tem grande vocação comercial. Sua parte central (núcleo inicial de urbanização) se localiza entre os rios Poti e Parnaíba.

O espaço urbano é composto por 123 bairros, conforme a Lei n. 4.423, de 16 de julho de 2013, que se dividem em cinco zonas administrativas: Norte, Leste, Sudeste, Sul e Centro. Esta será a subdivisão adotada neste trabalho, que faz uma análise de bairros destas cinco zonas, e considera separadamente os bairros da zona Centro e Norte, ao contrário da divisão conforme a Superintendência de Desenvolvimento Urbano Centro-Norte que engloba bairros das duas zonas.

A regionalização pelas SDUS foi criada em 2000 e considera a zona Centro e Norte em conjunto, e ainda abrange a zona rural. Essa proposta não se adequa aos objetivos desta pesquisa, pois as características da zona Centro são diferentes da Norte; ou seja, a primeira é uma zona de ocupação antiga, que já passou da função

residencial para a comercial; e, atualmente, se caracteriza como um polo de saúde, a segunda é marcadamente residencial. Além disso, a divisão pelas SDUs considera a zona rural, enquanto este trabalho se refere apenas a zona urbana de Teresina.

2.1 A urbanização de Teresina

A ocupação do Piauí começou do Sul para o litoral, diferentemente dos outros Estados do Nordeste. O Estado fazia a ligação entre as capitanias do Maranhão e Pernambuco. Até 1718, o Piauí era um território pertencente ao Maranhão; neste ano foi criada a Capitania de São José do Piauí. Essa separação do Maranhão só foi concretizada em 1758, com a instituição do Poder Judiciário e a posse do primeiro governador (REIS FILHO, 2012).

Somente em 1814, o Piauí tornou-se totalmente independente politicamente do Maranhão, com a criação do seu próprio governo militar. O ano de 1850 foi muito importante para a urbanização do Piauí, pois assumiu o governo José Antônio Saraiva, figura que ganhou destaque na política nacional; um de seus feitos foi a mudança da capital de Oeiras para Teresina em 1852 (REIS FILHO, 2012).

A história da urbanização de Teresina remonta ao século XVIII, quando viajantes oriundos de São Paulo, Pernambuco, e Bahia, principalmente, começaram a povoar a área que, mais tarde, seria a Vila Nova do Poti e posteriormente Teresina. Situada na confluência dos rios Poti e Parnaíba, a cidade é cortada pela estrada que ligava as cidades de Oeiras e Parnaíba, a barra do Poti apresentou um crescimento populacional e um efervescente comércio desde 1760; e, em 1832, foi elevada à categoria de vila (REIS FILHO, 2012).

No dia 20 de julho 1852, a Vila Nova do Poti foi elevada à capital da Província do Piauí, e recebeu o nome de Teresina; no dia 16 de agosto do mesmo ano, a transferência da capital foi oficializada por José Antônio Saraiva, então presidente da Província. A antiga capital Oeiras perdia o posto para a até então Vila Nova do Poti, localizada ao Norte da Província. A nova capital contava com uma posição geográfica privilegiada entre dois rios, o Poti e o Parnaíba, e era mais próxima da cidade de Caxias-MA, importante centro comercial à época.

A mudança de capital teve como principal motivação a necessidade de maior integração com as cidades de Parnaíba (PI), e fazer frente ao dinamismo da vizinha cidade maranhense de Caxias. A antiga capital Oeiras ficava distante do rio

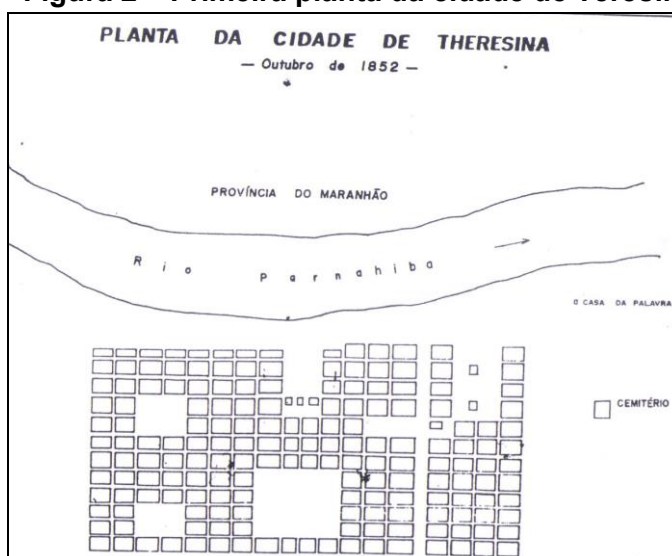
Parnaíba, principal via de transporte à época, o que significava um entrave para o desenvolvimento econômico da Província.

No período de sua formação, a população que habitava a cidade de Teresina era composta por pessoas que vinham da Vila (Velha) do Poty, de Oeiras, componentes das funções administrativas do executivo, legislativo, judiciário e militares, além de outras vindas das áreas vizinhas, como Campo Maior (PI) e Caxias (MA) (TERESINA, 2002). A origem da cidade não foi espontânea, pois já surgiu com um propósito definido de sediar a nova capital e alavancar as trocas comerciais da Província.

Teresina não nasceu de forma espontânea, mas de modo artificial. Saraiva, pessoalmente, tomou as primeiras providências: planejou tudo, com o cuidado de estabelecer logradouros em linhas paralelas, simetricamente dispostas, todas partindo do rio Parnaíba rumo ao rio Poti (TERESINA, 1993, p. 15).

Dessa forma, foi a primeira capital em traçado geométrico do País, sua planta original compreendia a extensão de um quarto de léguas (1.500m), para Norte e para o Sul, tendo como marco de partida a Igreja do Amparo (primeira edificação da nova cidade), reforçando a religiosidade àquela época. No sentido Oeste-Leste, a área compreendia o espaço entre os rios Parnaíba e Poti.

Figura 2 – Primeira planta da cidade de Teresina



Fonte: Teresina (1993).

Os primeiros moradores ocuparam quadras da área planejada da cidade, nas quais as casas eram grandes e tinham quintais e pomares particulares; além disso, nesse primeiro momento, a cidade possuía praças e ruas arborizadas, o que fez

Teresina ganhar o título de “cidade verde” dado pelo poeta Coelho Neto. Nos arredores deste sítio urbano inicial, ficavam localizadas fazendas e sítios. Com a expansão da cidade, estes foram sendo incorporados à cidade e a ocupação crescente das margens das estradas fez nascer bairros com ruas e avenidas que iniciaram o processo de anomalia ao plano inicial da cidade de ruas paralelas e perpendiculares entre si, passando, com sua evolução, a perder esse traçado regular (TERESINA, 2002).

Como pode ser visualizada na Figura 2, a planta era semelhante a um tabuleiro de xadrez, formando um espaço urbano delimitado por dezoito quadras no sentido Norte-Sul e doze quadras no sentido Leste-Oeste. O primeiro plano urbanístico de Teresina, segundo Teresina (1993), no qual ficou estabelecido que a estruturação de seu sistema viário e zoneamento urbano seriam baseados na localização das instituições públicas, dos padrões residenciais das atividades de comércio, e até mesmo na localização de serviços de caráter especial como asilo, cemitério, cadeia pública etc.

Embora o primeiro modelo de ocupação previsse o desenvolvimento no sentido Leste-Oeste, esse foi contrariado por um maior crescimento da cidade no sentido Norte-Sul, direcionado pela localização da Igreja Matriz, construção do Mercado Público e do Cemitério São José na zona Central, e ainda por causa das relações de comércio com os moradores da antiga vila.

Teresina (1993) destaca alguns fatos importantes que contribuíram para a urbanização da cidade de Teresina: a iluminação pública a querosene, implantada em 1866, o sistema de abastecimento de água e rede de esgotos em 1906, a luz elétrica em 1910, e a pavimentação das ruas em 1929. O documento afirma que, desde então, a cidade vem ganhando aspectos de estética urbana, tornando-se um centro econômico do sertão do Piauí e Maranhão. Afirma que seu processo de urbanização toma um impulso definitivo a partir da década de 1950, e que, na década de 1960, com a abertura das grandes avenidas, se iniciou a ocupação da zona além do rio Poti.

O Estado teve papel fundamental para o processo de urbanização de Teresina, investindo em políticas públicas de saúde, educação, energia elétrica, habitações populares, malha viária, melhorando a estética pública e a infraestrutura, resultando no crescimento populacional, sobretudo nos números de contingentes imigrantes (NERES; ARAÚJO, 2010).

Conforme a análise da Tabela 1, a seguir, é possível perceber que, a partir da década de 1960, a população urbana sempre superou a rural, e, a partir da década de 1990, o índice da população urbana chega a 90%. Essa tendência reflete o crescimento da cidade e torna evidente a urgência das políticas em estruturar a cidade que cresce a cada dia.

Tabela 1 - Evolução populacional de Teresina – 1872/2010

ANOS	POPULAÇÃO DE TERSINA				
	TOTAL	URBANA		RURAL	
		Nº Abs.	%	Nº Abs.	%
1872	21.692	-	-	-	-
1890	31.523	-	-	-	-
1900	45.316	-	-	-	-
1920	57.500	-	-	-	-
1940	67.641	-	-	-	-
1950	90.723	-	-	-	-
1960	142.691	98.329	68,91%	44.362	31,09
1970	220.520	181.071	82,11%	39.449	17,89%
1980	377.774	339.042	89,75%	38.732	10,25%
1991	599.272	556.911	92,93%	42.361	7,07%
1996	655.473	613.767	93,64%	41.706	6,36%
2000	714.318	676.596	94,72%	37.722	5,28%
2007	779.939	735.164	94,26%	44.775	5,74%
2010	814.230	767.557	94,00%	46.673	6,00%

Fonte: IBGE.

Ao analisar o crescimento urbano da cidade, Façanha (2004) apontou algumas características deste processo, quais sejam, na década de 1940, a nova capital já era destaque no cenário piauiense; desde a sua fundação, atraiu inúmeros serviços o que alavancou sua crescente função comercial. A década de 1950 foi definida pelo autor como “divisor de águas”, na organização da cidade, pois ela deixou de ter a sua ocupação orientada pela planta inicial, para uma expansão urbana em torno de grandes avenidas. Destaca-se nesse momento a expansão da malha urbana para a zona Sul da cidade. Na década de 1960, as maiores densidades populacionais se encontravam nas zonas Sul e Norte.

Viana (2005) afirma que o crescimento acelerado da área urbana aconteceu naturalmente, junto com os elevados contingentes de imigrantes. A autora afirma

que desde as décadas de 1950 e 1960 a cidade passou a ser um polo de atração populacional, em razão dos investimentos realizados em saúde, educação, energia, e também pelo desenvolvimento da malha viária, ligando a cidade a outros lugares.

Para absorver a população vinda das cidades vizinhas, a ação do Estado foi de construir conjuntos habitacionais nas áreas mais afastadas do centro; essa política contribuiu para expandir a ocupação física da cidade e para aumentar sua segregação socioespacial. Foi na década de 1960 que surgiram os primeiros conjuntos: Primavera I, São Raimundo e Tabuleta (1966), Monte Castelo com 302 unidades (1967) habitacionais. Nesse contexto, Façanha (2004) enfatiza a construção do conjunto Parque Piauí, em 1968, como o início do *boom* nesse processo. O conjunto possuía 2.294 unidades, na zona Sul da cidade. O autor afirma ainda que até o final da década de 1960, a maioria dos conjuntos habitacionais localizava-se na zona Sul, com exceção do Conjunto Primavera I na zona Norte.

Os anos de 1970 são marcados pela descentralização espacial, com o surgimento de novos “subcentros” e a construção de grandes conjuntos habitacionais de casas. Esta política é intensificada e a tendência de ocupação da zona Sul é mantida. Dos onze conjuntos construídos nesta década, oito foram na zona Sul, dois na zona Norte e um na zona Leste.

Dentre estes conjuntos, destaca-se o conjunto Itararé, em 1978 com 3.040 unidades habitacionais que impulsionou a ocupação da cidade no sentido Leste. Façanha (2004) chama a atenção para a prioridade dada as zonas Sul e Leste no que tange à construção de conjuntos, enquanto a zona Norte, por suas condições sociais e naturais, foi deixada de lado, quadro que viria a mudar na década seguinte.

Na década de 1980, ocorreu uma maior espacialização dos conjuntos habitacionais, inclusive para a zona Norte, com os conjuntos Mocambinho I, II e III construídos em 1982, 1984 e 1985 respectivamente. Através de sua construção foi impulsionada ocupação de áreas vazias entre o centro e os rios Poti e Parnaíba.

Na década de 1980, conjuntos menores de apartamentos são construídos na zona Sul. Nesta década, verifica-se também a ampliação de conjuntos já existentes como foi o caso do Itararé que ganhou mais 4.254 unidades habitacionais em 1980, e tornou-se o mais populoso da cidade. Na zona Leste, aconteceu também a ampliação do Conjunto Renascença em 1986 e 1989, totalizando em torno de 2.350 unidades habitacionais, provocando a expansão da cidade naquela direção.

Ressalte-se que atualmente esses conjuntos compõem a zona Sudeste, uma vez que a então zona Leste foi desmembrada em zonas Leste e Sudeste.

Diante deste contexto, destacamos o importante papel dos conjuntos habitacionais na evolução urbana da cidade de Teresina; segundo Façanha:

Ao final da década de 1980, foram construídas, na cidade, aproximadamente 23.179 unidades habitacionais, representando uma quantidade superior ao triplo da existente na década anterior. Essa produção expressiva de habitações, nas décadas de 1970 e 1980, demonstrou o grau de importância e de complexidade que adquiriram os conjuntos habitacionais na produção do espaço urbano de Teresina, estimulando a expansão da cidade em todas as direções (2004, p. 92).

Segundo Façanha (2004), outro processo importante para a formação espacial de Teresina foi o de descentralização. A saturação da área central da cidade fez com que surgissem, a partir da década de 1970, núcleos secundários de comércio e de serviços. Esse processo foi facilitado pela evolução dos transportes e se concentrou nos corredores das Avenidas Centenário e Duque de Caxias, na zona Norte; e João XXIII e Nossa Senhora de Fátima, na zona Leste; e Miguel Rosa e a Barão de Gurgueia em direção a zona Sul da cidade.

Na década de 1980, esse processo se estendeu para as avenidas principais de conjuntos como Itararé e Mocambinho, que passaram a ter grande comércio local. Também foi nesse período que surgiram os subcentros nas áreas nobres da cidade, como no Bairro Nossa Senhora de Fátima: “Eram subcentros que assumiram a função de comercialização de produtos mais seletivos, aglutinando lojas, supermercados, escolas de línguas estrangeiras, agências de bancos e correios, além do aparecimento dos pequenos *shoppings centers*” (FAÇANHA, 2004, p. 95). Lima (2010) aponta a existência de um importante subcentro na cidade de Teresina na zona Sudeste formado pelo “Grande Dirceu”.³

A segregação espacial foi outro processo observado na evolução urbana de Teresina; enquanto de um lado da zona Leste da cidade se consolidava como uma zona de segregação residencial de alto *status* do outro o processo de favelização na cidade ganhava expressão. Abreu (1983) destaca que, nas décadas de 1960 e

³ Grande Dirceu: é a expressão simbólica que representa uma região formada por um conjunto do Bairro Dirceu e mais vinte bairros, vinte e uma vilas e seis residenciais que estão em seu entorno. Atualmente este complexo tem 133.008 habitantes e é a região mais populosa de Teresina (LIMA, 2010).

1970, houve acentuado processo de migração de populações com alto poder aquisitivo, oriundas, principalmente, do antigo centro tradicional da cidade, em direção aos bairros da zona Leste, o que foi impulsionado pela construção da Universidade Federal do Piauí e pelo prolongamento da Avenida Nossa Senhora de Fátima, dentre outros fatores:

A zona Leste de Teresina foi “escolhida” para ser aquela que abrigaria a população de mais alto status, migrante de áreas residenciais do centro antigo, por conter uma série de requisitos: amenidades, e principalmente por ser uma área cujos proprietários – grandes latifundiários urbanos – lotearam a terra, transferindo suas residências definitivamente para ali, o que permitiu às famílias residentes desfrutarem de amplos espaços; este fato atraiu vizinhança semelhante, pois, os primeiros habitantes trouxeram consigo parentes e amigos de igual status socioeconômico [...] (ABREU, 1983, p. 99-100).

Essa área da cidade se caracteriza até hoje como uma área nobre que abriga a população elitizada, e possui uma estrutura maior de comércio e serviços privados. No entanto, atualmente existem na cidade outras áreas de segregação principalmente nos condomínios fechados que se localizam para além dos bairros estudados por Abreu (1983).

A década de 1990 é marcada por dois processos contraditórios: por um lado, aumenta o número de vilas e favelas, por causa de uma redução das políticas habitacionais; por outro, é intensificada a verticalização iniciada na década anterior, com a construção de grandes edifícios de luxo nas zonas Centro e Leste da cidade. Segundo Viana (2005), esses processos tornaram mais evidente a segregação espacial existente na cidade.

Sobre a verticalização Façanha afirma que:

Esse processo ocorreu, inicialmente, nos bairros Frei Serafim, Centro e Cabral, localizados na zona Centro, e no bairro de Fátima, na zona Leste. Os incentivos para os maiores investimentos do setor imobiliário ocorreram, nesses bairros, deveram-se ao conjunto de vantagens oferecidas nessas áreas, reflexo da existência das populações de alto poder aquisitivo. Essas vantagens foram semelhantes às que ocorreram nas áreas de segregação residencial (2004, p.116-117).

Diante do exposto é possível afirmar que, desde a década de 1950, o espaço urbano teresinense vem sofrendo muitas transformações decorrentes da sua expansão, formação de novos centros e subcentros, e ainda processos de

segregação. Esta realidade imprimiu ao poder público a urgência em dinamizar as medidas estruturais no que tange ao atendimento das necessidades dessa população que se dirige a novos bairros. No entanto, é visível que as políticas praticadas não vêm sendo eficientes para combater as mazelas urbanas, facilmente detectáveis na cidade de Teresina: trânsito caótico, enchentes, poluição dos rios, falta de água e energia, saúde e educação públicas precárias, índices de violência crescentes, carência de espaços públicos de lazer, dentre outros.

Façonha (2002) aponta a existência de pontos luminosos na cidade, ou seja, são áreas que despertam o interesse econômico e acrescenta que estes se sobrepõem ao restante da sociedade, representando focos de modernidade que, às vezes, destoam da identidade local. São áreas de segregação residencial de alto *status* que se constituem de uma área entrecortada pela zona Centro e o início da zona Leste. Esta representa o miolo do consumo. O outro ponto luminoso da cidade é a Avenida Frei Serafim.

Por outro lado, o autor aponta a existência de pontos ofuscados na cidade, escondidos, e que precisam ser analisados de forma mais aprofundada. Estes são o crescimento da favelização na cidade e o outro é planejamento que está em curso na cidade, por meio da Agenda 2015, que não considera as diversidades aqui existentes.

Até o ano 2000, a política urbana da cidade era direcionada para ocupar as áreas periféricas, seguindo um modelo da expansão urbana horizontal. Os conjuntos residenciais populares eram implantados em áreas distantes e dispersas, o que, por um lado, barateava sua construção, tornava mais caro posteriormente dotá-los da infraestrutura mínima necessária. A população mais pobre e, em maior número, era sacrificada com moradias pequenas, quentes, simplórias, e com serviço de saneamento básico precário (TERESINA, 2013). Recentemente esta tendência vem sofrendo mudanças:

O estilo de construir casas já estava incorporado à cultura e à tradição de Teresina, o que favorecia o estilo expansivo horizontal, pois, ainda em 2010, se observava a predominância de casas como residências. Recentemente o governo e até a iniciativa privada mudaram a sua política urbana, de modo que um maior número de pessoas se transferiu para apartamentos e condomínios fechados. Os órgãos financeiros do governo estimulam os empreendedores da construção civil a ocupar os vazios urbanos e financiam conjuntos e edifícios residenciais para a classe média. A iniciativa privada tem sido mais agressiva em termos de edificações de grande porte e

condomínios, normalmente, destinados à população de maior poder aquisitivo, principalmente na zona Leste e na zona Centro/Sul. Outra modalidade escolhida é a construção de unidades habitacionais de menor porte, destinados ao segmento representado por novos casais e por profissionais liberais (TERESINA, 2013, p. 47).

Com base na análise da Tabela 2 (Anexo), de renda média por domicílio na cidade de Teresina (IBGE, 2010), é possível constatar que a maioria dos bairros se enquadram no perfil de baixa e de baixa a média renda, e que bairros que se enquadram como alta ou de média a alta renda se localizam, sobretudo, na zona Leste de Teresina, que constitui uma área de segregação na cidade. Por outro lado, observa-se que, na franja urbana, estão as menores rendas, indicando que estas pessoas foram sendo expulsas do centro e habitando áreas menos valorizadas, seja através da construção de conjuntos habitacionais seja de ocupações irregulares.

Dentre outros transtornos causados pela ocupação irregular do solo urbano, destacam-se os seguintes: desarticulação do sistema viário, dificultando o acesso de ônibus, ambulâncias, viaturas policiais e caminhões de coleta de lixo; formação de bairros sujeitos a erosão e alagamentos, assoreamento dos rios, lagos e mares; ausência de espaços públicos para implantação de equipamentos de saúde, educação, lazer e segurança; comprometimento dos mananciais de abastecimento de água e do lençol freático; ligações clandestinas de energia elétrica, resultando em riscos de acidentes e incêndios; expansão horizontal excessiva da malha urbana, ocasionando elevados ônus para o orçamento público (TERESINA, 2012, p. 11).

Sobre as tendências atuais da urbanização de Teresina, é possível observar que a ocupação da cidade vem mudando de um modelo horizontal que buscava ocupar as periferias para a ocupação dos vazios urbanos. O problema de mobilidade urbana da cidade vem criando novos cenários, no sentido de contrariar a tendência do adensamento, como é o caso do Grande Dirceu, que se tornou um subcentro na zona Sudeste da capital, e atende principalmente à população de classe média. Outro polo formado é o da zona Leste que tem como bairros centrais: Fátima, São Cristóvão e Jóquei, e apresenta variedade de serviços de lazer, comércio, faculdades, voltados para a população de maior renda. Há ainda dois outros polos não bem definidos, um na zona Norte, no entorno dos bairros Buenos Aires e Mocambinho; e, na zona Sul, na região do Parque Piauí e Promorar. Surgem ainda nas regiões da Santa Maria da Codipi (zona Norte), Vila Irmã Dulce e Porto Alegre (zona Sul), a região do Planalto Uruguai (zona Leste) e na influência do Alto da Ressurreição e Frei Damião (Sudeste) grandes aglomerados humanos, mas ainda

carentes de infraestrutura social e econômica, para ser um polo de desenvolvimento (TERESINA, 2013).

Através das colocações de Façanha (2002) e das análises feitas pela própria Prefeitura Municipal de Teresina (2013), entendemos que há um aumento das desigualdades sociais na cidade de Teresina, que podem ser visualizadas na paisagem urbana, através da segregação residencial. Além disso, a chegada dos *shoppings centers*, na década de 1990, de novas lojas franquizadas e da diversificação da rede de supermercados e varejistas alterou a dinâmica econômica, e consequentemente a de localização, criando novas áreas de valorização do solo na cidade.

É notório, portanto, que o processo de urbanização de Teresina fez surgir de um lado zonas com mais estrutura; e, do outro, zonas com estrutura precária, distantes do centro, habitadas por população de renda inferior. Nesse contexto, torna-se importante analisar como esta cidade está preparada para proporcionar o acesso dessa população as suas necessidades de moradia, saúde, educação e segurança, e, neste caso, acesso aos espaços de lazer.

1.1.1 Rede urbana e aspectos socioeconômicos

Para caracterizar a rede urbana de Teresina, foram utilizados dados do Estudo Regiões de Influências das cidades (REGIC), realizado pelo IBGE em 2007. Este define uma hierarquia entre os centros urbanos, conforme o fluxo de relacionamentos, as diferenças regionais e a região de influência de cada centro. Estabelece a seguinte hierarquia: metrópoles (grande metrópole nacional, metrópole nacional e metrópole), capital regional (A, B e C), centro sub-regional (A e B), centro de zona (A e B) e centro local. Nesse contexto, Teresina é classificada como “Capital Regional A”, o que quer dizer:

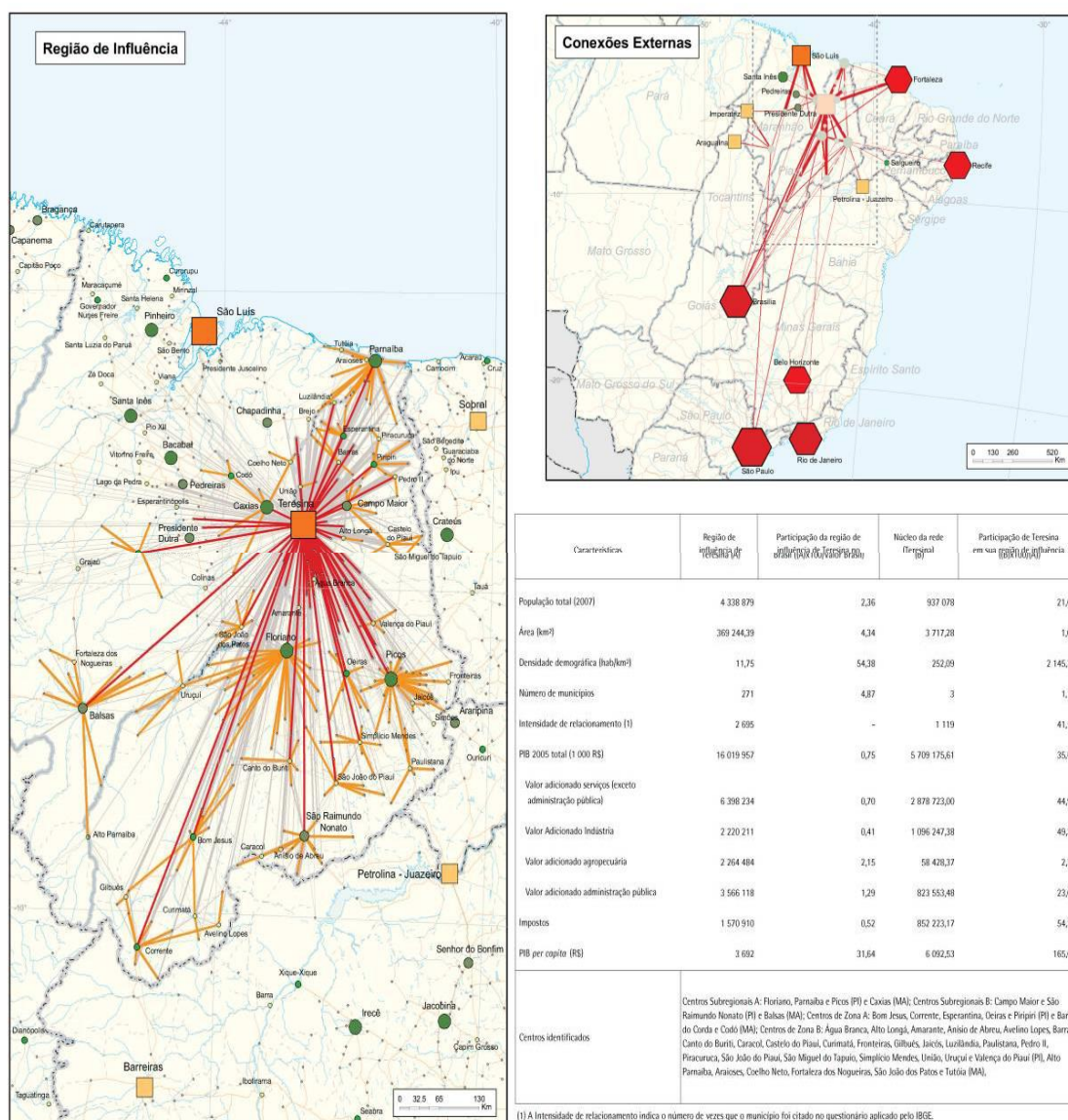
Como as metrópoles também se relacionam com o estrato superior da rede urbana. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios (REGIC, 2008, p.11).

Além de Teresina, existem mais sessenta e nove centros enquadrados como capital regional. Está no grupo “A”, pois é uma capital que não foi classificada como metrópole, juntamente com mais dez cidades. Tem como característica uma média

de 955 mil habitantes e 487 relacionamentos. No Mapa 3, a seguir, é possível visualizar a região de influência de Teresina:

Mapa 3 - Região de influência de Teresina - 2007

Mapa 17 - Teresina (PI) - Capital regional A (2A)



Fonte: IBGE, Contagem da População 2007; Área territorial oficial. Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtml. Acesso em: mar. 2008; PIB dos municípios. Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/diretorios.php?caminho=/pub/PIB_Municipios. Acesso em mar. 2008.

Fonte: Regic, IBGE (2008).

Segundo este estudo, a rede urbana de Teresina abrange uma área de influência constituída de 271 municípios, com cerca de 4.338.879 habitantes. Além de ser o principal polo de atração dentro do Estado do Piauí, exerce importante influência no Meio-Norte do País, notadamente sobre as cidades do Leste do Maranhão e do Pará; e as do Oeste do Ceará. Atrai fluxos de pessoas que vão em busca de serviços como educação, lazer e cultura, e notadamente da saúde:

“Ganham destaque centros que atraem pacientes residentes em áreas distantes, como é o caso, por exemplo, de Goiânia, Teresina e Barretos” (REGIC, 2008, p.167).

Teresina, nesta última década, tem se tornado um centro de prestação de serviços, um referencial na região para o comércio varejista, um polo de prestação de diversificados serviços profissionais, principalmente na área de saúde (hospitais, laboratórios, clínicas, ambulatório, farmácias e drogarias, comércio de equipamentos e insumos e de assistência técnica). Tornou-se também um polo de educação, especialmente o ensino técnico profissional e ensino de nível universitário (TERESINA, 2010, p. 5).

Por causa da grande influência que exerce em municípios vizinhos do Piauí e em Timon no Maranhão, Teresina junto com mais quinze cidades configuram a “Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina” (RIDE), criada pela Lei Complementar n. 112, de 19/09/2001, com o objetivo de articular as ações do poder público. Teresina é o principal centro de referência desse aglomerado, formado pelos municípios de Altos, Beditinos, Coivaras, Curralinhos, Demerval Lobão, José de Freitas, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Nazária, Pau D’Arco do Piauí, Teresina e União, acrescida do município de Timon, no Estado do Maranhão, com uma área territorial de 10.919,19 km². Com essa configuração, a população residente dessa região, em 2010, de acordo com o IBGE, atingiu um total de 1.154.716 habitantes (BRASIL, 2013, p. 36).

Com relação aos aspectos econômicos, a cidade de Teresina possui 43% das atividades econômicas com maior valor agregado no Estado, como indústria e serviços, apresentam dinâmicas econômicas consolidadas e diversificadas, representando, assim, fonte de recursos humanos, serviços especializados e promoção de intermediação de produtos e serviços advindos de praticamente todas as regiões, polarizando os fluxos econômicos (PONTES, 2010).

O Produto Interno Bruto de Teresina, em 2011, atingiu R\$ 11.403.516,00 (onze bilhões quatrocentos e três milhões quinhentos e dezesseis reais), representando 46,3% do PIB Estadual, ocupando a primeira no Estado do Piauí. No Nordeste ocupa a nona posição, e no Brasil a quinquagésima segunda (TERESINA, 2014). Desse total, a maior parte vem dos serviços, o que mostra a vocação econômica voltada para comércio e serviços; em segundo lugar vem a indústria; e, por último, as atividades primárias, conforme dados apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Distribuição dos setores na composição do PIB de Teresina

SETOR	%
SERVIÇOS	66,5
INDÚSTRIA	18,1
SETOR PRIMÁRIO	0,6
DEMAIS	14,8

Fonte: Teresina (2014, p. 4).

Essa mesma tendência é reafirmada quando se analisam os dados de emprego e renda em Teresina, e se constata que a maior parte dos empregos na cidade é gerada nos setores da administração pública (34,0%), serviços (27,4%) e comércio (17,2%). Outra tendência observada é um aumento na taxa de ocupação com o crescimento de empregos formais, sobretudo, nos setores da construção civil e de serviços, o que, no entanto, não se refletiu na diminuição dos empregos informais, o que pode ser explicado pelo concomitante aumento na população (TERESINA, 2010).

Em Teresina, a prestação de serviços tem sido a mais importante atividade econômica. A cidade pode ser considerada como polo comercial varejista, de prestação de serviços de saúde, de educação universitária, e como polo ceramista de tijolos e telhas. Nesses primeiros anos do século, a economia da cidade vem recebendo importantes incrementos, como, por exemplo, a instalação de atividades varejistas e atacadistas no ramo de supermercados, filiais e franquias de marcas de renome e de grifes nacionalmente conhecidas, revendedoras de veículos, lojas de eletrodomésticos, vestuários, calçados, alimentação, perfumarias e medicamentos. O que por um lado trouxe novos empregos e oferta de serviços variados afetaram os pequenos negócios locais (TERESINA, 2013, p. 62).

Sobre a qualidade de vida na cidade, o que se observa é que há um aumento no Índice de Desenvolvimento Humano que passou de 0,509 em 1991 para 0,751 no ano de 2010. Está situado portanto, na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDHM entre 0,700 e 0,799). A dimensão que mais contribuiu para o aumento do PIB foi a educação. Como pode ser visualizado no Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
– IDHM de Teresina**

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM	
IDHM 2010	0,751
IDHM 2000	0,62
IDHM 1991	0,509

Fonte: Atlas Brasil (2013) - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

O aumento neste índice, no entanto, não foi suficiente para dar a totalidade dos moradores uma qualidade de vida desejável: “A qualidade de vida melhorou, mas ainda continua abaixo do patamar desejado pela população” (TERESINA, 2013, p. 60).

Diante deste quadro, é possível afirmar que, por um lado, a cidade de Teresina apresenta um visível crescimento nos setores econômicos, e na própria ocupação do solo urbano, atraindo cada vez mais moradores por sua expressiva oferta de serviços. Por outro lado, no entanto, as políticas e ações públicas não têm sido eficazes na resolução dos problemas de sua população.

1.2 O espaço intraurbano: construção, características e agentes produtores

Ao produzir sua própria vida, o homem produz o espaço. O espaço geográfico é construído conforme o desenvolvimento da sociedade que transforma a natureza em um espaço humanizado para atender suas necessidades. Este espaço geográfico ao tempo em que é criado pela sociedade interage com esta em uma relação dialética. Logo, a existência deste espaço requer a ação humana, o que se estende à cidade.

A geografia enquanto ciência social estuda a sociedade sob o ponto de vista do espaço; ou seja, busca entender de que forma se dão as relações entre o homem e seu espaço habitado, e como este está construindo o espaço geográfico. No que tange às diferentes dinâmicas do espaço geográfico, ganha destaque a cidade como lócus da vida social, visto que há uma tendência no mundo para a urbanização. Estudar a cidade é entender um pouco mais sobre a sociedade que nela mora e se reproduz. A cidade é ainda um lugar um lugar privilegiado de investimento e um centro de tomada de decisão.

Regiões e países cada vez mais, continentes inteiros e mesmo o planeta inteiro, se apresentam mais e mais urbanizados abrigando um percentual majoritário da população vivendo em espaços tidos urbanos, ao mesmo tempo em que a população rural diminuiu em termos relativos- e, em não poucos países vem encolhendo até mesmo em termos absolutos (SOUZA, 2005, p. 153-154).

Na cidade de Teresina, a tendência para a urbanização foi consolidada, sobretudo, após a década de 1950, quando a cidade ganhou maior infraestrutura de energia, educação e saúde, o que acabou por atrair muitas pessoas, principalmente de cidades de interior do Estado.

O fato de morar na cidade não reflete apenas uma simples localização geográfica, mas traz implicações culturais, entende-se aqui cultura no seu sentido mais amplo, como modo de vida; dessa forma, o deslocamento para as cidades faz surgir um modo de vida urbano, com novas relações profissionais e familiares. Tem-se então a diferença entre cidade, que é a materialização, ou seja, o espaço urbano propriamente dito e o urbano que é o conteúdo deste espaço, as relações que nele acontecem. Não se pode entender a cidade sem analisar o seu modo de vida urbano e vice-versa.

As relações sociais e de produção não produzem apenas a cidade enquanto forma diferenciada, mas um novo modo de vida o modo de vida urbano: Dessa forma, o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim é um modo de vida (CARLOS, 2005, p. 27).

Na cidade existe um ritmo de vida próprio que está muito ligado a sua dinâmica produtiva; deste modo, quanto mais complexas forem suas relações econômicas e seu posicionamento na rede urbana mais complexo será o seu arranjo social. Este é o modo de vida urbano.

A produção da vida cotidiana das pessoas na cidade envolve vários aspectos: o trabalho, a educação, a família, o descanso, o lazer, a participação comunitária, seja em entidades políticas ou religiosas. As mudanças no modo de trabalho que ocorreram com a ascensão das cidades chegaram também para o campo do lazer: “modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também de cultura” (CARLOS, 2005, p. 26).

É inegável a existência de uma ligação entre a produção do lugar e a cultura das pessoas em que nele vivem. Dessa forma, para se estudar qualquer um destes

aspectos da vida social, é preciso também estudar o espaço onde tudo acontece. Neste caso é imprescindível estudar a cidade.

A cidade é produzida pelas ações humanas, então falaremos não da produção urbana, mas da produção humana, que, em geral, tem como um de seus resultados a cidade, como afirma Lefebvre (1991), produzir é produzir espaço. Entender o espaço urbano não é apenas estudar a cidade, é, sobretudo, analisar o modo de vida urbano. Esse modo de vida não está ligado somente ao modo de produção econômica, embora sofra seu constrangimento, mas a todas as esferas da vida social: cultural, simbólica, psicológica, ambiental, educacional.

O ato de produção da vida é, conseqüentemente, um ato de produção do espaço, além de um modo de apropriação. Nesse raciocínio afirma-se o espaço como condição, meio e produto da reprodução social: produto resultante da história da humanidade, reproduzindo-se ao longo do tempo histórico e em cada momento da história, em função das estratégias e virtualidades contidas de cada sociedade (CAVALCANTI, 2011, p. 65).

A cidade é um espaço privilegiado, um objeto de desejo é a matriz de uma nova forma de existir: o modo de vida urbano. Dessa forma, ao geógrafo cabe não somente o estudo da cidade, mas analisar o urbano, como afirma Silva: “pensar a configuração urbana animada pela vida na cidade implica refletir a forma como ela se estabelece no território, como se insere numa trama de relações com intensidade e direções variadas” (1997, p. 89).

A cidade é a materialização de um processo chamado de urbanização. A saída de um espaço rural para aglomerados urbanos constituiu uma nova forma de organização dos grupos humanos que passaram a viver de outras atividades que não fossem agrícolas. Entender a sua origem, organização e características é importante para melhor compreender sua dinâmica e as relações sociais que nela se realizam.

O surgimento das cidades, é portanto, resultado de um conjunto de conhecimentos acumulados pelo homem que o possibilitou trabalhar não somente por sua subsistência, mas com outros anseios. As aglomerações humanas são resquícios da Pré-História, a convivência em grupos facilitava a mútua proteção e a sobrevivência da espécie.

A fixação destes grupos humanos foi um processo mais demorado, o primeiro lugar de abrigo foi a caverna. Além disso, o lugar de enterro dos mortos foi o

primeiro a ter algum significado para o homem, o culto aos mortos obrigava-o a voltar e ter um lugar como referência. A descoberta da agricultura e o fim do nomadismo fizeram surgir as aldeias; estas por sua vez, constituíam um aglomerado de agricultores, uma organização simples, pois não existia divisão do trabalho (SPOSITO, 2005).

O surgimento das primeiras cidades só foi possível quando a sociedade começou a se diferenciar, o que veio através da divisão do trabalho. A produção de excedentes agrícolas liberou alguns homens do trabalho com a terra, podendo estes se dedicar a outras atividades. Assim, também surgiram divisões sociais, as tarefas divididas, a hierarquia social, o poder decisório.

Concretamente, esta sociedade diferenciada constitui-se historicamente, quando artesões especializados e outros trabalhadores não agrícolas se concentram num mesmo território. Dentro de uma organização social emergente, eles se dedicaram ao trabalho em larga escala [...] comandados pela própria elite governante, a qual era a própria projeção do caçador, menos protetor físico da comunidade, e mais chefe, muito mais rei, líder político e religioso ao mesmo tempo (SPOSITO, 2005, p. 16).

A cidade, portanto, concentrou não somente o comércio da produção excedente do campo, mas abrigou também uma nova classe de trabalhadores e ainda os líderes da comunidade. Desde essa época já se configurava como um lugar de poder.

Souza (2005) destaca este poder como um fato importante para o surgimento das primeiras cidades; a formação de um aparelho de poder e de dominação formalizado como a monarquia e aristocracia que foram se instituindo pela possibilidade de não trabalhar na agricultura. Essa classe dominante, formada por sacerdotes, monarcas e guerreiros foi fundamental para a organização das cidades.

Há milhares de anos coletividades humanas aprenderem a viver em espaços relativamente pequenos e em condições de grande densidade demográfica nos quais se foram concentrando as atividades econômicas não ligadas ao setor primário da economia, assim como foram se concentrando, também, a produção intelectual e o poder político: as cidades (SOUZA, 2005, p. 153).

Lefebvre (1999) considera a cidade política um dos estágios para o surgimento da sociedade urbana, para o autor, esta segue de perto o estabelecimento de uma vida social organizada, dessa forma:

A agricultura somente superou a coleta e se constituiu como tal sob o impulso (autoritário) de centros urbanos, geralmente ocupados por conquistadores hábeis que se tornaram protetores exploradores e opressores, isto é, administradores, fundadores de um Estado ou um esboço de Estado (p. 18-19).

A ascensão do sistema capitalista foi um reforço para a urbanização. Desde sua fase mercantil, consolidou a cidade como lugar de trocas, mas foi na sua fase industrial que acelerou a urbanização. A partir das mudanças técnicas que ficaram conhecidas como Revolução Industrial, a produção de bens materiais foi acelerada, o que exigia mais trabalhadores.

Neste momento, houve uma migração em massa do campo em direção à cidade. Por outro lado, esses trabalhadores assalariados impulsionavam a mola do consumo exigindo mais produção. As grandes jornadas diárias de trabalho não permitiam grandes deslocamentos, o que fez surgir uma concentração de moradias perto da fábrica. Estava, portanto, inaugurada a cidade moderna.

É preciso lembrar que este processo não se deu de forma homogênea em todos os países do mundo, pois o fator econômico foi muito importante para o aparecimento das cidades. Enquanto os países europeus, pioneiros na Revolução Industrial, tiveram uma urbanização antiga, outros, como o Brasil, só conheceram este processo no século XX, e há ainda aqueles que permanecem rurais.

Conforme a humanidade foi desenvolvendo técnicas, seu conhecimento sobre a natureza, sua capacidade de modificá-la foi ampliada. Antes o homem era muito dependente da natureza com uma atitude passiva de coletor que estava sujeito às intempéries naturais. Quando passou a produzir na “revolução agrícola” as relações do homem com o meio se modificam, o homem se tornara ativo transformando a natureza conforme suas necessidades através do trabalho. Quanto mais avançado é o desenvolvimento da sociedade maior é a sua interferência no espaço. É preciso ainda lembrar que as cidades continuam a se transformar ao longo do tempo, daí surgem novas formas como as metrópoles e as cidades globais.

A partir desta breve retrospectiva histórico/geográfica, podemos definir cidade como um espaço construído pelo homem para atender suas necessidades econômicas, sociais e de poder. Não podemos esquecer que não se trata apenas de algo material, uma vez que esta nova forma de morar trouxe um novo modo de vida, o urbano. Em outras palavras, podemos dizer que a cidade é um produto da sociedade. Vejamos algumas características da cidade:

A grande concentração das atividades terciárias públicas e privadas do aglomerado e a forma contínua dos espaços edificados onde se dá a proximidade das habitações da população que vive dessas atividades são atributos que permitem caracterizar melhor o tema cidade (SCARLATO, 2005, p. 399).

Entender a cidade passa pela compreensão da sua origem, organização e características. Dessa forma, é fundamental também um esforço para compreender sua dinâmica e as relações sociais que nela se realizam.

Para Corrêa (2004), o espaço urbano compreende a organização espacial da cidade que integra um complexo conjunto de usos da terra justapostos entre si, que interagem constantemente, formando um espaço integrado. Essa divisão articulada, para Correa (2004), é um reflexo da própria sociedade que o cria. Se a cidade é engendrada por uma sociedade que se modifica constantemente, suas ações do passado e do presente criam e (re)criam o espaço conforme suas necessidades; desse modo, é coerente afirmar que a cidade é um reflexo social: “No caso da cidade é a subjugação do homem às necessidades de reprodução do capital, onde o homem se vê capturado pelas necessidades de consumo e lazer” (CARLOS, 2005, p. 12).

Para além de um simples conceito, Correa (2004) define o espaço urbano através de algumas características: o espaço urbano é fragmentado, articulado, é um reflexo da sociedade, é desigual, é um condicionante da sociedade e tem uma dimensão simbólica.

O espaço urbano – fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumulados através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato (CORREA, 2004, p. 11).

O espaço urbano é constituído por diferentes usos da terra, como atividades comerciais, residenciais, de gestão, áreas de lazer, entre outros. Trata-se, portanto, de um espaço fragmentado, cada parte da cidade executa uma função, compondo assim a organização espacial da cidade. Por outro lado, as partes deste espaço não estão isoladas, mas interagem constantemente, formando um espaço articulado. A articulação é visível através do fluxo de pessoas e veículos, e ainda pela circulação de capitais, decisões e investimentos.

Outra característica marcante da cidade é a heterogeneidade, ou seja, as diferentes paisagens e modos de vida que são possíveis de se observar. Para Carlos (2005), este é o elemento que mais salta aos olhos quando se observa a cidade. As diferenças estão nas moradias que podem ser favelas, conjuntos habitacionais, mansões, condomínios fechados de casa, apartamentos de luxo. A diferença está nas cores que vão do cinza nas áreas totalmente construídos ao verde dos espaços arborizados.

A paisagem urbana de Teresina exemplifica bem a existência de dinâmicas urbanas diversas na cidade, se por um lado há a verticalização da cidade com a construção de prédios cada vez mais altos, principalmente nas zonas de residência de alto *status*, uma área entrecortada pela zona Centro e o início da zona Leste, por outro, ao espraiamento do tecido urbano da cidade, através de conjuntos residenciais populares, e ainda pela favelização, acrescenta-se também atualmente o surgimento dos condomínios de casas afastados do centro. O verde da vegetação vai dando lugar às cores da construção e ao preto do asfalto.

O espaço urbano de Teresina é fragmentado, com algumas áreas próximas ao centro da cidade apresentando ocupação diferenciada e contrastante com o restante do território. Essas áreas são formadas pelos bairros Frei Serafim e Ilhotas, à margem esquerda do rio Poti, e ao sul da avenida Frei Serafim, que cruza o centro da cidade na direção Leste-Oeste, e pelos bairros situados logo ao norte da área anterior e à margem direita do rio Poti, cuja paisagem salta aos olhos do observador por seu perfil arquitetônico moderno e diversificado, onde se desenvolve intensa atividade de produção de espaço para fins residenciais e corporativos, e onde são registrados altos índices de valorização imobiliária (CASTELO BRANCO, 2012, p. 33-34).

O espaço urbano é desigual porque é construído por uma sociedade desigual, dividida em classes, conforme o sistema de produção capitalista. Algumas pessoas de maior poder aquisitivo se apropriam mais do espaço urbano com maior poder de usá-lo e as classes menos favorecidas têm menor poder de decisão e uso sobre este espaço, daí surgem os movimentos sociais na cidade.

A sociedade capitalista é dinâmica, ou seja, muda conforme os processos históricos, econômicos, culturais. É também desigual, composta por classes sociais distintas, resultado do seu próprio modo de produção que favorece uma classe em detrimento de outras. Dessa forma o espaço urbano também é mutante e desigual.

Definir a cidade é uma tarefa difícil; Souza (2005) a caracteriza como um objeto complexo, daí deriva esta dificuldade em encontrar um conceito que defina bem todas as cidades, desde as maiores metrópoles e megacidades até as pequenas. O autor busca conceituar a cidade conforme algumas características como a centralidade econômica, de poder, cultural e religiosa, diversidade, predominância das atividades do setor secundário e terciário.

O espaço urbano diferentemente do espaço rural é um lugar de atração, pois polariza o comércio e os serviços; além disso, é o lugar do poder da gestão. Outra característica deste espaço é a variedade das atividades. Seu grau de diversificação independe do tamanho físico ou do número de habitantes. Já a renda das pessoas tem relação direta com as diferenciações dos espaços.

O tamanho demográfico, assim, muito pouco explica sozinho: o que explica as características econômico-espaciais, em matéria de diversificação, sofisticação e centralidade é o que ela representa enquanto mercado - o tamanho do mercado potencial é claro, mas também o nível a distribuição da renda e as características culturais dos consumidores (SOUZA, 2005, p. 31).

Como produto da sociedade, o espaço materializa características do presente e também do passado. Ao lado das formas modernas convivem formas que derivam de outros tempos, seja por um monumento histórico seja pela arquitetura que guarda características de épocas anteriores.

Ao tempo em que reflete várias características da sociedade, a materialização do espaço, a disposição das obras podem ser condicionantes para a sociedade. Pode-se dizer que a cidade e a população em que nela vive estão em constante interação. Essas relações também passam para o nível simbólico, além da materialidade, a cidade exerce poder através de valores, por exemplo, uma rua especial, uma construção com significado afetivo, o sonho da casa própria, as lembranças das brincadeiras da infância.

Olhar o espaço urbano é ver suas formas, pensá-lo é entender a vida das pessoas que nele habitam. A paisagem urbana reflete apenas um momento determinado da cidade, que contém traços de momentos passados, uma vez que esta não é uma obra acabada e está em constante transformação. Como construção humana a cidade é como uma tela que vai recebendo pinceladas ditadas por ritmos característicos da sociedade que a habita. Carlos (2005) fala no urbano como processo e não apenas como uma forma, ele traz traços do passado e do presente.

As diferenças visíveis na paisagem urbana são decorrentes do processo de produção do espaço.

Carlos (2005) define ainda a paisagem urbana como social, histórica e caótica. Na cidade a paisagem é composta de elementos visíveis que é o espaço construído e o movimento de vida, mas o que dita esta primeira são os elementos invisíveis como a divisão do trabalho e as desigualdades sociais.

A cidade apresenta-se como um fenômeno concentrado e contraditório, fundamentado numa complexa divisão espacial do trabalho; uma aglomeração que tem em vista o processo de produção norteador pelo trabalho assalariado, pela socialização do trabalho, pela concentração dos meios de produção e pela apropriação privada (CARLOS, 2005, p. 42).

Outra marca da cidade é o ritmo e o tempo. No campo este é dado pela natureza, o clima, as estações do ano. Na cidade a vida é cronometrada: “a vida é normatizada pelo uso do relógio e as atividades na e da cidade se desenvolvem no período de 24 horas, independente do clima, das condições físicas ou mesmo biológicas. As cenas se sucedem em ritmo intenso e desumano” (CARLOS, 2005, p.15). O tempo da cidade é diferente, é um tempo social construído por relações produtivas. Este tempo passa a mediar as relações entre as pessoas, em uma relação coisificada, mediada pelo dinheiro e pela necessidade de ganhá-lo.

A produção do espaço urbano se dá no processo de relações entre homem e natureza que é mediado pelo trabalho. Quanto maior for o grau de desenvolvimento tecnológico e econômico da sociedade mais intensa será esta produção. Dentro desta sociedade existem vários agentes que atuam conforme os seus interesses, uns com maior poder de decisão outros com poder reduzido. A personificação destas relações são os agentes sociais que, segundo Correa (2004), são os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Os proprietários dos meios de produção são grandes consumidores do espaço, para eles a terra urbana serve de suporte físico para seus empreendimentos, é um fator locacional. Os proprietários fundiários têm como interesse a maior renda em suas terras; para eles é positiva a conversão da terra rural em urbana e que o Estado dote suas terras de benefícios. Os promotores imobiliários são os que atuam na incorporação, financiamento, construção e

comercialização do espaço; têm como meta construir moradia para os ricos e só depois, com a ajuda do Estado, construir para os pobres.

A ação desses agentes é cada dia mais forte na cidade de Teresina; como polo de atração populacional a demanda por moradia é constante, o setor da construção civil e o imobiliário estão entre os que mais crescem na cidade. Estes agentes agem comprando terras e esperando sua valorização; é possível encontrar na cidade grandes extensões de terras vazias e cercadas que estão esperando um melhor preço. Além disso muitos são os lançamentos de produtos imobiliários, principalmente para a população de maior renda e classe média, como condomínios de apartamentos e casas, e até mesmo condomínios de alto padrão. Castelo Branco ao estudar a zona Leste de Teresina, como área de segregação de alto *status*, identificou que atualmente muitas famílias de mais alta renda se deslocam para novas áreas e novas formas de habitação:

Atualmente já são frequentes em bairros fora da área estudada, mas no seu entorno, os condomínios horizontais e os loteamentos fechados, onde os mais novos símbolos de diferenciação habitacional, são os loteamentos Alphaville, Aldebaran Ville, Mirante do Lago e assemelhados (CASTELO BRANCO, 2012, p. 166-167).

O Estado tem várias funções que mudam com o tempo e com o espaço; por exemplo, dotar os espaços de serviços públicos, elaborar normas quanto ao uso deste espaço. A ação desse agente, segundo Correa (2004), se dá de forma desigual:

Sua ação é marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como das alianças entre eles. Tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos da classe dominante que, a cada momento, estão no poder (CORREA, 2004, p. 26).

A ação do Estado na cidade de Teresina é visível, tanto através da construção de habitações populares, quanto através da construção de conjuntos habitacionais, que, desde 1960, vêm desempenhando importante papel na produção urbana de Teresina, direcionando a ocupação por diferentes direções da cidade. Além disso, esse agente atua por meio de sua ação de legislador, de provedor de recursos financeiros, e em dotar a cidade de infraestruturas que permitam a qualidade de vida de seus moradores, ação que não vem se dando de forma satisfatória, tendo em vista muitos problemas que a cidade ainda convive.

Os grupos sociais excluídos têm dificuldades de acesso a diversos bens, um deles é o espaço. A construção de habitações em favelas é a principal forma de atuação desses agentes na produção do espaço urbano: “a produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e ao mesmo tempo uma estratégia de sobrevivência” (CORREA, 2004, p. 30).

Dentro de uma cidade podem ser encontrados diferentes usos do solo; estes, por sua vez, estão atrelados a alguma necessidade de algum agente ou grupo de agentes. Por exemplo, as favelas são a resposta dos grupos excluídos para sua necessidade de morar; os conjuntos habitacionais são formas encontradas pelo Estado de amenizar o problema da falta de moradia nas cidades; os condomínios de luxo representam uma forma de os promotores imobiliários lucrarem, explorando o valor de troca da terra, e assim por diante.

1.2.1 Segregação socioespacial, violência e outros impasses urbanos

Toda cidade possui uma diferenciação socioespacial que deriva da divisão territorial do trabalho. No início da urbanização, esta divisão era simples; com o aprofundamento das relações capitalistas, estas diferenças se acentuaram. O espaço urbano é desigual, pois é produzido à luz de um sistema contraditório, o capitalismo. Em Teresina, os processos socioespaciais também são presentes, de forma que, nos dias de hoje, podemos observar diversos problemas urbanos, dentre os quais destacaremos a questão da segregação socioespacial e da violência, pois ambos estão diretamente relacionados ao tema de nossa pesquisa.

O capitalismo impõe uma acumulação desigual do capital e o resultado são classes diferenciadas que produzem o espaço de forma diferente, resultando em um espaço heterogêneo: “A segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros. Segue a mesma dialética do escravo e do senhor” (VILLAÇA, 2001, p. 148).

Como resultado do processo de produção e materialização do trabalho do homem, a cidade se torna também uma mercadoria que, como todas as outras, é consumida de forma diferenciada, segundo a renda dos indivíduos. Segundo esta lógica, os espaços da cidade vão se diferenciando conforme os usos e principalmente pelo *status* de quem os habita. “Pode-se dizer que a cidade une os homens à medida que os aproxima fisicamente e os separa porque aguça o

distanciamento socioespacial, provocado pelas desigualdades inerentes ao modo de produção capitalista” (MORAES, BARELTA e CALIXTO, 2008, p.103).

As áreas centrais das cidades vão ganhando outros usos como, por exemplo, centros comerciais, de negócios ou de saúde, e vão expulsando moradores, seja pela valorização da terra, seja pela grande concentração; o que gera poluição sonora e ambiental, tornando este espaço inviável para a habitação. Desta forma, os moradores, principalmente os com o maior poder aquisitivo vão procurando novas áreas para habitar. Evidenciam-se assim as diferenças entre centro e periferia:

O mais conhecido padrão de segregação da metrópole brasileira é o de centro X periferia. O primeiro dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados é ocupado pelas classes de mais alta renda. A segunda subequipada e longínqua é ocupada predominantemente pelos excluídos. O espaço atua como um mecanismo de exclusão (VILLAÇA, 2001, p. 143).

Na lógica mais ampla da produção está a economia. No caso do sistema capitalista, a base é a produção, a venda e consumo de mercadorias. A produção tira a matéria-prima da natureza, modificando o espaço natural; o consumo não é igual para todos, criando assim diferentes classes sociais, o que é refletido na segregação do espaço. A cidade, base material, é, portanto muito transformada no que diz respeito ao seu ambiente natural, depois é vendida como produto e adquirida de forma desigual. Conforme sua posição na dinâmica da produção, as pessoas podem adquirir diferentes tipos de moradias.

As classes de maior renda habitam as melhores áreas, sejam as mais centrais, ou, no caso das grandes cidades, quando nestas áreas centrais afloram os aspectos negativos como poluição, barulho, congestionamento, lugares mais distantes do centro. [...] à parcela de menor poder aquisitivo da sociedade restam as áreas centrais, deterioradas e abandonadas pelas primeiras, ou ainda a periferia, logicamente não arborizada, mas aquela em que os terrenos são mais baratos (CARLOS, 2005, p. 48).

Estas novas áreas podem ser escolhidas segundo fatores estruturais, como o que aconteceu na cidade de Teresina na década de 1980, quando começou a ser criada uma área de segregação de alto *status* na zona Leste da cidade. Ou ainda pode se dar em busca de amenidades ambientais, em busca de áreas com mais verde, mais qualidade ambiental, o que pode ser visto na cidade de Teresina

atualmente, com o grande número de construções de condomínios fechados afastados do centro da cidade.

O processo de segregação socioespacial detectado em bairros da zona Leste de Teresina teve sua gênese no início da ocupação daquela área, foi fortalecido e encontra-se em consolidação, graças à ação coordenada do capital, através dos agentes locais, regionais, nacionais e até internacionais do mercado imobiliário na forma de incorporadoras e imobiliárias, e do Estado, em suas três esferas de poder, como provedor de infraestrutura urbana e linhas de financiamento habitacional, e como legitimador do processo (CASTELO BRANCO, 2012, p. 10).

Um dos fatores que levam as pessoas a procurar novos espaços é a busca por mais segurança, uma vez que a violência urbana se tornou uma questão central nos dias atuais. A construção de condomínios fechados que oferecem inúmeros dispositivos, e que, em tese, protegem seus moradores, é um novo segmento do mercado imobiliário, que contribui para a segregação na cidade. Este fenômeno foi chamado por Gomes (2006) de aparecimento das ilhas utópicas. Esta dinâmica também está presente na cidade de Teresina, onde hoje já existem vários condomínios de casas.

No lazer esta tendência também é visível, uma vez que nos próprios condomínios existem estruturas de lazer e há ainda equipamentos específicos para este fim que permitem às pessoas de maior renda optarem por um lazer mais exclusivo, abandonando espaços coletivos como clubes e associações, o que se verifica também na cidade de Teresina:

Observa-se também que com o advento dos enclaves fortificados dotados de completas estruturas de lazer, onde os moradores ao frequentarem esses espaços só se deparam com indivíduos de seu mesmo extrato social, aos poucos os clubes sociais perderam importância e foram esvaziados por seus sócios. É a decadência dos espaços de uso coletivo em favor de espaços exclusivos (CASTELO BRANCO, 2012, p. 70).

Por outro lado, a população mais pobre também está longe do centro, mas a periferia neste caso é outra, geralmente são terrenos inapropriados para construções, “invasões”, conjuntos habitacionais, que, por muito tempo, ficam esquecidos do poder público, sem a infraestrutura mínima, sem transportes. A população mais pobre também procura as áreas mais distantes, mas por outros

motivos: “os terrenos são mais baratos, falta infraestrutura e existe a possibilidade de autoconstrução” (CARLOS 2005, p. 41).

O individualismo moderno, ligado à implosão das orientações socioculturais e à crise da cidade, aponta para o fato de que as transformações do processo de reprodução do espaço urbano tendem a separar e dividir seus habitantes na cidade em função das formas de apropriação, determinadas pela existência da propriedade do solo urbano. A acomodação de cada um num endereço específico aponta para uma segregação espacial, bem nítida, possível de ser observada na paisagem (CARLOS, 2011, p. 135).

O que determina a construção da cidade é o uso do seu solo, que pode ter várias finalidades: comercial, residencial, circulação, industrial, entre outras. Estes usos muitas vezes geram conflitos de interesses, pois vários segmentos da sociedade visam este espaço, enquanto o indivíduo comum vê a terra como elemento essencial para a sobrevivência, sendo seu abrigo e moradia. A grande empresa a vê como uma mercadoria à espera de condições mercadológicas para ser vendida. Desta forma, pode-se dizer que o espaço urbano possui um valor de uso, no primeiro caso, e um valor de troca, no segundo. Sobre a criação de áreas segregadas:

Serão diferentes os poderes de domínio sobre o espaço urbano, de duas sociedades urbanas com as mesmas características sociais, culturais, econômicas e políticas, se suas espacialidades forem diferentes. A segregação é um processo necessário para que haja esse domínio. A segregação consiste, pois, numa determinada espacialidade, sem a qual esse domínio não pode existir. (Villaça, 2001, p.359)

Os fatores que determinarão a formação do preço vinculam-se principalmente à inserção de determinada parcela no espaço urbano global, tendo como ponto de partida a localização do terreno (por exemplo, no bairro); o acesso aos lugares ditos privilegiados (escolas, shoppings, centros de saúde, de serviços, lazer, áreas verdes etc.); infraestrutura (água, luz, esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação, transporte); privacidade; e, secundariamente, os fatores vinculados ao relevo que se refletem nas possibilidades e custos de construção. Finalmente, um fator importante: o processo de valorização espacial (CARLOS 2005, p. 48).

Neste sentido, o processo de valorização da terra urbana acontece de forma contraditória. O espraiamento cria vazios que vão ser utilizados para especulação. As áreas centrais se valorizam e são criadas novas periferias para atender às camadas mais pobres da população. Desta forma, observa-se a criação de áreas distintas dentro da cidade, definidas não somente pela função que exercem, mas também pela classe social que a habita. Santos (2008) explica este processo da seguinte forma:

Criam-se sítios sociais, uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais. É assim que certos pontos se tornam mais acessíveis, certas artérias mais atrativas e, também, uns e outras, mais valorizados. Por isso, são as atividades dinâmicas que se instalam nessas áreas privilegiadas; quanto aos lugares de residência, a lógica é a mesma, com as pessoas de maiores recursos buscando alojar-se onde lhes pareça mais conveniente, segundo os cânones de cada época, o que também inclui a moda (SANTOS, 2008, p. 106-107).

A diferença imposta pela sociedade capitalista que é dividida em classes evolui para uma desigualdade espacial que reflete uma desigualdade social:

As desigualdades viram diferenças, porque uma parte da sociedade, no plano econômico, no político e no social, participa precariamente da vida urbana e da sociedade do consumo, ou participa de forma qualitativamente diferente, porque incompleta, e não apenas quantitativamente desigual (SPOSITO, 2011, p. 129).

Estas desigualdades são visíveis nas paisagens urbanas. O tipo de moradia e sua localização denunciam o poder aquisitivo do cidadão e reflete as dificuldades de acesso a habitação. A infraestrutura urbana de serviços é outro fator que chega primeiro aos bairros de maior padrão econômico.

No que diz respeito à moradia nas cidades, um fator que determina o tipo de moradia e o local é a renda. A cidade, construída para atender às necessidades humanas, é parcelada, conforme o uso e a função econômica. A esse processo de diferenciação das classes sociais pelo espaço urbano dá-se o nome de segregação residencial: “diferenças econômicas, de poder, de *status* etc. entre diversos grupos sociais se refletem no espaço, determinando, ou pelo menos, influenciando decisivamente onde os grupos de cada grupo podem viver” (SOUZA, 2005, p. 67).

Para Souza (2005), no Brasil, o fator renda é decisivo na segregação residencial, o autor diferencia a segregação induzida que é praticada pelas classes

mais pobres, que sem escolha vão habitar nos lugares menos privilegiadas da cidade, favelas, cortiços etc. Por outro lado tem-se a autosegregação que se caracteriza pela fuga das pessoas de maior poder aquisitivo para áreas mais afastadas, que dentre outras razões se dá para fugir da violência .

O estado, tradicional de segregação residencial (junto com o capital imobiliário, ou tendo este por trás [...]), ao investir diferencialmente nas áreas residenciais da cidade e estabelecer estímulos e zoneamentos e outras normas de ocupação do espaço que consolidam a segregação, atua, também como agente repressor, via de regra na tentativa de colocar os pobres no seu devido lugar (SOUZA, 2005, p. 90).

A segregação social e espacial também interfere no acesso aos serviços como educação, segurança, saúde, comércio e lazer. Os que podem pagar deslocam-se para onde existem estes serviços públicos; ou quando não procuram a esfera privada (já que podem pagar), mesmo que estes não existam próximos as suas residências. Por outro lado, os moradores dos bairros mais pobres dependem mais da existência destes serviços nas proximidades de suas residências.

Segundo Cavalcanti (2011), a cidade apresenta possibilidades diferentes, conforme a renda; para os com maior condição financeira, há o automóvel, o *fast food*, o computador pessoal, enquanto para os mais pobres:

O que está disponibilizado é uma cidade de “segunda linha”: o celular, a *pizza* de esquina, o churrasquinho do bar, desfrutado com uma cervejinha na calçada, a escola de periferia, o SUS, com filas intermináveis, os pontos de ônibus lotados, as horas passadas no ônibus (p. 116).

No que se refere ao lazer, essa problemática é maior, uma vez que este setor tem sido pormenorizado pela esfera pública e valorizado pela esfera privada. O acesso aos espaços de lazer é um fator que segrega tendo em vista os poucos espaços públicos para esse fim ou ainda pela ocupação privada destes, dificultando seu uso. Além disso, outros problemas estruturais afastam e dificultam o lazer nas cidades, dentre estes, a violência, de forma notória, afasta as pessoas do espaço público nos dias atuais.

Atualmente as cidades apresentam inúmeros problemas; independente de seu tamanho, é difícil equacionar população, recursos, planejamento eficiente e vontade política. Esta contradição resulta em um descompasso entre o que a cidade

oferece e as necessidades dos cidadãos. São variados os problemas, dentre estes: falta de emprego e habitação; serviços públicos incipientes; construções irregulares; problemas ambientais e poluição e falta de áreas verdes; frágil mobilidade urbana; violência; mendicância. Tais problemas atingem mais gravemente a população mais pobre.

Santos (2000) fala do espaço sem cidadãos que é aquele que não apresenta serviços a sua população, situação agravada nas periferias das cidades:

Olhando-se o mapa do país, é fácil constatar extensas áreas vazias de hospitais, postos de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e especializada, enfim áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e à vida individual. O mesmo aliás se verifica quando observamos as plantas das cidades em cujas periferias, apesar de uma certa densidade demográfica, tais serviços estão igualmente ausentes. É como se as pessoas nem lá estivessem (SANTOS, 2000, p. 43).

A cidade capitalista obedece a uma lógica de mercado. A construção da sua forma e a distribuição da sua população está intrinsicamente ligada aos interesses do capital. Santos (2001) denomina este processo de urbanização corporativa, pois afirma que o crescimento das cidades obedece a interesses de grandes firmas: “o capitalismo monopolista agrava a diferenciação quanto a dotação de recursos, uma vez que parcelas cada vez maiores da receita pública se dirigem à *cidade econômica* em detrimento da *cidade social*” (SANTOS, 2001, p. 107).

Após a industrialização e a ascensão do capitalismo houve um conflito entre o valor de uso e o valor de troca na cidade, valorizando-se o crescimento em detrimento do desenvolvimento. E a produção econômica sobressai à vida social (LEFEBVRE, 2001). Dessa forma, o autor afirma que os direitos do cidadão ficam esquecidos:

Esses direitos mal reconhecidos tornam-se pouco a pouco costumeiros antes de se inscreverem nos códigos formalizados. Mudariam a realidade se entrassem para a prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida (LEFEBVRE, 2001, p. 138-139).

A paisagem urbana, formada pelo cinza das construções e asfalto, com pouco verde e barulho, reflete as características da sociedade que a produz. Esta é uma forma que representa um processo mais amplo ligado à vida dos homens que nela

habitam. Os homens, principalmente os com maior poder aquisitivo, constroem a cidade para atender suas necessidades.

Dessa produção desigual do espaço vem o problema da habitação, que se torna menos acessível às classes mais pobres. A classe dominante, detentora dos meios de produção, ou trabalhadores mais qualificados ocupam as áreas nobres; à classe trabalhadora restam as periferias e assim a cidade vai ganhando favelas, conjuntos habitacionais e ainda as áreas de risco são ocupadas.

O problema da violência ganha destaque entre as mazelas urbanas atuais. A criminalidade, o tráfico de drogas, roubos, sequestro, entre formas novas que aparecem todos os dias, amedrontam cada vez mais a população das cidades. Nos espaços públicos a violência é mais evidente: “a descaracterização e destruição do patrimônio, os acidentes de trânsito, os roubos, os crimes, a prostituição, o tráfico de drogas, a luta entre gangues de jovens” (LIMA, 2006, p. 69).

Rodrigues (2002) denomina a sociedade atual como a sociedade do medo, pois cada vez mais o medo está presente na vida das pessoas que habitam as cidades:

Vivemos na era dos ataques a integridade física e à propriedade pessoal, pelo uso da força ou de coação. Cada vez mais a violência associa-se ao medo de viver nas grandes cidades, onde tudo muda vertiginosamente e todos são incógnitos. Ninguém se conhece; mudou o estilo de vida de morar nas grandes cidades (RODRIGUES, 2002, p. 77).

O problema da violência, assim como outros conflitos urbanos são colocados muitas vezes como consequência do crescimento populacional, principalmente, associado à pobreza. Mas é preciso ir além destas relações e levar em consideração a falta de benefícios nos espaços mais pobres das cidades. Dessa forma, não são suficientes apenas investimentos em segurança pública, mas na qualidade de vida de forma geral como saúde, educação, moradia, geração de emprego.

A insegurança é a responsável pela criação de imagens espaciais associadas ao medo (GOMES, 2004). Esta se faz ainda mais presente nos espaços públicos, muitos espaços na cidade são associados ao perigo; notadamente ruas e praças se destacam, no caso de Teresina, as pessoas andam apressadas e evitam parar em alguns lugares, com medos de assaltos, o objetivo é chegar em um lugar seguro. Os lugares que seriam de encontro e sociabilidade tornam-se lugares de passagem: “A violência e o sentimento de insegurança que se nutrem do medo que ameaça as

idades estão, sem dúvida, entre os maiores empecilhos à coabitação dentro de espaços comuns” (GOMES, 2004, p. 261).

Um dos motivos para a violência citados por Rodrigues (2002) é a prioridade que se dá ao padrão de vida em detrimento da qualidade. Dessa forma, grande parte da população da cidade fica excluída dos bens de consumo coletivos; o que, para nós, também configura uma forma de violência.

Consideram-se gastos e não investimentos, por exemplo, os recursos em educação, saúde, saneamento básico etc. Investimentos são apenas os que ‘produzem’ mercadorias em geral, ou seja, padrão de vida. Não se condissera investimentos o que produz qualidade de vida melhor (RODRIGUES, 2002, p. 77).

A busca pela proteção contra a violência altera o espaço público das cidades, fato que é visível, uma vez que se tornam vigiados com câmeras. Fato que tem provocado mudanças no modo de vida urbano:

Essa situação tem desencadeado na sociedade urbana um sentimento desmesurado de medo, colocando-a em permanente estado de alerta. Em resposta, ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades, pela redefinição de atividades, fluxos e comportamento, portanto, no modo de vida urbano (QUEIROZ, 2002, p. 98).

A violência não é própria da nossa época, mas em todas as sociedades sempre existiram atos violentos, contudo, na sociedade urbana, esta ganhou novos contornos alterando a vida das pessoas e a produção do espaço.

Queiroz (2002) aponta três tendências na produção espacial pela violência: segregação urbana; autosegregação dos segmentos mais bem situados em relação à população pobre e a arquitetura do medo é a emergência de um novo urbanismo, caracterizado por muros altos, cercas elétricas e guaritas. Esta última gera a autosegregação:

Para a população de maior renda, a cidade acena para o usufruto do confronto e segurança em espaços exclusivos. Essa tem sido a opção preferencial da população economicamente mais bem sucedida seja pela moradia em condomínios fechados, no consumo em shoppings, cada vez mais vigiados, na circulação a bordo de veículos blindados do lazer em resorts. A demanda por equipamentos e serviços que garantem maior segurança tem impulsionado um novo e dinâmico mercado, a saber, o negócio do medo (RODRIGUES, 2002, p. 100).

É preciso ressaltar ainda que a violência também influencia as formas de lazer, principalmente da população mais pobre, que é expulsa do espaço público, ocupado por usuários de drogas e alvo da ação de criminosos:

Na ausência de mecanismos que garantam o lazer seguro e “tranquilo”, os moradores resignam-se aos lares, na companhia da televisão. Em suma, o que para as elite significa *auto-exclusão*, que em tese lhes garante um espaço de manobras, para os mais pobres significa *autorreclusão* (RODRIGUES, 2002, p. 100).

Constantemente, jovens estão envolvidos em atos violentos, sendo causadores ou vítima. As causas da violência são amplas e envolvem todo um contexto familiar, social, econômico, cultural e educacional. Cavalcanti aponta a falta de serviços das cidades como uma destas causas: “por outro lado, muitos desses jovens moram em periferias pobres das grandes cidades – sem infraestrutura, sem áreas de lazer, sem espaços públicos adequados para acolhê-los, com deficiência de escolas publicas” (CAVALCANTI, 2011, p. 106).

A violência nas cidades, apesar de estar presente também no meio rural, vem tomando proporções e características diferentes, como a violência no trânsito; os protestos por melhorias nas cidades que às vezes acabam em atos violentos, o tráfico de drogas, os conflitos entre gangues (SOUZA, 2005). Rodrigues ressalta o papel do lazer na cidade contemporânea como uma arma contra a violência:

Como contraponto e para finalizar, quero ressaltar a função dos lazes no resgate da sociabilidade e da autoestima individual e grupal, eficaz arma contra a violência. O mapa da violência na aglomeração paulistana coincide com os bairros onde as opções de lazer se restringem à TV, bares e campos de futebol (2002, p. 227).

A violência afasta as pessoas dos espaços públicos, principalmente aquelas que podem usufruir de espaços privados, aumentando a segregação social e impossibilitando as relações entre grupos e classes diferentes, que poderiam ter conteúdo valioso para uma mudança social.

Na cidade de Teresina, os dados oficiais e as notícias da mídia revelam o aumento dos números da criminalidade; no entanto, as ações para combatê-la ainda estão resumidas à repressão policial. Enquanto, as raízes desta mazela não são atacadas, como, por exemplo, a falta de inclusão social, de emprego, de ocupação para o jovens, o tratamento eficaz para os usuários de drogas, tudo isso ainda deixa a desejar, e até mesmo a oferta do lazer para a população mais pobre. Apesar de

não estar entre as capitais mais violentas do País o que assusta é que esta se encontra em ritmo crescente, conforme pode ser visualizado na Tabela 3.

Tabela 3 - Taxa de Homicídios (por 100 mil) na população Jovem por Capital e região

Tabela 4.2.2. Taxas de Homicídios (por 100mil) na População Jovem por Capital e Região. Brasil. 2001/201												
CAPITAL/REGIÃO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Δ%
Belém	59,9	61,4	73,8	56,7	84,6	65,3	75,7	105,9	116,2	141,9	103,0	72,0
Boa Vista	61,9	87,2	50,4	52,9	27,6	44,6	46,8	29,4	44,7	50,6	31,3	-49,4
Macapá	103,3	98,2	109,9	91,3	82,3	81,8	72,9	85,2	68,6	105,2	72,8	-29,5
Manaus	47,9	49,0	59,4	47,7	54,1	62,8	67,8	78,2	88,2	94,9	120,4	151,5
Palmas	32,6	28,0	26,2	38,0	23,6	20,4	15,8	25,4	17,6	47,5	49,9	53,2
Porto Velho	105,7	113,4	94,4	145,6	90,6	115,7	98,5	83,0	94,7	80,1	64,3	-39,1
Rio Branco	83,4	93,1	68,1	64,9	37,9	69,4	33,3	47,7	52,7	42,7	28,9	-65,4
NORTE	62,9	65,8	69,2	62,6	64,6	66,5	66,9	80,4	87,5	98,3	90,8	44,2
Aracaju	117,0	109,0	88,2	79,8	58,1	86,4	69,0	76,9	96,4	73,6	87,2	-25,4
Fortaleza	52,2	55,9	48,6	49,5	67,2	73,5	87,2	81,6	86,6	127,0	129,7	148,4
João Pessoa	81,8	87,1	80,5	88,9	90,9	92,2	114,9	124,2	150,8	196,9	215,1	163,0
Maceió	131,3	129,4	136,3	157,7	155,8	219,5	225,7	251,4	235,5	304,8	288,1	119,4
Natal	34,1	31,0	48,4	27,6	49,4	40,2	63,0	73,2	94,6	92,2	123,8	262,5
Recife	218,1	193,9	206,0	223,6	207,8	209,2	224,1	211,3	187,7	141,6	142,7	-34,6
Salvador	41,3	49,4	60,5	58,5	75,4	85,7	116,8	158,4	182,7	193,8	164,9	299,6
São Luís	47,4	31,5	50,6	55,0	51,1	58,8	75,0	83,7	104,8	103,5	89,6	88,9
Teresina	42,5	58,7	48,7	51,3	61,1	70,3	52,6	47,9	60,6	56,7	61,1	43,6
NORDESTE	79,0	77,8	82,0	84,8	91,3	102,5	117,4	128,9	138,5	149,1	145,2	83,8
Belo Horizonte	72,9	95,4	129,0	152,8	120,6	111,8	137,1	116,3	102,7	83,4	100,4	37,7
Rio de Janeiro	122,5	145,5	129,8	120,4	97,8	101,9	85,6	72,8	66,3	57,2	41,4	-66,2
São Paulo	133,5	114,2	113,9	81,6	51,3	37,6	29,7	23,4	27,6	22,5	20,1	-85,0
Vitória	186,3	197,1	183,8	164,4	171,4	175,4	173,6	181,9	190,9	204,8	150,6	-19,2
SUDESTE	123,5	122,2	121,6	103,3	75,6	68,0	61,9	52,3	51,2	43,5	38,6	-68,8
Curitiba	56,8	73,9	79,7	91,9	98,9	108,8	115,0	135,1	124,3	126,1	92,6	63,1
Florianópolis	34,7	51,5	74,2	68,7	70,3	48,1	60,9	70,4	62,4	59,6	49,4	42,5
Porto Alegre	70,1	88,5	78,0	91,8	89,9	72,1	114,4	96,0	95,3	88,1	82,9	18,3
SUL	59,5	77,0	78,4	89,2	92,1	87,7	108,4	113,3	106,6	103,7	83,6	40,5
Brasília	78,6	74,1	83,0	74,8	63,4	56,8	74,9	77,2	86,0	76,3	81,1	3,1
Campo Grande	62,3	56,9	71,2	63,0	55,8	47,0	71,3	60,6	68,4	36,7	39,7	-36,3
Cuiabá	140,2	109,2	103,1	83,1	84,6	95,7	80,0	76,6	84,6	87,8	80,4	-42,6
Goânia	50,7	72,1	71,4	67,3	67,4	67,5	74,1	95,1	74,4	72,7	92,9	83,0
CENTRO OESTE	76,2	75,1	80,7	72,1	65,7	62,4	74,7	79,0	80,5	70,7	77,8	2,1
BRASIL CAPITAIS	94,5	95,0	96,9	89,0	78,7	78,1	83,2	85,3	88,1	86,6	82,0	-13,2

Fonte:
SIM/SVS/MS

Fonte: Waiselfisz (2013).

Considerando os dados sistematizados na Tabela 3, é possível constatar que as taxas de homicídios nas capitais brasileiras, relacionadas à população jovem, chegam a limites absurdos. Entre as capitais do Nordeste, Maceió (AL) e João Pessoa (PB) atingiram respectivamente uma inaceitável taxa de 288,1 e 215,1 homicídios por 100 mil jovens no ano de 2011. A cidade de Teresina, no mesmo ano, apresentou uma taxa de 61,1 homicídios por 100 mil jovens. Embora esse número seja relativamente baixo, quando comparado com outras capitais brasileiras, não há o que se comemorar, uma vez que essa realidade foge aos padrões aceitáveis pela Organização Mundial de Saúde, e Organização das Nações unidas (ONU), que é de 10 homicídios para um grupo de 100mil habitantes. Além disso, as

taxas crescentes, demonstram que as políticas públicas no combate à violência não têm sido eficazes.

A insegurança tornou-se uma das maiores preocupações da população. Aquela paisagem das pessoas sentadas na calçada, conversando enquanto seu filhos corriam e brincavam livremente nas ruas, está se tornando rara. São diversos os tipos de crimes que amedontram as pessoas e impedem de circular livremente na cidade. Em consequência, multiplicam-se os apartamentos e condomínios fechados na cidade, desde a década de 1990. Esta é uma tendência que se consolida no espaço urbano de Teresina.

A violência nas cidades contribui para a dinâmica do lazer. Há uma tendência para a individualização, principalmente nas cidades maiores, os lugares públicos deixam de ser espaços para passeio e encontro, tornando-se apenas via de passagem. Através de nossa observação, constatamos que muitas praças na cidade de Teresina passaram a ser ponto para uso de drogas e prostituição, principalmente à noite. A falta de segurança dá lugar a estas novas práticas e assusta os moradores. Observe-se a nota apresentada na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Esvaziamento dos espaços públicos por causa da violência

Com medo, população evita passar pelo local por conta de abordagens

A estudante Ângela Fernandes comenta que costumava passar pela Praça Pedro II com frequência há sete anos. Para ela, o ambiente de hoje mudou. “Eu tinha 15 anos, e todo mundo respeitava os espaços do outros por lá. Tinham poucos usuários de maconha, mas eles aparentemente se escondiam para usar. O lugar era tranquilo e, depois dos shows que tinha no Clube	dos Diários, a gente podia ficar até mais tarde conversando com os amigos. Já hoje, eu tenho é medo de passar por lá durante a noite”, lembra Ângela. Ela acrescenta que a praça não tem mais o movimento de antes e, realmente, boa parte das pessoas que estão por lá são usuárias de crack. A estudante Ângela Fernandes diz estar entristecida com o cenário atual da praça Pedro II. “É muito	decepcionante imaginar que um lugar que pode ser chamado de ‘Centro Cultural de Teresina’ encontra-se nessas condições. As pessoas que não conheceram a praça antes de acontecer o que acontece hoje até estranham quando a gente diz que já frequentou um dia, provavelmente pensando coisa ruim”, finaliza Ângela. (Carlienne Carpaso e Thiago Bastos)

Fonte: **Jornal O Dia**, 25 jan. 2013, Caderno em Dia, p. 1.

Diante deste esvaziamento, cabe uma reflexão: – A violência esvazia o espaço público? Ou é o contrário? o esvaziamento desses espaços dá margem a outros usos, como a prostituição o tráfico e o consumo de drogas? Gomes (2004) ao analisar o “emudecimento dos epaços públicos” afirma que ainda não há

pressupostos teóricos que possibilitem a opção por uma das duas vertentes, no entanto, ressalta que a violência é um dos fatores cruciais para este processo.

Na busca de um lazer seguro, surgem então os condomínios fechados, que oferecem muitos equipamentos de lazer, como, por exemplo, áreas verdes, piscinas, parques infantis, academias, pistas para caminhadas, e muitos outros atrativos, dependendo da classe a que estão destinados. Cresce, então, por um lado, a comercialização do lazer; e, por outro, o isolamento social.

Neste contexto, é reforçado o papel da casa como um equipamento de lazer; esta é um refúgio seguro. Os que podem possuem casas amplas com áreas para encontros, sala de cinema, jardins, mas esta é uma realidade somente para pequena parte da população:

A violência e a falta de segurança são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias casas, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que tem na casa o seu principal “equipamento” de lazer (MARCELLINO et al., 2008, p. 139).

Tendo em vista a ineficiência dos espaços públicos para o lazer encontrados na cidade, o lar ainda é o principal espaço de lazer para as famílias, pois, mesmo com os deslocamentos facilitados pelo automóvel, muitas pessoas ainda encontram em suas próprias casas um espaço propício e seguro para o lazer:

Saímos de uma situação histórica, na chamada ‘sociedade tradicional’, em que o brincar e o trabalhar conviviam com o ambiente familiar no espaço da casa e seu entorno. Por uma série de razões, na ‘sociedade contemporânea’, a casa volta a ser cada vez mais, um lugar de morar, de trabalhar e de brincar (MARCELLINO et al., 2008, p. 138).

O problema deste fato é que, para a maioria das pessoas, a casa é um espaço pequeno que supre apenas as necessidades básicas, haja vista o tamanho das casas de projetos populares, como os conjuntos habitacionais, em que as unidades são pequenas e, muitas vezes, não é previsto um espaço comum para o lazer de seus moradores. Torna-se ainda mais grave se considerarmos as ocupações irregulares. Desse modo, a casa pode ser um importante equipamento de lazer, no entanto, não é uma realidade para todos. As casas são cada vez menores para os pobres, sem conforto nem privacidade.

A normalidade estabelecida para os pobres por definição oficial, aconselhada e defendida por pseudo-intelectuais, passou a autorizar a construção de habitações tão pequenas que conduzem a toda espécie de confinamentos e promiscuidades [...] na cabeça tortuosa de tais técnicos, as pessoas tem necessidades essenciais em função da classe a que pertencem (SANTOS, 2000, p. 46).

Para que as cidades ofereçam espaços de lazer aos cidadãos, não é necessária somente sua construção, mas a segurança nesses locais; deste modo, poderão voltar a ser convidativos, e não mais constituam riscos. Mais uma vez, reforçamos a ideia de que os problemas das cidades não podem ser vistos de forma isolada nem colocados em ordem de prioridade, pois todos estão interligados.

O lazer e a segurança precisam ser tratados não como mero esforço de entretenimento que pode camuflar uma situação de violência. Violências, melhor dizendo. Porque somos violentados de várias formas no nosso cotidiano, e não apenas num assalto, num sequestro ou num assassinato. A busca da convivência e da felicidade não precisa de justificativas. Quem sabe, assim, não serão necessárias mais grades nas nossas casas e nos nossos parques e jardins (MARCELLINO, 2008, p. 142-143).

Souza (2005) enfatiza outros dois problemas das cidades: a pobreza e a segregação residencial. A pobreza ganha traços singulares nas cidades, resultando em moradias precárias, à busca por alternativas ilegais como o crime e o comércio informal. A segregação espacial, por seu lado, contribui para maior individualidade e fortalecimento de preconceitos. Ao diminuir a autoestima coletiva, alimenta a violência. O autor aponta o Estado como um agente que fortalece essa segregação, uma vez que privilegia com infraestrutura os bairros de elite em detrimento dos bairros pobres.

A cada problema urbano, a sociedade reage de forma diferente. Aqueles cidadãos que podem procuram áreas com maior estrutura e segurança através da aquisição de condomínios fechados; por outro lado, a classe pobre reivindica ao poder público como pode. Existem aqueles outros cidadãos que, em piores situações, procuram caminhos ilegais de moradias, e outras formas de sobrevivência, partindo, muitas vezes, para o crime, o que agrava a questão da violência na cidade.

Existem muitos outros problemas urbanos; podemos citar alguns, tais como, a degradação ambiental, falta de saneamento básico e a precariedade das políticas de fiscalização ambiental, deficiência nos transportes e o tráfego caótico; entretanto,

embora importantes, estas questões não estão diretamente relacionadas ao tema desta pesquisa. O objetivo desta pesquisa é tratar especificamente do problema da falta de espaços públicos de lazer nas cidades, que deriva da pouca valorização deste setor pelo poder público, que não constrói espaços a contento, não os preserva ou anima. Além disso, tanto a segregação socioespacial quanto a violência afastam as pessoas destes espaços e o mercado transforma o lazer em uma mercadoria.

2 A PROBLEMÁTICA DO LAZER: TEORIAS, PLANEJAMENTO E PRÁTICAS

2.1 Lazer em questão: notas do percurso teórico

2.1.1 O tema lazer e o seu surgimento na sociedade

A preocupação com o tema lazer, ou *tempo liberado*, surgiu após o advento da sociedade industrial. Desde o século XIX, os pensadores sociais reconheceram a importância de estudar este tema, no entanto, ainda não existe um entendimento sobre ele, sua dinâmica, propriedades e implicações.

No contexto da Revolução Industrial, diante das massivas horas de trabalhos nas fábricas europeias, surge o primeiro manifesto a favor do lazer: “O Direito à Preguiça” escrito por Paul Lafargue (1889), que era a favor do lazer dos operários. Em 1889, foi criada nos Estados Unidos a Sociologia do lazer. Com a ascensão da sociedade urbano/industrial, o lazer passou a ser objeto de estudo sistemático ganhando mais espaço nas universidades (MARCELLINO, 2006).

Apesar de o tema lazer ter ganhado espaço nas discussões acadêmicas, por muito tempo foi deixado de lado, e ainda se encontra, como afirma Gutierrez (2001), “quase clandestino”. Seja por ser um fato recente (pós-Revolução Industrial) seja por ser considerado supérfluo, o tema lazer ainda se encontra carente de discussões.

Muito se tem discutido sobre a organização social do trabalho. Por outro lado, o tempo livre gerado com a sistematização do lazer tem sido pouco abordado: “Da mesma forma que se pode constatar, na grande maioria da produção intelectual das ciências humanas, uma forte presença do objeto trabalho, também se percebe o desinteresse sistemático pela questão do lazer” (GUTIERREZ, 2001, p. 28).

No Brasil, o assunto lazer encontra-se estreitamente relacionado à urbanização e à vida nas cidades. Apesar de ser conhecido como o País do Carnaval, este tema é recente; apenas em 1959, houve a primeira publicação brasileira sobre o tema: “Lazer Operário: Estudo de Organização Social das Cidades”, de José Acácio Ferreira. Apenas a partir da década de 1970, 1980 e 1990, o assunto ganhou mais espaço nas universidades brasileiras. (MARCELLINO, 2006).

O lazer, embora seja um componente importante na vida moderna, não ganha a atenção devida no que diz respeito a estudos. Assinale-se que a Geografia pode oferecer valiosa contribuição para o estudo do lazer, pois analisa a relação do

homem com o espaço e, conseqüentemente, como as práticas sociais refletem no espaço; contudo, ainda são escassas as contribuições de geógrafos para o estudo do lazer (MASCARENHAS, 2010).

O lazer ainda é um campo pouco desbravado não só pelos geógrafos, mas de forma geral, não há um consenso sobre conceitos e origem. O certo é que o capitalismo trouxe profundas transformações para a sociedade que chegou ao lazer:

Na esfera do desenvolvimento das relações capitalistas, o acirramento dos mecanismos de alienação, que produz como reação o escapismo (fuga da realidade por meio de viagens, diversões etc.). Por outro lado, temos o aprofundamento da mercantilização do tempo livre, formatando práticas de lazer um tanto distintas do rol de formas de entretenimento das sociedades pré-industriais (MASCARENHAS, 2010, p. 140).

O geógrafo pode dar uma contribuição muito importante para o estudo do lazer através da espacialização desse fenômeno. A distribuição dos equipamentos de lazer não ocorre ao acaso, mas reflete os processos sociais mais amplos, o que pode revelar um modelo segregacionista. Esta é uma questão central que norteou este estudo.

Mascarenhas (2010), ao relatar o estado da arte dos estudos de geografia e lazer, conclui que são poucas as contribuições da Geografia para o estudo do lazer. O autor evidencia como o lazer foi tratado dentro da ciência geográfica ao longo de suas diferentes abordagens. Nas escolas francesa, alemã e norte-americana, os estudos sobre as formas de trabalho humano foram privilegiados; por sua vez o ócio e o lazer foram esquecidos.

Na década de 1950, surgiram as geografias aplicadas, um de seus ramos foi a Geografia da Recreação, mas de forma secundária, sobressaindo a Geografia Econômica. Na Geografia Crítica, os estudos sobre lazer continuaram marginais no conjunto da obra geográfica, pois foram priorizados a dinâmica territorial e os conflitos socioespaciais.

Com base nessa análise, Mascarenhas (2010) concluiu que existem muitas dificuldades em a Geografia trabalhar com o tema lazer, o que reflete a tímida inserção do tema lazer na Geografia: “Em síntese, a contribuição dos geógrafos ao entendimento do lazer permanece muito aquém da magnitude deste, conferindo aos que nesse campo se aventuram a desconfortável oscilação entre a abordagem superficial e a escuridão errante” (2010, p. 146).

Nas últimas décadas, o tema lazer tem ganhado mais espaço, tanto nas discussões acadêmicas quanto na própria mídia. Gomes e Melo (2003) apontam os seguintes motivos para essa maior valorização: a ligação entre cultura e lazer, a massificação e comercialização desses produtos culturais, a crescente indústria do lazer que se tornou um negócio promissor na atualidade, o aumento das iniciativas governamentais ligadas ao lazer, e ainda, o questionamento do papel do trabalho na sociedade.

Muitas questões sobre lazer ainda estão obscuras: qual a sua dinâmica, o seu futuro e qual é a sua origem? Acerca de como surgiu, há um questionamento recorrente, ou seja, se o lazer sempre existiu ou se veio junto com a sociedade industrial, sobre isto Dumazedier (2008, p. 26) afirma: “o tempo fora-do-trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida na Revolução Industrial”.

A utilização do tempo livre mudou nas diferentes épocas, pois está diretamente ligado com a estrutura social que também é mutável no tempo. No período arcaico, a festa estava muito misturada com o trabalho, nas sociedades pré-industriais o trabalho estava difundido nos ciclos naturais; além disso, nestas sociedades, o culto religioso tinha grande importância, e quase sempre direcionavam as festas.

Na Grécia, o tempo livre era muito importante, valorizava-se, sobretudo, a contemplação, mas este estava restrito à elite. Na Roma antiga, o tempo livre era um tempo de preparação para voltar ao trabalho, diversão popular. Para a elite, ficavam as atividades reflexivas; para as massas, existiam atividades organizadas pelo Estado, consideradas vulgares, como, por exemplo, a política do pão e circo.

Sobre a ociosidade das classes mais abastadas da Antiguidade, como os filósofos na Grécia e os fidalgos do século XVI, Dumazedier (2008) afirma que não se pode considerar este tempo livre como lazer, pois ele não acontecia como complemento do trabalho, mas simplesmente o substituí. “O lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho, o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho.” (DUMAZEDIER, 2008, p. 2).

Na Idade Média, tempo livre era um tempo para descanso e festa. Para os pobres, o tempo livre era muito restrito e para os nobres era um tempo para exibirem os seus luxos. O trabalho era considerado obrigação de servos e camponeses. Com

a Revolução Industrial, o lazer surge como uma tensão entre as classes sociais, uma vez que as classes operárias passaram a exigir mais tempo livre para este fim (menor jornada diária, férias, aposentadoria).

Mascarenhas (2010) defende que as políticas de lazer se relacionam com a opressão, cita como exemplo o Coliseu do Império romano. Em muitos episódios da história foi possível observar que o lazer foi utilizado a favor das classes dominantes, para manter uma ordem social vigente; exemplifica com o caso dos estádios, que, segundo o autor, tornaram-se espaços disciplinadores:

O novo estádio assemelha-se a outros espaços padronizados e previsíveis da vida social: um shopping center, um teatro, uma sala de estar, reinos do individualismo e da passividade, que interessam ao capitalismo, que se inscrevem numa generalizada microfísica do poder (MASCARENHAS, 2010, p. 151).

Para Dumazedier (2008), duas condições prévias foram necessárias para que o lazer se tornasse possível para a maioria dos trabalhadores: primeiro, a desvinculação das obrigações sociais dos rituais; a outra é o trabalho profissional ter ganhado mais destaque do que as outras atividades, ficando bem clara a definição entre a hora do trabalho e o tempo livre. Dessa forma, para o autor só é possível falar de lazer para as sociedades industriais, visto que nos outros tipos de organização esta separação não era muito nítida.

Foi, portanto, após a Primeira Revolução Industrial que as discussões acerca do lazer ganharam força, pois os benefícios da produção em massa não atingiram todas as classes. De um lado, a classe dominante podia usufruir dos bens produzidos; do outro, a classe operária sofria com a exploração, haja vista que tinha pouco tempo para descanso e lazer devido às massacrantes jornadas de trabalho. Foi neste período que o lazer passou a ser tratado como esfera importante da vida social:

O lazer como instância distinta e específica da vida social só é percebido com o advento da Revolução Industrial e a separação dos espaços familiares, comunitários e profissionais, ou seja, existe no objeto lazer um aspecto histórico de “não-trabalho” (GUTIERREZ, 2001, p. 6).

Nas primeiras sociedades, o lúdico não era totalmente separado das obrigações. Desta forma, acontecia de modo natural, sem uma divisão explícita entre o tempo de trabalho e o lazer. Com a sociedade urbano-industrial, a necessidade do

lazer tornou-se mais evidente, tornando mais clara a separação entre tempo livre e tempo das obrigações.

Como um produto da sociedade industrial, pode-se dizer, então, que o tempo para o lazer surgiu, de um lado, pelas lutas e movimentos sociais por aumento do tempo livre; e por outro, da própria necessidade das indústrias em vender seus produtos, uma vez que era necessário o trabalhador ter disponibilidade para consumir. Além disso, a diminuição dos controles institucionais da família, das autoridades religiosas e políticas permitiu maior liberdade ao indivíduo de como dispor deste novo tempo: “Uma nova necessidade social do indivíduo a dispor para si mesmo, a gozar de um tempo, cujas atividades antigamente eram em parte impostas pela empresa, pelas instituições sócio-espirituais, sociopolíticas ou familiares” (DUMAZEDIER, 2008, p. 20).

Logo, consideramos o lazer como um produto da sociedade industrial que separou, em dois lados opostos, o tempo para o trabalho e o tempo livre. Foi com a institucionalização deste tempo que surgiu a necessidade de se pensar em atividades para preenchê-lo, tanto que a busca pelo lazer figura como uma das primeiras opções. O lazer surge como um fenômeno urbano, pois derivou da industrialização que ocorreu nas cidades, mas atualmente com as novas formas de organização social, cultural e com o poder da informação chega ao espaço rural.

No Brasil, a institucionalização deste tempo livre passou por várias etapas que se diferenciam, conforme o momento histórico, e refletem em políticas públicas diferenciadas voltadas para o lazer. Pinto (2008) conta a história do desenvolvimento das políticas públicas para o lazer através de quatro períodos.

O primeiro período é chamado de legalização do tempo livre e data dos anos 1930 e 1940. Neste período, acontece um movimento legal/institucional, no qual várias leis que tratam do tempo do trabalho são promulgadas: a Constituição Federal de 1934, que, pela primeira vez, supõe um tempo de não-trabalho, através do repouso semanal, preferencialmente, aos domingos; a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) de 1943, que dispôs sobre repouso semanal remunerado, férias e feriados; a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas, que reconhece que todo indivíduo tem direito ao lazer em um tempo diferente daquele destinado ao repouso.

A partir da legalização do tempo livre, a esfera do lazer ganhou visibilidade e passou a ser objeto de políticas para ocupar este novo tempo dos trabalhadores. Foi

neste período que, no Brasil, se tornou clara a divisão entre tempo do trabalho e tempo do lazer:

A CLT inaugurou um fato novo, ou seja, o reconhecimento legal de um 'tempo social' que abriu espaço para experiências que foram sendo ressignificadas como lazer à medida que, historicamente, foi reconhecido que o essencial da vida dos atores sociais se desenrola também para além do tempo dedicado ao trabalho assalariado (PINTO, 2008, p. 81).

Nesse período, as políticas públicas foram direcionadas para ocupar o tempo livre dos trabalhadores, sendo que estas tiveram caráter assistencialista e corporativo. Foram criados, assim, departamentos de recreação e os Serviços Sociais da Indústria e do Comércio Sesi/Sesc, que objetivavam promover a recreação e a recomposição das forças dos trabalhadores.

A partir dos anos de 1960 e 1970, a autora identifica novo período nas políticas de lazer brasileiras. As políticas que antes estavam mais voltadas às classes trabalhadoras passam a ser direcionadas às massas, como as ruas de recreio, a obrigatoriedade da educação física escolar e aliança entre esporte e lazer, materializados nas secretarias estaduais e municipais de esporte e lazer.

O terceiro período é a década de 1980 em que se desenvolvem dois processos importantes. O primeiro é o maior reconhecimento do lazer como força econômica no País, o que traz uma diversificação dos produtos lúdico/culturais e o alargamento das desigualdades quanto ao acesso à produção cultural disponível no lazer. O segundo é o aumento da participação dos atores sociais nos processos de democratização do país, o que culminou na promulgação da Constituição de 1988 que trouxe o lazer como um direito social (PINTO, 2008).

A inclusão do lazer nos direitos constitucionais inaugurou um fato novo nas nossas experiências políticas. Ele deixou de ser um benefício social concedido apenas aos trabalhadores passando a ser tratado no conjunto de medidas políticas necessárias a melhoria da qualidade de vida de todos. Esse fato passou a desafiar governantes e a sociedade no sentido da elaboração e implementação de políticas que pudessem reconhecer e proteger tal direito (PINTO, 2008, p. 86).

O último período identificado pela autora se inicia nos anos 1990 aos dias atuais; marca o reconhecimento do lazer como direito social nas políticas sociais democráticas. Observa-se que o lazer agora está presente em várias leis, como o

Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso, dentre outras, no entanto, não foi acompanhado de ações práticas, como avalia:

Porém, se de um lado esse quadro de “orienta-ações” legais é animador no sentido da garantia de direitos ao lazer, de outro há uma distância significativa entre a institucionalização dos direitos sociais expressos nas políticas públicas implementadas e as condições reais de conquistas dos direitos pelos sujeitos (PINTO, 2008, p. 86).

É possível observar que o lazer vem ganhando importância e reconhecimento na vida dos brasileiros, pelas próprias instituições públicas, ao elaborar leis que garantem este direito. No entanto, é preciso que estas sejam praticadas e se transformem em instrumentos reais para possibilitar aos cidadãos acesso ao lazer.

Para discutir a importância do lazer, atualmente, é preciso definir primeiramente os termos a serem usados. De quais atividades estamos falando quando nos referimos a lazer?

Apesar de todas as dificuldades sobre o tema, as quais já foram elencadas anteriormente, e considerando que o tema ainda é relativamente recente no campo das ciências, faremos uma discussão sobre alguns conceitos, não com a intenção de criticar, mas de conhecer algumas das perspectivas sob as quais o lazer é tratado, e assim, poder eleger a mais adequada ao nosso estudo.

2.1.2 Lazer: conceitos, finalidades e características

A palavra lazer vem do latim *licere*, ser lícito, ser permitido; e do arcaísmo *lezer*, que significa folga, descanso, ócio. Apesar da simplicidade literal, encontrar uma definição para a palavra lazer não é uma tarefa fácil. Ainda que essa palavra esteja muito presente no nosso cotidiano, é difícil precisar um significado único. As dificuldades estão desde o risco de se cair em uma visão parcial, considerando algumas atividades como lazer e outras não (por exemplo, pescar pode ser prazeroso para alguém, enquanto que para outros não), e ainda tratar este tema como supérfluo, diante de tantas outras necessidades sociais.

Por trás da aparente banalidade das práticas de lazer, existem muitos problemas e desafios sociais. Deste modo, questiona-se: – Por que o lazer tem de ser tratado como privilégio de algumas classes? Por que está acontecendo grande mercantilização? Como as cidades podem oferecer aos seus moradores espaços

para estas práticas? A necessidade de diversão e descanso existe somente para os mais ricos?

Várias atividades podem ser consideradas lazer: conversar com um amigo, jogar videogame, fazer uma caminhada, praticar um esporte, assistir a uma peça de teatro, dormir, jantar em um restaurante, cuidar de plantas, ler, dentre várias outras. No entanto, uma atividade pode ser considerada lazer para uma pessoa, enquanto que para outra não. É difícil definir o que é uma atividade de lazer, pois estas têm caráter subjetivo.

Gutierrez (2001) afirma que apesar dos esforços de muitos autores, o tema lazer ainda não está consolidado dentro das ciências humanas e o chama de “quase clandestino”. Este fato traz muito prejuízo, uma vez que enfraquece o debate sobre o tema; porém, por outro lado, afirma o autor, está mais livre de conceitos tradicionais.

Marcellino (2006) destaca dois aspectos importantes para melhor entendimento do lazer: a atitude e o tempo. O autor afirma que o lazer pode ser considerado uma atitude, ou seja, uma satisfação provocada por algum tipo de atividade. Quando considerado o fator tempo, destaca as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho como lazer. É necessário, no entanto, que estes dois fatores sejam combinados para um melhor entendimento do que seja o lazer; como afirma Lima: “O que se percebe é que se torna indispensável uma compreensão ampla das questões temporal e atitudinal quando se analisam as possibilidades de lazer na sociedade atual” (2006, p. 78).

Há uma tendência que considera apenas atitude, sem considerar que é preciso um tempo livre para o lazer. No entanto, o trabalho requer obrigatoriedade, por isso mesmo proporcionando prazer, não pode ser considerado lazer. A outra ênfase é no tempo livre. Não é preciso apenas tempo para que aconteça o lazer. Como exemplo, temos os desempregados com muito tempo livre, o qual para eles, no entanto, é um martírio e não lazer.

Nas sociedades pré-industriais da época atual, encontramos numerosos trabalhadores que o subdesenvolvimento tecnológico priva de empregos, ou os condena a empregos esporádicos de curta duração. Não falaremos, então, de tempo liberado, muito menos de lazer, mas de tempo desocupado (DUMAZEDIER, 2008, p. 27).

Dentre as diversas definições sobre lazer, existentes no campo sociológico, Dumazedier (2008) destaca quatro: a primeira considera que o lazer não é uma

categoria específica, pois pode estar presente em qualquer atividade do cotidiano (até mesmo no trabalho), seria então mais uma atitude do que uma atividade (visão psicológica); a segunda concepção contrapõe lazer e trabalho, todas as atividades que não fossem enquadradas no trabalho profissional seriam, portanto, lazer (visão dos economistas); a terceira exclui do lazer, além do trabalho profissional, as obrigações familiares; por último, tem-se a concepção que considera o lazer como o tempo livre das obrigações dos campos trabalhista, familiar, político e espiritual.

Para Dumazedier (2008), a última definição é a que melhor caracteriza o lazer, uma vez que as demais consideram tempos destinados para afazeres domésticos, participação em instituições políticas ou religiosas como lazer. Desta forma, o autor elabora o seguinte conceito para lazer:

Como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se, de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua formação ou informação de forma desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2008, p. 91).

Além de atividades, alguns autores consideram também o ócio como uma forma de lazer, como é o caso de Marcellino:

Cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. É fundamental como traço definidor o caráter desinteressado dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2008, p. 13).

Observamos que, para ambos os autores, o lazer é caracterizado pelo caráter voluntário e descomprometido que o envolve. São atividades em que a pessoa busca apenas satisfação pessoal que pode ser adquirida pelo descanso, por jogos, por vivência social ou até mesmo por algum tipo de aprendizagem.

Para Camargo (2008), o lazer tem algumas propriedades: escolha pessoal, gratuidade, prazer, liberação. No entanto, adverte que, considerando as limitações de escolha existentes na sociedade, impostas pelo nosso modo de produção, convenções culturais e sociais e modismos, não se pode falar em total liberdade para escolher o tipo de lazer, somente em uma maior liberdade do que no trabalho:

Um operário decide mais livremente sobre o seu lazer após o expediente – se vai ficar bebendo e conversando com os amigos ou se vai para casa assistir uma novela – do que sobre a sua rotina de trabalho, normalmente determinada por outros [...] por livre escolha no lazer, entende-se assim a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação (CAMARGO, 2008, p. 10-11).

Outra característica primordial para definir o lazer seria o seu caráter gratuito e desinteressado. No tempo destinado ao lazer não há uma preocupação em obter lucro, mas somente fazer pelo prazer. O prazer é outra propriedade do lazer: “em toda escolha de lazer, existe o princípio da busca do prazer” (CAMARGO, 2008, p. 12). Além da gratuidade e do prazer, a liberação, busca libertar das obrigações, da rotina, do cansaço que o cotidiano do trabalho impõe. O trabalho pode ser considerado enfadonho, assim, o lazer tem o papel de recarregar as energias, e existem, ainda, os casos em que a jornada de trabalho é tão intensa que o tempo livre é visto, fundamentalmente, como um tempo de descanso.

Para melhor definição do objeto lazer, utilizaremos as características propostas por Dumazedier (2008). O autor considera o lazer como um fato social, portanto, não pode ser tratado de forma isolada dos outros; ou seja, este se relaciona com o trabalho, com a educação, a família, a política e a religião. Mas possui quatro características que o distingue de qualquer outra esfera social, são elas: o caráter liberatório, o caráter desinteressado, o caráter hedonístico e o caráter pessoal.

O lazer resulta de uma livre escolha, mesmo dentro de limitações e modismos, e implica liberação de obrigações de trabalho e familiares, considerando o fator tempo. Desta forma, ele ocorre quando o indivíduo se liberta de suas obrigações com o trabalho profissional, com a família, com as instituições sociopolíticas e socioespirituais. As atividades praticadas como lazer não têm nenhum interesse financeiro, utilitário, ideológico ou proselitista, por isso são desinteressadas.

Quando o indivíduo pratica alguma atividade de lazer, com algum outro interesse, que não seja sua satisfação pessoal, por exemplo, no momento em que alguém vai a uma festa na empresa para agradar ao patrão, fala-se aí não mais em lazer, temos um semilazer, como define Dumazedier: “é uma atividade mista em que o lazer é misturado a uma obrigação institucional” (2008, p. 95).

O lazer ocorre por uma busca pessoal da satisfação de uma necessidade individual, por isso é hedonista, pois, mesmo se dando dentro de uma coletividade, o indivíduo tem como objetivo a sua felicidade ou prazer. Daí também vem o caráter pessoal do lazer, ou seja, de escolhas próprias. Cabe observar que estas escolhas podem estar condizentes ou controversas ao aceitável pela sociedade: “Ele oferece a possibilidade da pessoa libertar-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento autorizado ou interdito pela sociedade” (DUMAZEDIER, 2008, p. 96).

Outro conceito de lazer é trazido por Gutierrez (2001), em que o autor o define como qualquer busca pessoal de prazer. Observa-se que, nesta visão, é desconsiderado o fator tempo, ou seja, é uma atividade que pode ser praticada até mesmo no horário do trabalho. Para defender sua visão, o autor afirma:

Um conceito assim amplo possui algumas vantagens: adapta-se bem as manifestações mais comuns de lazer, como práticas esportivas, culturais, jogos, etc. e evita, a tentação de propor recortes gerais, ignorando a especificidade empírica do objeto estudado (GUTIERREZ, 2001, p. 69).

O autor afirma que, por meio de novas tecnologias, é possível realizar atividades de busca de prazer mesmo no horário do trabalho, por exemplo, com jogos e internet: “querer segmentar claramente o tempo de trabalho e de lazer parece cada dia mais difícil e inútil como contribuição ao pensamento da área” (GUTIERREZ, 2001, p. 69).

A visão de que o trabalho pode ser considerado lazer pode se aplicar a alguns tipos de trabalhadores; entretanto, mesmo estes têm que cumprir objetivos, e recebem algum tipo de remuneração da qual retiram sua subsistência. Assim, já não é uma atividade desinteressada. Podem existir ainda os casos em que o trabalho pode ser lazer, ou seja, não significa uma obrigação, mas sim uma fonte de satisfação. Contudo, esta é a realidade apenas de uma minoria da população, por isso não consideraremos este como lazer.

Padilha (2006) descreve duas visões para o lazer. A visão funcionalista, em que o lazer, como as outras partes da sociedade, exerce uma função para o equilíbrio do todo; nesse caso, o lazer seria visto como uma válvula de escape, uma forma de recarregar as energias para o trabalho. A outra visão é a marxista, que vê a

sociedade não como um lugar de equilíbrio, mas de desequilíbrio. Neste caso, o lazer não é o mesmo para todos nem exerce a mesma função para todos.

Para a referida autora, a sociedade é formada por diferentes classes sociais; logo, as condições materiais não são as mesmas para todos, e, conseqüentemente, os tipos de lazer são diferentes. Na sociedade capitalista, o lazer é transformado em mercadoria.

Adotaremos o conceito de lazer elaborado Dumazedier (2008) que considera os fatores tempo e atitude na sua análise, e exige um total desembaraço de todas as outras atividades, para que este aconteça. Consideraremos também a especificidade do lazer na sociedade capitalista que o transforma em mercadoria a ser vendida. As novas tecnologias e a mídia criam novas formas de lazer que substituem práticas antigas. O problema é que estas novas formas são produtos que não estão acessíveis a todos.

Outra questão que pode ser abordada é o crescimento pessoal oportunizado pelo lazer. Apesar de existirem visões discordantes sobre o conceito de lazer, é ponto comum entre elas o fato de que o lazer contribui para a edificação do indivíduo: “todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade” (DUMAZEDIER, 2008, p. 20).

A admissão da importância do lazer na vida moderna significa considerá-lo um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para implantação de uma nova ordem social. [...] o lazer não pode ser entendido como simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais (MARCELLINO, 2006, p. 16).

O uso do tempo livre pode ocorrer de diversas formas, por isso a preocupação de muitos governos em controlar este tempo. Ao tempo em que pode servir como uma busca pessoal, estas escolhas podem implicar em mudanças mais amplas, quando, por exemplo, é utilizado para o aprendizado e reflexão, ou ainda, na participação em entidades e associações.

Para ilustrar a importância do lazer na vida social, Dumazedier (2008) relata resultados de estudos e pesquisas feitas sobre o tema. Sobre a preferência pelo aumento do salário ou maior tempo livre, o autor destaca que a maioria dos trabalhadores pesquisados optou pela segunda opção. Outra questão é como os

trabalhadores utilizavam este tempo livre, apesar de alguns praticarem atividades extras (bicos); assim, ficou constatado foi que a maior parte destinava este tempo para atividades de lazer.

A relação entre lazer e sociedade é dialética, ou seja, cada um exerce mudança sobre o outro – quando a sociedade muda o lazer muda, e os tipos de lazer também mudam a sociedade. Um exemplo desta relação é a mudança no lazer das crianças. Com uma sociedade mais violenta e individualista, e a crescente tecnologia, as brincadeiras de roda nas ruas são substituídas pelos jogos eletrônicos e programas de TV.

O tempo do lazer surgiu da sociedade, portanto, este vai variar conforme cada cultura, organizações econômicas, sociais e políticas que influenciam na quantidade de tempo livre do indivíduo, como também nos tipos de atividades possíveis para o desfrute do lazer. No entanto, este lazer pode gerar uma atitude questionadora, quando o tempo livre é utilizado para a reflexão e organizações sociais e comunitárias: “um tempo que pode ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural necessárias para solapar a estrutura social vigente” (MARCELLINO, 2008, p. 13).

Algumas atividades praticadas como lazer – que trazem prazer para o indivíduo, como ler, assistir a filmes e conversar com os amigos – podem trazer conhecimento e reflexões, funcionando também como um momento de aprendizado. Destaca-se, então, o lazer como portador de um potencial educativo: “veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social” (MARCELLINO, 2008, p. 13).

Por tudo o que foi exposto, podemos considerar que o tempo do lazer pode ser um tempo de mudança. O encontro social, a reflexão, a participação comunitária, como também as leituras feitas neste período podem contribuir para o despertar de maior consciência crítica no cidadão. No entanto, não podemos esquecer que o lazer pode servir também para consolidar a ordem existente, quando este é pautado no consumo e é ditado por leis de mercado e propaganda.

O ócio libera e desaliena em relação ao trabalho, mas tolera suas próprias alienações, por exemplo, a passividade e a não participação no espetáculo – TV, cine – ou facilidades das sociedades do ócio, clubes e colônias de férias [...] ciberneticizam a cotidianidade,

carregada de significações redundantes e repetitivas que alienam a vida (LEFEBVRE apud SILVA, 2004, p. 57).

É notório que a questão do lazer não pode ser tratada isoladamente de outras questões sociais, como trabalho e educação, pois é o tempo do não trabalho que determina a quantidade de lazer, visto que a cultura de cada sociedade definirá a importância deste e como ele será vivenciado. Da mesma forma que pode ser um tempo utilizado para a educação e desenvolvimento social, contribuindo para a politização da sociedade, pode ser apenas desfrutado com atividades livremente escolhidas ou mesmo direcionado por modismos de consumo.

A respeito do aumento da participação sociopolítica no tempo liberado do trabalho, Dumazedier (2008) relatou estudos que comprovaram que o maior tempo conquistado pelos operários não foi totalmente incorporado à militância política, pois a maioria dos trabalhadores optou por atividades de lazer, o que reforça a necessidade deste para os indivíduos:

Uma parte do tempo liberado favoreceu incontestavelmente as atividades de engajamento político, tal qual o desejava Engels, como o dissemos antes: no seio das minorias, a extensão do lazer não reduziu o exercício do dever político; entre elas as lutas ideológicas continuam bem vivas. A vida política neste sentido permanece bem viva e o fim das ideologias não virá amanhã [...]. Porém, para a maioria, nas sociedades industriais avançadas, o tempo liberado é controvertido não em atividades políticas, como o previa Engels, mas em atividades de lazeres e isto em todas as classes sociais (DUMAZEDIER, 2008, p. 53).

Não é objetivo deste trabalho discutir o mérito do lazer, para alienar ou libertar uma sociedade, mas avaliar a sua importância na vida contemporânea, marcada por uma supervalorização do trabalho, da tecnologia, das relações virtuais, da mídia, do *fast food*. Neste mundo, que fica cada vez menor pelo encurtamento das distâncias, trazido pela evolução dos transportes e comunicações, os homens se distanciam do convívio pessoal, as relações de vizinhança são prejudicadas, o lazer simples e gratuito do convívio social, do bate papo na calçada, da brincadeira de roda das crianças ficou comprometido pela violência que a rua configura.

O enclausuramento social privilegia o lazer praticado em espaços privados: *shoppings centers*, clubes, cinemas, entre outros. Estes, no entanto, não possuem o mesmo potencial de sociabilidade dos espaços públicos, uma vez que são espaços

marcados pela homogeneidade e tentam reproduzir características globais diminuindo as particularidades locais:

Em contrapartida a retração dos espaços públicos a o surgimento de outros espaços para o encontro social como os shoppings centers, os parques temáticos, as feiras, no entanto, estes não têm como princípio o encontro com o diferente, pelo contrário prezam pela homogeneidade dos indivíduos que os frequentam (GOMES, 2004).

Quem pode pagar constrói uma casa grande com espaço para as brincadeiras das crianças, para o encontro familiar; mas esta não é a realidade da maioria dos brasileiros, os quais vivem nas periferias, em espaços extremamente compartimentados, casas pequenas e, muitas vezes, sem áreas livres.

Os folgedos populares ficam cada vez mais escassos, pois a tradição que passava de pai para filho não tem mais tempo para se perpetuar, uma vez que a mídia valoriza culturas estrangeiras que acabam sendo adotadas. O tempo livre é cronometrado e, muitas vezes, não é desfrutado com lazer, mas com outras obrigações.

Para este trabalho, consideramos lazer como as atividades praticadas no tempo livre do trabalho e de outras obrigações que proporcionam prazer ao indivíduo:

Acreditamos ser a um só tempo mais válido e mais operatório destinar o vocábulo lazer ao único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último. Este tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas (DUMAZEDIER, 2008, p. 90).

Dentro desta questão, buscamos verificar como a produção do espaço urbano pode contribuir para a realização de algumas destas atividades, pois é nele que vive a maioria dos brasileiros.

Outra possibilidade que pode ser alcançada pelo estudo do lazer de uma sociedade é a diferenciação entre as classes sociais, o que define, entre outras nuances, o acesso aos bens materiais e culturais, o espaço ocupado, os lugares frequentados, as opções de lazer acessíveis; ou seja, a sociedade capitalista é contraditória não só no campo do trabalho, mas também no lazer, no momento em que este ultrapassa a esfera emocional e chega às relações mercadológicas.

A transformação da cultura em mercadoria e sua correspondente massificação e consumo como atividade de lazer terminam por delimitar um campo particularmente rico para a percepção das condições e tensões contemporâneas (GUTIERREZ, 2001, p. 67).

Consideramos, portanto, que a busca pelo lazer, feita pelo indivíduo, possui certa subjetividade e liberdade. Esta última encontra limites como a mercantilização de algumas atividades e até de alguns espaços. Os espaços que eram públicos tornaram-se marginalizados, e novos espaços foram criados para serem vendidos, excluindo as camadas da população que não podem pagar por elas.

A esfera do lazer nos revela muito sobre a sociedade em muitos aspectos: a cultura, o conjunto de regras explícita ou implicitamente estabelecidas, a estrutura de classes, os modismos, a ética e a moral, isto no campo do imaterial. No lado material, as condições de infraestrutura também ampliam ou restringem este campo, a falta de espaços, equipamentos e mobilidade influenciam na qualidade do lazer, o qual incide na análise geográfica a fim de entender como esta esfera é importante para a vida em sociedade, de modo que é imprescindível verificar se o meio (espaço) possibilita atividades de lazer na contemporaneidade, o que se torna mais urgente no que se refere ao espaço urbano.

Sobre os tipos de lazer, considerando o fator tempo na conceituação do lazer, usaremos a distinção feita por Dumazedier (2008) que considerou quatro períodos de lazer: o do fim do dia, o do final de semana, o do final do ano (período de férias) e do fim de vida (a aposentadoria). Nesses períodos, tem-se a possibilidade de desfrutar do lazer, desde que já não se tenha comprometido com outros tipos de obrigações.

No que se refere ao aspecto da atitude, vale destacar o fator subjetivo na escolha do tipo de lazer a ser praticado. Mesmo com todas as limitações já comentadas anteriormente, o indivíduo, em maior ou menor grau, pode eleger dentre uma série de atividades, as que para ele trazem maior realização pessoal. Dessa forma, temos a multiplicidade de lazers.

Existem várias classificações para as atividades de lazer. No Brasil, ouve-se muito falar em atividades esportivas, recreativas e culturais. As atividades esportivas englobam a prática de esportes; estes são realizados segundo regras; o recreativo seria livre e o cultural seria aquele que envolve algum tipo de arte ou conhecimento.

Utilizaremos a classificação dos conteúdos de lazer proposta por Dumazedier (2008), que os classificou em cinco áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais e os sociais. Podem abranger, desta forma, manifestações artísticas, leituras, prática esportiva, passeios, artesanato, convívio social, dentre outros.

Camargo (2008) acrescenta a categoria do lazer turístico. As viagens são uma oportunidade de mudança de rotina e paisagem. É a oportunidade de, mesmo por um curto período, fugir do cotidiano e viver novas experiências. Há ainda, o turismo local, como a ida a *shopping centers*, shows, parques, museus. Assim como o lazer artístico, este tipo de lazer é acessível a apenas a uma pequena parte da população, por isso não foi considerado nesta pesquisa.

O autor ainda levanta a discussão a respeito do lazer como simplesmente não fazer nada. É preciso se fazer alguma coisa para ser considerado lazer? O devaneio não pode ser considerado uma prática de lazer? E responde afirmando que o lazer é sempre fazer alguma coisa.

As atividades físicas de lazer seriam aquelas realizadas no intuito de se exercitar fisicamente. Podem se dar também pela simples contemplação, ou ainda pelo interesse associativo nessas atividades.

Aqui se incluem as caminhadas, a ginástica, o esporte e atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias, estádios ou não técnicos, como ruas, residências, terrenos baldios, praias (CAMARGO, 2008, p. 20).

As atividades manuais são aquelas que se relacionam com o prazer de manusear, transformar objetos. É o ato de criar com as próprias mãos que pode significar tanto um contato com a natureza, a volta à vida rural, ou uma fuga da sociedade industrial, em que se encontra tudo pronto. “O ato de criar com as próprias mãos é cheio de simbolismo” (CAMARGO, 2008, p. 12). Já as atividades artísticas são as que buscam o imaginário, o sonho, o faz de conta: “é a prática ou assistência de todas as formas de cultura erudita, conceituadas como arte, tais como: cinema, teatro, literatura, artes plásticas etc.” (CAMARGO, 2008, p. 23). As festas, a decoração e a maquiagem ainda podem ser agrupadas neste tipo de atividade.

A busca pelo conhecimento, pela satisfação de alguma curiosidade ou o desejo de saber algo novo pode ser considerado como lazer, sendo uma atividade intelectual de lazer. A sociabilidade e contato com outras pessoas, o convívio familiar, a frequência de grupos são considerados como atividades associativas de lazer.

Marcellino (2008) afirma que os estudos de lazer devem considerar a cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações, combinando tempo e atitude. Esta cultura deve ser entendida no sentido amplo, não somente como os conteúdos artísticos. Considera que o lazer não deve resumir-se à prática de uma atividade, ou seja, pode incluir também a assistência de alguma atividade ou até mesmo o ócio.

Não obstante o grande leque de atividades que podem ser consideradas de lazer, este não é vivido igualmente pela população. Em linhas gerais, pode-se dizer que o acesso ao lazer pode ser restrito devido a fatores como: condição socioeconômica, faixa etária, grau de instrução, o sexo e o tempo.

Dessa forma, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, o acesso ao espaço, a questão da violência crescente nos centros urbanos, entre outros fatores, limita o lazer a uma minoria da população, principalmente se considerarmos a frequência na prática e a sua qualidade (MARCELLINO, 2006, p. 16).

A sociedade capitalista é marcada por contradições e desequilíbrios. As desigualdades de acesso aos meios de produção são refletidas no acesso aos serviços de educação, saúde, transporte e também de lazer. Acrescenta-se aí, sobremaneira, o acesso ao lazer, uma vez que este é cada vez mais transformado em mercadoria, o que restringe o seu acesso conforme o poder aquisitivo das pessoas.

Apesar de ter se tornado uma necessidade social com o advento dos horários rígidos do trabalho e a separação deste com o lúdico, o tempo para lazer é reduzido a muito pouco para muitas pessoas, para maioria se considerarmos países pobres. No que se refere à liberdade individual de escolha sobre a atividade de lazer, o leque de opções é muito reduzido, por conta de fatores estruturais, como a falta de recursos e de insuficiência de espaços públicos onde estas atividades possam ser praticadas. Até mesmo a casa, unidade primeira de realização deste lazer, para muitos, é apenas um sonho; para outros, é um espaço pequeno, apenas o necessário para a sobrevivência diária.

É evidente que o lazer não possui a miraculosa propriedade de anular os condicionantes sociais, nem de instaurar o reinado da liberdade absoluta, mas a liberdade de escolha dentro do tempo de lazer é uma realidade mesmo que limitada e em parte ilusória (DUMAZEDIER, 2008, p. 58).

Embora seja na escolha do lazer que o indivíduo tem mais liberdade que no trabalho, é ilusório pensar que esta liberdade é total, uma vez que a condição social e espacial restringe sobremodo suas possibilidades de lazer.

A sociedade atual encontra-se ainda longe da meta da liberdade e dos direitos sociais para todos. Dificilmente, alguém pode dizer-se totalmente livre para a escolha do tipo de lazer, porque, na prática as possibilidades temporais e espaciais reais limitam, muitas vezes, as preferências individuais (LIMA, 2006, p. 82-83).

Trataremos agora, particularmente, de um dos condicionantes do lazer que é o espaço, especificamente o urbano.

2.2 O lazer no espaço urbano: impasses e possibilidades

Para se estudar qualquer ação humana, faz-se imprescindível abordar a questão espacial. O espaço geográfico é aquele que abriga a sociedade e, com ela, mantém uma relação dialética. Se por um lado o espaço é construído socialmente, por outro, ele exerce fortes influências nos diferentes modos de vida. A visão geográfica sobre qualquer fenômeno social é importante para interpretar suas implicações espaciais, visto que todos estes acontecem em um determinado espaço.

O fenômeno do lazer não foge a esta regra. Qualquer atividade de lazer acontece em um espaço, este pode ser até mesmo fonte de lazer, ou, em outros casos, pode dificultar a sua ocorrência. Tanto nos espaços mais preservados do ponto de vista dos atributos naturais, com pouca interferência humana, quanto naqueles totalmente construídos e artificializados pelo homem pode acontecer alguma prática de lazer. Pretende-se com este estudo entender como o espaço urbano tem contribuído para esta esfera da vida social centrada no lazer.

Como já foi ressaltado, para que o lazer aconteça é necessária a existência de um espaço. Este pode ser real ou virtual. Com as novas tecnologias de jogos, Internet e redes sociais, novas formas de lazer são possíveis. Para esta pesquisa, consideramos apenas o espaço real, geográfico, transformado pelo homem, mais especificamente o espaço urbano.

Consideramos os conceitos trazidos por Santini (1993) para espaço e equipamento de lazer, a autora afirma que há duas visões sobre estes conceitos; na primeira, são vistos como sinônimos. Na segunda, os conceitos são diferenciados, o espaço é o suporte dos equipamentos, e estes são as estruturas que organizam o espaço em função de alguma atividade específica. Ficaremos com a primeira visão.

Com o avanço das técnicas, o espaço foi sendo modificado pelo homem e adquirindo novas formas, o que possibilitou novos espaços também para o lazer. O surgimento das cidades representou não só um aglomerado de pessoas com novas atividades econômicas, mas principalmente uma nova forma de vida, novas formas de se relacionar socialmente, novos trabalhos e, conseqüentemente, a institucionalização do lazer como um componente da vida social.

Desde a década de 1970, a cidade tem sido o espaço de moradia da maioria dos brasileiros. Este fato reflete um crescimento cada vez maior das cidades brasileiras, como afirma Santos (2008, p. 31): “Entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%”.

Nos dias de hoje, mais do que nunca, as cidades crescem de maneira rápida, dotar estas cidades de infraestruturas básicas e de espaços destinados as mais diversas atividades não vem sendo tarefa fácil para os agentes públicos. Neste contexto, torna-se muito importante estudar como as cidades são dotadas de equipamentos de lazer.

Como atualmente a maior parte das pessoas reside nas cidades, aumenta a necessidade de espaços destinados às diversas atividades pertinentes à vida humana no espaço urbano. Faz-se necessário que a terra urbana seja analisada, tendo em vista todas as funções, que pode exercer, de modo a possibilitar boas condições de moradia, circulação, trabalho e lazer. A compreensão do lazer nas cidades apresenta-se, assim, como tema de grande importância para as sociedades contemporâneas (LIMA, 2006, p. 17).

Os espaços ou equipamentos de lazer públicos na cidade são necessários para o bem-estar dos cidadãos, seja por proporcionar lugar para atividades físicas, brincadeiras, jogos, eventos culturais, ou ainda por representar um espaço para o contato com a natureza, tendo em vista a grande artificialização da paisagem que ocorre principalmente nas grandes cidades. O contato com a natureza pode ser feito durante passeios em praças e parques.

Os espaços públicos abertos são, a cada dia, mais necessários e de vital importância nos meios urbanos. Esses espaços podem agregar qualidade ao ambiente urbano, através do favorecimento de condições técnicas ligadas ao uso (funcionalidade), condições ambientais e sanitárias (salubridade) e condições de convívio e lazer (sociabilidade), além de fornecer atributos estéticos ao lugar (CUNHA, 2003, p. 31).

Além desse contato com a natureza, estes espaços podem propiciar o convívio social que hoje é tão prejudicado pelo isolamento das pessoas nas cidades. Sem o convívio não há uma formação de identidade e pertencimento a uma comunidade, dessa forma, as ações reivindicatórias são enfraquecidas:

Com o crescimento desordenado das cidades, agrava-se o isolamento de seus habitantes, e sua condição de passividade frente às decisões que afetam diariamente a sua vida diária. É perfeitamente lógica, nesse esquema de raciocínio, a falta de espaço para o lazer, quase sempre colocado numa falsa hierarquia de necessidades. Nas grandes cidades atuais sobra pouca ou quase nenhuma oportunidade espacial para a convivência (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2008, p. 138).

Quando promove o fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares, pode corroborar para se alcançar uma diminuição nos índices de violência. Além disso, é inegável a importância do lúdico para a educação e crescimento pessoal. Gutierrez (2001) cita a importância do lazer na educação infantil, na qual o lúdico é fundamental para a socialização, e amadurecimento intelectual das crianças, uma vez que é por meio de brincadeiras que estas têm contato com o outro e com o mundo do conhecimento.

O lazer também apresenta importante papel na valorização dos espaços da cidade: “em suma, podemos dizer que o lazer vem se tornando um poderoso instrumento de valorização do espaço, favorecendo o grande capital imobiliário e acentuando a natureza segregacionista da urbanização contemporânea” (MASCARENHAS, 2010, p. 151). Isso pode ser observado na cidade de Teresina, principalmente na presença de maior oferta de equipamentos de lazer privados na zona Leste da cidade, estes funcionam como elemento agregador de valor.

Outro aspecto a ser considerado é o patrimônio ambiental urbano; ou seja, os espaços com valor histórico, social, cultural ou afetivo. A preservação destes espaços contribui para uma melhoria de qualidade de vida das grandes cidades, uma vez que a industrialização e a urbanização muitas vezes acabam por tornar

menos agradáveis as paisagens citadinas. Além disso, a preservação destes locais contribui para aumentar sua identidade.

Apesar de estar claro o entendimento do lazer como necessidade humana, ainda existem muitos fatores que limitam a sua vivência. Marcellino (2008) denomina-os de barreiras interclasses sociais e intraclasses sociais. As primeiras são as de ordem econômica, que limitam o lazer por falta de recursos financeiros, estas atingem de forma mais evidente as classes menos favorecidas. As barreiras intraclasses são as de gênero, as de faixa etária, preconceito e as de meio ou espaço.

Dessa forma, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o gênero, entre outros fatores, limitam as oportunidades de práticas do lazer. São indicadores indesejáveis e necessitam ser atacados por uma política que objetive a democratização do lazer (MARCELLINO, 2008, p. 14-15).

Dentre as dificuldades em se vivenciar o lazer está o tempo dispendido nos deslocamentos longos. Santos (2000) destaca a mobilidade ruim nas cidades, resultado de serviços de transporte público precários:

Como morar na periferia, é na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins. Ruins e demorados (SANTOS, 2000, p. 47).

O crescimento das cidades gerado pelo aumento da população muitas vezes origina um déficit nos equipamentos de lazer. Os novos bairros, conjuntos habitacionais ou até mesmo vilas e favelas que vão surgindo para abrigar aquela população de menor poder aquisitivo, que foi expulsa dos centros ou composta por migrantes, carecem de estruturas de lazer, as quais aos poucos vão sendo reivindicadas pela sociedade organizada em associações comunitárias (que se encontram enfraquecidas atualmente). Esse processo, no entanto, leva tempo, e quando o equipamento chega já não condiz com as reais condições da comunidade.

Se procedermos à relação lazer/espço urbano verificaremos uma série de descompassos derivados da natureza do crescimento de nossas cidades, relativamente recente e caracterizado pela aceleração e imediatismo. O aumento da população urbana não foi acompanhado pelo desenvolvimento de infraestrutura adequada, o que gerou desníveis na ocupação do solo e diferenciou marcadamente, de um lado, as áreas centrais ou os chamados pólos

nobres, concentradores de benefícios, e de outro a periferia, com seus bolsões de pobreza, verdadeiros depósitos de habitações (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2008, p. 134).

Além da falta de equipamentos de lazer, outro problema encontrado nas cidades é a centralização das áreas de lazer em bairros maiores e áreas nobres. Por serem mais antigos e com maior organização reivindicatória junto ao agente público, estes bairros conseguem mais benefícios. Os novos conjuntos habitacionais destinados às classes de renda menor, muitas vezes, são pensados sem dispor de áreas livres para o lazer da população. Os espaços livres, quase sempre, pertencem a promotores imobiliários ou proprietários fundiários que usam a terra para especulação. A ausência destes equipamentos é ainda mais grave em bairros originados a partir de ocupações irregulares, “invasões” e favelas que surgem sem o mínimo de estrutura básica.

Justamente as pessoas que não podem contar com as mínimas condições para a prática do lazer em suas residências e para quem o transporte adicional, além de economicamente inviável, é muito desgastante. Nesse processo cada vez menos encontramos locais para os folguedos infantis, para o futebol de várzea, ou que sirvam como pontos de encontro de comunidades locais (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2008, p. 135).

A falta de espaço se configura hoje como uma das barreiras que podem dificultar o lazer. É visível nas grandes cidades a centralização dos equipamentos de lazer. Os teatros, ginásios poliesportivos estão restritos a alguns espaços, enquanto a maioria da população é empurrada para a periferia pelo encarecimento das moradias nas cidades. A infraestrutura espacial não acompanha o crescimento demográfico urbano. Para tornar o lazer mais acessível, primeiramente, é preciso pensar que todos os cidadãos têm o direito a cidade, e, dessa forma, os espaços de lazer devem ser concebidos de forma mais democrática possível.

O urbano que é criado à luz do sistema capitalista é o resultado de interesses econômicos; reflete a própria sociedade, ou seja, possui diferenciações ou segregações.

Da diferenciação da localização das classes sociais no espaço urbano e na fragmentação da cidade, evidencia-se a segregação espacial da cidade capitalista, verificada basicamente devido ao diferencial que cada grupo social tem de pagar pelo lugar que ocupa, o qual apresenta, além de características construtivas diferentes, também características distintas do seu entorno (LIMA, 2006, p. 46).

As infraestruturas urbanas são melhores nas áreas nobres e precárias habitadas pela população mais pobre. Esse é um aspecto que reforça a tendência de segregação espacial e que se reflete também no acesso ao lazer. Outra questão é que, enquanto o grupo social com maior condição financeira pode pagar pelo lazer, as camadas excluídas dependem do que o poder público oferece (ou devia oferecer) para o gozo deste direito.

O processo desenfreado da urbanização não teve um desenvolvimento da infraestrutura compatível ao aumento do contingente populacional, resultando em dimensões espaciais urbanas desorganizadas, podendo diferenciar marcadamente, de um lado as áreas centrais, concentradoras de benefícios, e de outro a periferia, verdadeiro depósito de habitações (MARCELLINO, 2006, p. 25).

Esses descompassos são visíveis à realidade de Teresina, onde os equipamentos culturais estão concentrados no Centro, os parques urbanos com melhor estrutura estão na zona Leste. E os espaços de lazer de forma geral estão concentrados nos bairros maiores ou mais antigos de cada zona, sendo que muitos bairros ainda não possuem nenhum tipo de equipamento de lazer.

No Brasil, o lazer é considerado um direito de todos. A Constituição de 1988 considerou o lazer como um direito social e estabeleceu no seu Capítulo II: “Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

Apesar de ser um direito reconhecido, os espaços públicos urbanos ainda não são capazes de oferecer o lazer a seus moradores na sua totalidade. Isso se deve ao fato de que a infraestrutura urbana necessária para a qualidade de vida da população está em descompasso com o crescimento espacial e populacional das cidades, o que gera déficits quantitativos e soma-se ainda a depredação dos espaços existentes. Marcelino (2008, p.140) afirma: “a grande maioria das nossas cidades não conta com um número suficiente de equipamentos específicos de lazer para o atendimento da população”.

Também é preciso considerar a necessidade de construir espaços de lazer próximos dos locais de residências das populações mais pobres. Conforme já abordado, as jornadas de trabalho da maioria da população, as distâncias a serem percorridas e as dificuldades de deslocamento são aspectos que se agravam em

muitas cidades, se nos basearmos no custo e na ineficiência dos sistemas de transportes públicos.

A maior parte da população, no entanto, tem de usufruir o lazer local: cinema, praças e até mesmo somente a rua, para aquelas pessoas de baixíssimo poder aquisitivo. O deslocamento dessas pessoas entre as cidades torna-se muito mais limitado em virtude do preço dos combustíveis ou das passagens de ônibus (SPOSITO, 2010, p. 53).

Um dos motivos para a falta de espaços de lazer nas cidades, segundo Dumazedier (2008), é que a cidade muitas vezes não é considerada como um centro de lazer, mas prioritariamente como um centro econômico, administrativo e militar; o seu estudo como lugar de convívio social, familiar e criação cultural é colocado em segundo plano.

Santos (2000) discute uma cidade construída para atender aos interesses econômicos, em detrimento dos interesses sociais, na qual muitos direitos são usurpados dos cidadãos como o direito ao entorno. Dentro desse quadro está a falta de espaços públicos de lazer: “O lazer na cidade se torna igualmente o lazer pago, inserindo a população no mundo do consumo. Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha e o ar puro, pela água, fica excluído do gozo desses bens, que deveriam ser públicos, porque essenciais (SANTOS, 2000, p. 48)”.

A falta de espaços de lazer nas cidades pode ser visualizada também por meio das grandes fugas que acontecem nos feriados. Filas de congestionamentos se formam nas saídas das cidades em direção a pontos turísticos, como exemplo do que acontece na cidade de Teresina, sempre que se tem um feriado prolongado. Ressalte-se, entretanto, que este lazer turístico não é acessível a todos: “Sintomas desse mau arranjo da vida urbana são encontrados no cotidiano das pessoas em geral e, mais particularmente, nas fugas grandiosas que se repetem em todas as ocasiões que a população tem oportunidade para tal” (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2008, p. 139).

A cidade é a materialização do trabalho, ou seja, o seu processo de produção tem como principal motor as forças produtivas, estas indicam o uso do solo urbano, ditando novas formas e configurações espaciais e até mesmo um novo ritmo de vida para as pessoas (CARLOS, 2005). A falta de planejamento prévio no surgimento das cidades contribui para o agravamento de vários problemas estruturais, sociais e ambientais, fazendo com que a cidade seja também um lugar de conflitos:

O processo desenfreado da urbanização não teve um desenvolvimento da infraestrutura compatível ao aumento do contingente populacional, resultando em dimensões espaciais urbanas desorganizadas, podendo diferenciar marcadamente, de um lado as áreas centrais, concentradoras de benefícios, e de outro a periferia, verdadeiro depósito de habitações (MARCELLINO, 2006, p. 25).

Dentre os problemas urbanos mais comuns está a falta de infraestrutura às cidades, para atender às necessidades de seus habitantes, como as de saneamento básico, transporte e lazer. Marcelino (2008, p.140) afirma: “a grande maioria das nossas cidades não conta com um número suficiente de equipamentos específicos de lazer para o atendimento da população”.

Não raramente, podemos nos deparar com o seguinte questionamento: – como investir em lazer em uma sociedade carente de tudo: saúde, alimentação, moradia, emprego, educação? Ao lazer serão destinados os recursos que sobrarem. É desta forma que o tema lazer tem sido colocado nos últimos lugares na fila das prioridades.

É preciso, no entanto, que estejamos atentos ao fato de que os problemas sociais não estão isolados, mas sim interligados, o que quer dizer que não é uma tarefa fácil eleger prioridades, uma vez que a melhora em uma das esferas resulta benefícios em outras; e que o descaso com uma provoca efeitos colaterais nas outras. Gutierrez (2001) chama esta visão de “etapista, segmentada e mecânica do desenvolvimento econômico” e acrescenta: “Este caso não se comprova pela observação de nenhuma sociedade. As opulentas são ricas em educação, saúde e lazer, e as pobres são pobres em saúde, educação e lazer” (GUTIERREZ, 2001, p. 113).

Por não ser considerada uma necessidade básica, como saúde, alimentação, moradia etc., o lazer não tem lugar de destaque nas discussões acerca dos problemas urbanos. No entanto, não se pode prescindir desta esfera da vida em sociedade, do usufruto de momentos de divertimento, o que se torna ainda mais necessário, tendo em vista a macrovalorização do trabalho e da produtividade que gera o estresse vivido nas cidades contemporâneas. Nesse contexto, o lazer vai ficando em segundo plano, esta tendência é também observada nas políticas públicas:

Essa compreensão é de certa forma referendada pelo próprio poder público, sempre mais preocupado com superávits, balanços positivos

e ajustes fiscais do que com outras dimensões também fundamentais para o bem estar humano. Nota-se como as secretarias de esporte, lazer e cultura estão entre as que menor valor recebe nas negociações políticas, por ocasião da montagem da equipe de governo, também estando entre as que são contempladas menor fatia do orçamento (MELO e PERES, 2005, p. 128).

É inegável a relação entre as várias necessidades de uma sociedade, o que inclui o lazer. Vários exemplos poderiam ser elencados: a relação entre saúde e educação, ao mesmo tempo em que pessoas mais saudáveis estão mais aptas para a aprendizagem, indivíduos mais educados com maior grau de escolarização são mais preparados para tomar medidas preventivas contra vários tipos de enfermidades; a relação entre saneamento básico e saúde, as condições ambientais da água, esgoto e resíduos vão influenciar diretamente no bem-estar dos habitantes de uma cidade.

No tocante ao lazer, podemos dizer que uma melhoria nesta esfera contribui para vários aspectos, desde a saúde, educação, convívio familiar, até a diminuição da violência. Um exemplo seria a importância das práticas esportivas e exercícios físicos no combate de várias doenças, não só físicas, mas também psicossomáticas. Com base neste pressuposto, muitas empresas investem na saúde de seus funcionários:

A ausência de espaços e momentos de distração e relaxamento é responsável por inúmeras doenças de fundo psicossomático, que podem evoluir até inviabilizar a atividade profissional ou a própria inserção social. Esta é uma constatação óbvia, a ponto de todas as grandes empresas pensarem em alternativas de lazer para os seus funcionários (GUTIERREZ, 2001, p. 114).

A importância do lazer é inegável para a sociedade atual, Dumazedier (2008) previu uma sociedade do lazer, pois, para ele, conforme a evolução econômica e de instrução de uma sociedade, seria reservado mais tempo e espaço para o lazer. Esta previsão ainda não se concretizou, o que se vê é uma priorização do lazer individual em detrimento do coletivo, e um dos condicionantes para isto é a escassez de espaços dedicados a isso.

O adensamento das construções, a diminuição das áreas verdes, o concreto, o enclausuramento provocado pela violência, as grandes distâncias geradas pelo espraiamento do tecido urbano, a diminuição das relações de vizinhança, o encarecimento e fragilidades dos sistemas de transportes públicos são consequências do processo de urbanização, principalmente quando este processo

não passa por um rigoroso planejamento, o que acontece na maior parte dos casos. Estes fatores tornam o espaço urbano um cenário pouco convidativo para o lazer, dessa forma é latente que sejam destinadas áreas para este fim.

A própria cidade converteu-se num meio e num instrumento de trabalho, num utensílio como a enxada na aurora dos tempos sociais [...] quanto mais o processo produtivo é complexo, mais as forças materiais e intelectuais necessárias ao trabalho são desenvolvidas e maiores são as cidades. Mas a proximidade física não elimina o distanciamento social, nem tampouco facilita os contatos humanos não funcionais. A proximidade física é indispensável à reprodução da estrutura social. A crescente separação entre as classes agrava a distância social. Os homens vivem cada vez mais amontoados em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros (SANTOS, 1982, p. 22).

Outro fator que aumenta a importância do espaço como condicionante do lazer é o tempo disponível. Para a maioria dos brasileiros, a jornada de trabalho é de quarenta e quatro horas semanais, sem contar as obrigações familiares, resta assim pouco tempo de lazer: “para a efetivação das características do lazer, é necessário, antes de tudo, que ao tempo disponível corresponda um espaço disponível” (MARCELLINO, 2008, p. 15).

Partindo do pressuposto de que o lazer é um importante componente para a qualidade de vida das pessoas, e sabendo que, atualmente, o urbano é o espaço de moradia da maioria da população do Brasil, é imprescindível estudar como a população urbana tem possibilidades de vivenciar o lazer na cidade. Neste sentido, percebemos que vários fatores dificultam esta vivência do lazer, como a falta de espaços, além da sua centralização e privatização, e ainda a violência nas cidades.

Outra questão a ser ponderada no tocante ao lazer nos espaços urbanos, como foi visto anteriormente, é a violência. Os espaços de lazer, muitas vezes, não são utilizados para o fim a que foram destinados por causa do medo da população, uma vez que os índices de violência nas cidades estão em uma onda crescente. Na cidade de Teresina, foi possível verificar este fato. Muitos moradores afirmam não frequentar praças, parques, quadras esportivas por causa da insegurança do local. Dessa forma, estes locais vão se tornando vias de passagem como afirma Marcellino: “com relação às ruas, e mesmo que se considerem as praças, quase sempre são concebidas como locais de acesso, de passagem, de locomoção. Transitá-las é uma aventura” (2006, p. 30).

A violência marginaliza os espaços públicos, inclusive os de lazer. As pessoas, por sua vez, buscam alternativas, seja sua própria casa, seja através de equipamentos privados. O lazer apresenta um mercado rentável que cria espaços para que as pessoas possam usufruir desses momentos, principalmente nas grandes cidades onde o espaço cada vez mais é escasso e se torna um produto valorizado. O espaço urbano é mercadoria, utilizado em empreendimentos lucrativos ou até mesmo para especulação imobiliária.

O próprio ato de consumir pode ser considerado lazer para alguns, pois a sociedade impõe valores que são adquiridos pelo ter e não pelo ser, o que faz do consumismo um grande mal da nossa sociedade capitalista: “a grande perversão do nosso tempo, muito além daquelas que são comumente apontadas como vícios, está no papel que o consumo veio representar na vida coletiva e na formação do caráter dos indivíduos” (SANTOS, 2000, p. 36).

O perigo do lazer pelo consumismo é que este não pode ser usufruído por todos. A todo momento são criadas novas formas de entretenimento pela indústria que visa aumentar seus lucros, essas são apropriadas pelos que podem pagar. No entanto, a maioria das pessoas permanece aquém dessas novas formas de lazer como viagens de turismo, parques temáticos, jogos eletrônicos, entre outras. Além disso, velhas práticas vão sendo abandonadas dando lugar ao consumo por si mesmo.

Com a criação de novos objetos oferece novas opções às classes médias, estas novamente aparecem como um exemplo a seguir, mas na verdade um exemplo impossível. É dessa forma que o consumo prossegue o seu trabalho ideológico, uma mitologia estranhada nas coisas, um ópio social mais eficaz que as religiões o foram no passado, já que se aliena das práxis individuais e coletivas experimentadas no próprio processo de vida: o trabalho, a casa, a educação, o lazer (SANTOS, 2000, p. 39).

A sociedade atual vem buscando a felicidade através do consumo; a evolução da indústria cria a todo o momento novos produtos para atender necessidades reais, mas também necessidades criadas, posto que além das mercadorias vendem-se serviços. Os meios de comunicação e a propaganda vendem estes produtos, ditam moda e prometem a felicidade pelo consumo.

Na busca pela posse de bens almejados tanto as elites como a classe média e as classes com menor poder aquisitivo são contagiadas de diferentes formas e sob abordagens diversas. Esta busca pela felicidade via consumo atinge todos os membros da sociedade (ORTIGOZA; LOMBARDO, 2011, p. 20).

Santos (2000) afirma que atualmente passamos de cidadão imperfeito para consumidores mais-que-perfeitos, tendo em vista a busca constante pelo consumo na sociedade capitalista. Para o autor, o consumo é o ópio da sociedade atual, na qual a fé é instalada por meio das coisas. A moda impulsiona o consumo e este é glorificado, diminuindo a noção de individualidade, o que enfraquece a cidadania e provoca uma submissão do sujeito ao objeto produzido (SANTOS, 2000). Lefebvre (1991) denomina esta sociedade como sociedade burocrática de consumo dirigido.

A análise desses autores permite perceber a magnitude do consumo na vida atual que perpassa por todas as esferas e chega até o lazer. Hoje as novas formas de lazer estão muito ligadas ao consumo.

Às necessidades socialmente criadas, acrescenta-se uma necessidade específica: o consumo de produtos e de bens não materiais. Dentre essas podemos considerar o desejo de lazer, que no cotidiano urbano tem local e hora para se realizar. Poucos têm o direito de satisfazer essa necessidade ou desejo, uma vez que sua satisfação é mediada pelo dinheiro, sendo submetida ao processo de compra e venda. Nesse sentido, a apropriação dos espaços da cidade ocorre como se os mesmos fossem objetos (MORAES et al., 2008, p. 103).

Os espaços de lazer compreendem tantos equipamentos públicos quanto privados. Atualmente, tem-se uma tendência à valorização do privado, o que traz novos tipos de espaços. Se antes os idosos se encontravam na praça, hoje, muitas vezes os *shoppings centers* assumem este papel; se antes as crianças brincavam na rua, perpetuando a cultura popular das cantigas de roda e as brincadeiras em grupo que fortaleciam seus laços de amizade, hoje, consomem produtos eletrônicos, como *vídeo games* e programas de TV, Internet. Ou seja, novos espaços de lazer são criados e vendidos, substituindo os espaços públicos. No entanto, estes novos produtos não são acessíveis a todos, aprofundando as desigualdades de acesso ao lazer.

A produção e reprodução das formas de lazer transforma-o em uma mercadoria rentável. E o avanço das técnicas e tecnologias surge para propiciar cada vez mais opções àqueles que podem pagar. É possível observar também uma tendência na construção de novas áreas para este fim como clubes privados, quadras de esportes privadas, cinemas, ampliação e projeto para a reforma e construção de novos *shoppings centers*, bares, restaurantes. Além disso, a cada dia, a construção dos condomínios fechados apresenta o lazer como um dos atrativos

destes empreendimentos: quadras de esportes, piscinas, parques, área para equitação, salão de festas. Enfim, os espaços de lazer entram no circuito da troca e cativam cada vez mais consumidores.

O lazer, na sociedade da diferença, também muda de sentido, passa a ser cooptado pelo desenvolvimento da sociedade de consumo. O lazer torna-se uma nova necessidade e, para satisfazê-la, produz-se uma nova atividade econômica, com ocupações específicas que engendram novos espaços e/ou novas formas de uso do mesmo espaço. Nesse sentido, espaços transformam-se com o objetivo de atrair clientela (REIS, 2006, p. 298).

Enquanto as classes sociais média e alta podem desfrutar de lazer em seus espaços privatizados, em seus condomínios fechados, as classes mais pobres, as quais não possuem muitas opções, necessitam de encontrar nos espaços públicos da cidade opções de lazer. No entanto, observa-se uma ineficiência do poder público em executar essa função. Os investimentos em equipamentos de lazer são feitos, na maior parte, pela iniciativa privada, dessa forma, o espaço público ou tem carência destes equipamentos ou os apresentam em má qualidade.

A falta de espaços de lazer públicos próximos e disponíveis faz com que os cidadãos busquem alternativas; o mercado encontra aí uma nova demanda. Além disso, as áreas ricas em elementos naturais, como rios, lagos, áreas verdes estão ficando escassas, haja vista os problemas ambientais que se agravam nas cidades. Na cidade de Teresina, em décadas passadas, o banho nos rios Poti e Parnaíba era uma prática de lazer; atualmente os níveis de poluição dos rios afastam as pessoas desses locais.

A busca por espaços privados de lazer é visualizada nas cidades por meio do aumento do número de clubes e espaços esportivos privados, e também dos *shoppings centers*. A cidade de Teresina (PI) é um exemplo claro disso, pois há dezoito anos não possuía nenhum *shopping center*, e, atualmente, possui dois e mais dois em construção. É possível constatar, dessa forma, que as mudanças culturais e espaciais estão criando novas formas de lazer, e estas priorizam o setor privado.

O próprio espaço público é invadido pela iniciativa privada, o que pode dinamizá-lo, atraindo mais pessoas com novas atividades, como venda de lanches, aluguel de brinquedos para crianças, entre outras. Por outro lado, pode tornar estes espaços mais excludentes.

Se o lazer é colocado pela sociedade capitalista como um momento de consumo, o espaço para o lazer também é visto como um espaço para o consumo. [...]. Dessa forma, também os equipamentos de lazer, os espaços de convívio seguem uma tendência à privatização, incluindo aí áreas verdes que, como o próprio lazer, passam a ser “mercadorias” (MARCELLINO et al., 2008, p. 135).

A urbanização atual favorece a funcionalidade do espaço. Dessa forma, em busca de um maior aproveitamento deste espaço, tem-se o adensamento de construções (suprimindo áreas vazias que poderiam se tornar áreas verdes) descaracterizando o patrimônio ambiental urbano e contribuindo para diminuição dos laços de identificação da população e o seu lugar. Este “enfeimento” da cidade, dirigido pelos interesses imediatistas do capital pode trazer alguns efeitos: “a ação predatória, motivada pelos interesses imediatistas, ocasiona problemas muito sérios, que afetam a qualidade de vida e o lazer das populações contribuindo com a violência e a falta de segurança, inclusive” (MARCELLINO et al., 2008, p. 136).

A individualização e privatização do lazer trazem a supervalorização do lazer mercadoria em detrimento do lazer convívio social. Segundo Marcellino, Barbosa e Mariano (2008), o primeiro seria o entretenimento por si mesmo. No segundo, o entretenimento seria apenas um de seus componentes. Uma das razões para isto, apontadas pelos mesmos autores, seria a falta de espaços vazios urbanizados; ou seja, o entretenimento ocasionado principalmente por aparelhos eletrônicos, Internet atrai as pessoas que muitas vezes não encontram espaços para praticar outro tipo de lazer.

Ao considerar a cidade como espaço de lazer, relembramos a busca por espaços alternativos, como é o caso das escolas, as quais muito são citadas por possuírem pátios, auditórios, bibliotecas, áreas esportivas que poderiam ser usadas nos finais de semana pela comunidade local. No entanto, na prática, observa-se que estas iniciativas estão ainda muito fragilizadas, uma vez que esbarram no medo da depredação que sua abertura pode gerar. Por esse motivo, não consideramos para esta pesquisa os espaços de lazer disponíveis nas escolas, uma vez que ainda se encontram pouco utilizados pela comunidade extraescolar.

O conhecimento parcial e limitado do lazer reflete na ação dos órgãos públicos, na pesquisa sobre o tema e na legislação. O termo lazer é, por vezes, mal entendido e associado somente ao descanso e divertimento, esquecendo-se do papel no desenvolvimento pessoal e social que pode proporcionar. No Brasil, a

Constituição da República reconhece o lazer como direito social e que deve ser incentivado pelo poder público, como forma de promoção social. Observa-se, nesta formulação, o caráter assistencialista e de utilidade com que se trata o tema (MARCELLINO, 2008).

O poder público é um importante agente proporcionador de lazer, sobretudo para a população mais pobre, políticas de construção, estruturação, conservação e animação dos espaços públicos de lazer devem ser políticas urbanas constantes. Pesquisas de opinião revelam a importância representativa do lazer na vida das pessoas das grandes cidades (MARCELLINO, 2008).

Várias são as dificuldades para a realização do lazer nas cidades: o encarecimento do solo urbano, a segregação espacial, a falta de infraestrutura, o abandono dos equipamentos, a violência urbana e a mercantilização do lazer. Democratizar o lazer urbano requer várias iniciativas que incluem políticas específicas no campo do lazer, e, ainda, no sentido macro da sociedade, como políticas públicas de segurança, habitacionais, educacionais, de saúde e assistência.

No que se refere às políticas específicas de lazer, não é suficiente apenas a construção de novos equipamentos, isto é, espaços construídos para as atividades de lazer, é preciso também que os equipamentos já existentes tenham seu uso otimizado, o que inclui ações de revitalização, divulgação e preservação do patrimônio ambiental urbano.

Para se tornarem polos de desenvolvimento, as cidades precisam prever espaços de lazer que possam oferecer tanto aos moradores como aos visitantes áreas de recreação. Muitas vezes, considera-se apenas a cidade como um lugar de moradia, trabalho e circulação. Dumazedier (2008) enfatiza que muitas vezes os esportes e artes são incentivados na escola, mas ficam apenas na teoria, não sendo perpetuadas como uma prática, principalmente na vida adulta.

Para melhorar o lazer nas cidades, Dumazedier (2008, p. 166) sugere: “ruas sem carro para passeios, praças livres, espaços verdes, parques, terrenos de jogos, terrenos de esportes repartidos entre o centro da cidade, a periferia e os arredores”. Na cidade de Teresina, encontra-se uma iniciativa bem-sucedida: um trecho da Avenida Raul Lopes, zona Leste da cidade, é interditada durante os domingos à tarde para dar lugar ao passeio.

É preciso destacar também que a ineficiência do poder público em oferecer lazer aos cidadãos não diz respeito apenas à falta de espaços, mas envolve outras

questões como a conservação, a animação destes espaços, a segurança. Uma política pública para o lazer envolve muitas questões como já afirmava Dumazedier: “para tanto impõem-se uma política ousada de reforma da legislação, dos equipamentos e dos homens” (2008, p. 167).

Dentre os componentes de uma política de lazer, estaria a animação; ou seja, a movimentação por meio de atividades destes espaços e equipamentos. Esta consiste em necessidade latente observada no cotidiano, como o que aconteceu no Centro poliesportivo “Almeidão”, localizado no Bairro Itararé, zona Sudeste de Teresina. O local passou por grande reforma no ano de 2008, no entanto, o espaço que conta com quadras esportivas, pista de atletismo, campo de futebol e quadra coberta encontra-se abandonado por falta de uma política de animação. O local atualmente está depredado e serve como esconderijo para usuários de drogas. Este exemplo torna claro que somente a construção não é suficiente. Este não é um caso isolado, e se repete muitas vezes em Teresina, espaços de lazer em que foram investidos muito dinheiro e após meses já estão depredados e sem uso para o lazer, mas abrigando outras práticas como uso de drogas e servindo de abrigos para moradores de ruas.

Marcellino (2002) aponta como medidas para democratizar o acesso aos espaços públicos de lazer não somente a construção de equipamentos, mas a conservação dos já existentes, sua divulgação, “dessacralização” e o incentivo de uso por meio de políticas específicas e ainda a preservação do patrimônio ambiental urbano.

O patrimônio ambiental urbano (entendido como espaços que caracterizam as cidades por seu valor histórico, social, cultural, formal, técnico ou afetivo); e, além disso, os usos e costumes podem ser ainda mais preservados com a contribuição do lazer. Este patrimônio pode se constituir em novos equipamentos específicos de lazer, desde que sejam revitalizados e tenham sua preservação garantida.

Além da existência de equipamentos específicos de lazer Marcellino, Barbosa e Mariano (2008) apontam que é necessária a utilização de equipamentos não específicos, e sugerem: uma política habitacional que considere também áreas de lazer, uma política de animação para utilizar equipamentos não específicos e a preservação de espaços urbanizados vazios.

Outro fator a ser considerado é a integração do espaço de lazer com os demais espaços da cidade: “pode-se dizer que o espaço de lazer está em ‘migalhas’,

pois ele não é pensado segundo uma visão de conjunto” (DUMAZEDIER, 2008, p. 168). O planejamento de novos espaços de lazer pode contribuir para maior integração da cidade e, além disso, deve considerar a diversidade da população:

Este espaço é determinado pela população que o utiliza, pelo modo de vida dos diferentes meios sociais que o frequentam. Deverá ao mesmo tempo respeitar, desenvolver as diversidades culturais destes indivíduos para escapar a uniformização, à padronização, ao tédio social (DUMAZEDIER, 2008, p. 169-170).

Neste interim, além das diversidades culturais da população, é preciso priorizar atendimento a suas necessidades específicas, como é o caso dos idosos e dos portadores de necessidades especiais: “é importante observar a redução de barreiras arquitetônicas, pois estas impossibilitam as pessoas idosas e portadoras de necessidades especiais de usufruírem dessas áreas [...], afinal democratizar significa tornar acessível a todos. E ‘todos’ inclui crianças, adolescentes, idosos e portadores de necessidades especiais” (MARCELLINO et al., 2008, p. 142-143).

Outra característica do espaço do lazer preconizada por Dumazedier (2008) é o seu caráter temporal. O autor defende que sua utilização possa variar com o tempo, seguindo os quatro períodos disponíveis para o lazer: fim do dia, fim de semana, fim do ano e fim da vida. Aplicando ao nosso cotidiano, seria buscar formas de otimizar os espaços. Neste sentido, se enquadram as reformas de espaços já existentes. Podemos citar como exemplo o caso da Potycabana, construída em 1990: o parque visava à classe popular e oferecia banho de piscinas, toboáguas, quadra de esportes e shows musicais, hoje é uma área para a prática de esportes e eventos culturais. Esta mudança veio ao encontro de uma necessidade latente da população na atualidade, qual seja, a prática de exercícios físicos, que não era tão presente no contexto do primeiro projeto.

Por último, Dumazedier (2008) afirma que o espaço de lazer deve ser instalado geograficamente no lugar que melhor convém; para tanto, afirma ser preciso observar dois fatores: o grau de motorização ou deslocamento e a concentração populacional. Considerando a precariedade dos sistemas de transporte público, é latente que os espaços se localizem próximo às residências e principalmente nos bairros de maior densidade demográfica.

É notório que a vivência de um lazer nos espaços públicos das cidades na sociedade atual esbarra em vários entraves; e é mais evidente que as soluções para

estes não são medidas específicas, mas permeiam vários setores. A enumeração destas possíveis soluções não foi feita com a intenção de dar uma receita para equacionar o problema do lazer nas cidades, até porque sabemos que as cidades possuem suas especificidades, sendo impossível elaborar uma fórmula única para todas. Estes apontamentos nos mostram que as soluções são difíceis, mas não inatingíveis, e que o primeiro passo é conhecer a realidade do lazer nas cidades.

3 AS POSSIBILIDADES DE LAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE TERESINA: PLANEJAMENTO E GESTÃO

3.1 O espaço público em questão: notas do percurso teórico

O espaço urbano é a materialização do trabalho dos homens que constroem espaços destinados a atender suas necessidades; estes juntamente com as relações sociais integram o espaço geográfico da cidade. Esta é formada por espaços públicos e privados, mas são os públicos que mais as caracterizam. Quando nos lembramos de alguma cidade nos remetemos a algum monumento, uma rua que a simboliza como cartão postal. A cidade de Teresina é rotineiramente lembrada por suas avenidas, praças e pontes.

Os espaços públicos são marcadores fundamentais das transformações sociais (GOMES, 2012). Além disso, são importantes, pois além de simbolizar a cidade expressam também as diversidades nela existentes:

As cidades sempre se exprimem a partir de uma complexa rede de valorização dos seus espaços públicos. Os grandes lugares de mistura e cenarização da vida urbana favorecem o encontro e a comunicação e produzem uma espécie de resumo da diversidade socioespacial da população (GOMES, 2012, p. 26).

Na Antiguidade a Ágora, na Grécia, era o espaço público por excelência. Em Roma, foram edificadas os fóruns que eram os mais importantes espaços públicos. Na Idade Média, o espaço público apresentava uma morfologia complexa. No Renascimento, com a expansão das cidades, o espaço público voltou a ganhar maior importância, pois: “é a partir do Renascimento que a praça se inscreve em definitivo na estrutura urbana e adquire o seu estatuto até fazer parte obrigatória do desenho urbano nos séculos XVIII e XIX” (LAMAS, 2000 apud AZEVEDO, 2013, p. 58). Com a Revolução Industrial e a grande expansão urbana ocasionada, ocorreu um movimento de valorização do espaço público, que resultou, a partir do século XIX, na construção de parques, praças e áreas verdes nas cidades europeias (AZEVEDO, 2013).

Como espaços que integram a cidade, os espaços públicos são importantes objetos de análise da ciência geográfica, e podem dizer muito sobre a sociedade que os criou e que ele representa. É neste sentido que entendemos o espaço

público como um espaço que nasceu da necessidade de a sociedade ter um lugar físico para agir em coletividade, que pode servir para as manifestações políticas, religiosas, sociais, para encontros, para a convivência e para o lazer. No entanto, como a sociedade muda, conseqüentemente há uma mudança nos sentidos destes espaços que ganham novas formas e novos conteúdos: “Atualmente o espaço público passa por uma situação comum aos espaços urbanos, que é a redefinição de suas espacialidades, uma vez que as dinâmicas socioespaciais contribuem para que as áreas urbanas tenham novos usos e funções ao longo da história” (AZEVEDO, 2013, p. 59).

A distribuição espacial das coisas obedece a uma lógica que é o objeto de estudo da Geografia. O arranjo físico destas ou a ordem espacial influenciam diretamente nas práticas sociais. O olhar geográfico deve considerar esses aspectos, ou seja, tanto a configuração física dos espaços públicos quanto as práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Sob este prisma, o espaço público pode vir a se constituir uma categoria de análise geográfica (GOMES, 2006).

Muito se tem discutido sobre o espaço público, mas é importante analisá-lo não só no campo das ações, mas considerá-lo como um lugar físico; ou seja, abordar propriamente sua dimensão espacial, este é o papel do geógrafo. Sobarzo (2007) aponta que há um aumento nos trabalhos que buscam analisar o espaço público. Adverte, entretanto, que muitas vezes este é confundido em esfera pública ou vida pública. Destaca dentro da Geografia, autores como Gomes (2004) e Serpa (2004, 2005) que contribuem para a análise do espaço público.

Carlos (2011) aponta que, para muitos autores, o espaço público é aquele dos equipamentos públicos, que possibilita várias apropriações, encontros/desencontros, diálogo, e exercício da cidadania, e acrescenta que a Geografia permite pensá-lo como lugar concreto da realização da vida na cidade, este se define pela relação e não pela forma.

Por sua vez, Gomes (2012) adverte que, não obstante a frequência da utilização da expressão espaço público nos últimos quarenta anos, ainda é comum este ser compreendido de forma parcial como espaço físico ou espaço abstrato. Dessa forma, a análise geográfica vem com a necessidade de compreender o espaço público não somente como espaço físico, mas também considerando sua dimensão imaterial que são as relações sociais que se processam nesse espaço: “A geografia pode almejar esse papel, pois vem cada vez mais de forma mais clara e

enfática, demonstrando que, em sua concepção de espaço geográfico, há mais do que simplesmente uma ideia de extensão ou de suporte” (GOMES, 2012, p. 20).

Uma importante contribuição neste sentido é dada por Sobarzo (2007), que entende os espaços públicos utilizando como base teórico/metodológica a produção do espaço urbano de Lefebvre (1992), a qual considera a cidade como produto e condicionante da sociedade; ou seja, ao tempo em que o espaço é construído pela sociedade influencia seu cotidiano.

Nessa perspectiva, ao analisar o espaço público, devemos considerar que se trata de um produto e de um possibilitador de relações sociais. É a sociedade que pelo uso outorga o caráter público a esse espaço e, no mesmo processo, é esse caráter público que permite parte da reprodução social (SOBARZO, 2007, p. 159).

A análise Lefebvrina considera o espaço como um produto; permite analisá-lo sob a ótica da sociedade, e não mais apenas como receptáculo de ações humanas. Este arcabouço permite entender os espaços públicos juntamente com os processos socioespaciais que os definem e que eles ajudam a definir.

Neste sentido, é muito importante a análise geográfica desses espaços, uma vez que esta ciência estuda o espaço geográfico não apenas como um receptáculo de ações, mas adentra por uma análise do material à luz das práticas sociais que nele se processam.

Para analisarmos a dinâmica dos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina, é preciso entender o espaço público do qual estamos falando, e que transformações sociais podem ter influência direta sobre esses espaços. Nesse sentido, este aporte teórico se faz necessário para subsidiar a nossa reflexão acerca desses espaços tão importantes para as cidades. Para se fazer o espaço público é necessário o lugar físico e as práticas socioespaciais. Deste modo, esta pesquisa enfatizou os primeiros, pois tratamos da totalidade de Teresina, o que tornou difícil adentrar pela forma como a população se apropria desses espaços, no entanto estes aspectos também foram tratados, mas reconhecemos que uma análise mais aprofundada desses usos ainda se faz necessária, para um entendimento mais amplo sobre a dinâmica dos espaços públicos de Teresina, fica então a sugestão para estudos posteriores.

O que é o espaço público? O termo é novo, mas os espaços não são, pois existem há bastante tempo, provavelmente desde quando a propriedade foi

instituída. Estes, como produtos da sociedade, expressam valores nela contidos e as metamorfoses sofridas por ela. A transformação do espaço urbano e das relações sociais, a evolução dos transportes e comunicação fazem mudar a noção de espaço público. O aumento da mobilidade das pessoas diversificou sua rede de contatos e suas possibilidades de circulação pelos lugares.

Neste sentido, não basta apenas ter um conceito único de espaço público mas ter em mente que este espaço não se trata de uma instância acabada e imutável, uma vez que é criada pela própria sociedade. “As transformações nos sentidos e nos conteúdos dos espaços públicos se explicitam como momentos definidores, capazes de revelar o movimento da sociedade em sua totalidade” (CARLOS, 2011, p. 133).

Conforme a distinção jurídica, o espaço público é o que pertence ao domínio público, no entanto, Matos (2010) afirma que este conceito pode ser contraditório; por exemplo: Os estádios de futebol são públicos, mas é preciso pagar um ingresso para frequentá-los, enquanto os *shoppings centers* são privados, mas as pessoas podem nele entrar e circular livremente. Gomes também critica esta concepção:

Considerar público aquele tipo de local que é juridicamente estabelecido como tal significa, inverter a lógica de uma operação que não pode partir do texto da lei que regulamenta a existência de um espaço por força de certos objetivos, quando, de fato, a existência desse espaço deve proceder a própria lei (GOMES, 2012, p. 23).

Para Carlos (2011) o espaço público é aquele onde se realizam relações sociais fora da esfera privada, por isso tem uma importante dimensão política, pois possibilitam a relação com o diferente e o inesperado:

Lugar onde se realiza um tipo de troca de conteúdo social diferente daquela que dá conteúdo ao espaço privado – do *oikos* dominado por relações hierárquicas definidas no seio da família e das relações de parentesco –, o espaço público expõe tensões, ambiguidades, conflitos. Diferenciando-se do nível do privado, contempla a possibilidade do acaso e do inesperado, sendo também o lugar da festa e dos referenciais constituidores da identidade. Em sua dimensão política, não negligenciável, contempla a esfera pública (CARLOS, 2011, p. 130).

Serpa (2011) analisa o espaço público sob duas perspectivas: primeiro, é compreendido como o espaço da ação política, ou, pelo menos, da possibilidade da ação política; e adverte que este tem sido incorporado como mercadoria acessível

ao consumo de poucos. O autor cita os conceitos elaborados pelos filósofos Hannah Arendt e Jurgen Habermas para explicar o que é o espaço público:

Na obra de Arendt, o espaço público aparece como lugar da ação política e de expressão de modos de subjetivação não indenitários, em contraponto aos territórios familiares e de identificação comunitária. Já para Habermas, o espaço público seria o lugar *par excellence* do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática do uso livre e público da razão (SERPA, 2011, p. 16).

De maneira filosófica, estes dois autores se destacam na análise do espaço público. Segundo Azevedo (2013), Hannah Arendt o define como o lugar das ações políticas e das principais atividades da vida ativa; a autora estudou a Grécia antiga. Destaca dois fenômenos para diferenciar o público. O primeiro é o princípio de que o que é público é tudo o que pode ser visto e ouvido por todos, o outro o que é comum. Para a autora:

O termo público significa o próprio mundo, na maneira em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico a terra ou a natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem (ARENDT, 1991, p. 62).

Em outras palavras, no conceito de público fica implícito o papel da sociedade em sua construção; assim como esta organiza o espaço geográfico concretamente, de forma simbólica, atribui os significados de privado ou público para restringir ou ampliar o seu uso. No entanto, o que se observa hoje é que estes conceitos às vezes se confundem, o que é resultado da própria complexidade das relações sociais atualmente.

Jurgen Habermas define o público como lugar comunicacional do uso da livre razão, tomou como referência a sociedade burguesa do século XIX. Para o autor, o espaço público é onde acontece a manifestação da esfera da vida pública, e, portanto, o exercício da vida ativa, da ação pública (AZEVEDO, 2013).

Habermas (1962) deu grande contribuição para o entendimento do espaço público, o seu trabalho reconstruiu o ambiente nos séculos XVIII e XIX, que conformou o processo de instituição de um espaço público e ainda colocou esse domínio público em relação com a esfera privada. Uma das críticas ao trabalho de

Habermas é o questionamento se houve realmente um período em que a participação democrática e uma plena racionalidade existiram no espaço público (GOMES, 2006).

Para Gomes (2006), uma das grandes contribuições de Habermas foi o seu esforço de demonstrar a importância dos lugares físicos para a esfera pública. Esse fato reforça a análise geográfica, uma vez que o espaço geográfico sempre possui uma dimensão simbólica e material; ou seja, o espaço geográfico sempre é uma extensão fisicamente constituída, pois:

Ele é composto do dialético mantido entre a disposição física das coisas e as ações ou práticas sociais que aí tem lugar. Conforme as palavras de Milton Santos, o espaço é uma forma conteúdo, o conjunto dos sistemas de formas e ações (GOMES, 2006, p. 171).

Leite (2008) elenca as três abordagens mais comuns sobre o espaço público: a primeira considera o espaço urbano aberto de propriedade pública do Estado; a segunda destaca sua função de espaço signo no qual a relação entre representação e poder; e a última o considera esfera pública em que os indivíduos podem ser vistos e há solidariedade social.

Para Leite (2008) apesar de rotineiramente serem colocados como sinônimos, os termos espaço público e esfera pública referem-se a realidades diferentes; para ele o espaço público pressupõe a ação social, do contrário, é apenas um espaço urbano e arena pública: “Uma noção de espaço público, portanto, que não considere as práticas interativas entre os agentes envolvidos na construção social do seu espaço estaria simplesmente se referindo ao espaço urbano” (2008, p. 47).

Para a Geografia a importância do espaço público vai além da esfera de ações, como é tratado pela ciência política, que distingue a esfera privada que aquela pertencente ao individual e íntimo da esfera pública que se refere ao coletivo. Gomes (2004) fala do lugar físico que possibilita essas ações de acontecerem, da sua localização espacial:

Os comportamentos são assim qualificados também pela localização espacial. Um desses espaços, fundamental para o desenvolvimento da vida urbana moderna, organizado, de uma certa forma, detentor de um estatuto particular, onde os comportamentos podem ser lidos como uma linguagem, como uma forma urbana de comunicação, é o espaço público (GOMES, 2004, p. 252).

Gomes (2012) traz ainda contribuição importante à compreensão do espaço público à luz da Geografia. O autor adverte sobre alguns problemas em relação às definições mais corriqueiras de espaço público. A primeira é considerar público somente o que é oposto ao privado, esta visão não considera outras situações como o comum ou o coletivo. O segundo refere-se a considerar como público somente o que assim é estabelecido juridicamente. O outro problema é dizer que o espaço público é aquele que possui livre acesso, uma vez que há aqueles que têm acesso regulamentado como hospitais e escolas, por exemplo. Por outro lado, há espaços privados que possuem livre acesso.

A questão da acessibilidade nos espaços públicos é outro ponto importante, esta deve ser pensada não só no sentido material, mas também em seu aspecto simbólico, como adverte Serpa (2013), que chegou a essa conclusão após a análise dos parques públicos em Paris, e ao perceber que muitas pessoas deixavam de frequentar os equipamentos culturais existentes por razões que iam além das condições materiais:

A garantia de acesso físico a determinados espaços urbanos não garante sua apropriação simbólica, que depende em grande parte, do domínio de um repertório (CARTEAU, 1994), ou da disponibilidade de um “capital escolar ou cultural” (BORDIEU, 2007), o que, em última instância, acaba por inviabilizar a apropriação em toda sua potencialidade, destes espaços por determinados grupos/classes sociais (SERPA, 2013, p. 171).

O espaço público é um espaço que propicia o convívio social, trocas, interação, onde todos são iguais; e, por isso, devem comportar-se como tal, respeitando o direito do outro. Nele há várias possibilidades: circulação, comércio, protestos, trabalho, lazer. No espaço público, existem regras implícitas que possibilitam a copresença dos diferentes sem conflitos, é a democracia ou civilidade. Nele as diferenças não são renunciadas, mas se convive com elas. Nele se tem uma liberdade positiva ninguém se sobrepõe a ninguém (GOMES, 2012).

É no espaço público que os diferentes podem se encontrar e ter a mesmas possibilidades, contrariando a lógica homogeneizadora que converge para eliminar as diferenças e tornar todos iguais:

Se apropriar dos espaços públicos é superar o racionalismo imposto pelo poder hegemônico e criar nesses lugares relações socioespaciais significativas para população, de modo que todos tenham as mesmas possibilidades de uso desses espaços, sem

discriminações ou favorecimentos de determinados grupos sociais (AZEVEDO, 2013, p. 124).

Para Harendt (1991), esfera pública tem importante papel na sociedade, pois “enquanto mundo comum reúne-nos a companhia uns dos outros e, contudo, evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer” (p. 62). É neste espaço que os diferentes podem conviver com suas particularidades sem afrontá-las, onde todos têm o mesmo direito de agir e se expressar sem se sentir superior ou inferior.

Os espaços públicos possuem como característica-chave a função de possibilitar o convívio social, como aponta Azevedo: “Desde a Antiguidade, os espaços públicos representam a possibilidade de interação social e exercício da cidadania. Além de servirem as funções de comércio e circulação, esses espaços agregaram novas funções ao tornarem-se palco de encontros e discussões políticas” (2013, p. 58).

Gomes (2004) considera o espaço público uma condição para o diálogo nas cidades, e o próprio espaço como uma linguagem. Para o autor, as dinâmicas que permitem o funcionamento desses espaços são a existência de regras estabelecidas por um pacto formal e geral, e a mutabilidade dessas regras que são transformadas e contextualizadas cotidianamente. Dessas dinâmicas, decorrem duas características desses espaços: a existência de um público que o frequente e as tensões que se dão no dia a dia quando se juntam indivíduos diferentes.

Por isso, podemos dizer também que esse espaço público é lugar de muitas tensões. A experiência da tolerância e dos limites de determinados comportamentos se faz quase que cotidianamente. Por isso, a existência desse espaço e o exercício diário da coabitação e da convivência são condições *sine qua non* da experiência democrática (GOMES, 2004, p. 255).

O espaço público é o espaço do encontro e da vivência com a diferença. É nele que as relações sociais com o diferente se concretizam. É o lugar da realização da vida pública, portanto, tem grande importância política, nele: “A única identidade que deve primar sobre esse espaço é aquela que se associa a ideia de cidadania, ou seja, a que corresponde ao ordenamento espacial do pacto que funda a democracia” (GOMES, 2012, p. 31).

Uma das características fundamentais do espaço público é, portanto, a possibilidade do encontro com o diferente, que não originam uma relação próxima

nem profunda, mas exercitam o convívio civilizado com o outro. O espaço público no ideal de modernidade é, portanto, aquele que possibilita este encontro civilizado. No Brasil, no entanto, não foi alcançado este ideal de modernidade; dessa forma é injusto esperar o espaço público ideal neste cenário (SOBARZO, 2007).

A importância da sociabilidade gerada nestes lugares é o encontro com o diferente, que, na maioria das vezes, não é possível na esfera privada, que pode suscitar novas visões de mundo e gerar uma consciência transformadora; eles possibilitam o diálogo e a vida democrática: “são esses espaços que, reconhecendo o valor criativo das diversidades e sua capacidade de tornar a vida mais intensa, encorajam as diferenças a empenhar-se num diálogo significativo” (BAUMAN, 2009, p. 71).

O espaço público é aquele onde não haja obstáculos, senão normas gerais e lógicas para o acesso e participação (GOMES, 2012). Para o autor, o espaço público tem como características fundamentais a copresença de indivíduos, a acessibilidade regulamentar e a isonomia. É nele que as ações e os problemas sociais ganham visibilidade e reconhecimento. Reforça ainda que, além da copresença física, cria-se no espaço público uma dimensão abstrata de comunicação, por isso deve ser visto como lugar material e imaterial. Outra característica deste espaço é o efeito espelho, ou seja, o ato de ver e ser visto.

Sobre a acessibilidade dos espaços públicos Serpa (2011) chama a atenção para o seu caráter simbólico, pois existem muitos espaços que, apesar de serem considerados públicos, deveriam proporcionar acessibilidade irrestrita, muitas vezes essa não se concretiza por razões imateriais. As classes sociais evitam certos espaços, e seguem estigmas que foram engendrados no passado e continuam perpetuados. Estes vão além do capital econômico, chegam até o nível escolar e funcionam como barreiras simbólicas que impedem o usufruto de alguns espaços públicos:

Os estigmas e estereótipos resultantes da dialética entre capital cultural e capital econômico revelam, por outro lado, a segregação como “representação”. Nos processos de apropriação social do espaço público na cidade contemporânea, as diferentes classes sociais e frações de classe vão reproduzir representações estas que podem legitimar também processos de segregação socioespacial, sublinhando o caráter simbólico da segregação e seus reflexos nos processos de reprodução social no espaço urbano (SERPA, 2013, p. 175).

Os equipamentos culturais são exemplos desses estereótipos. Muitas vezes a condição social e de instrução seleciona o público frequentador de teatros, museus, centros de artes, cinemas. Mesmo quando estes oferecem lazer de forma gratuita, as pessoas mais pobres ainda não têm acesso, por isso ainda se observa baixa frequência nestes espaços.

A falta de acessibilidade material e simbólica ocasiona uma apropriação seletiva dos espaços públicos, que pode ocorrer por vários motivos, sejam barreiras físicas, como portões, ou imateriais, como preços elevados em atividades privadas, localizadas em espaços públicos; e a violência que notadamente afasta as pessoas desses espaços:

Os espaços públicos, associados, crescentemente, a locais perigosos e desprotegidos, vão se tornando muitas vezes, menos frequentados (com exceção daqueles que também passam a dispor de dispositivos de segurança, como certos parques e certas praças), e o comércio vai se concentrando em shopping centers, vistos pela classe média como uma alternativa muito mais confortável e segura para se fazerem compras e se divertir que os subcentros tradicionais e os logradouros públicos (SOUZA, 2005, p. 91).

Carlos (2011) identifica o espaço público como um espaço contraditório. Essas contradições derivam do fato de que a cidade é construída no sentido de ter uma funcionalidade. Atendendo a interesses econômicos, a cidade é tratada como mercadoria, e o cidadão como consumidor. Há várias contradições no espaço público:

Se o espaço público é um lugar do político, contraditoriamente no mundo moderno, sob a égide do político o espaço público se torna o lugar da norma, objeto de estratégia do Estado. Também, se o espaço público, é o lugar da realização da vida urbana como possibilidade de encontro, é também o lugar da copresença como negação do outro. Ainda outra contradição tem a ver com o fato de que o espaço público é o lugar do encontro, por excelência, mas se encontra invadido pelo mundo da mercadoria, imerso nos processos de valorização do espaço, que tornam os espaços públicos ótimas oportunidades de lucro para o setor imobiliário (CARLOS, 2011, p. 134).

Podemos dizer que o espaço público do qual estamos falando é um espaço acessível a todos, onde é possível se estabelecerem contatos sociais com o diferente, em uma relação na qual todos são iguais e devem obedecer às normas para que haja um convívio pacífico. No entanto, como já havia alertado Sorbazo (2006), este ideal nem sempre poderá ser atingido, ainda mais em um contexto

como o brasileiro, em que os níveis de cidadania ainda não foram alcançados. Dessa forma, o espaço público hoje se transforma, ganha novas características e expressa novas demandas criadas pela própria sociedade.

Em suma, pode-se dizer que o espaço público é aquele onde os indivíduos realizam atividades fora de sua vida privada; estes possibilitam o convívio com pessoas diferentes de forma cortês; nele todos podem coabitar sem nenhum tipo de distinção. Podemos dizer que espaço público é um espaço simbólico onde convivem diferentes ideias e culturas; deste modo, tem maior facilidade de acesso sendo livre ou regulamentado. É de todos e de ninguém em particular, tem maior visibilidade. É nele onde aparecem os anseios e problemas da sociedade, e também onde os desconhecidos têm a oportunidade de se encontrar. É nele onde as discussões, reivindicações e manifestações culturais podem ser vistas e ouvidas.

É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue de outras formas de convivência humana atingem sua mais complexa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (BAUMAN, 2009, p. 70).

O espaço público é herdeiro do ideal de modernidade, definido por ruas abertas, circulação livre, encontros impessoais e anônimos, presença dos diferentes grupos sociais consumindo, observando-se, participando da política, divertindo-se. No entanto, atualmente há uma transformação desses espaços, que revelam novas práticas sociais (SOBARZO, 2007).

As transformações socioeconômicas que acontecem na cidade, em sua reprodução, implicam transformações espaciais; espaço e sociedade se produzem mutuamente. O espaço público não foge a esta realidade, e transforma-se junto com esta sociedade. Este reflete e é refletido nas dinâmicas sociais, as transformações na sociedade o afetam e vice-versa. Esse pressuposto faz considerar que atualmente há uma transformação no projeto inicial de espaço público, dadas as transformações na própria sociedade, e não a sua decadência. O preocupante é que se tem ameaçada sua característica fundamental: a sociabilidade:

As transformações socioespaciais contemporâneas afetaram diretamente a vida cotidiana nos espaços públicos, tornando esses espaços mais esvaziados de uma condição fundamental para sua existência: a sociabilidade. Novas dinâmicas socioespaciais contribuem para que as áreas urbanas tenham novos usos e funções com o passar do tempo. Essas mudanças na forma de organização do espaço público representam uma ameaça à vida democrática a ao

exercício da cidadania, uma vez que contribuem para a diminuição da sociabilidade urbana. Na prática, muitos espaços públicos têm seu uso limitado a determinados grupos sociais, o que não deveria acontecer, pois, se público, esse espaço deveria atender a todos (AZEVEDO, 2013, p. 126).

Por um lado, tem-se a maior evidência dos espaços privados que são mais valorizados, sob uma ótica capitalista; por outro, a decadência dos espaços públicos. Este quadro é resultado da construção do espaço urbano, submetida à lógica de produção de mercadorias e à criação de novas necessidades que são as bases do sistema capitalista. Logo, este passa ser um objeto de consumo e expressão de modismos, o que favorece os espaços privados em detrimento dos espaços públicos: “Saímos da cena pública em direção às coxias privadas e seguras de nossas casas e apartamentos. Decretamos a morte dos espaços públicos” (SERPA, 2005, p. 416).

Não obstante a notável decadência do espaço público, Sobarzo (2006) defende que este não morreu, mas passa por uma transformação. Essa mudança vai daquele espaço público, forjado pelo ideal moderno com “ruas abertas, circulação livre, encontros impessoais, presença dos diferentes grupos sociais consumindo, observando-se, participando da política, divertindo-se etc.” (CALDEIRA 2000, p. 302-303 apud SOBARZO, 2006, p. 94) para o modelo contemporâneo caracterizado pela desigualdade e separação.

Um aspecto crucial para entender essa transformação é a característica que o espaço público tem de ser possibilitador da convivência com diferentes grupos sociais, sem a compulsão para conhecê-los profundamente. Essa é a capacidade social que o espaço público tem de promover estes encontros sem que haja conflitos, uma vez que nestes espaços todos atendem às normas de um convívio civilizado (SOBARZO, 2006).

No Brasil é injusto querer exigir que o espaço público chegue a esse ideal de convívio civilizado proposto pelo ideal moderno, uma vez que a sociedade brasileira viveu uma modernidade incompleta:

Evidentemente não podemos pensar que o espaço público assumiu totalmente esses valores, mas mesmo assim não podem ser desconhecidas as possibilidades que os espaços públicos sempre ofereceram para o encontro, a fala, os olhares, os passos, a discussão, em resumo para a sociabilidade (SOBARZO, 2006, p. 95).

Gomes (2004) afirma que atualmente há o “silêncio das cidades”, este se caracteriza não pela ausência de sons, mas pela falta de uma comunicação significativa entre os copresentes, no mesmo espaço urbano, principalmente nos espaços públicos. Paradoxalmente são os espaços públicos que oferecem a possibilidade de conviver com pessoas diferentes, tanto através do espaço físico como das normas implícitas que nele se estabelecem de civilidade.

Identificar as causas dessas transformações no espaço público atualmente é uma tarefa complexa, uma vez que, neste espaço, atuam diversos agentes que, ao longo suas práticas, interagem de formas diferentes com o espaço e nele deixam marcas peculiares. Utilizaremos as contribuições prestadas por Sorbazo (2007), que analisa estas transformações, utilizando três níveis de ações; e Gomes (2006 e 2004), que caracteriza os processos em que o recuo dos espaços públicos nas cidades contemporâneas pode ser visualizado e ainda discute possíveis fatores que causam esse encolhimento.

Utilizando o aporte criado por Carlos (2001), Sobarzo (2007) analisa o espaço público segundo os três níveis de análise da produção do espaço urbano. O primeiro é a *dominação política*, que diz respeito a ação do poder público e das elites na produção dos espaços públicos; o segundo é a *acumulação de capitais*, que faz surgir novos produtos que podem valorizar ou desvalorizar os espaços públicos; e o terceiro é a *realização da vida* que analisa os espaços públicos que possibilitam as ações do cotidiano de lazer, consumo e circulação.

Através dessa análise, o autor transita entre a dominação imposta nas ações, nos dois primeiros níveis, e vai até a apropriação como possibilidade no terceiro, e essa como uma alternativa de mudança da sociedade, neste nível o autor destaca: “a importância do espaço público para a gestação das possibilidades e subversões” (SOBARZO, 2006, p. 95).

Analisar os espaços públicos levando em consideração somente a dominação é decretar seu declínio como responsabilidade do poder público e do mercado; além disso, significa negar toda a sua capacidade de gerar convívio e transformações sociais. Por outro lado, considerá-los como espaços apropriados por todos os cidadãos sem restrições é uma forma ingênua de entender as práticas socioespaciais que neles se processam. Contudo, é no nível da apropriação que os espaços podem ser usufruídos com toda a sua capacidade, a ponto de possibilitar atitudes transformadoras.

A relação entre produção do espaço público e a dominação política acontece pelo fato de o espaço ser também um mecanismo de poder. No Brasil, essa relação se torna ainda mais nítida, tendo em vista a sociedade composta por grupos desiguais com grandes diferenciações de renda e com interesses conflitantes. Esse cenário que tem suas raízes no século XIX, sobretudo, depois do Estatuto da Terra (1850), que instituiu a posse da terra não mais somente por meio do uso, mas com sua compra, distanciou ainda os grupos sociais e contribuiu para aumentar a confusão entre o que é público e o que é privado (SOBARZO, 2006).

No Brasil a distinção entre público e privado ficou restrita ao patrimônio público e ao patrimônio privado, à esfera da propriedade e não dos direitos das pessoas, sem ganhar, contudo, clareza nessa distinção. A falta de diferenciação clara entre público e privado significa, sob o ponto de vista da dominação política, a invasão da esfera do público pelo privado, no intuito de reproduzir, ampliar e/ou consolidar as relações de poder (SOBARZO, 2006, p. 96).

Diante desse contexto, é muito comum que o poder municipal atenda não somente a interesses públicos, mas aos interesses dos próprios governos e das elites locais, o que confere à classe dominante grande poder sobre o espaço: “Essa classe dominante dispõe de um duplo poder sobre o espaço: em primeiro lugar, através da propriedade privada do solo e, em segundo lugar, através da ação do estado, representante dos seus interesses” (LEFEBVRE, 1976, p. 42 apud SOBARZO, 2006, p. 97). Outro aspecto da ligação entre o poder público e as elites é o favorecimento com obras nos espaços habitados por esses grupos (SOBARZO, 2007).

Um exemplo dessa dinâmica nos é dado por Serpa (2013), que, ao analisar os parques urbanos em Paris e em Salvador, constatou que estes integram uma das estratégias de transformações urbanas efetivadas para beneficiar as elites locais. Estes se tornam importantes instrumentos de valorização fundiária, e, muitas vezes, não são apropriados ou continuam invisíveis para a maior parte da população.

Esta dinâmica pode ser visualizada na cidade de Teresina com a construção de equipamentos públicos de lazer melhor equipados em zonas de alto padrão. Para exemplificar, citamos o caso do Parque Nova Potycabana e da pista para caminhada na Avenida Raul Lopes, ambos com melhor estrutura, se comparados com os das demais zonas que acabam por servir como atrativos para moradores da zona Leste, área de segregação de alto *status* da cidade.

No âmbito da reprodução econômica e da produção do espaço público, há o surgimento de novos produtos imobiliários que geram a obsolescência de bairros e *habitats*. Esses produtos podem ser exemplificados através dos shoppings e dos loteamentos fechados (SOBARZO, 2007).

Esta é mais uma dinâmica de dominação do espaço na cidade, pois a construção desses espaços é voltada aos grupos de maior poder econômico. O surgimento desses espaços quase sempre questiona a relação do público/privado, uma vez que ação do Estado que deveria atender ao interesse público beneficia pequenos grupos, para possibilitar a construção desses espaços. Esses espaços próprios são globais, pois imitam modelos vistos em várias partes do mundo, fragmentários, pois dividem os espaços de forma material, simbólica e hierárquica, uma vez que se impõe como a parte melhor ou mais moderna da cidade (SOBARZO, 2006).

Os *shoppings centers*, os condomínios fechados, os parques temáticos transformam o espaço urbano, e trazem novas formas de vivência, confundindo o público e o privado. Estes tentam forjar as relações sociais originalmente do espaço público, no entanto:

Essas transformações esvaziam o espaço público de seu sentido tradicional de lugar que possibilita as relações sociais, retirando e negando o acontecer do imprevisto, da improvisação, da convivência, do espontâneo, da convivência, dos encontros, dos conflitos, das rotinas e dos desacordos. As relações sociais passam a ser organizadas por normas ditadas pelo consumo, representando práticas de exclusão, pois os espaços são vigiados e controlados (SOBARZO, 2006, p. 95).

Mesmo que se reproduzam as práticas comuns aos espaços públicos em espaços privados, estas não se concretizam com a mesma singularidade. Utilizaremos como exemplo a comparação entre as praças públicas e as praças existentes nos *shoppings centers*:

A apropriação das praças públicas pela vida cotidiana ocorre por meio de diversos usos, seja para divertir ou realizar negócios, para praticar atividade física ou descansar, para observar e ser observado, para manifestar ou se calar diante das injustiças. Enfim, nesse espaço existem múltiplas formas de uso e apropriação, que devem obedecer às regras de civilidade e respeito às diferenças (AZEVEDO, 2013, p. 126).

As praças dos *shoppings centers*, por sua vez, apresentam as mesmas possibilidades, no entanto, com alguns limitadores, como as barreiras materiais e simbólicas que impedem muitas pessoas de frequentar estes lugares, acabam por atrair pessoas de um mesmo público, não oferecendo assim a possibilidade do encontro com o diferente. Nesse sentido, entendemos que o espaço público não pode ser reproduzido de forma ideal no ambiente privado.

No âmbito da realização da vida, as análises sobre a apropriação do espaço público permite visualizar a segmentação das práticas socioespaciais: “já que a separação dos diferentes grupos sociais nos bairros de residência e nos seus locais de consumo e lazer demonstra uma divisão que aprofunda a segregação por meio do afastamento das diferenças” (SOBARZO, 2007, p. 169).

Essa fragmentação produz identidades múltiplas dentro da cidade, ao contrário de uma única identidade, o que enfraquece o poder de reivindicação perante o poder público:

As reivindicações das associações de moradores e o tratamento clientelista e eleitoreiro com que são atendidas as demandas por áreas de lazer ou praças, principalmente nos bairros mais carentes, constitui uma característica que se repete em muitas cidades médias, considerando sobretudo a pouca expressão e força que os movimentos sociais possuem nelas (SOBARZO, 2007, p. 169-170).

Gomes (2006) caracteriza a atual dinâmica do espaço público em que se acentuam os processos de fragmentação das identidades na cidade, por um recuo causado pelo “recuo da cidadania”, este é bastante complexo e tem relações com outros processos que se desenrolam atualmente, como o enfraquecimento dos sistemas de representações política e das formas associativas, com a urbanização recente com a migração e a situação econômica atual.

Esse cenário pode ser visualizado na realidade da cidade de Teresina (PI), em que se observa um enfraquecimento das associações de moradores de bairros, constatado na pesquisa de campo, uma vez que enfrentamos muitas dificuldades em identificar e localizar os representantes das associações de moradores dos bairros pesquisados, e ainda em muitos bairros, principalmente os mais recentes. Convém enfatizar que estas associações não existem ou estão desativadas, os moradores não conhecem seus representantes, e os presidentes que foram encontrados afirmaram que antes estas instituições tinham muito mais representação política.

Diante desse quadro, constatamos que o sentido de pertencimento a uma comunidade enquanto fração espacial bairro está diminuindo.

Esse recuo da cidadania, entendido como um pacto social estabelecido simultaneamente como uma relação de pertencimento a um grupo e de pertencimento a um território, resulta tanto no recuo das práticas sociais quanto do arranjo material (GOMES, 2006).

Assim podemos facilmente relacionar as mudanças na imagem da cidade, diferente daquela construída nos primeiros tempos da modernidade, com esse tipo de recuo. Ela é hoje concebida como fragmentada, como soma de parcelas mais ou menos independentes, havendo uma multiplicação de espaços que são comuns, mas não públicos; há um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de nos extrairmos do espaço público (telefones celulares, fones de ouvido etc), os modelos de lugares se redefiniram, shoppings centers, ruas fechadas, paredes “cegas” etc. (GOMES, 2006, p. 174).

O recuo da cidadania trata-se do “recuo do projeto social e espacial que se encontra em processo de encolhimento, muito embora ele ainda subsista como imagem mental em diversos segmentos pensantes da sociedade” (GOMES, 2006, p. 174), e ainda “um processo de redefinição nos quadros da vida social coletiva que vem, gradativamente, modificando o estatuto das práticas sociais e espaciais de forma geral no mundo contemporâneo” (GOMES, 2006, p. 175).

Podemos ainda identificar essa fragmentação de identidades na cidade por meio da da modificação nas relações de vizinhança, posto que, cada vez mais, as pessoas isoladas em suas casas se relacionam menos com os vizinhos, seja pela insegurança que a rua passou a representar seja pelo desejo de não se misturar com o diferente. A falta de convivência na rua e no bairro enfraquece o surgimento de um sentimento de pertencimento:

O crescente individualismo da sociedade urbana e as preocupações com segurança favorecem a diminuição dos contatos pessoais entre vizinhos. Em muitos bairros, é comum um total desconhecimento de quem mora ao lado, um mundo de impessoalidade e anonimato que se dissemina em casas e apartamentos (AZEVEDO, 2013, p. 135).

Gomes (2006) identifica quatro processos em que o recuo dos espaços públicos nas cidades contemporâneas pode ser caracterizado, são eles: a *apropriação privada crescente dos espaços comuns*; a *progressão das identidades territoriais*; o *emuralhamento da vida social* e a *criação das ilhas utópicas*.

A apropriação privada dos espaços comuns se dá por diversas formas, tanto material quanto simbólica. É a ocupação causada pelo setor informal da economia que invade ruas e calçadas, através dos camelôs, guardadores de carros. Ou até mesmo pelo setor formal quando bares, restaurantes estendem suas mesas ao longo das ruas, há ainda aqueles construídos sob o álibi da segurança, como o fechamento de ruas. A ação dos camelôs exemplifica bem esta dinâmica:

Praças transformam-se assim em grandes mercados, e as principais ruas da cidade tornam-se estreitas, pois restam apenas pequenas passagens para os transeuntes. Os lugares da vida pública, da deambulação, do passeio, do espetáculo da coabitação, da ideia de vida urbana, que construíram os grandes projetos urbanísticos do final do século XIX e começo do século XX, desaparecem dando lugar a um emaranhado de balcões de mercadorias. A dimensão do homem público se estreita, restringindo-se a mero passante ou no máximo limitando a de um eventual consumidor (GOMES, 2006, p. 178).

Essa ocupação por vezes causa uma requalificação do espaço, como no caso dos guardadores de carro que regularizam o direito de uso em um espaço que *a priori* seria de todos. Essa ocupação causa ainda uma degradação física desses espaços e danifica suas estruturas, quebrando calçadas etc.; e ainda uma degradação moral que danifica o direito de todos ocuparem de forma igualitária esses espaços (GOMES, 2006).

Nos espaços públicos de Teresina, é comum encontrar esta invasão do privado com a ocupação das praças por vendedores de todo o tipo, tanto ambulantes quanto em trailers e bancas, circos, feiras que se realizam semanalmente. Praças que são transformadas em estacionamentos, ou são ocupadas por mesas de lanchonetes: “Assim muitas ruas, praças, praias e canteiros centrais são loteados por pessoas que se apropriam dessas áreas, ficando os lugares da vida pública restrito muitas vezes ao local de passagem ou de permanência como consumidor” (LIMA, 2006, p. 66).

A presença de equipamentos privados em espaços públicos, por exemplo, a venda de lanches nas praças podem ser analisadas como ponto positivo quando atrai mais frequentadores para estas e dinamiza seu uso. Por outro lado, pode também significar uma barreira simbólica se os preços praticados forem muito elevados, excluindo uma parcela da população.

A progressão das identidades territoriais identificadas por Gomes (2006) diz respeito à afirmação de identidades sociais na cidade ou à *tribalização*. Esse processo faz com que a cidade deixe de apresentar uma identidade una e coesa, e passe a ser um mosaico de unidades independentes justapostas.

Essas tribos diminuem e exercem um certo poder sobre espaços públicos, criando territórios distintos. O aumento desses territórios diminui os espaços públicos, pois: “a noção de um espaço identitário, entretanto, é a negação, do ideal de mistura e de respeito à diferença no qual se baseia o espaço público” (GOMES, 2006, p. 182).

Essa ocupação fragmentada dos espaços públicos na cidade, já descrita por Gomes (2006) e Sorbazo (2006), que gera um espaço em forma de mosaico, ocupado por grupos diferentes, que criam seus territórios distintos, é reforçada por Serpa:

É desse modo que o espaço público se transforma em uma justaposição de espaços privatizados divididos entre diferentes grupos e agentes. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente (SERPA, 2013, p. 176).

A convivência no espaço público se dá não no sentido de conviver com o diferente, contrariando aquele ideal moderno de civilidade, mas procura seus iguais, e assim forma grupos, para evitar de toda sorte encontros inesperados. A cidade perde um sentido amplo de comunidade, à medida que são reforçados os territórios:

Essas formas nuançadas de segregação também ajudam a revelar a estrutura de uma sociedade intimista que reage ao mito da “impessoalidade enquanto mal social” através da “perversão da fraternidade na experiência comunal moderna”, a fraternidade se tornando “empatia para um grupo selecionado de pessoas, aliado a rejeição daqueles que não estão dentro do círculo local” (SERPA, 2013, p. 177).

Há portanto, uma segregação simbólica do espaço público, que, ocupado por grupos diferentes, que têm seus limites culturais, são criados assim territórios e a apropriação do espaço público se dá de forma diferenciada. O espaço público se torna a junção de vários territórios, ou seja, é todo mundo junto mas ao mesmo tempo separado (SERPA, 2013).

Nos dias atuais, o emuralhamento da vida social que se refere ao aumento do individualismo encontra-se favorecido pelas diversas possibilidades que o homem

possui de se distanciar dos contatos sociais. Vários tipos de serviços e equipamentos como a Internet, a venda de produtos por telefone e televisão, a entrega em domicílio, entre outros, contribui para o confinamento social. Diante dessa realidade, a vivência da cidade é cada vez menor, os espaços públicos são cada vez mais usados somente como vias de circulação (GOMES, 2006).

Esse fato explica o porquê de muitas pessoas ao serem perguntadas sobre qual a sua forma de lazer preferida terem respondido que são jogos eletrônicos, assistir à TV ou acessar a Internet. A era tecnológica propicia muito entretenimento sem que seja preciso sair de casa, o que faz com que muitas pessoas estejam mais conectadas às realidades distantes do que com a realidade do seu próprio bairro ou cidade.

Além disso, muitos dos serviços e equipamentos que se encontravam disponíveis a todos estão sendo reproduzidos em espaços privados e fechados como os condomínios e loteamentos que oferecem toda sorte de serviços a seus moradores. O uso do transporte particular também é um contribuinte deste isolamento social (GOMES, 2006).

Trata-se, sem dúvida, de um processo paradoxal de abertura maior sobre o mundo a partir de um confinamento cada vez mais expressivo no espaço imediato. O uso dos espaços públicos se restringe, a área de sociabilidade tem pequena extensão, procura-se sempre que possível, conviver com os semelhantes, quando não os da família imediata, pelo menos aqueles que mais se aproximam dos mesmos padrões e que se se refugiam, como quase todos, em espaços selecionados e controlados (GOMES, 2006, p. 184).

No espaço o sintoma deste individualismo se dá através da criação de diferentes territórios, fato que nega a noção de espaço público, pois contraria sua dimensão política, uma vez que:

Torna mais evidente a não realização da esfera pública nos espaços públicos urbanos da contemporaneidade. O espaço público torna-se mais um espaço de justaposição de diferentes territórios, todos juntos, mas de fato, separados (SERPA, 2013, p. 180).

Diante desse abandono dos espaços públicos, por quem tem condições de reproduzir privativamente esse estilo de vida, os espaços públicos são frequentados pelos pobres:

Assim os espaços públicos se transformam cada vez mais numa espécie de passarela para o espetáculo da pobreza. Mendicância, prostituição comércio ambulante de mercadorias baratas ou contrabandeadas são assim tolerados, sem muitas queixas [...] As classes populares também comumente são as usuárias majoritárias, sobretudo, nos finais de semana, dos grandes centros de lazer ou das grandes praças da cidade (GOMES, 2006, p. 185).

O crescimento das ilhas utópicas diz respeito a tendência de a classe média morar em ambientes cada vez mais isolados e homogêneos. Estas são representadas pelo aumento dos condomínios fechados que recriam as condições de cidadania, inclusive forjando seus próprios “espaços públicos” em esferas menores. Estas ilhas são antítese da cidade, uma vez que: “reproduzem suas formas: ruas, calçadas, praças; e seus serviços e equipamentos: infraestrutura básica, segurança, lazer etc. mas negam os princípios de uma vida urbana democrática” (GOMES, 2006, p. 188).

Gomes (2004) ainda discute fatores que causam o encolhimento do espaço público nas cidades: o medo e a ação do poder público. Notadamente o primeiro se destaca, uma vez que a insegurança e a violência são pontos centrais na questão dos espaços públicos:

Esse sentimento, aliado a uma gestão ineficaz, parece estar entre aqueles que são identificados como centrais no processo de emudecimento das cidades. Sabemos que essa insegurança não age separadamente de outros componentes (GOMES, 2004, p. 257).

Atualmente a crescente violência nas cidades tem desvalorizado o espaço público. A noção de insegurança afasta as pessoas desses locais, fazendo-as buscar lugares privados que ofereçam maior segurança. Praças e ruas transformaram-se em locais para o uso de drogas e prática de furtos e assaltos; no Brasil, atual, vários desses locais já são denominados de “cracolândia”, pois concentram grande número de usuários de drogas. A insegurança agrava a preservação destes locais e sua valorização.

A violência nas cidades causa, desta forma, o sentimento de medo nos moradores da cidade que, por vezes, preferem renunciar a seus direitos a terem que arriscar sua integridade:

Ninguém quer arriscar sua integridade física ou moral e a ameaça de agressão é um ingrediente bastante eficiente para nos convencer de que, em certas circunstâncias de insegurança, é melhor renunciar a

alguns direitos. Podemos assim, dizer que a insegurança e o medo que a acompanha são fortes componentes dentro desse processo de demissão do homem público e do desinvestimento do espaço de sua capacidade federadora e de arena de debates (GOMES, 2004, p. 260).

Em Teresina esta realidade não é diferente, o aumento da violência e criminalidade é visível na cidade, e vem impondo novos hábitos a seus moradores, inclusive na sua própria relação com o espaço público, como foi constatado na pesquisa de campo que apontou a violência como um dos principais fatores apontados pelos moradores, como motivo para não frequentar os espaços públicos de lazer da cidade. Este cenário também é correntemente noticiado na mídia:

O aumento da criminalidade tem alterado o comportamento do teresinense. Pesquisa do Ministério da Justiça nas 27 capitais do país mostrou como a população de Teresina mudou os seus hábitos para escapar da ação criminosa dos bandidos. Os dados do levantamento mostram: 60,7% deixam de ir a alguns locais da cidade por causa da onda de violência. Os "números do medo" revelam um sentimento de insegurança na capital do Piauí, marcado pelos assaltos, violência física, humilhações, audácia dos criminosos, arrombamentos e homicídios (Reportagem) (MARTINS, 2012).

No espaço público, o efeito dessa insegurança é ainda mais grave, pois ataca sua principal característica que é a de proporcionar a sociabilidade com o diferente: “com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana” (BAUMAN, 2009, p. 68).

Acreditamos que uma das formas de tornar os espaços públicos mais seguros é ocupá-los por pessoas, a copresença nos faz sentir mais seguros; para tanto, seriam necessárias ações de animação nestes espaços para que as pessoas, ao participar junto com outras percebam que este já não é um território de grupos exclusivos como usuários de drogas, prostitutas, bandidos, mas que é um espaço de todos.

Apesar de ser errado apontar o poder público como único culpado no abandono dos espaços públicos, por estes serem os responsáveis diretos e gestores deste espaço, é notável sua parcela de responsabilidade nesse processo. Gomes (2004) aponta que estes erram pela corrupção e pela incompetência. No primeiro caso, o Estado usurpa direitos coletivos e negocia favores; no segundo, a má gestão compromete a manutenção destes espaços, ambos os processos, permitem “que os

espaços públicos sejam permanentemente invadidos, controlados por outros agentes sociais ou se transformem em áreas de aparência abandonada” (GOMES, 2004, p. 262).

Outro erro da gestão destes espaços é a excessiva superexposição em que alguns logradouros são vítimas; ou seja, a tendência a multiplicar atividades, aproveitando-se dos valores que estão associados àquele espaço. Isto se dá pelo processo comum na política moderna de transformar a ação política em espetáculo, o público em espectador. Este aspecto é negativo, pois extrai do espaço público da sua ordem comum e cotidiana, de espaço de mistura, de encontro e transforma em um espaço de eventos extraordinários (GOMES, 2004).

As raízes das mudanças ocorridas atualmente no espaço público, processo chamado de várias formas “decadência”, “morte”, “encolhimento”, “silêncio”, são bem profundas, ao certo é notável que o espaço público hoje é construído e apropriado de formas diferentes, elucidar essas novas dinâmicas é um desafio que ajudará a entender esses espaços e suas possibilidades e capacidade transformadora, pois: “o urbano deve ser sempre lido como uma realidade inacabada, uma virtualidade iluminadora e em marcha” (LEFEBVRE apud SOBARZO, 2007, p. 165).

Quando tratamos do lazer partindo do pressuposto de que este é um direito que deve ser de todos, sem nenhum tipo de distinção, é imprescindível conceber os espaços públicos da cidade como potenciais espaços de lazer, pois é neste que todos têm acesso sem barreiras. Dessa forma, o espaço público é um elemento-chave, tanto para a sociabilidade urbana quanto para a transformação social e para o lazer.

É na relação entre dominação política, acumulação do capital e produção do espaço que são impostas dinâmicas de dominação que tendem a favorecer a população com maior poder econômico e político. É no domínio da realização da vida cotidiana, nas ações do indivíduo, que surgem as possibilidades de apropriação; é neste âmbito que o papel do espaço público é fundamental, pois pode possibilitar ao cidadão uma vivência não só da sua vida privativa, mas estender seus domínios para escalas mais amplas, como a rua, o bairro e a cidade. Dessa forma, pode conhecer melhor a realidade em que está inserido e criar instrumentos para transformá-la (SOBARZO, 2006).

Apesar de historicamente, no capitalismo, os processos de dominação se sobressaírem aos de apropriação, estas se tornam possíveis na vivência do cotidiano:

No plano da dominação, o cotidiano se reduz ao âmbito das mercadorias, do consumo, da prevalência do valor de troca sobre o valor de uso. Mas como apontamos anteriormente, junto à dominação existe a apropriação no cotidiano e com ele as possibilidades de transformação, do novo (SOBARZO, 2006, p. 104).

Nessa discussão das possibilidades do sujeito em se apropriar do espaço, entra a capacidade que este tem de transformar espaço em lugar; ou seja, de dar significado único para os espaços por meio dos usos diários e significados atribuídos, fazendo com que esses ultrapassem a forma e ganhem representações. O lazer pode ser uma forma significativa de apropriação dos espaços públicos.

É no espaço público que as pessoas se reúnem e reivindicam seus direitos. É um lugar acessível a todos, independente de barreiras, de renda, idade, sexo, etnia ou religião, como praças, ruas, praia etc. Para Cavalcanti (2011), o espaço público tem grande importância para a construção da cidadania:

Os espaços públicos são lugares de coabitação, onde se podem expressar as infinitas diferenças. Pelo que propiciam de encontro e de copresença, esses espaços permitem explicitações das diferenças, das divergências, das contradições. Sendo assim, eles promovem e ampliam as possibilidades de construção de cidadania (CAVALCANTI, 2011, p. 120).

A apropriação do espaço público se dá na medida em que este é utilizado habitualmente, e incorporado à vida diária do cidadão como se fosse um espaço privado:

A apropriação constitui um prolongamento do privado no público, efetuado mediante o uso, tratando-se desse modo, de uma “privatização corporal” porque feita pelo corpo do habitante que sai do espaço privado da casa (dentro) e vai “conquistando” para seu uso, para sua vida e, em último termo, para sua reprodução uma parcela do espaço público (fora), definida pelas suas trajetórias (SOBARZO, 2006, p. 105).

É no cotidiano, portanto, que nascem as possibilidades de mudança, e os protagonistas são aqueles que se encontram em condições desfavoráveis, no caso capitalista, os pobres. E o espaço público é um elemento-chave da reprodução social e das insurgências:

O pobre convive com o lugar, apropria-se do espaço público, interage com outros – mesmo que numa prática de sociabilidade segmentada – e ao criar laços de reconhecimento e identidade pode adquirir a consciência que o leva a transformação (SOBARZO, 2006, p. 107).

O espaço, sem dúvida, é um elemento importante na dinâmica social, econômica, política, logo, uma possível mudança social passa pelo âmbito espacial, sobretudo, dos espaços públicos. Este não é o bastante para concretizar esta mudança, mas o seu papel é relevante. A apropriação do espaço público é o primeiro estágio para o convívio com o diferente da articulação com outras escalas, o que traz melhor internalização dos conflitos e diferenças no espaço urbano (SOBARZO, 2006).

Acreditamos que a conjunção de pertencimento e reconhecimento pode levar a mobilização social como forma de superação dos conflitos e de subversão e transformação da realidade. O embate entre o espaço abstrato da dominação – representações do espaço – e o espaço concreto e subjetivo da apropriação – evidencia os conflitos e as contradições do espaço urbano (SOBARZO, 2006, p. 108).

Quando se tem uma convivência nos espaços públicos e junto com ela nasce este sentimento de pertença, estes espaços deixam de ser de “todos” ou de “ninguém” ou até mesmo do “governo”, como alguns ainda consideram e passam a ser objetos de preocupação e reivindicação da comunidade. A comunidade enxergando-os assim ganhará mais poder de se unir em torno de objetivos comuns, seja a própria restauração desses espaços, sejam reinvidicações em outras áreas; e, dessa forma, ter ferramentas para cobrar das instituições competentes respostas mais eficazes para suas demandas.

Gomes (2004) reforça que entre os principais sentidos do espaço público estão a visibilidade, pois funcionam como uma vitrine da vida urbana social moderna e o reconhecimento da diferença e capacidade de viver junto, que são pilares das sociedades democráticas. Apesar das transformações que sofrem atualmente, esses ainda são muito importantes para a cidadania:

Produzir uma vida urbana é dar alguma unidade a essa multiplicidade, ou seja, é produzir sentido dentro da variedade de ações e práticas sociais que ocorrem dentro desse vasto quadro de possibilidades oferecido pelo espaço urbano. Esses sentidos só podem surgir através do encontro variado e do diálogo livre; em outros termos, só pode haver verdadeiramente vida urbana, se tiver

um lugar de expressão da variedade – se a cidade voltar a falar através de seus espaços públicos (GOMES, 2004, p. 65).

A falta de infraestrutura das cidades, a violência urbana, o emuralhamento afastam as pessoas do espaço público, e causam a sua crescente desvalorização. Junto com este processo diminuem as possibilidades do encontro, do exercício da cidadania, da ação política, do fortalecimento da cultura popular. É importante, dessa forma, para as ciências sociais, sobretudo a Geografia que trata da construção desse espaço, analisar o que está por trás desse processo, se é a falta de estrutura física e de segurança que afasta as pessoas desses espaços ou se é o contrário, se é o afastamento das pessoas que origina o seu abandono ou novos tipos de usos. Esta é uma indagação que pode suscitar estudos posteriores.

3.2 O planejamento urbano e gestão dos espaços de lazer: da teoria à prática

O Planejamento é uma ferramenta importante para o ordenamento do espaço urbano, pois visa ações futuras para o melhoramento deste, considerando a qualidade de vida de seus moradores. Deste modo, consideramos essencial para o entendimento dos espaços de lazer na cidade de Teresina analisar de que forma este tema tem sido tratado nos planejamentos, ao longo dos anos, pois, mesmo que estes planejamentos não tenham sido colocados em prática, esta análise é importante para ver como o lazer é lembrado e discutido pelo poder público em prol da qualidade vida na cidade:

[...] planejar sempre remete ao futuro: [...] tentar simular os desdobramentos de um processo, com o objetivo de melhor precaver-se contra prováveis problemas ou, inversamente, com o fito de melhor tirar partido de prováveis benefícios (SOUZA, 2002, p. 46).

Não é objetivo desta pesquisa elaborar uma análise de como estes planos foram executados, mas sim verificar a importância do lazer no planejamento urbano de Teresina, para, assim, poder avaliar as ações práticas que podem vir a ser desencadeadas no futuro.

3.2.1 O planejamento urbano em questão

O planejamento é um componente de qualquer ação coletiva ou individual que visa obter maior sucesso em alguma atividade. Culling-Worth (1997 apud Souza,

2002) aponta os elementos do planejamento: pensamento orientado para o futuro; escolha entre alternativas; consideração de limites, restrições, potencialidades, prejuízos e benefícios; possibilidades de diferentes cursos de ações os quais dependem de condições e circunstâncias variáveis; a preocupação com a resolução de conflitos de interesses (quando se trata de algo com muitas pessoas envolvidas).

Segundo Farret na sua dimensão espacial o planejamento urbano pode ser entendido como:

Uma tentativa de, em forma sistemática, prever e, portanto, controlar o desenvolvimento físico da cidade. Para um planejamento espacial consequente, este controle deve ser consistente com e/ou dirigido para a manipulação adequada dos determinantes sociais, econômicos, políticos e tecnológicos para os fins sociais almejados (1985, p. 11).

No caso das cidades é cada vez mais importante que haja um direcionamento das ações, no sentido de torná-las locais mais equilibrados social e ambientalmente, sobretudo, diante das rápidas transformações trazidas pelas inovações tecnológicas, a violência, as desigualdades sociais que agravam tanto os problemas sociais e ambientais, daí cresce a importância do planejamento:

A necessidade de implementar políticas públicas orientadas para tornar as cidades social e ambientalmente sustentáveis representa a possibilidade de garantir mudanças socioinstitucionais que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais nos quais se sustentam as comunidades urbanas. É cada vez mais notória a complexidade desse processo de transformação de um cenário urbano crescentemente ameaçado e diretamente afetado por riscos e impactos socioambientais (FAÇANHA e VIANA, 2012, p.77).

Ao discutir o conceito de planejamento urbano, Saboya (2008) defende que este surgiu como uma resposta aos problemas enfrentados pelas cidades. Essa expressão, que veio da Inglaterra e dos Estados Unidos, marca uma mudança na forma de encarar a cidade e seus problemas. Para o autor, “o planejamento pode ser definido como o processo de escolher um conjunto de ações consideradas as mais adequadas para conduzir a situação atual na direção dos objetivos desejados” (p. 2).

Essa nova concepção de planejamento urbano reúne diversos profissionais, como arquitetos, geógrafos, economistas, juristas etc. Busca não mais por um modelo de cidade ideal que soluciona todos os problemas, mas por uma cidade real com mecanismos capazes de resolver seus problemas ao longo do tempo. Este é o

novo desafio do planejamento urbano que entende o espaço não mais como uma forma acabada mas como um processo contínuo:

[...] uma mudança da velha ideia de planejamento como a produção de projetos para cidade desejada do futuro para uma nova ideia de planejamento como uma série contínua de controles sobre o desenvolvimento de uma área, auxiliados por mecanismos que buscam simular o processo de desenvolvimento de forma que esse controle possa ser aplicado (HALL, 2002, p. 6 apud SABOYA, 2008, p. 2).

Outro conceito importante é o de gestão urbana. Planejamento e gestão urbana são distintos e complementares: “Planejar é tentar prever a evolução de um fenômeno [...] é a preparação para gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e minimizar margem de manobra” (SOUZA, 2002, p. 46). Enquanto Gestão é “administrar uma situação dentro dos marcos dos recursos presentemente disponíveis e tendo em vista as necessidades imediatas” (SOUZA, 2002, p. 46). Em outras palavras, o planejamento refere-se às diretrizes para o futuro do que pode ser feito para contribuir para uma melhoria da cidade. A gestão urbana é o que acontece agora conforme as possibilidades atuais da administração pública, podendo ser a materialização de um planejamento anterior. Ambos são muito importantes para a organização das cidades.

Ferreira apud Sposito (2001) afirma que planejar é “pensar antes e durante o agir, e que o contrário de planejar é improvisar. Assim, o planejamento refere-se ao cálculo que precede e preside a ação, pois é uma ferramenta de governo e pode ser entendida como uma técnica para a organização e gerenciamento de serviços” (p. 315).

Um grande desafio do planejamento urbano é a possibilidade de acontecimentos inesperados, uma vez que a cidade não é uma massa totalmente modelável, pois é o resultado da interação de diferentes agentes que são dinâmicos:

O desafio, então, é o de planejar de modo não-racionalista e flexível, entendendo-se que a história é uma mistura complexa de determinação e indeterminação, de regras e de contingência, de níveis de condicionamento estrutural e de graus de liberdade para a ação individual, em que o esperável é, frequentemente, sabotado pelo inesperado-o que torna qualquer planejamento algo, ao mesmo tempo necessário e arriscado (SOUZA, 2002, p. 51).

Além do planejamento e gestão urbana é muito comum a confusão destes com urbanismo, mas é preciso identificar sua especificidade. O urbanismo está mais ligado ao saber arquitetônico e o planejamento às ciências sociais. Dessa forma, os dois têm contribuições diferentes, que não são incompatíveis, mas importantes para a melhoria da qualidade de vida nas cidades, portanto, devem ser considerados. Souza destaca a contribuição destes dois tipos de profissionais:

Enquanto o cientista social, ao lidar com o espaço urbano, a mobilizar seu conhecimento a propósito das relações e processo sociais (dimensões econômica, política e cultural) e dos condicionamentos espaciais para extrair proposições a respeito de caminhos válidos de mudança social, o arquiteto, legitimamente poderá derramar luz sobre aspectos funcionais e estéticos (SOUZA, 2002, p. 57).

Conforme Souza (2002), o planejamento deve ser sempre pensado junto com a gestão, pois são indissociáveis e não rivais ou antagônicos. Estes devem ser vistos como ferramentas para o desenvolvimento, ou seja, uma mudança social positiva, e mais especificamente para um desenvolvimento socioespacial que é “uma melhoria da qualidade de vida e um aumento da justiça social” (SOUZA, 2002, p. 61).

No Brasil, seguindo a tendência de outros países, houve, principalmente nos anos de 1980, “um enfraquecer” do planejamento, que foi associado a práticas autoritárias, o que fortaleceu a gestão, que traz uma conotação mais democrática. Este quadro representa também a valorização do imediatismo, uma vez que a gestão refere-se às ações do presente enquanto o planejamento busca respostas para o futuro. (SOUZA, 2002)

Com relação ao ato de planejar as cidades, pode-se considerar aqueles expressos nas cidades gregas e romanas antigas, nas cidades medievais da Europa e ainda nas cidades renascentistas e barrocas. Até mesmo os antigos núcleos urbanos brasileiros que foram concebidos segundo as cidades medievais portuguesas. A prática de algum projeto prévio na construção das cidades é antiga, a teoria sobre esta prática é mais recente (KOHLSCHÖR, 1985).

Assinale-se que maior preocupação com a sistematização do planejamento das cidades surgiu com a era industrial. O expressivo crescimento urbano, gerado pela industrialização, aumentou a necessidade de ordenar o espaço das cidades. Um exemplo foi a política higienista do Barão de Haussman em Paris, no século XIX,

que foi uma tentativa de modernizar a cidade para atender aos interesses da classe dominante. O planejamento urbano clássico teve como principal nome Le Corbusier, que defendia a racionalidade e disciplinamento do espaço da cidade com uma divisão funcional, onde deveria prevalecer a ordem (AZEVEDO, 2013).

O planejamento urbano quando bem elaborado pode ser um importante instrumento, no entanto, este vem recebendo severas críticas nos últimos trinta anos, como afirma Souza (2002), ao destacar o posicionamento de autores marxistas que consideram o planejamento como ferramenta a serviço do *status quo* do capitalismo, uma vez que estes consideram que os problemas urbanos decorrem da dinâmica das relações de produção e estrutura de poder na sociedade capitalista; e o planejamento viria para criar condições para a sobrevivência deste sistema.

Souza e Rodrigues (2004 apud Azevedo, 2013) afirmam que o planejamento e a gestão em sociedades capitalistas tendem a ser conservadores, pois o Estado é controlado por classes dominantes que defendem a manutenção da ordem política e econômica do presente.

O planejamento urbano recebe muitas críticas, principalmente por seu uso político e eleitoral, atendendo interesses das classes favorecidas em detrimento da sociedade de forma geral. Azevedo (2013) destaca a consequência desta distorção no campo do lazer:

A grande carência de espaços públicos de lazer em bairros populares demonstra que as necessidades básicas dessas populações não são integralmente ofertadas. O crescimento dos espaços privados destinados ao lazer é também indicativo de uma gestão urbana comprometida por interesses econômicos de classes socialmente abastadas (AZEVEDO, 2013, p. 101).

Os planejamentos devem ter o real objetivo de buscar melhor qualidade de vida para a sociedade em geral, colaborar para maior justiça social, e não servir somente como instrumento de controle por parte do Estado e das classes sociais mais favorecidas. Para tanto devem contar com a participação social (AZEVEDO, 2013).

Um dos problemas do planejamento urbano no Brasil é a participação popular, por ser um país com pouca tradição democrática, é preciso “[...] construir um espaço de participação social que dê voz aos que nunca a tiveram, que faça emergir os diferentes interesses sociais (para que a elite tome contato como algo que nunca admitiu: o contraponto) é uma tarefa difícil [...]” (MARICATO, 2001, p. 72).

Não obstante essas críticas sobre a ação do Estado a serviço da classe dominante, Souza (2002) admite que o planejamento possa conduzir a situações diferentes, sendo assim positivo para a sociedade de modo geral: “contradições e conflitos, se bem explorados, podem conduzir a situações bem diferentes de um simples reforço da dominação, perpetuamente renovado por parte do Estado” (SOUZA, 2002, p. 29).

Nesse sentido, consideramos os planos urbanos importantes instrumentos para a oferta e manutenção de espaços públicos de lazer nas cidades. Atualmente, o estudo das condições oferecidas de lazer juntamente com a participação popular sobre os seus anseios neste campo podem subsidiar ações futuras que melhor correspondam às necessidades da população. Portanto, defendemos que o lazer deve figurar como um ponto importante dos planejamentos urbanos, uma vez que este está diretamente ligado com outros aspectos, como saúde, educação e segurança, e é imprescindível para melhorar a qualidade de vida.

3.2.2 Abordagem do lazer nos diversos planos urbanos de Teresina

A cidade de Teresina, não diferente de outras, cresce e convive com muitos problemas resultantes de uma dinâmica desigual, enraizada na sua própria formação histórica. Os contrastes sociais que decorrem dessa dinâmica imprimem a seus habitantes situações de exclusão; associada a essa realidade está a falta ou ineficiência de políticas urbanas para enfrentar este quadro (LIMA, 2011).

A elaboração de planos urbanos para a cidade de Teresina teve início na década de 1960. São eles desde esta data até os dias atuais: Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDL I) (1969); I Plano Estrutural de Teresina (PET I) (1977); Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Teresina (PDDU) (1983); II Plano Estrutural de Teresina (PET II) (1988); e a Agenda 2015 (2002). Atualmente está em andamento a elaboração da Agenda 2030. Partiremos agora para a análise de como estes planos trataram o assunto lazer.

- PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO (PDL I)

O PDLI foi elaborado no ano de 1969, durante a gestão do Governador Helvídio Nunes e do Prefeito José Raimundo Bona Medeiros. Foi elaborado pela

COPLAN S.A. (Construções, Planejamentos) e Prefeitura Municipal de Teresina.

Teve como estrutura:

Seis grandes capítulos ou seções, a saber: Teresina: Entraves e Impulsos no seu Desenvolvimento; Estratégia para o Desenvolvimento Local; Programas de Ação, esta sendo subdividida nos dois seguintes subtópicos: De execução da Prefeitura (Prioritários e Especiais) e De execução de outros órgãos (Prioritários e Especiais); Implementação do Processo de Planejamento; Apêndice Metodológico; e, a Bibliografia (RODRIGUES, 2013, p. 84).

Na primeira seção “Teresina: entraves e impulsos no seu desenvolvimento”, o documento faz uma avaliação da situação atual da cidade, avaliando-a em diversos setores, como saúde, economia, cultura, e outros. Dentre estes, avalia a recreação na cidade, trazendo dados, com uma pesquisa sobre o lazer dos habitantes, que afirma: do total dos chefes de família da zona urbana de Teresina, 58,1% consideram que o município oferece condições de diversão a seus habitantes nos domingos e feriados; 66,0% costumam permanecer em casa nos dias de folga; e 31% costumam passear. Na totalidade dos bairros, as horas de lazer são passadas em casa; embora, no Centro, no Bairro de Fátima e no São Cristóvão, respectivamente, 42,8 % e 31,2% costumem passear fora de casa (TERESINA, 1969).

Constatamos através desses dados, a existência de poucos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina, nesse período, o que pode refletir nessa realidade em que o local preferido para o lazer é a própria casa. Além disso, os moradores com maior poder aquisitivo são os que sempre dispuseram de maiores opções de lazer, podendo pagar por espaços privados como clubes sociais, o que resulta nesses números que mostram os residentes nos bairros Centro, São Cristóvão e Fátima sendo os que mais têm lazer fora de casa.

Outro dado trazido pelo documento é que as duas maiores formas de ocupação das horas do lazer são a assistência ou a prática de desportos. Destacou o papel do Estádio Lindolfo Monteiro para essa prática e reconheceu a deficiência de espaços físicos na cidade para o esporte, uma vez que apenas dois bairros possuíam praças de esporte, sendo eles Redenção e Parque Piauí. Reconhece ainda que as atividades desenvolvidas nos centros sociais urbanos, sobretudo festas

e o futebol, tem um papel muito importante na associatividade da população e no processo de desenvolvimento comunitário (TERESINA, 1969).

Reconhecidas estas deficiências, o capítulo “Programas de ação” traz algumas propostas para o lazer, a saber:

Quadro 3 - Programas referentes ao lazer no PDLI

Tipo de programa	Programa	Subprograma
Programas de Execução da Prefeitura Especiais	Paisagismo e Recreação	Restauração e ampliação do estádio Lindolfo Monteiro: aumentar a oferta de diversão na área do futebolismo profissional.
Programas de Execução da Prefeitura Especiais	Paisagismo e Recreação	Construção de praças de esportes nos bairros: ampliação da rede de esportes nos bairros
Programas de Execução de outros órgãos Especiais	Cultura	Recuperação e ampliação dos equipamentos culturais do município.
Programas de Execução da Outros Órgãos Especiais	Paisagismo e Recreação	Ampliação do centro esportivo

Fonte: Teresina (1969) (adaptado).

O plano em questão, ao tempo em que considera a importância do lazer para o desenvolvimento da comunidade, reconhece que a cidade carece de espaços que o incentivem, notadamente destaca o papel dos centros sociais e dos espaços esportivos. Observamos que o lazer começa a ser reconhecido como uma responsabilidade também do Estado, posto que o cidadão sozinho nem sempre encontra instrumentos, sobretudo, financeiros, para usufruir desse bem, que não é mais só individual, mas que traz benefícios para a coletividade. Sobre os projetos, concluímos, neste momento, que estes são ainda estruturantes, no sentido de dotar a cidade de equipamentos básicos como espaços esportivos, culturais e praças.

- PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA

O I Plano Estrutural de Teresina (PET), elaborado em 1977, no governo de Dirceu Mendes Arcoverde, foi construído através de um convênio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), CNPU, Prefeitura Municipal de Teresina (PMT), com o Instituto de Planejamento e Administração Municipal (IPAM). O presente plano apresenta-se como uma atualização do PDL I e

tem como objetivo concretizar suas propostas até o ano de 1985, ou seja, sete anos.

Teve como estrutura três volumes:

O primeiro volume está dividido em duas partes. A parte I é composta de uma Avaliação (Físico-sócio-econômica) e de um Diagnóstico Socioeconômico, onde toma-se como base principal de dados as informações e estudos feitos no primeiro plano urbano da cidade, o PDLI; a parte II versa sobre a Estrutura Físico-espacial (Análises e Diretrizes). [...]. O segundo volume contém a Identificação dos Problemas das Várias Áreas Urbanas, um Plano de Ação e traz ainda um Projeto de Lei de Uso e Ocupação do Solo. Já o terceiro volume apresenta os mapas elaborados (RODRIGUES, 2013, p. 88).

No primeiro volume, este documento não apresenta um tópico específico para tratar a questão do lazer. Na parte denominada de Estrutura Atual e Proposta na letra D, fala das praças e áreas verdes como equipamentos de lazer.

No que se refere a previsão de praças e áreas verdes para a população teresinense procurou-se, sempre que possível, obedecer as indicações feitas pelo PDLI, alterando-se apenas as localizações que implicassem em maiores custos por parte da Prefeitura Municipal. Dessa forma, procurou se cobrir toda a área urbana, oferecendo opções à população para a utilização desses equipamentos de lazer (TERESINA, 1977, p. 210).

Constatamos o uso do termo recreação que aparece no segundo volume, no primeiro tópico que trata da “Identificação dos Problemas das Várias Áreas Urbanas”. Foram realizadas entrevistas com líderes comunitários dos bairros da cidade, com perguntas relacionadas a vários temas como saúde, educação dentre os quais aparecia o aspecto recreação. Como conclusão dessa pesquisa, observou-se que os equipamentos urbanos se concentravam no centro e iam diminuindo em direção à periferia.

Na parte 2 do volume II, na qual apresentava o plano de ação também não trouxe tópico específico para tratar o tema *recreação ou lazer*. Na parte de Estratégia de prioridade do projeto, coloca as praças e jardins como sendo de prioridade 1.

O presente plano não traz um aprofundamento sobre a questão do lazer na cidade nem sobre os projetos destinados para este setor. Destaca apenas o papel das praças para o lazer.

- PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE TERESINA (PDDU)

O PDDU começou a ser elaborado em 1983, pela Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, e o Instituto Nacional de Administração para o Desenvolvimento. Esse plano não foi concluído, mas seus estudos serviram de base para o PET II. Foi o primeiro a ser chamado de plano diretor, e considerou a cidade de Timon no planejamento de Teresina (RODRIGUES, 2013).

Como este plano não foi concluído também não foi posto em prática, mas deveria ter a seguinte estrutura: “Basicamente, deveriam ter sido produzidos quatro relatórios, a saber: R1 - Alternativas de Desenvolvimento; R2 - Formulação de Políticas e Estratégias; R3 - Consolidação das Políticas e Estratégias; e R4 - Consolidação do PDDU” (RODRIGUES, 2013, p. 94).

O tema lazer começa a ganhar mais espaço nos planos urbanos. No volume dois do primeiro relatório, ao fazer uma caracterização social da cidade e dos aspectos de qualidade de vida, tratou de várias questões e incluiu o tema lazer. Primeiro, é feita uma conceituação do lazer, considerando este como importante para o descanso e desenvolvimento da personalidade, e ainda como um reparador das tensões cotidianas (TERESINA, 1983).

Segundo o plano, o lazer é importante para ocupar as horas livres dos indivíduos, e evitar que estes adotem comportamentos antissociais; em outras palavras, adverte que o lazer contribui para diminuir a violência e a criminalidade. Ainda considera o lazer como um elemento gerador de emprego e renda. Classifica as atividades de lazer em quatro tipos: contemplativo, desportivo, cultural e recreativo e partir daí faz uma avaliação da cidade de Teresina quanto a estes tipos.

Quanto ao lazer contemplativo, referente ao passeio em áreas verdes e praças, foi avaliada a situação da cidade como insatisfatória, uma vez que a média de áreas verdes por habitante em 1981 era de apenas 1,8m². Quanto às praças, constatou a existência de sessenta e duas, mas as melhores situadas na zona central enquanto as da periferia encontravam-se deterioradas.

No lazer cultural, o diagnóstico foi de que os equipamentos estão localizados quase todos na área central, e há predominância de lazer pago nesse setor. No lazer desportivo também se concluiu que a maior parte dos equipamentos pertencia a iniciativa privada; no âmbito público, a quantidade era insatisfatória, mas nesse

período, estavam em fase de implantação a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL) e a Secretaria de Cultura do Estado, o que poderia melhorar esse quadro.

No que diz respeito ao lazer recreativo, que engloba atividades livres, como manhãs de lazer, bailes, bate-papo em bares, também há predominância de opções pagas, como clubes sociais e casas noturnas. Na esfera pública existem poucas opções: “a cidade conta apenas com duas piscinas públicas e as opções de banho como lazer, para a população de baixa renda, são as ‘coroas’ do rio Poti e Parnaíba, com suas águas poluídas, sujeitando a população à contaminação de doenças” (TERESINA, 1983, p. 51-72).

Em linhas gerais o relatório considerou o atendimento as necessidades de lazer na cidade de Teresina como insatisfatório o que prejudica as pessoas mais pobres que tolhidas do acesso a espaços públicos também não tem como pagar o lazer privado: Teresina apresenta um quadro insatisfatório, refletindo o estágio do subdesenvolvimento em que se encontra nesse setor. As opções de lazer oferecidas são limitadas, sendo que o estrato social mais prejudicado é o de baixa renda, tanto pelas mínimas opções oferecidas pelo setor público como pela indisponibilidade de recursos financeiros para participar das modalidades pagas (TERESINA, 1983 p. 51-67).

No relatório dois desse plano, que trata das políticas e estratégias e programas de ação imediatas, o lazer também ganhou destaque, uma vez que este setor foi considerado muito ineficiente como foi visto acima.

Considerando a ineficiência e equipamentos e sua má distribuição, a falta de incentivo ao lazer, a predominância de lazer comercializado, a não existência de lazer infantil, o plano previu ações para modificar esse quadro, visando o acesso de todas as faixas etárias ao lazer. São estas de forma resumida: ampliação das atividades artesanais, incentivo ao folclore, implantação de teatros abertos em bairros de baixa renda, implantação de salas de artes com aulas de música nos centros sociais, criação de restaurantes de comidas típicas, apoiar a realização de feiras de lazer nos bairros de baixa renda, utilizar áreas marginais a rios e lagoas para o desenvolvimento de atividades de lazer, dotar de infraestrutura os balneários, incentivar a pesca esportiva, promover a navegação fluvial para lazer, introduzir novas modalidades esportivas de lazer para a população adulta, dotar os bairros de baixa renda de equipamentos esportivos conforme as aspirações e hábitos da

comunidade local (arquibancadas, quadras, *play-grounds*) (TERESINA, 1983 p. 447).

Na parte de programas de ações imediatas, propõe programas para o apoio ao lazer cultural e à recreação infantil: o primeiro diz respeito à Implantação e apoio às feiras de lazer, para proporcionar às populações periféricas opções de lazer, incentivando a participação dos grupos locais, e a realização de festivais de música popular, promover leilões de peças artísticas e culturais e a divulgação de realização de feiras.

O outro programa era o de recreação infantil que tinha como objetivo proporcionar às crianças em idade escolar atividades múltiplas de lazer com manhãs de lazer no período das férias. Como medidas, previa as manhãs de lazer bem como equipar as praças dos bairros com equipamentos de lazer infantil.

No relatório três, que trata dos elementos para a legislação do uso do solo e aspectos complementares das políticas, o tema lazer aparece na caracterização e operacionalização das medidas para o lazer; entre estas estão o Programa de Lazer Cultural Comunitário, que tinha como objetivo desenvolver projetos integrados à valorização da cultura local e a criação de restaurantes de comidas típicas.

Como se vê, o PDDU, em relação aos dois primeiros planos, deu grande salto, no que diz respeito ao tratamento do tema lazer. Trouxe uma avaliação crítica do lazer na cidade, constatando as deficiências da cidade e considerando que a situação era insatisfatória para atender à necessidade da população, sobretudo, a mais pobre. Este diagnóstico realista possibilitou projetar-se ações que poderiam contribuir para melhor estrutura de lazer. Importante ainda ressaltar que o documento considera o lazer das diferentes faixas etárias e considera os rios como fonte de lazer na cidade.

- II PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA

O II Plano Estrutural de Teresina foi elaborado no ano de 1988 durante a gestão do Prefeito municipal Raimundo Wall Ferraz. O Plano é formado por dez leis: a Lei n. 1932, que institui o II Plano Estrutural de Teresina, já mencionada; a Lei n. 1933, que delimita o perímetro da zona urbana de Teresina e dá outras providências; a Lei n. 1934, que delimita o perímetro dos bairros de Teresina e dá outras providências; a Lei n. 1935, que delimita o perímetro dos setores urbanos de Teresina e dá outras providências; a Lei n. 1936, que define diretrizes para

ocupação do solo urbano e dá outras providências; a Lei n. 1937, que define diretrizes para o uso do solo urbano e dá outras providências; a Lei n. 1938, que dispõe sobre o parcelamento do solo urbano do município de Teresina e dá outras providências; a Lei n. 1939, que cria zonas de proteção ambiental, institui normas de proteção dos bens de valor cultural e dá outras providências; a Lei n. 1940, que institui o Código Municipal de Posturas e dá outras providências; e a Lei n. 1942, que dispõe sobre o tombamento e preservação do patrimônio cultural, histórico, artístico e paisagístico, localizado no território do município de Teresina, todas de 16 de agosto de 1988 (RODRIGUES, 2013).

Nesse documento, encontramos o termo lazer na lei que institui o PET, que considera a descentralização e a garantia dos equipamentos de lazer pela população como um objetivo social no inciso VII do seu artº 5º: “ampliação e descentralização dos equipamentos destinados ao esporte, à cultura e ao lazer, bem como a garantia de seu uso pela população” (TERESINA, 1988, p. 7).

O lazer também ganha espaço no estabelecimento das diretrizes, quando no Art.º. 16 se tem as diretrizes de lazer e áreas verdes (p. 16):

- II- a implantação e utilização pela comunidade de, pelo menos, uma praça de referência para cada setor urbano;
- III- a implantação de rede de parques regionais, atendendo a conjuntos de bairros
- V- a implantação e manutenção de, pelo menos, um campo de atividades esportivas em cada bairro;
- VI- a expansão da rede de centros integrados de artes;
- VII- o apoio aos programas esportivos e culturais dos bairros;
- VIII- a dinamização das manifestações artísticas nos espaços de referência cultural no centro da cidade principalmente nas zonas especiais de preservação;
- IX- a dinamização dos programas de recreação, lazer e manifestações artísticas com a integração do homem com os rios;

O II PET, diferente dos planos anteriores, não trouxe extensos relatórios sobre a cidade, mas um conjunto de leis. Neste ínterim, o lazer foi considerado como um objetivo social, portanto, seu acesso deveria ser ampliado. Como diretrizes, o plano trouxe não só a implantação de equipamentos como praças, parques, campos esportivos e centros de arte, mas também a importância de se ter programas para dinamizar esses locais. Ademais trouxe novamente os rios, como ponto forte de lazer na cidade.

- PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - TERESINA AGENDA 2015

A Agenda 2015 começou a ser elaborada no ano de 2001, como plano diretor da cidade, é composta de onze leis. Sua proposta metodológica foi lançada no I Congresso da Cidade (30 e 31/08/2001), seguido de dois Seminários Temáticos (03/2002 e 08/2002, respectivamente), finalizando com o II Congresso da Cidade (08/2002) onde o documento final foi apresentado” (RODRIGUES, 2013).

O Planejamento Estratégico de Teresina: Agenda 2015 – Plano de Desenvolvimento Sustentável foi elaborado a partir do Congresso da Cidade em 2001, através do estudo realizado sobre 16 temas considerados relevantes para o desenvolvimento da cidade. Sendo assim, utilizando-se da metodologia do planejamento estratégico e da técnica de planejamento SWOT⁵⁹, que se fundamenta basicamente em identificar os pontos fortes (*strengths*), os pontos fracos (*weaknesses*), as oportunidades (*opportunities*) e as ameaças (*theaths*) do objeto em estudo e sua relação com o meio. O diagnóstico da cidade foi sistematizado considerando esses quatro elementos (CAMPOS, 2009, p. 49-50).

O tema *Lazer* figurou junto com *Esporte* como um dos temas que ordenariam as discussões dos especialistas. Para cada um dos temas estudados foram apresentados os pontos fortes, os fracos, as ameaças e as oportunidades. O resultado final apresentou um tópico chamado “A Teresina que temos” que apresentava uma visão panorâmica da cidade. A parte “A Teresina que teremos” que diz respeito ao cenário de inércia para a cidade, caso sejam ignoradas as propostas de intervenção. A parte “A Teresina que queremos” apresenta uma Teresina com elevado IDH, desenvolvimento sustentável, e boas condições de vida para seus habitantes. Por último tem-se “A Teresina que faremos”, que apresenta quarenta e oito Programas que se subdividem em projetos para melhorar a qualidade de vida na cidade, estes devem se concretizar no intervalo de 2003 e 2015. Na parte de esporte e lazer foram previstos seis programas e quatorze projetos (CAMPOS, 2009).

Façonha e Viana (2012) apontam que, apesar de o poder público municipal defender que a Agenda 2015 terá um processo participativo que contemplará as questões prioritárias para o desenvolvimento local sustentável, o que se teve na prática foi uma discussão superficial e sem aprofundamento em relação aos encaminhamentos das propostas do documento. Além disso, outras críticas se deram pela fraca participação popular no processo:

Não obstante a intensa campanha publicitária e os inúmeros eventos realizados, o conjunto de debates recebeu severas críticas de representantes dos movimentos sociais, que alegaram o não cumprimento dos princípios do Estatuto da Cidade no que respeita à participação popular e ao acesso democrático às discussões dos distintos segmentos da sociedade (LIMA, 2011, p. 8).

A parte intitulada como “A Teresina que temos” que traz uma caracterização da cidade trata do tema lazer junto com o Esporte e a Cultura. O documento começa fazendo um diagnóstico do lazer esportivo na cidade, considerando-o de baixo desempenho, por falta de políticas de incentivo, sobretudo no âmbito educacional. Reconhece o futebol como a principal manifestação esportiva popular. Quanto à infraestrutura de espaços, considera que é representativa, no entanto, inadequada, pois:

São unidades que não têm manutenção adequada, o equipamento é incompleto e/ou inadequado para a prática de esportes específicos e, principalmente, falta um programa de utilização dessas unidades, com profissional habilitado que estimule e eduque a comunidade local para a prática de esportes, como fundamento para o desenvolvimento da sociabilidade e das relações inter pessoais (TERESINA, 2002, p. 4).

O documento considera ainda espaços para lazer as áreas ligadas às margens dos rios, os parques ambientais e as praças, mas reconhece novamente a falta de estrutura destes e o baixo aproveitamento (TERESINA, 2002). Traz ainda a descrição dos pontos fortes: O “caráter sertanejo”, ou seja, a hospitalidade e honestidade do teresinense; o conjunto de artistas com criatividade e potencial; a existência de mecanismos de financiamento à produção cultural nas três esferas administrativas; e o destaque que alguns atletas, apesar da carência de infraestrutura e apoio, conseguem em alguns esportes, como o judô, capoeira e outros. E por último descreve os pontos fracos: falta de uma identidade local na produção cultural, tornando mais difícil a inserção em um mercado globalizado e competitivo; pouca organização operacional dos mecanismos de financiamento à produção cultural e pouca cooperação entre os artistas para o seu desenvolvimento; carência de programas e infraestrutura adequada para atividades esportivas, além da falta de incentivo ao esporte e à educação física nas escolas (TERESINA, 2002).

Como é possível observar, há certo reconhecimento do próprio poder público da falta de estrutura para o lazer na cidade, seja pela falta de equipamentos, seja pela falta de manutenção e aproveitamento desses. Percebe-se também que, na

descrição dos pontos fortes e fracos, foram priorizados apenas dois de seus aspectos, ou seja, a cultura e o esporte sem tratar do lazer de uma forma ampla.

Na parte “A Teresina que queremos” diagnósticos e cenários, se faz novamente uma caracterização dos setores esporte e lazer na cidade e descreve os pontos fortes e fracos, as ameaças e o cenário desejável para Teresina no ano de 2015. São os pontos fortes: calendário climático favorável, áreas de potencial turístico-ecológico e esportivo – rios Poti e Parnaíba, grandes estruturas de lazer – Parque da Cidade, Zoobotânico, Potycabana, boa quantidade de quadras e campos distribuídos pela cidade, gosto do teresinense pelo esporte e mídia esportiva atuante.

É notória a importância dos rios e dos parques urbanos para o lazer da cidade, tendo em vista ainda as altas temperaturas e a necessidade desse contato com a água e com o verde para amenizar esta situação. O que se percebe, no entanto, é uma descrição muito superficial sem descrever pontos específicos da cidade que poderiam ser melhor aproveitados para o lazer.

Como pontos fracos que se referem especificamente ao lazer: má conservação das unidades esportivas, espaços de lazer e praças, falta de praças esportivas para modalidades específicas e de estrutura para a prática de esporte de alto nível, insuficiência de patrocínios para a formação de atletas e implantação de equipamentos desportivos e de lazer. Como ameaças ao lazer, considera: educação física escolar não valorizada, aumento do tráfico e consumo de drogas legais (fumo e álcool) e ilegais (maconha, cocaína etc).

Com relação aos pontos fracos, a falta de estrutura dos espaços de lazer e a insegurança – que através principalmente do tráfico e consumo de drogas, como fatores dificultadores do acesso ao lazer na cidade – são reconhecidas pelo poder público. Reconhecendo esses pontos fracos, é possível unir esforços para buscar soluções para estes entraves, o que é um ponto positivo trazido por este plano.

Por último, o documento descreve o cenário desejável para Teresina no ano de 2015, no tocante ao lazer, preconizando que toda a população terá acesso ao lazer, e o esporte estará desenvolvido nos três segmentos: escolar, comunitário e performance e a relação homem-rio estará resgatada, uma vez que os rios serão mais integrados à paisagem urbana e utilizados para o esporte, lazer e ecoturismo.

A parte “A Teresina que faremos” identifica os macroobjetivos, estratégias, projetos e ações para atingir o cenário desejável. No que diz respeito ao lazer, foram previstos seis programas e quatorze projetos, descritos no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Programas e projetos definidos pela Agenda 2015 para o Esporte e Lazer

PROGRAMA	PROJETOS
PROGRAMA 1: INCENTIVO AO ESPORTE ESCOLAR	1.1 Criação da seccional do CREF em Teresina: Criar a seccional do CREF, com a função, entre outras, de fiscalizar as escolas em relação à prática desportiva escolar prevista pela LDB. 1.2 Escola na Praça: Promover a prática desportiva pelas escolas que não dispõem de espaços adequados, em praças e quadras públicas, promovendo a integração entre a escola e a comunidade. 1.3 Olimpíada Estudantil Teresinense: Realizar anualmente uma olimpíada estudantil, envolvendo todas as escolas teresinenses, incentivando as competições interclasses.
PROGRAMA 2: TERESINA ESPORTIVA	2.1 Calendário Anual de Eventos Esportivos de Teresina: Definir e consolidar um calendário de eventos esportivos locais, nacionais e internacionais a serem realizados em Teresina.
PROGRAMA 3: CAPACITAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NO ESPORTE	3.1 Centro de Capacitação e Aperfeiçoamento técnico dos profissionais de Esporte: Estruturar um centro de excelência no esporte, dotado de laboratório de fisiologia do esforço e equipamentos para avaliação cineantropométrica, além de espaços destinados à cursos, oficinas, etc, localizado na UFPI/UESPI. 3.2 Capacitação contínua de profissionais do desporto: Realizar cursos, oficinas e <i>workshops</i> nas diversas modalidades esportivas visando a capacitação e aperfeiçoamento técnico.
PROGRAMA 4: INCENTIVO À FORMAÇÃO DE ATLETAS	4.1 Centro Olímpico de Teresina: Construir um centro para a prática de esportes olímpicos, possibilitando a formação de atletas locais, além de sediar competições. 4.2 Bolsa Atleta: Regulamentar a Lei Municipal Benito e Luciana para incentivar o apoio às entidades esportivas e à formação de atletas. Aprovar e implementar uma lei de âmbito estadual de incentivo ao esporte.
PROGRAMA 5: REESTRUTURAÇÃO GERENCIAL E ADEQUAÇÃO FÍSICA DOS GINÁSIOS POLIESPORTIVOS	5.1 Revitalização dos Ginásios Poliesportivos: Reequipar e promover reestruturação gerencial dos ginásios poliesportivos localizados nas regiões norte, centro, sul e sudeste, adequando seu espaço às práticas esportivas mais demandadas pela comunidade local. 5.2 Jogos Intercomunitários: Promover jogos intercomunitários na zona urbana e rural para incentivar a prática de esportes.
PROGRAMA 6: UTILIZAÇÃO DAS ÁREAS DE LAZER	6.1 Praça Viva: Implantar, nas praças de referência nos bairros, núcleos que desenvolverão atividades recreativas e esportivas destinadas às crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência. 6.2 Caminhar Saudável: Adequar as pistas e equipamentos (sinalização, barras para alongamento, etc) das vias utilizadas para a prática de caminhadas. Realizar monitoramento, pelas academias de ginástica e preparação física, em sistema de rodízio, assegurando em contrapartida espaço para publicidade. 6.3 Domingo no Parque: Implantar equipes de acompanhamento para direcionar e organizar as visitas aos parques e desenvolver atividades educativas sobre o meio ambiente. 6.4 Abraçando Teresina: Incentivar a prática de esportes náuticos e lazer nos rios Parnaíba e Poti, resgatando a relação homem/rio.

Fonte: Teresina (2002, p. 39-41).

Em comparação aos planos anteriores, a Agenda 2015 traz de forma mais detalhada as propostas de ações concretas para fortalecer o lazer na cidade. São muitos os projetos que foram previstos para a melhoria do esporte e lazer, notadamente para o esporte, com dez projetos específicos, enquanto os outros tipos de lazers ficaram com apenas quatro projetos. Estes projetos reconhecem a importância de espaços públicos, como praças, parques, pistas para caminhada e os rios para o lazer na cidade. Contudo, percebe-se que há uma preocupação maior com a animação desses locais, enquanto são necessárias também ações no sentido de estruturá-los e dar maior segurança a seus frequentadores.

4 A REALIDADE SOCIOESPACIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE TERESINA

4.1 Os espaços públicos de lazer em Teresina: ontem e hoje

Para analisar a dinâmica dos espaços públicos de Teresina, faz-se necessário conhecer as formas de lazer praticadas pelos teresinenses, uma vez que estas se realizam em espaços concretos que sofreram e sofrem mudanças ao longo do tempo, segundo a dinâmica da própria sociedade.

Enfatizamos, nesta pesquisa, os espaços que os moradores utilizaram em suas horas livres ao longo do tempo, com ênfase no período entre 1994-2014. É importante destacar que não serão destacados os diferentes usos, costumes e cultura, mas os espaços utilizados para o lazer e como estes se transformaram. Para este fim, buscamos referências sobre o lazer na cidade de Teresina, desde sua formação até os dias atuais, pois a análise do espaço pressupõe considerar o processo de sua produção e reprodução; assim, é preciso conhecer seus usos em outros tempos. Para tanto, foi realizado levantamento nos jornais e revistas da época.

As festas religiosas já eram, em 1860, o ponto alto de acontecimentos na cidade, onde se misturavam ricos e pobres, e aconteciam leilões. Para a elite, o Teatro Santa Teresa, inaugurado em 1858, era um templo no qual podiam assistir às peças de companhias de fora, participar de festas em homenagem ao imperador, tomar chá e desfilar seus luxos. Os pobres se divertiam com danças e bumba meu boi realizados em barracos armados para esse fim. A Igreja Nossa Senhora do Amparo era ponto de encontro para aqueles que assistiam a missa dominical (VILARINHO, 2002).

A influência da Igreja se deu também nas horas de lazer, as festas religiosas e as praças onde se localizam as igrejas foram pontos de encontro da sociedade, desde as primeiras décadas da história de Teresina. Até hoje é possível observar na cidade que a praça da Igreja Matriz, mesmo com a mudança no seu uso, ainda é um espaço de referência nos bairros.

Nas últimas décadas do século XIX, as cidades brasileiras, de forma geral, influenciadas pelo progressismo europeu e pelos ideais republicanos, sofreram

muitas mudanças. No campo econômico, com o desenvolvimento da Província do Piauí, a cidade de Teresina adquiriu maior integração regional conquistando elementos que sinalizavam a modernidade – como o telégrafo e o teatro (PIMENTEL, 2002).

Esses fatos refletiram na organização espacial da cidade com uma valorização dos espaços públicos e o surgimento de novas formas de lazer. O teatro foi um símbolo de modernidade incorporado à cultura; frequentá-lo era mais que lazer, mas também sinônimo de *status*. Em dia de espetáculo, a movimentação era grande na cidade; novos costumes e atitudes foram absorvidos com essa novidade (PIMENTEL, 2002).

Foi neste contexto que, em 1894, Teresina ganhou um importante espaço para o lazer: o Theatro 4 de Setembro; o espaço abrigou diversos eventos, como, por exemplo: shows musicais, lutas de boxe, palestra, projeção de filmes. Vale destacar que a participação neste espaço se resumia à elite, pois os ingressos eram muito caros.

Sobre a classe mais pobre, Araújo (1995) afirma que, no final do século XIX, havia muita pobreza na cidade de Teresina. Com poucos postos de empregos formais, devido à fraca atividade industrial, grande parte da população exercia atividades temporárias e não havia a separação explícita entre tempo do trabalho e tempo do lazer. Para a autora, trabalho e diversão coexistiam no mesmo movimento diário de sobrevivência desses trabalhadores. O lazer estava muito relacionado às relações de vizinhança, conversas e visitas a vizinhos.

A noção de divertimento das classes populares era inesperável do trabalho estando, integrada na experiência do dia a dia de cada um. Essas atividades misturavam-se espontaneamente. Também estavam presentes às diversões: festas juninas, casamentos ou quando se batizavam suas crianças (ARAÚJO, 1995, p. 58).

As formas de lazer comuns, no final do século XIX, eram as festas juninas, bumba meu boi, festas surpresa de aniversários, as festas religiosas que tinham o lado sagrado e o lado profano, o Carnaval, que se realizava principalmente com festas à fantasia, e o teatro, que, à época, era frequentado por pessoas mais abastadas que tinham condições de arcar com as despesas do vestuário e dos ingressos (CASTELO BRANCO, 1994).

Teresina começou o século XX sem muitos serviços urbanos, como água encanada, luz elétrica ou telefone. Estes foram chegando aos poucos; primeiro veio o telefone e a água encanada, em 1906; e, em 1914, a luz elétrica. Na década de 1920, começaram a chegar novos meios de transportes, como o carro e o bonde, que passaram também a ser uma forma de lazer. Por exemplo, andar de bonde em Teresina passou a ser uma opção de transporte mas também de lazer, principalmente aos domingos (CASTELO BRANCO, 1994).

Nas primeiras décadas do século XX, houve grandes transformações para os espaços das cidades, por meio de sua revitalização, associada a novos hábitos urbanos. Em Teresina, deu-se uma valorização dos espaços de lazer:

Particularmente em Teresina a onda progressista se dá por meio da criação e valorização de espaços de convivência e lazer: praças, ou passeios públicos, salas de cinema, bares, teatros, cafés, clubes, etc. Ruas cada vez mais limpas e saneadas, iluminação com luz elétrica e telefone, são avanços da mesma época que também chegam (LIMA, 2002, p. 129).

Um exemplo dessa renovação na cidade de Teresina foi a reconstrução da Praça Uruguaiana entre 1909 e 1913, atual praça Rio Branco, que se tornou passeio público predileto da capital. Esta atraía a juventude da elite que a frequentava até vinte e duas horas, quando as luzes eram apagadas. Atraía também a população mais pobre, mas cada um tinha seu pedaço definido, havia uma segmentação (LIMA, 2002). A praça neste momento se configurava como importante espaço de lazer da cidade:

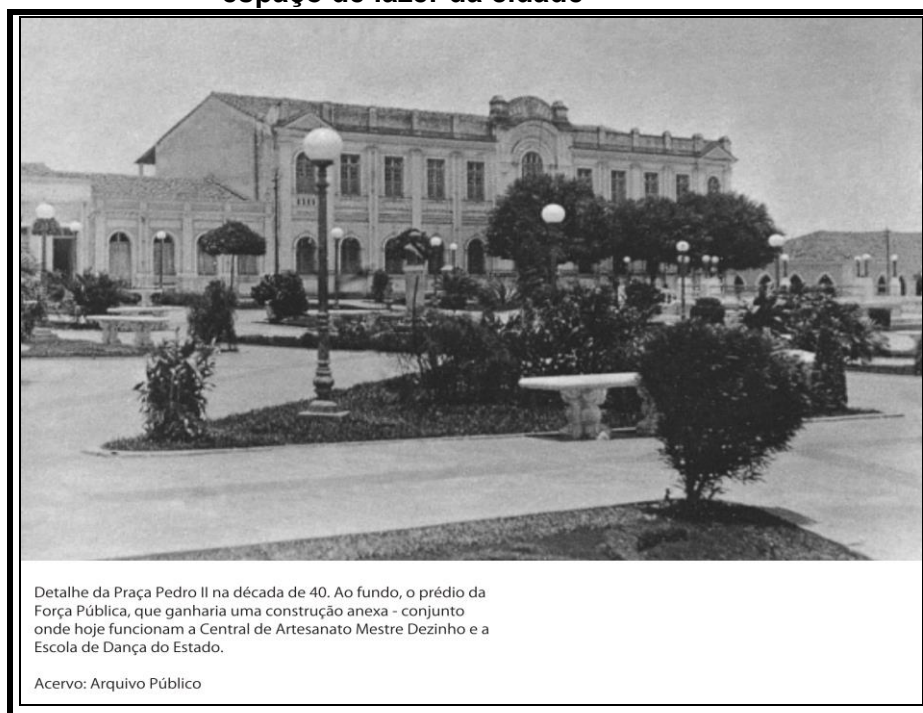
Com o tempo as praças foram se tornando o centro de encontro de jovens. A partir de 1936, o burburinho dos jovens desapareceu da Praça Rio Branco, para onde se dirigiam após a missa de 9h, na igreja de Nossa Senhora do Amparo, e passaram a frequentar a Praça Pedro II, que durante décadas, se notabilizou, por ter sido palco do início de namoro de gerações teresinenses (VILARINHO, 2002, p. 3).

Sobre as formas de lazer na cidade, nesse período, Castelo Branco (1995) destaca o futebol, o cinema, os passeios nos jardins públicos. O teatro e o Carnaval ganham uma nova cara. O Carnaval era uma importante forma de lazer à época. Acontecia nas ruas e casas particulares, e, à noite, as pessoas se reuniam na Praça Rio Branco. Outra forma de lazer importante à época era o teatro. O cinema chegou em Teresina em 1901; e, até 1919, as apresentações eram feitas no Theatro 4 de

setembro, quando foi instalado na Praça Rio Branco o Palace Cinema. O autor destaca ainda o futebol como uma forma de lazer diferente, introduzido na cidade, que ao contrário das outras não prezava pela civilidade e tinha traços de violência.

Até 1930, a Praça Rio Branco se conformou como lugar privilegiado do lazer dos teresinenses, quando a Praça Pedro II foi reformada e se tornou o mais novo espaço para o divertimento da sociedade: o clima atrativo da praça, com seus jardins floridos e carnaubal decorativo, era ponto de encontros de rapazes, moças, senhoras e senhores, constituindo-se na única praça do mundo na qual as jovens da época circulavam ao redor em círculo para deleite dos admiradores (LIMA, 2002).

Figura 4 - Praça Pedro II na década de 1940 importante espaço de lazer da cidade



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Teresina.

A Praça Pedro II era animada por bandas, durante a noite, e, aos domingos, era palco de eventos cívicos culturais e de encontro de intelectuais à época. Era marcada também pela segregação social, dividida em dois lados a “praça de baixo” frequentado pelas moças da sociedade e a “praça de cima” frequentada pelas pessoas de menor nível social.

O traçado requintado e atrativo das praças proporcionava um encontro de sociabilidades e de conveniências sociais. Mas é inafastável que o passeio público foi marcado por esse *apartheid*

social invisível, mas muito presente dentro dos espaços de lazer e convivialidade da capital (LIMA, 2002, p. 130).

A Praça Pedro II foi o principal centro de lazer da cidade, principalmente após 1939, com a chegada do Cine Rex, antes disso era a Praça Rio Branco. A segregação espacial era explícita no espaço do lazer desse período; cada classe social tinha seu espaço delimitado, até mesmo dentro da praça que é um espaço público. Nota-se também que os equipamentos privados e as novas formas de lazer sempre são incorporados primeiro pelas classes com maior poder aquisitivo:

Até o final dos anos 60, a Praça Pedro II foi a passarela das mulheres bonitas, ao som da banda da polícia militar que tocava marchinhas e dobrados no coreto localizado na parte de cima do logradouro, em frente ao quartel da PM, hoje centro de Artesanato Mestre Dezinho. Contudo a noite, até as 21 horas, as moças bem nascidas passeavam na parte de baixo, pois o lado de cima era 'reservado' as empregadas de cozinha e conhecido como 'curral das éguas' (VILARINHO, 2002, p. 3).

As festas se davam em casas particulares, pois não havia outros espaços de divertimento na cidade. Só a partir de 1920 esses eventos começaram acontecer em clubes e salões que surgiram na cidade; a exemplo do Clube dos Diários, inaugurado em 1922, que passa a ser o local de grandes bailes da elite teresinense (LIMA, 2002). Por outro lado, desde essa época, a população mais pobre sempre procurou meios e espaços alternativos de lazer:

Até o início da primeira década deste século, o lazer coletivo da população de Teresina era muito espontâneo e simplório. O apoio do poder público se fazia mais presente em eventos abertos, como as festas populares de motivação religiosa, cultural/regional e as festas cívicas-comemorativas. A população criava suas alternativas de lazer na forma de "peladas" futebolísticas nas praças e terrenos baldios, nos banhos de rios, nos encontros informais em bares e botequins e nos poucos clubes sociais, que eram muito procurados. Também existiam as pequenas reuniões de familiares, de vizinhos ou de amigos mais íntimos, nos finais de semana, nas calçadas, nos quintais e nos sítios, para comer, beber e conversar (TERESINA, 2013, p. 50).

Quanto ao cinema, estava presente na cidade desde as primeiras décadas do século XX, com o cine Royal. O Olímpia e com o Cine Rex em 1939 e o Theatro 4 de Setembro que exibia filmes. O Cine Rex, inaugurado em 26 de novembro de 1939, teve muita importância para o cinema de Teresina, só perdendo um pouco da

importância em 1966, com a chegada do Cine Royal. O teatro tinha pouco expressão à época, haja vista a grande valorização do cinema. Os ingressos eram caros e não permitiam maior participação popular. Segundo Castelo Branco (1995), o cinema trouxe novos comportamentos, vestimentas, novas formas de namorar para a sociedade. Muda também as novas formas de brincadeiras das crianças. Liga o modo de vida teresinense aos modelos europeus e americanos. E onde as classes populares se divertiam?

Embora essas formas de lazer em Teresina implicassem, em forma geral no entretenimento da elite, as pessoas menos favorecidas, quando não participavam periféricamente dele, forjavam outras formas de lazer. Vale ressaltar que todas as camadas sociais foram, senão inseridas por esses novos símbolos do progresso e da civilização que as cidades ditas modernas ditavam (LIMA, 2002, p. 131).

Como podemos constatar, esses acontecimentos, voltados para o lazer, davam-se sobretudo em espaços privados, seja na casa das pessoas seja em equipamentos privados com ingressos caros. Os espaços públicos com ingressos pagos, como é o caso do Theatro, eram bem segregacionistas, uma vez que os ingressos eram muitos caros. Nesse momento havia clara separação de classes, o que pode explicar ainda hoje certa elitização da cultura, mistificando ainda nos dias atuais a participação das pessoas mais pobres nestes equipamentos culturais como teatros e cinemas, mesmo quando os ingressos são mais baratos ou oferecem atividades gratuitas.

O lazer esportivo começou a chegar em Teresina, sobretudo, no final do século XIX e início do século XX, seguindo uma tendência trazida de fora. Um dos desdobramentos das inovações tecnológicas do final do século XIX foi a maior importância dada as atividades físicas no aprimoramento do homem. Foi neste período que o esporte e a cultura física passaram a ganhar mais importância na vida de muitas pessoas por todo o mundo (CASTELO BRANCO, 1996).

As práticas desportivas fazem adeptos em Teresina, principalmente entre pessoas da elite que teriam condições financeiras de ter acesso a bicicleta e embarcações náuticas. Entretanto, a popularização das atividades físicas somente ocorreria com a prática do futebol. O futebol torna-se, por volta de 1918, a grande paixão esportiva dos teresinenses (CASTELO BRANCO, 1996, p. 34).

O futebol até hoje continua sendo o esporte mais popular na cidade, que já possui vários equipamentos específicos para sua prática. À época em que chegou a cidade, o esporte era praticado improvisadamente em praças e largos da cidade, pois não havia campos de futebol apropriados (CASTELO BRANCO, 1996). Esta é outra evidência de que a praça tinha um papel muito importante para o lazer da cidade, servindo tanto para passeios, realização de eventos e até para a prática de esportes, inclusive o futebol; daí pode-se explicar que ainda hoje é possível encontrar na cidade de Teresina muitos campos ou quadras de futebol situados em praças.

As pessoas com maior poder aquisitivo sempre encontraram mais espaço para o seu lazer, tendo acesso primeiro às novidades trazidas de fora, enquanto as camadas mais pobres encontravam outras formas de diversão, improvisando seu próprio espaço, uma vez que nesta época não se falava em políticas públicas para o lazer. A diferença entre classes era bem acentuada, e visível nos espaços, a exemplo das Praças Rio Branco e Pedro II, que possuíam espaços distintos, conforme a classe social de seus frequentadores.

O processo de urbanização de Teresina teve um grande impulso a partir de 1950. A partir dos anos desta década, a cidade de Teresina começou a receber maiores investimentos de infraestrutura por parte do poder público, nas áreas de energia, saúde e educação; além disso, houve um aumento na malha rodoviária, ligando a cidade a outros centros. Esses fatos tornaram a cidade atrativa, o que gerou grande crescimento populacional e uma rápida ocupação do espaço urbano, para além do traçado original. Muitos espaços que se destinavam a áreas verdes foram construídos ou ocupados por favelas (LIMA, 1996).

Esse crescimento causou um espraiamento da cidade para além dos limites definidos no seu projeto inicial de cidade planejada, daí veio a necessidade do estabelecimento de equipamentos nos novos bairros, que não tem sido satisfatório em todos os setores, inclusive no que se refere ao lazer. Até os dias atuais é possível constatar muitas reivindicações de espaços de lazer na cidade, no que tange à construção, manutenção, e segurança desses espaços, muito noticiados na mídia:

- As praças de Teresina são de grande beleza, mas infelizmente estão relegadas ao abandono espero que o governo se sensibilize e tome providencias no sentido de revitalizar esses logradouros

públicos (Vereador Assis Machado, JORNAL O DIA, 12 jan. 1994, p. 03).

- Praça do Liceu está abandonada com pedras soltas, sem água para irrigação das plantas além da falta de limpeza e segurança (JORNAL O DIA, 5 mar. 1994, p. 2).

- Em bairros periféricos as pessoas buscam formas alternativas de lazer como peladas no meio da rua, banho de rio ou lagoas, festas e bingos e reivindicam áreas de lazer em suas comunidades (JORNAL O DIA, 18 maio 1995, p. 9).

- 'Planalto Uruguai quer praça': moradores do bairro reivindicam a transformação de um terreno baldio em praça (JORNAL O DIA, 16 fev. 1996, p. 2).

- 'Moradores reivindicam novas áreas de lazer' famílias do Vila bandeirantes querem campo de futebol (JORNAL O DIA, 7 jan 1997, p. 11).

- 'Bela Vista precário' dentre várias reclamações dos moradores do bairro com saúde, segurança, educação está a que solicita espaços de lazer no bairro que só conta com uma praça com uma quadra de esportes insuficientes para atender a comunidade (JORNAL O DIA, 25 jun. 1998, p. 9).

- 'Skatistas querem espaço próprio': jovens skatistas de Teresina reivindicam construção de espaço apropriado uma vez que treinam nas avenidas da cidade e correm perigo (JORNAL O DIA, 26 jun. 1999, p. 9).

- 'Praça da Bandeira sofre com abandono'. A praça que antes era local de encontro e descanso dos teresinenses sofre com o descaso. As grades, bancos e muretas estão quebrados mostrando a ação dos vândalos, a noite a praça fica na escuridão pois a iluminação não funciona. A praça serve para a pratica de delitos pelos marginais e usuários de drogas (JORNAL O DIA, 28 maio 2004, p. 3).

- 'Comunidade não dispõe de área de lazer e prática esportiva' moradores da Vila Monte Alegre afirmam que o único espaço de lazer do bairro é uma escola municipal que serve para várias atividades (JORNAL O DIA, 4 out. 2005, p. 2).

- 'Faltam praças e árvores no Primavera Leste' (JORNAL O DIA, 16 jan. 2008, p. 2)

- 'Moradores reclamam de abandono de campo de futebol' campo no residencial Poti está coberto por lama, sujeira e mato (JORNAL O DIA, 25 mar. 2011, p. 4).

- 'Centro de esportes Beira rio está desativado há um ano' localizado no bairro Mocambinho o campo de futebol virou canteiro de obras para a ponte do Mocambinho (JORNAL O DIA, 28 maio 2011, p. 4).

'População cobra manutenção da praça do Cabral' a praça está mal iluminada, as arvores estão precisando de poda, com muito mato (JORNAL O DIA, 28 mar. 2012, p. 4).

O crescimento da população teresinense e o aumento das construções que nem sempre preveem espaços livres para áreas de lazer resulta no fato de existirem

muitos bairros que possuem poucos ou nenhum equipamento para essa finalidade. Daí foi possível constatar muita carência neste setor e, por outro lado, criatividade da população em buscar espaços alternativos para o seu lazer.

- 'Lagoa é saída para o lazer no matadouro' mesmo muito poluída, lagoa do bairro é utilizada por pescadores como opção de lazer para o banho e pesca. Os moradores usufruem do banho da lagoa e comem os peixes nela pescados sem ter medo de possíveis doenças que possam ser transmitidas pela água contaminada (JORNAL O DIA, 8 jan. 1996, p.9).

Na década de 1970, a cidade ganhou dois espaços esportivos importantes o primeiro foi o estádio Governador Alberto Silva – o “Albertão” – inaugurado em agosto de 1973; e o segundo foi o estádio Verdão no dia 7 de agosto de 1978. Os dois têm estruturas para receber competições importantes de futebol, no caso do primeiro; e, de diversas modalidades, no caso do segundo. Ambos até conviveram ao longo desse período com muitos problemas estruturais, permanecendo por épocas fechados ou servindo para outras finalidades, como é o caso do Ginásio Dirceu Arcoverde, conhecido como “Verdão” que já serviu de abrigo para pessoas desabrigadas com as enchentes.

‘Albertão pode ser fechado por irregularidades’ após 34 anos de inauguração estádio passa pela sua primeira vistoria. O estádio pode ser fechado pois não apresenta acessibilidade rampas e banheiros adequados, saídas de emergência e tem problemas nas instalações elétricas (JORNAL O DIA, 17 jan. 2008, p. 3).

Chuva do final de semana revela estado crítico do Verdão: a chuva do final de semana interrompeu a realização de uma das partidas da Supercopa Nordeste de Basquete (JORNAL O DIA, 19 mar. 2013, p. 7).

A cidade conta atualmente com oitenta e seis campos de futebol e cinquenta e quatro quadras de esportes (fora as que estão localizadas dentro de instituições); no entanto, ainda é possível observar a centralização destes, e ainda muitos bairros que não possuem nenhum destes equipamentos, como será discutido posteriormente. Diante dessa realidade, é comum encontrar na cidade de Teresina campos de futebol improvisados, principalmente nos bairros periféricos (Figura 5).

Figura 5 - Campos de futebol improvisados na periferia



Fonte: **Jornal O Dia**, 30 jul. 2009, p. 3.

A praça é um importante espaço público na cidade; ao longo do tempo, ela foi adquirindo novas funções, além do convívio social, circulação, cenário, contemplação, uso militar, religioso, comércio, serviços. Na atualidade, as praças incorporam novas formas de lazer como lazer esportivo e o lazer cultural.

A praça moderna foi ratificada socialmente como elemento necessário à vida na cidade. A população passou a valorizar cada vez mais esses espaços livres ajardinados em resposta ao constante processo de urbanização e verticalização. Porém, não se trata mais de construir praças que sejam simples cenários bucólicos: a praça é um espaço livre, que deve ser destinado ao lazer. O lazer contemplativo e o caráter de convivência social continuam sempre presentes; o lazer esportivo e a recreação infantil foram definitivamente incorporados; e o lazer cultural começou a se manifestar com vigor no programa moderno. Os equipamentos, como quadras esportivas, playgrounds e brinquedos infantis, palcos e anfiteatros ao ar livre, passaram a ser implantados com frequência, confirmando essas novas formas de uso da praça (ROBBA E MACEDO, 2010 apud AZEVEDO, 2013 p. 69).

As praças e áreas verdes são espaços que podem propiciar o lazer tanto nos passeios quanto na simples contemplação. Estas também, pela presença de vegetação, se tornam importante para contribuir para a melhoria de qualidade de

vida, principalmente em locais de clima com altas temperatura como é o caso de Teresina:

As áreas verdes transmitem sensação de conforto e bem estar tornam a paisagem agressiva dos blocos de concreto mais agradável, além de reduzirem o calor e contribuírem para melhorar as condições físicas e psíquicas do homem, servindo como referencial simbólico à população (KALLAS, 2005, p. 44).

As praças já foram importantes espaços públicos de lazer na cidade de Teresina, como é o caso notório da Praça Rio Branco e da Praça Pedro II, localizadas no centro da cidade. Observamos ainda que a praça é um espaço importante para o bairro, geralmente os maiores possuem uma praça onde está situada sua igreja matriz, nela se realizam festejos religiosos. No entanto, atualmente, este espaço está sofrendo uma redefinição de usos, ou um “esvaziamento”; a violência tem afastado as pessoas que buscam as praças para o lazer, e atraindo outras que as utilizam para usar drogas, se prostituir ou praticar delitos. Hoje ir a uma praça para passear, conversar com alguém, levar as crianças para brincar, namorar tornou-se um risco à própria integridade física. Com esses usos marginais as praças também apresentam riscos patrimoniais (Figura 6).

Figura 6 – Manchete: Praças de Teresina viram ponto de consumo de drogas

Cracolândia

Praças do Centro de Teresina viram pontos de consumo de drogas

Pedro II e Bandeira são zonas onde a presença de usuários de crack tem crescido diariamente; especialistas desaprovam internação compulsória

Carlienne Carpasso
Especial para o O Dia

Thiago Bastos
Editor

O Estado de São Paulo está sendo questionado pelas ações de internação compulsória dos usuários de crack para agilizar o tratamento dos dependentes químicos. Em Teresina, a ação que é realizada no Centro-Oeste do país, está sendo discutida devido



Pouca movimentação faz parte do cenário atual das praças



Piauí Cap

TÍTULO DE CAPITALIZAÇÃO

GANHADOR DO DIA 20/01/2013

Fonte: **Jornal O Dia**, 25 jan. 2013, Caderno em Dia, p. 1.

As cidades são marcadas por um movimento dinâmico, por vezes caótico, onde as pessoas são movidas pela pressa; uma consequência disso é a mudança no modo de viver os espaços públicos que deixam de ser espaços de permanência a espaços de passagem, atrelada a essa realidade, a violência também dificulta essas vivências:

Essa realidade não é diferente em Teresina. Podemos perceber que, apesar do movimento de reconstrução de vários espaços públicos do Centro da cidade e de sua memória, a identidade vai se perdendo. As praças já não se constituem enquanto lugares de trocas de experiências e identidade. Estão cada vez mais voltadas para o comércio e o ideário do consumo (PEREIRA, NOGUEIRA, 2013, p. 97).

Para a causa do abandono ou da redefinição de uso deste espaço cabe um estudo bem mais aprofundado, contudo, não é objetivo deste trabalho elucidá-la. É preciso ressaltar que as praças da cidade de Teresina já não significam uma opção de lazer como antes, o que foi constatado através desta pesquisa, tanto através das observações *in loco* quanto das respostas dos moradores e também no levantamento sobre o que é noticiado pela mídia:

As praças são pontos de referência dentro do centro de Teresina. Importantes espaços de lazer no passado, elas vêm perdendo seu apelo. É essa a opinião do historiador Alcides do Nascimento. “As praças centrais foram áreas de lazer da população, mas deixaram de ser um lugar de encontro para se tornar um lugar de passagem. As pessoas não sentam mais na praça para conversar e nem há atividades culturais ou outras iniciativas que ajudem a atrair a população para esses espaços. Ainda por cima, algumas áreas têm adquirido a fama de perigosas como a Praça da Bandeira, que tem sido alvo de denúncias por servir como abrigo para usuários de drogas, especialmente no turno da noite quando o fluxo de pessoas diminui (POTY, Clarissa, p. 04).

Algumas ações do poder público visam atrair novamente as pessoas para as praças, para que estas deixem de ser um local de passagem e passem a ser novamente um espaço para convivência, e quem sabe assim afastar a violência que as invadiu. Entre estas ações estão as reformas, e realização de eventos que, no entanto, por não haver uma continuidade não conseguem atrair um público fiel. Além disso, muitas são as reclamações quanto à conservação, iluminação e segurança desses logradouros, o que se deve tanto à demora do poder público em realizar a sua manutenção, a crescente violência nos centros urbanos e atos de vandalismo

que destroem esses espaços. Recentemente a Prefeitura Municipal de Teresina lançou a ideia de colocar Wi-Fi nas praças, com intuito de atrair para elas mais frequentadores:

Dezenas de praças nas diferentes zonas de Teresina, ganharão pontos de acesso à internet wi-fi, aberto a população dos bairros contemplados. O projeto é uma idealização da prefeitura de Teresina através da empresa de processamento de dados (Prodater). O principal objetivo da ação é atrair público para os espaços, sobretudo, a juventude (MARQUES, 2013, p. 4).

Ao mesmo tempo em que alguns espaços são desvalorizados, enquanto espaços de lazer, surgem outros. Na esfera privada, várias são as opções que existem na cidade, como os dois shoppings que surgiram nos anos de 1995 e 1996. Estes trouxeram novas formas de lazer, como boliche, patinação, cinema, jogos, restaurantes, *fast-food*, *playgrounds*. No entanto, sabemos que estes espaços, apesar de terem entrada gratuita, ainda têm uma dinâmica que segrega o público que o utiliza:

O *shopping center* representa um claro exemplo de transformação do espaço em mercadoria, à medida que somente determinadas classes sociais costumam frequentá-lo. Em nosso entender, esses espaços possuem o caráter restritivo dos espaços privados, uma vez que limitam o acesso de camadas sociais populares, ao favorecer as pessoas que possuem automóveis e tem condições de pagar o estacionamento. Além disso, muitos *shoppings* não são dotados de linhas de transporte público que permitam o acesso das camadas populares (AZEVEDO, 2013, p. 92).

No âmbito dos espaços públicos, cresce o uso das áreas livres, tanto para a prática de atividades como para o passeio, e também o uso dos espaços esportivos, sobretudo, pelos adeptos do futebol, mas também de outros esportes que são incorporados ao cotidiano das pessoas.

No que diz respeito ao lazer cultural, a Zona Centro da cidade de Teresina ainda continua polarizando os espaços culturais, que são principalmente aqueles construídos no começo da urbanização da cidade. Outros equipamentos foram surgindo, mas de forma pontual, em outras zonas da cidade, como o Teatro João Paulo II, zona Sudeste e Teatro do Boi, zona Norte; no entanto, este tipo de lazer ainda não é acessível a grande parte da população.

Sobre as bibliotecas, a situação da cidade não é a mais favorável. A leitura pode ser considerada uma opção de lazer, não discutiremos aqui se esta faz parte do cotidiano dos brasileiros e é vista como um prazer, mas se há espaços públicos

que possam proporcionar à população essa forma de entretenimento. A cidade de Teresina conta com dez bibliotecas públicas, administradas pelo poder público municipal ou estadual, fora as que estão localizadas dentro de instituições de ensino. Este número é insuficiente para atender toda a população: “Os dados mostram uma proporção de uma biblioteca pública para cada 100 mil habitantes em Teresina. O número é três vezes inferior à média nacional de uma biblioteca para 33 mil habitantes” (TITO, 2012, p. 8).

Por suas características naturais, a cidade de Teresina proporciona algumas formas específicas de lazer, como é o caso do banho dos rios. Construída inicialmente entre dois rios – o Poti e o Parnaíba – muito da sua organização espacial está ligada a essa hidrografia; e por que não dizer, os rios e lagoas foram e ainda hoje são uma opção de lazer para o teresinense.

O banho de rio e a prática da pesca são opções de lazer, sobretudo se considerarmos as altas temperaturas registradas na cidade, as águas são uma forma de se refrescar nos dias quentes. No entanto, estas práticas foram bem mais comuns no passado, quando a cidade era menos urbanizada e os rios mais preservados. Na década de 1980, foi forjada uma paisagem litorânea, com a construção da “prainha” em frente ao centro administrativo do Estado, às margens do Parnaíba (Foto 1).

Foto 1 - Prainha



Fonte: Disponível em: <http://www.piauiportal.com/2013_08_18_archive.html>. Acesso em: 31 out. 2014.

Atualmente, os rios ainda são uma opção de lazer, principalmente para a população mais pobre, que não pode pagar por clubes privados. As coroas do rio Parnaíba e o Balneário Curva São Paulo – construído às margens do rio Poti no ano de 2007, na zona Sudeste da capital – são pontos que ainda atraem muitos frequentadores, e, além desses, existem outros pontos procurados.

Esta opção de lazer, hoje, no entanto, não é mais tão segura quanto antes; a presença de dragas nos rios, retirando areia para a construção civil, provoca buracos e facilita a ocorrência de afogamentos. No período mais quente do ano, quando o inverno termina, as pessoas procuram mais o banho de rio como opção de lazer; nesse período, ocorre também um aumento nos casos de afogamentos que acontecem em vários pontos da cidade, como é possível encontrar noticiado nos jornais (Figura 7).

Figura 7 - Manchete: Dragas representam perigo para os banhistas



Fonte: **Jornal O Dia** (9 jan. 1994) Caderno Cidades p. 9.

Essa realidade continua a cada ano, e se dá principalmente no período mais quente, quando as pessoas procuram o banho de rio com mais frequência. Além dos riscos naturais do rio, como os buracos deixados pelas dragas, as correntezas, redemoinhos e canais, a ingestão do álcool por alguns banhistas aumenta este perigo (Figura 8).

Figura 8 - Manchete: Bombeiros alertam para perigo dos rios com o fim do inverno



Fonte: **Jornal O Dia**, 3 jul. 2009, Caderno Dia a Dia p. 5.

Além disso, a deposição de resíduos nos rios, que aumentou com a urbanização, tornou suas águas poluídas, o que também pode contribuir para afastar muitos banhistas:

A condição da cidade está inserida no interflúvio dos vales de dois importantes rios federais, o Parnaíba e Poti favorece o uso desses rios para lazer pela população, como forma de se refugiar das altas temperaturas. No entanto o crescimento da cidade associado ao deficiente sistema de esgotamento sanitário e a disposição final do lixo, tem ocasionado uma significativa diminuição da qualidade da água dos rios Parnaíba e Poti, podendo prejudicar o uso destes para lazer de contato primário (OLIVEIRA & SILVA, 2014, p. 142).

Sobre suas áreas verdes, a cidade de Teresina era privilegiada, recebendo inclusive o título de cidade verde, do Poeta Coelho Neto, em 1889. Apesar de que esse verde se localizava, sobretudo em espaços privados:

No entanto, vale destacar que até meados deste século, o espaço de maior expressão ocupado pelo verde correspondia as áreas particulares dos grandes quintais e chácaras residenciais, localizados em todo o centro urbano e na periferia do mesmo, o que caracterizava, principalmente aos olhos dos visitantes uma bonita e agradável “cidade verde”. Era um “verde particular (LIMA, 1996, p. 8).

A maior valorização das áreas verdes em Teresina só aconteceu recentemente, no final do século XX, com a construção mais intensa de parques urbanos e praças. Os primeiros devem ser entendidos não só como um elemento ambiental, mas também como espaço de lazer. Sbau (apud KALLAS, 2005) considera parque urbano, como áreas verdes, com função ecológica, estética, e de lazer, maiores que os jardins e praças públicas.

O primeiro parque urbano de Teresina foi o Zoobotânico, criado em 1972 seguindo a linha do lazer contemplativo e ativo: pedalinhas no lago, trilhas ecológicas, viveiros com animais, playgrounds, lanchonetes. Em 1988, o Parque da cidade, na mesma linha do Zoobotânico. A valorização das áreas verdes se deu de forma mais intensiva na cidade a partir do ano de 1996, com o Projeto Vila Bairro e a Política Municipal de Meio Ambiente que impulsionaram a construção de mais praças e parques urbanos (KALLAS, 2005).

Teresinenses ganham mais 27 praças” por ocasião do aniversário da cidade prefeito vai entregar praças pedra mole, Esplanada, Vila Maria, Vila Bandeirantes, Monte castelo, entre outros (JORNAL O DIA, 26 jul. 1996, p. 10).

Na década de 1990, surge um espaço público emblemático para o lazer de Teresina, o Parque Potycabana, a despeito das várias polêmicas que envolveram sua construção uma vez que está situado em uma área de proteção ambiental às margens do rio Poti. Este parque foi e ainda hoje é um dos principais espaços públicos de lazer da cidade. O parque se tornou opção de lazer de sucesso, principalmente entre as classes populares. Oferecia shows de bandas musicais a preços baixos e banho de piscina, recebendo grande número de frequentadores nos finais de semana, chegando até a 2.000 pessoas (JORNAL O DIA, 19 jun. 1995).

Os parques começaram a ser incorporados como espaços de lazer na cidade. O parque Zoobotânico apesar de muitos problemas estruturais por quais já passou continua atraindo muitos frequentadores nos finais de semana e feriados, principalmente as crianças, que ficam encantadas com os animais. É um espaço acessível pelo custo dos ingressos. O parque da cidade já representou bem mais para o lazer, e hoje se encontra com muitos problemas estruturais. O Parque Encontro dos Rios e o Beira Rio e mais recentemente a cidade ganhou o Novo Parque Potycabana e Parque Lagoas do Norte que são boas opções de lazer.

Observa-se que estes locais, quando são inaugurados e nos primeiros meses de funcionamento, conseguem atrair muitos visitantes, mas depois os problemas estruturais começam aparecer. É evidente que todos convivem com problemas que precisam ser melhor avaliados e solucionados, mas a frequência de pessoas demonstram que os parques urbanos são boas opções para a cidade de Teresina, tanto para sua qualidade de vida quanto para o lazer. Essa realidade é retratada pelas manchetes de jornais:

‘Visitantes reclamam de acesso no Zoobotânico’ o asfalto está deteriorado e com vários buracos (JORNAL O DIA, 3 ago. 1996, p. 11).

‘Parque da cidade tem estrutura comprometida’: mesmo sendo uma das principais áreas de lazer da zona norte da capital o parque se encontra com vários problemas estruturais, bancos quebrados e quadras em mau estado. O diretor do parque Renato Silva afirma que seria preciso uma grande reforma para o parque voltar a um bom estado e ainda a colaboração da população para sua preservação (JORNAL O DIA, 22 jan. 2005, p. 3).

‘Mirante do encontro das águas atrai cada vez mais pessoas’ (JORNAL O DIA, 20 nov. 1996, p. 11).

‘Parque Encontro dos Rios vive pior crise desde sua fundação’: parque está passando por muitos problemas estruturais (JORNAL O DIA, 5 mar. 2007, p. 1).

‘De parque, Potycabana passou a pasto de animais’ (JORNAL O DIA, 11 jan. 2008, p. 3).

‘Potycabana, um retrato desolador’: o parque está abandonado sua única utilização é sediar alguns eventos no ano. As piscinas servem como criadouro de mosquitos da dengue (JORNAL O DIA, 27 ago. 2008, p. 1).

População teme a falta de manutenção do Parque Lagoas do Norte: apesar de aprovar o novo parque, teresinense exige fiscalização para evitar que o local tenha o mesmo destino que a Curva São Paulo (JORNAL O DIA, 3 jul. 2012, Caderno em Dia, p. 1).

Apesar de o número de praças, parques urbanos e áreas verdes que existem na cidade ser razoável, ainda não é suficiente com relação à quantidade recomendada, para garantir boa qualidade ambiental. Segundo Lima (1996), a cidade não merece o título de cidade verde, pois em 1996 o índice de área verde por habitante em Teresina era de 7m² por habitante, enquanto o recomendado pela ONU para cidades com clima quente é de 12m²

Ao fazer uma análise dos parques urbanos de Teresina, Kallas (2005) afirma que, dos trinta e um parques urbanos analisados, somente quatro atendem aos requisitos de parque; sete estão apenas previstos em lei, mas não foram implantados, e os demais são chamados erroneamente de parque, o que dá a falsa impressão de que Teresina possui muitos parques ambientais. Além disso, a autora destaca que os vários órgãos da Prefeitura não possuem dados coerentes sobre o nome e áreas destes parques, estas informações estão confusas ou conflituosas. A zona Leste apresenta maior área de parques, e a zona Sudeste é que tem a menor. Ademais, as áreas destinadas a parques são insuficientes e muito pequenas, o que é preciso ser revisto.

Com base nas pesquisas realizadas junto aos jornais da época, o que se pode avaliar é que houve uma mudança nestas últimas décadas, nos espaços do lazer; as praças que eram espaços públicos muito procurados estão perdendo a função do lazer. No que tange ao banho de rio, ele ainda representa uma opção para os cidadãos, sendo necessária, entretanto, uma intervenção no que diz respeito à segurança e à qualidade da água. Com relação ao lazer cultural, os espaços para este fim ainda se encontram centralizados, mas com algumas iniciativas nos bairros mais periféricos.

Outro fato notado é a crescente procura por atividades físicas, não somente pelo futebol, mas outras modalidades de esporte, como *skate*, as caminhadas e as

academias, o que requer mais atenção para a construção de espaços com tais finalidades; e que estejam presentes nas diversas zonas e bairro da cidade, a exemplo do calçadão da Raul Lopes, zona Leste da cidade, que é muito utilizado para a prática de caminhadas: “Prefeitura conclui calçadão da Raul Lopes’ possui 2 Km de Extensão e 4,5 metros de largura com pista de *cooper* antiderrapante, e praças de descanso a cada 300 metros” (JORNAL O DIA, 1 maio 2003, p. ?).

Apesar de a Prefeitura Municipal reconhecer que a cidade tem muitos eventos, no que diz respeito às práticas esportivas, constatamos *in loco* que muitos bairros ainda não possuem equipamentos que possibilitem de forma segura e apropriada a prática destas atividades; como exemplo, podemos citar que muitas pessoas praticam caminhada em avenidas movimentadas concorrendo com os veículos, uma vez que não encontram espaços próprios, nas proximidades de suas residências: “Nos últimos dez anos, em Teresina, surgiram novas opções de lazer (ciclismo, caminhada, ginástica, partidas de futebol etc.) com frequentes eventos, promovidos pelo poder público ou pela iniciativa privada ou ainda por iniciativa de associações” (TERESINA, 2013, p. 50).

Os parques públicos foram e continuam sendo espaços muito procurados, que, por nem sempre manterem uma estrutura de conservação, programação e segurança permanente, vivem períodos de altos e baixos, e, por vezes, são utilizados para fins diversos que podem afastar as pessoas que vão em busca de lazer.

É preciso, portanto, que o poder público invista na conservação dos espaços públicos, no que diz respeito à limpeza, conserto de equipamentos, arborização e também invista na fiscalização nestes espaços, para impedir a ação de pessoas mal intencionadas com o patrimônio público. Esta missão não envolve uma única ação nem acontecerá de forma instantânea, mas envolve um conjunto de medidas como, acreditamos, a criação de uma guarda específica para esse fim, programas de educação junto ao público frequentador e também junto as crianças nas escolas, que serão seus futuros usuários sobre a importância de cuidar e vigiar o patrimônio público. Por outro lado, é preciso também investir na segurança destes locais para que eles não venham a ser usados para fins a que não foram destinados (Figura 9).

Figura 9 - Uso indevido dos parques urbanos

Floresta Fóssil: camisinhas denunciam práticas que ocorrem no parque

Dividido pelo Rio Poti, o Parque Floresta Fossil possui duas entradas. Uma delas fica no final da Avenida Marechal Castelo Branco, na zona Sul de Teresina, enquanto que a outra está situada na Avenida Raul Lopes, zona Leste da capital. Apesar da separação física, a realidade dos dois espaços é bem parecida.

Do lado Sul do parque, o silêncio predomina. A quadra de vôlei e o campo de futebol estão abandonados, traves enferrujadas, sem rede, e a estrutura que deveria também dividir a quadra de vôlei encontra-se trancada com cadeado em uma árvore.

E basta se afastar um pouco da trilha que leva até o Rio Poti para se

deparar com outra situação: dezenas de camisinhas espalhadas nas proximidades das árvores.

Um raro visitante conversou com a equipe de O DIA e disse que, às vezes, frequenta o local, pois gosta de olhar o rio. "Mas não fico muito tempo aqui não, é sempre tudo muito rápido, porque tenho medo de ser assaltado", revela Juares Silva acrescentando que dificilmente encontra outros visitantes no parque.

Do outro lado do rio, na zona Leste de Teresina, a ausência de visitantes também chama a atenção. O vigia de um prédio da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí (Semar), que fica ao lado do parque,

explica que aquele local tem como responsável a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam) e que, às vezes, alguns servidores aparecem para fazer a limpeza, mas ele desconhece a informação de que tenha algum vigia responsável pela segurança da floresta.

No horário em que a equipe de reportagem do Jornal O DIA visitou o local não havia nenhum responsável para prestar maiores esclarecimentos sobre a movimentação no Parque Floresta Fossil que se trata de um sítio paleontológico, descoberto em 1909, que possui troncos fossilizados datados de aproximadamente 270 a 280 milhões de anos.

(Virgiane Passos)

Parque da Cidade: em caso de emergência, ajuda só na Semam

Um dos parques de maior extensão em Teresina convive com a prática de assaltos, falta de iluminação e depredação. Segundo a aposentada Expedita Camelo, que mora em frente ao Parque da Cidade, é comum ver pessoas passando pelas grades ou até mesmo pulando o muro do local para consumir drogas.

A ausência de vigilância também preocupa. "Se alguém precisar pedir ajuda tem que ir até a Semam".

Descaso

Um dos parques de maior extensão em Teresina convive com a prática de assaltos e escuridão.

Expedita Camelo, o vandalismo também é frequente no parque. "O local é até bom, mas está todo

dições do local, eles afirmaram que jogam com bolas improvisadas e 'rede imaginária', já que, só há a estrutura fixada que daria suporte para uma rede. "Rede aqui só quando o pessoal tira de casa e quando eles trazem não dividem com ninguém, é particular", conta Jhonatas.

Já João Filho cita o risco de contrair até doenças no parque. "No campo de futebol as traves estão



No Parque Ambiental do Ilhotas há preservativos e baganas espalhados por diversos pontos

Fonte: **Jornal O Dia**, 16 jun. 2013, Caderno Domingo, p. 5.

Embora nesta análise realizada sobre o processo de produção e reprodução dos espaços públicos de lazer em Teresina já tenhamos abordado algumas questões relacionadas à dinâmica locacional, utilização e conservação dos espaços públicos de lazer, a seguir, vamos complementar nossa avaliação crítica desses espaços, com base nos dados e informações coletados diretamente com a população e pela observação sistemática de campo.

4.2 Dinâmica locacional dos espaços públicos de lazer

Para verificar como os espaços públicos de lazer se organizam na cidade de Teresina, é necessário entender como os moradores interagem com estes espaços, se conhecem, utilizam e são preocupados com sua conservação. Dessa forma, nesta parte do texto, estaremos apoiados nas informações coletadas diretamente durante a pesquisa de campo, e vamos analisar o tipo de lazer que os moradores de Teresina preferem, os espaços que conhecem, como conservam e utilizam estes espaços.

Conforme vimos, não há, devido à subjetividade, uma definição única para o que seja lazer entre os teóricos. Para que uma atividade seja considerada lazer faz-se necessário que os fatores atitude e tempo sejam considerados: “descansar, recuperar as energias, distrair-se, entreter-se, recrear-se, enfim, o descanso e o divertimento são os valores comumente mais associados ao lazer” (MARCELLINO, 2006, p. 13). Camargo (2009) ainda ressalta o caráter gratuito e desinteressado do lazer e a busca pelo prazer. Ao investigar que atividades de lazer predominam na preferência dos moradores da cidade de Teresina, obtivemos os resultados organizados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Atividade de lazer de preferência dos moradores de Teresina

ZONA/ BAIRRO	Esportes/ Jogos	Festas	Convívio Social com amigos e familiares	Passeios e atividades ao ar livre	TV, Rádio, Internet	Outros	Total
Centro/Mafuá	28 23%	21 18%	13 11%	12 10%	33 28%	12 10%	119 100%
Centro/ Piçarra	47 27%	20 12%	44 25%	25 14%	34 20%	04 2%	174 100%
Leste/ São João	36 25%	24 16%	33 22%	34 23%	20 14%	0 0	147 100%
Leste/ Vale Quem Tem	54 24%	23 10%	56 25%	45 20%	46 20%	0 0	224 100%
Norte/ Mocaminho	61 25%	34 14%	65 27%	46 19%	38 15%	0 0	244 100%
Norte/ São Joaquim	33 22%	21 14%	35 23%	20 13%	23 22%	09 06%	141 100%
Sudeste/ Itararé	34 23%	24 16%	37 25%	19 13%	30 20%	05 03%	149 100%
Sudeste/ Renascença	43 23%	19 10%	45 24%	41 22%	34 19%	03 02%	185 100%
Sul/ Parque Piauí	33 21%	23 15%	37 23%	29 18%	29 18%	08 05%	159 100%
Sul/ Saci	43 27%	17 11%	39 24%	25 16%	34 21%	01 01%	159 100%
TOTAL	412 24%	226 13%	404 24%	296 17%	321 19%	42 03%	1711 100%

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Quando questionados sobre as atividades de lazer de sua preferência, os sujeitos da pesquisa podiam elencar mais de uma opção. Conforme pode ser observado, chegou-se ao seguinte resultado: a maioria dos entrevistados, dentre todas as zonas, elegeu os jogos e esportes, e convívio com amigos e familiares,

como suas atividades preferidas de lazer. Este dado nos revela que o relacionamento social, o qual é obtido tanto na prática esportiva quanto com a família e amigos, ainda é muito valorizado, mesmo em tempos de tecnologia. Além disso, demonstra a importância que as atividades físicas têm no lazer das pessoas na cidade de Teresina, sobretudo, para os homens através do futebol.

Na Zona Centro, obteve-se uma discrepância. A atividade mais citada no Bairro Mafuá foi a relacionada à TV, rádio e Internet, diferentemente de todas as outras zonas, já que este bairro possui poucas áreas de lazer. A preferência por este tipo de lazer, chamado de “lazer entretenimento”, cresce, cada vez mais, pois o “lazer convívio social” fica prejudicado devido à falta de espaços adequados (RODRIGUES, 2002 apud MARCELLINO, 2008).

Uma forma de lazer muito presente na vida das pessoas na sociedade contemporânea é a televisão, por ser uma opção de lazer barata, acessível para a maior parte das pessoas. Segundo Almeida e Gutierrez (2001), a televisão é a mais presente forma de lazer do brasileiro, e o número de aparelhos cresce a cada ano; enquanto em 1970 eram sessenta e quatro aparelhos para cada mil habitantes, em 2000 esse número já chegava a duzentos e vinte e quatro. Essa tendência também é verificada em Teresina:

Para a população de menor renda, aos poucos, a televisão e a internet passam a ser uma opção barata, porém permanece a obrigação do Estado em oferecer, indistintamente, uma infraestrutura que permita o livre acesso da população a um diversificado número de equipamentos coletivos de lazer. Esta conquista é fruto da consciência coletiva de que o lazer é também um direito do cidadão (TERESINA, 2013, p. 50).

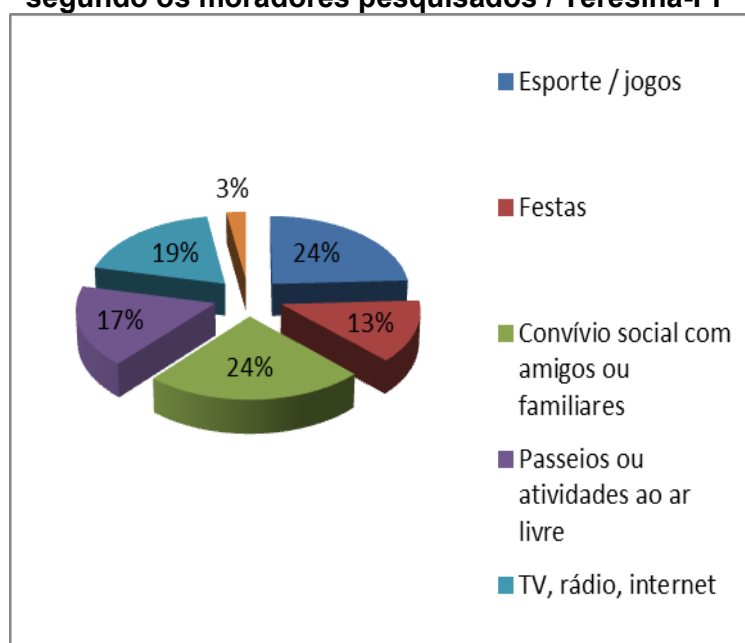
Os passeios e atividades ao ar livre também foram citados por 17% dos entrevistados. É importante destacar que o contato com a natureza é muito valorizado, visto que, cada vez mais, a cidade se transforma com a construção de casas e ruas, e isso, além de tornar sua paisagem cinza, diminui o colorido. Nesse contexto, o passeio em áreas verdes proporciona ainda um momento de contemplação da paisagem diferente daquelas que estamos acostumados a ver nos nossos trajetos.

Nas grandes cidades, as pessoas buscam por áreas abertas (praças, parques, etc), pois sentem necessidade de estar em contato com o meio ambiente. (...) a existência de parques nas cidades torna-se, assim, de extrema importância para o lazer da população. Porém,

muitas vezes falta espaço para a construção desses parques (MARCELLINO et al., 2008, p. 141).

Os esportes e jogos foram bastante citados. Esse fato pode ser explicado pela opinião da população masculina, e também pela quantidade de campos de futebol e quadra existentes na cidade. Observamos que, depois das praças, são os equipamentos mais presentes. É importante destacar que há grande preponderância do futebol, seguindo uma tradição nacional, porém, pouca estrutura para os outros esportes. No Gráfico 1, é possível visualizar, resumidamente, as respostas sobre as atividades de lazer preferidas pelos entrevistados.

Gráfico 1 - Atividade de lazer de preferência segundo os moradores pesquisados / Teresina-PI



Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Assinale-se que Dumazedier (2008) classificou os conteúdos de lazer em cinco áreas fundamentais, quais sejam: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais e os sociais. Na cidade de Teresina, verificamos que predomina o interesse nas atividades físicas por meio do esporte, notadamente o futebol; e as atividades sociais são caracterizadas pelo convívio social com amigos e familiares.

Conhecer como a população utiliza seu tempo livre é importante para o planejamento de espaços de lazer que atendam as suas reais necessidades. A prática esportiva e os passeios ao ar livre são atividades que requisitam a existência de espaços adequados; estes, por sua vez, muitas vezes não estão disponíveis à

população, por uma série de motivos; dentre estes iremos analisar: primeiro, a sua existência e distribuição, sua conservação, a segurança nestes espaços e a acessibilidade.

O convívio social nos espaços públicos de lazer das cidades pode, sobremaneira, contribuir para a preservação da identidade dos cidadãos, tendo em vista a massificação provocada pela globalização que, às vezes, sufoca as identidades locais, uma vez que “contribui de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos” (MARCELLINO et al., 2008, p. 138).

No tempo do lazer, são vivenciadas situações geradoras de valores revolucionários, pois é neste tempo que as pessoas, livres de suas rotinas de obrigações, têm oportunidade para atividades criativas, reflexivas e comunicacionais que podem gerar, além da diversão, novas atitudes perante a sua própria realidade. O lazer também é um momento no qual a apropriação do espaço público pode acontecer, e assim este ser vivenciado como próprio, o que gera situações enriquecedoras para uma democracia. Além disso, o encontro com o diferente enriquece a troca de ideias e a visão de mundo:

Falar no caráter revolucionário do lazer implica sublinhar mudanças ou questionamento de valores que vem ocorrendo pelo “revolver” de uma estrutura temporal e espacialmente coercitiva no cotidiano das pessoas. Gente comum, bem distante do que se poderia caracterizar como classe ociosa, que trabalha, luta para trabalhar, mas que também faz questão de preservar a alegria, na maioria das vezes impossível no ambiente de trabalho, pela rotina, pela exploração etc. (MARCELLINO, 2008, p. 13).

A função do lazer, para promover a cidadania e o desenvolvimento social e pessoal, reforça a responsabilidade das administrações públicas em promover maiores possibilidades de lazer aos cidadãos, o que requer sua atuação para minimizar as barreiras que limitem o usufruto deste direito. Para tanto, (MARCELLINO, 2008) recomenda que estas administrações se atentem para algumas questões no que se refere aos equipamentos de lazer, como sua utilização e distribuição pela cidade, a forma como são gerenciados, a possibilidade de adaptação e utilização de equipamentos não específicos, e ainda a animação destes espaços.

A primeira questão sobre o lazer na cidade é a existência ou não de espaços propícios para este fim. Como já foi discutido, o lazer tem, cada vez mais, ganhado importância na vida das pessoas, sobretudo após o estabelecimento dos horários rígidos de trabalho; fato ocorrido após a Revolução Industrial. No entanto, sabemos que o acesso a ele ainda é restrito, uma vez que muitas pessoas têm suas possibilidades de lazer reduzidas por uma série de fatores, sejam eles sociais, físicos, de gênero sejam de espaço. A liberdade de escolha do lazer é ilusória, porque a condição social e espacial restringe muito as possibilidades de lazer do indivíduo.

Mas estariam eles tão longe de qualquer tipo de vigilância? Estariam realmente livres para escolher o que fazer em suas horas livres? Seriam essas horas suficientes? Hoje o lazer é mediado pela mercadoria, que faz com que o cidadão, longe de se apropriar socialmente da cidade, através das brincadeiras, dos jogos, do ócio, se veja obrigado ao consumo da diversão (CARLOS, 2005, p. 40).

Nas cidades, essas restrições podem estar mais diretamente ligadas ao poder aquisitivo, uma vez que, para quem pode pagar, sempre são possíveis mais opções. Para quem não pode pagar se torna mais importante a existência de espaços públicos de lazer.

As possibilidades de lazer urbano relacionam-se diretamente às questões referentes às desigualdades sociais, pois, da mesma maneira que os ricos, também os pobres almejam possibilidades de entretenimento e repouso no seu cotidiano; o que diferencia essas práticas está intrinsicamente ligada às condições materiais e culturais que permeiam seu exercício. O espaço público de lazer urbano surge então, como a possibilidade material para a democratização das oportunidades de lazer nas cidades atuais (LIMA, 2006, p. 83).

O espaço público disponível, portanto, pode ser um entrave ou um facilitador para a vivência do lazer. É possível ser observado nas cidades em que, aos poucos, os espaços públicos, os quais antes eram espaços de encontros, como as praças e as ruas, e atualmente se tornaram apenas locais de passagem, pois a violência e a grande utilização do automóvel fez com que estes locais se tornassem inseguros: o espaço público vem perdendo seu uso multifuncional, deixando de ser um local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo (MARCELLINO et al., 2008). Neste contexto, torna-se ainda mais urgente que as cidades ofereçam equipamentos públicos de lazer.

Além disso, outra tendência é a valorização dos espaços privados, ou seja, com a escassez de espaços públicos de lazer e com a insegurança nas cidades, o lazer torna-se um novo ramo de mercado e a construção de áreas privativas de lazer como clubes particulares, quadras privadas; *shoppings centers* tornam-se um negócio lucrativo, pois atendem a uma população que não encontra opções ou segurança nos espaços públicos; ou prefere um lazer diferenciado sem o convívio com classes sociais diferentes. Do outro lado, ficam aquelas pessoas que não podem pagar para usufruir esses espaços, as quais ficam dependentes das políticas públicas. É para esta população que as ações, no que tange o lazer, são mais necessárias.

Padilha (2006) afirma que a sociedade é formada por diferentes classes sociais, portanto, as condições materiais não são as mesmas para todos, consequentemente, os tipos de lazer são diferentes. Na sociedade capitalista, o lazer é transformado em mercadoria, o que torna mais urgente a existência de espaços públicos, para que todas as camadas sociais tenham esse direito resguardado.

Após analisarmos quais atividades o teresinense considera como lazer, acabamos verificando também quais equipamentos estão disponíveis para eles praticarem tais atividades. Para tanto, foram coletados dados junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Teresina, consultados documentos oficiais como o Teresina em Bairros 2013, e ainda, informações coletadas junto ao Governo do Estado sobre os equipamentos existentes na cidade, bem como a sua localização. Como estes dados às vezes apareceram de forma conflituosa, reiteramos que foi utilizado o Teresina em Bairros 2013, como base para quantificar e localizar estes equipamentos.

Consideramos como espaços de lazer para esta pesquisa: locais para o passeio ao ar livre, como praças, parques ambientais, parques urbanos, complexos esportivos e culturais; áreas para a prática de esportes e atividades físicas, como quadras e ginásios poliesportivos, campos e estádios de futebol, academias públicas e pistas para a realização de caminhadas; espaços onde podem acontecer eventos culturais, shows, exposições, apresentações teatrais, mostras de cinema ou literatura; entre estes espaços temos teatros, museus e casas de cultura, e espaços para a leitura, como bibliotecas. Enfatizamos, ainda, que foram considerados

somente aqueles mantidos pelo poder público, seja municipal, estadual seja federal, e ainda que não foram considerados aqueles localizados dentro de instituições.

Ressalte-se que, dentre estes, existem alguns onde são cobrados ingressos para sua utilização, como teatro e estádios de futebol. Sobre a quantidade e distribuição desses espaços pelas zonas da cidade de Teresina, encontramos os resultados dispostos na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Distribuição dos equipamentos de lazer na cidade de Teresina-PI

Equipamentos de Lazer	Zona Centro	Zona Leste	Zona Norte	Zona Sudeste	Zona Sul	Total
Academias	0	3	5	3	3	14
Biblioteca	4	2	2	1	1	10
Campos de Futebol	8	16	20	17	25	86
Espaços Culturais	11	0	1	1	0	13
Estádios/Ginásios	5	1	6	2	8	22
Parque Urbanos ⁴	4	10	7	4	9	34
Praças	58	49	54	29	60	250
Quadras de esportes	9	11	15	6	13	54
Total	99	92	110	63	119	483

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Dentre os espaços citados na Tabela 3, estão aqueles que foram enquadrados como Espaços Públicos da Cidade e os Espaços Públicos das Zonas Urbanas Cidade, conforme a classificação proposta por essa pesquisa, a qual será melhor esclarecida no próximo capítulo.

Como espaços culturais, foram considerados espaços para apresentações artísticas, teatrais, dança, música, exposições artísticas, literárias e de artesanato. A cidade de Teresina possui quinze espaços, como estes, segundo dados da Prefeitura Municipal de Teresina. No entanto, *in loco*, conseguimos identificar, somente treze: sendo onze localizados na zona Centro da cidade (Theatro 4 de Setembro, Teatro de Arena, Teatro da Assembleia, Centro Artesanal Mestre Dezinho, Casa da Cultura, Clube dos diários, Palácio da Música, Anfiteatro do Monte

⁴ Estão inclusos como parques urbanos os 31 parques ambientais, definidos pela Prefeitura Municipal de Teresina, mais o Balneário Curva São Paulo, o Complexo Ponte Estaiada e o Parque Lagoas do Norte.

Castelo, Conjunto da Estação Ferroviária de Teresina, Museu do Piauí, Museu de Arte Sacra Dom Paulo Libório); 01 na zona Sudeste (Teatro Municipal João Paulo II) e um na zona Norte (Teatro do Boi).

A criação cultural e artística encontra poucos espaços na cidade, pois o número de teatros e espaços culturais é reduzido. Além disso, estes se encontram mal distribuídos pela cidade, a maior parte localiza-se na zona central da cidade, dificultando o acesso às pessoas que moram em lugares mais periféricos. Dos treze espaços culturais existentes na cidade de Teresina, onze estão localizados na zona Centro. Esta localização dificulta a participação de moradores de outras zonas da cidade por causa da distância, dificuldade de transporte público, além de estes espaços serem seletivos por sua própria história, uma vez que, no seu surgimento, eram destinados à elite. Esta centralização de alguns tipos de equipamentos é explicada por Marcellino:

Constata-se, principalmente, a centralização de equipamentos específicos (teatros, cinemas, bibliotecas, etc.), ou a sua localização em espaços para públicos segmentados, o ar de “santuário” de que ainda se revestem um bom número deles e as dificuldades para utilização de equipamentos não-específicos – o próprio lar, bares, escolas (MARCELLINO, 2008, p. 15).

Constatamos que o equipamento de lazer em maior número são as praças, as quais somam duzentos e cinquenta, ou seja, mais da metade das áreas de lazer da cidade. Os campos de futebol ficam em segundo lugar, depois vêm as quadras de esportes, parques urbanos, estádios/ginásios, espaços culturais, academias, e, por último, bibliotecas. É priorizado, portanto, o passeio ao ar livre, o encontro social que pode acontecer nas praças, assim como os esportes, com destaque para o futebol.

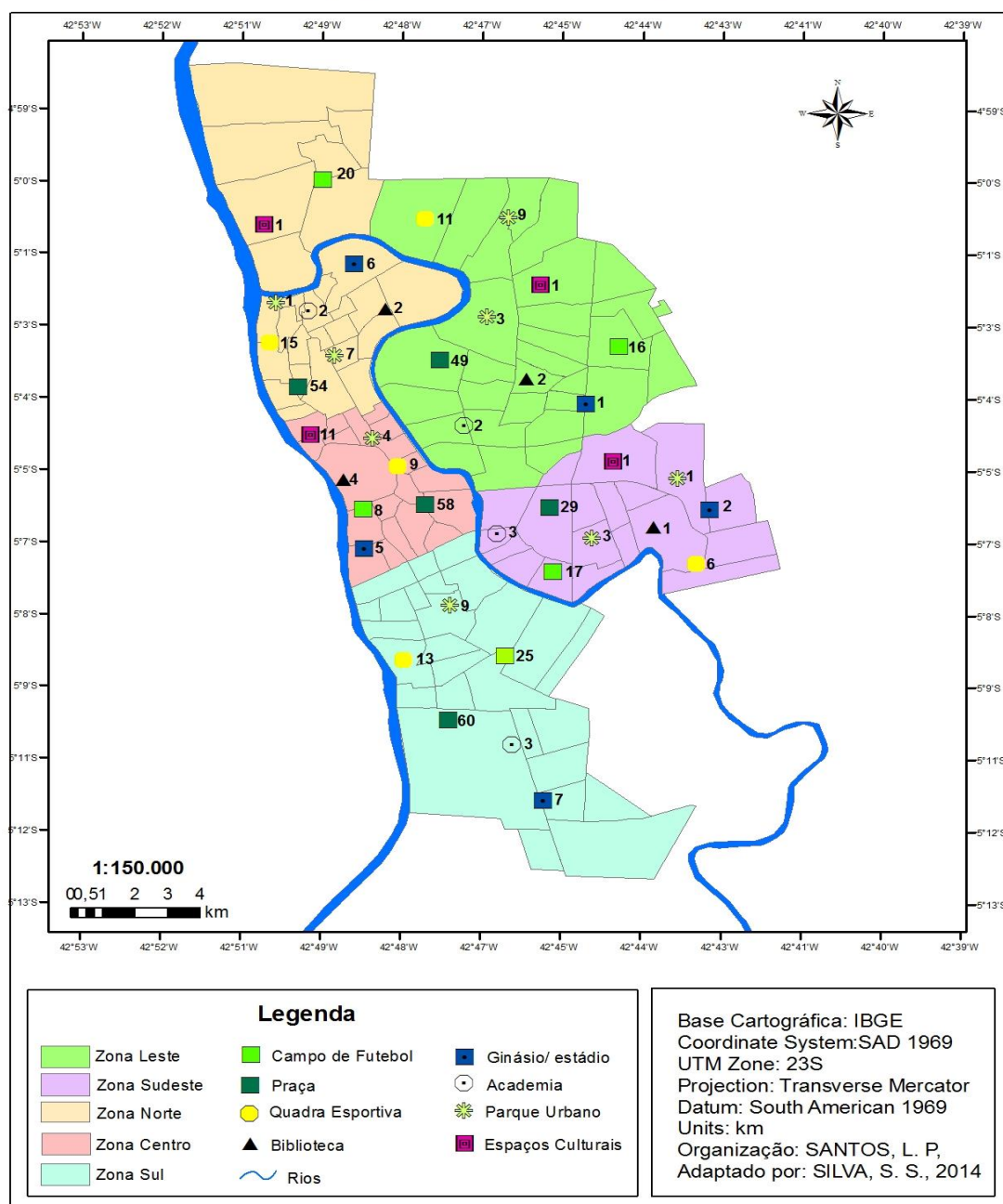
A zona com menos equipamentos é a Sudeste; apesar de apresentar forte expansão urbana em comparação às outras, possui um número inferior de equipamentos. Outro fator que é preciso ser destacado é a má distribuição desses equipamentos dentro das zonas que serão analisadas posteriormente. Um exemplo acontece no Centro, que, sozinho, possui dezoito praças, enquanto outros bairros da zona central não possuem nenhuma.

Conforme podemos observar, pelos dados e informações coletadas, Teresina possui ao todo quatrocentos e oitenta e cinco equipamentos de lazer. É importante destacar que estes dados não contemplam espaços constantes dentro de instituições, como, por exemplo, quadras de esportes dentro de escolas; assim, só

foram listados aqueles disponíveis para a população em geral. Através do Mapa 4, a seguir, é possível visualizar como estes equipamentos estão distribuídos pela cidade.

Mapa 4 - Distribuição dos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina-PI por zona

Distribuição dos Equipamentos de Lazer por Zonas Teresina/PI



Fonte: Teresina (2013).

Sobre a distribuição destes equipamentos pela cidade, o secretário de lazer do município afirmou que a comunidade solicita a construção de equipamentos de lazer no orçamento popular. A solicitação é encaminhada às Superintendências de

Desenvolvimento Urbano (SDUs), as quais são responsáveis pela parte de construção, ou ainda, pode ser feita com o orçamento da Secretaria de Lazer. O secretário afirma que quanto maior for a organização política da comunidade e o seu poder de reivindicação, a comunidade será mais beneficiada.

Constatamos que a distribuição dos equipamentos de lazer entre as zonas se dá de maneira uniforme, quando se olha o quantitativo geral, ou seja, possuem um número próximo de equipamentos, com exceção da região Sudeste, o que mostra que a quantidade de equipamentos não foi pensada em relação ao contingente demográfico. No entanto, existem muitas discrepâncias na localização de alguns equipamentos específicos, como é o caso dos espaços culturais que estão presentes em poucas zonas. Outra questão é o pequeno número de equipamentos em relação à população que dá em média um equipamento para cada 1.582,6 habitantes. Dumazedier (2008) afirma que um dos motivos da falta de espaços de lazer é que a cidade é mais considerada local de trabalho. Além disso, estes equipamentos não estão presentes em todos os bairros, geralmente se concentram nos maiores em cada zona.

Se procedermos a relação lazer/espço urbano verificaremos uma série de descompassos derivados da natureza do crescimento de nossas cidades, relativamente recentes e caracterizados pela aceleração e imediatismo. O aumento da população urbana não foi acompanhado pelo desenvolvimento de infra-estrutura adequada, o que gerou desníveis de ocupação do solo e diferenciou marcadamente, de um lado, as áreas centrais ou os chamados polos nobres, concentradores de benefícios e, de outro, a periferia, com seus bolsões de pobreza, verdadeiros depósitos de habitação (2008, p. 134).

Existem diferentes identidades nas cidades. Para Serpa (2011), o capital escolar e os modos de consumo são determinantes destas identidades. A distribuição do capital gera diferentes modos de vida. O autor afirma que os parques públicos são construídos visando às classes médias: “no mundo ocidental, o lazer e o consumo das novas classes médias são os ‘motores’ de complexas transformações urbanas” (SERPA, 2011, p. 21). É visível que na cidade capitalista os interesses do capital se sobressaem aos interesses sociais. Para confirmar esta ideia, o autor cita exemplos das cidades de Salvador e Paris, onde os parques públicos são construídos em áreas nobres da cidade e servem para valorizar bairros que já possuem melhor infraestrutura. No caso de Teresina, poderíamos colocar o

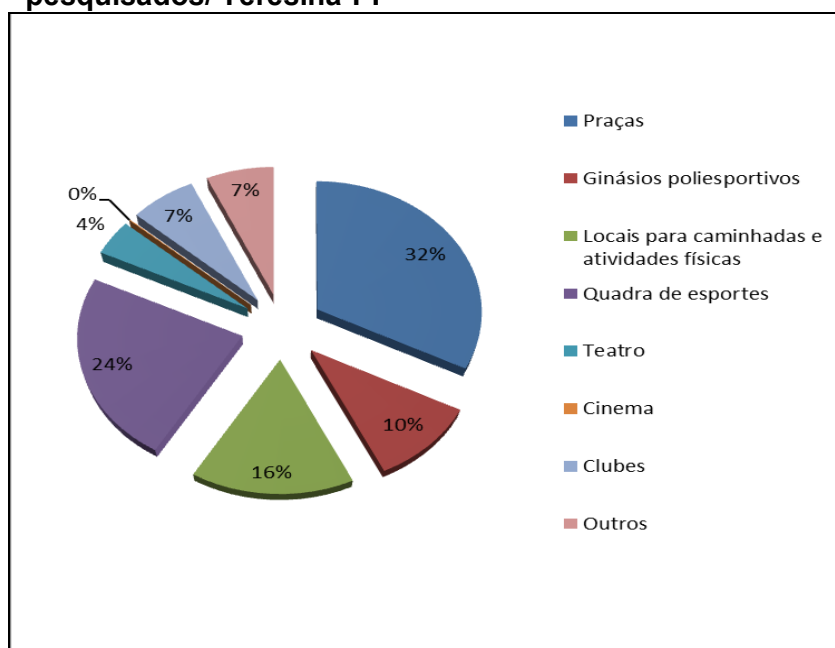
Parque Potycabana neste rol? Construído em um bairro nobre da cidade, portanto, mais acessível aos moradores do entorno.

A falta de espaços públicos de Teresina não é um fato isolado, pesquisas mostram que a maioria das cidades brasileiras não possui equipamentos de lazer como ginásio esportivo ou biblioteca:

De acordo com o IBGE, 93% dos municípios brasileiros não tem sala de cinema e 94% não possuem um shopping. Cerca de 85% das cidades não contam com museus ou teatros, 35% não tem ginásio esportivo e cerca de 25% não possui biblioteca pública (WERNECK et al. apud ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011, p. 106).

Após analisar os dados fornecidos pelos órgãos públicos, buscamos compreender como os moradores da cidade têm conhecimento da existência destes equipamentos. Constatamos que os mais identificados pela população são as praças e as quadras de esportes (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Atividades de lazer que os bairros pesquisados oferecem, segundo os moradores pesquisados/ Teresina-PI



Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Observamos que a praça, como é o equipamento de lazer mais presente na área urbana de Teresina, é também o mais conhecido pela população no seu cotidiano. Este conhecimento provavelmente vem da própria vivência com o equipamento, que, por muito tempo, foi um importante espaço público de convívio,

seja para o lazer, encontros, comércio, seja para festas religiosas, manifestações políticas e associativas.

Cabe fazer algumas ressalvas sobre a utilização atual deste equipamento. A primeira é que muitas vezes torna-se apenas um local de passagem e não de passeio, uma vez que a violência afasta as pessoas destes locais, principalmente aquelas que ficam mais isoladas: “as ruas e a maioria das praças das grandes cidades são concebidas, quase sempre, unicamente como locais de acesso e passagem” (MARCELLINO et al., 2008, p. 138). É notória a presença de muitos usos marginais nas praças, tais como: a prática de roubos, uso e venda de drogas, e prostituição, o que pode ser causado por vários fatores dentre eles a pouca iluminação em algumas delas e o abandono pela população.

Constatamos, ainda, a presença de muitas atividades privadas nas praças, como: bancas de revista, quiosques de lanches com mesas e cadeiras espalhadas, dificultando a circulação, circos, camelôs, pontos de moto-táxi:

O público, compreendido como o que pode ser de todos, é muitas vezes visto como o que pode ser privatizado, porque está liberto da condição de ser propriedade de alguém. Ou seja, submetida à lógica da propriedade, a sociedade vê o público não como o que é passível de apropriação por todos, mas como aquilo que pode ser privatizado para alguns (SPOSITO, 1999, p. 25).

A apropriação do espaço das praças, por um lado, pode dificultar o uso comum; por outro lado, pode servir para dinamizar o uso destes espaços, oferecendo às pessoas outras opções, como a venda de lanches, brinquedos para crianças, entre outros (Foto 2).

Foto 2 - Praça Cultural no Bairro Itararé, zona Sudeste



Fonte: Laudenides Pontes (set. 2014).

Além disso, a presença desses equipamentos pode transmitir maior sensação de segurança; vejamos o exemplo da Praça Cultural, localizada no Bairro Itararé, zona Sudeste que possui várias atividades privadas:

Algumas praças servem como ponto de atividade física por possuírem academias populares e quadras de esportes. Na cidade de Teresina, existem algumas academias da Terceira Idade localizadas em praças que atraem pessoas que não podem pagar para frequentar uma academia privada. Esta iniciativa, além de servir como local de atividade física, também proporciona lazer às pessoas.

Outra constatação a respeito das praças de Teresina foi a falta de equipamentos destinados ao lazer das crianças, como parquinhos, por exemplo, o que poderia atrair mais crianças e dinamizar o seu uso. A criança, por não ter ainda entrado no “mercado produtivo”, não é considerada como a faixa etária que deve ser vivenciada, mas apenas como uma etapa de preparação para o futuro (MARCELLINO, 2008, p. 14).

Por conseguinte, a maioria das praças pesquisadas não possui acessibilidade para portadores de necessidades especiais, o que restringe o direito dessas pessoas ao acesso a esses espaços. É imprescindível que nos dias atuais as políticas públicas de estruturação das cidades se deem em observância a todos os grupos sociais idosos, mulheres, crianças, portadores de necessidades especiais, para que a cidade possa ser vivenciada por todos e não se transforme em um espaço excludente.

A luta pela acessibilidade resgata a importância de assegurá-la como direito para todos, implicando, num sentido mais amplo, na questão da cidadania. Assim, o direito de ir e vir seria garantido, com a eliminação dos obstáculos físicos ou das barreiras de circulação. Contudo, observa-se que essa integração está longe de ser realidade para a maioria dos cidadãos, sobretudo para os portadores de deficiência (MORAES et al., 2008, p. 112).

Uma atividade de lazer citada pela população foi a prática de caminhadas, uma forma de atividade física que proporciona o contato com a natureza e que comprovadamente traz muitos benefícios para a saúde. Não foi informada oficialmente pela PMT a existência de pistas para caminhadas, só as que estão dentro dos parques urbanos. Por meio de observação direta, constatamos a existência de algumas na cidade, na Avenida Raul Lopes (Leste), na Avenida Joaquim Nelson (Sudeste), no Parque Nova Potyabana (Leste), no Parque

ambiental do Mocambinho (Norte), no Parque Lagoas do Norte (Norte). Em todas estas, foi possível observar grande número de praticantes, evidenciando a necessidade de novos espaços para esta prática, principalmente nos bairros mais periféricos, visto que muitas pessoas não possuem condições financeiras para frequentar academias particulares e acabam utilizando avenidas para realizarem estas práticas, o que se torna perigoso devido ao trânsito dos veículos. Estas poderiam ser uma opção para a população idosa, uma parcela carente de lazer. O idoso, por já ter saído do mesmo “mercado”, também tem dificuldades de participação nas atividades de lazer (MARCELLINO, 2008, p. 14).

A respeito destes espaços para a prática de caminhada nas cidades, observamos melhor estrutura na pista da Avenida Raul Lopes, com mais sinalização e a presença de redutores de velocidade para carros na avenida, o que torna o trânsito mais lento e torna mais segura a prática da caminhada. Por outro lado, na Avenida Joaquim Nelson, por muito tempo funcionou sem nenhum tipo de redutor de velocidade, que só foi instalado no segundo semestre de 2014, apesar de, durante muito tempo, esta ter sido uma reivindicação, haja vista ser o trânsito muito rápido e perigoso para os que caminham na avenida. Este é um exemplo da melhor estruturação dos equipamentos em bairros onde a população tem maior poder aquisitivo, que é o caso da primeira avenida, reflexo das desigualdades sociais decorrentes do modelo capitalista (Foto 3).

Foto 3 - Pessoas praticando caminhada na Avenida Raul Lopes - zona Leste de Teresina



Fonte: Laudenides Pontes (set. 2014).

Essas considerações demonstram que o planejamento dos espaços públicos de lazer deve, necessariamente, envolver diversas secretarias municipais, tais como de Meio Ambiente, e de Trânsito, entre outras. O planejamento eficaz sobre este tema deve contemplar mecanismos de governança que sejam intersetoriais.

O trabalhador não foge do controle do capital nem quando está fora do trabalho, na moradia e no lazer também sofre implicações. O modo de vida urbano impõe limitações também no lazer, uma vez que a segregação residencial implica nas condições de lazer:

As práticas não se reduzem apenas a produção imediata, dentro da fábrica. E na vida cotidiana como um todo, que essas contradições se manifestam mais profundamente, nas diferenciações entre os modos de morar, o tempo de locomoção, o acesso à infraestrutura de lazer, à quantidade e tipos de produtos consumidos, etc. quanto mais a sociedade se desenvolve mas aprofunda as diferenças entre os indivíduos (fundamentalmente nos países subdesenvolvidos) (CARLOS, 2005, p. 79).

Outra alternativa bem-sucedida são as academias populares ao ar livre, porém, o número é muito reduzido para a demanda, pois são apenas onze na cidade. Estes equipamentos, geralmente, são localizados em praças e recebem significativo número de praticantes, conforme podemos observar através do trabalho de campo; tanto que moradores reclamam que há poucos aparelhos, uma vez que a necessidade é grande. Na academia localizada no Bairro Itararé (Sudeste), onde é preciso fazer matrícula para frequentar, existe fila de espera. É preciso, portanto, levar estes equipamentos para mais bairros.

O espaço interfere nas possibilidades de lazer do indivíduo, torna-se evidente diante deste contexto que a necessidade de espaços públicos para o lazer se torna mais urgente para as classes mais pobres, uma vez que estas não podem usufruir de espaços privados; assim, essas alternativas de lazer possibilitadas por meio dos espaços públicos são muito importantes.

Segundo Almeida e Gutierrez (2011), a globalização trouxe novas formas de lazer, pois aumentaram os espaços e possibilidades para este fim, como bares e restaurantes, academias, parques, escolinhas de esporte e também a ampliação do turismo. No entanto, estas novas formas são mais acessíveis às pessoas de maior poder aquisitivo. Enquanto para os mais pobres o lazer é um local de exclusão, em

razão das poucas possibilidades que têm de adquirir os novos produtos do lazer e os poucos espaços públicos adequados para esse fim.

Aquém das novas possibilidades de lazer trazidas com a globalização, aos excluídos restam as seguintes formas de lazer:

A grande massa de excluídos do lazer no Brasil possui poucas alternativas como a atividade física, a socialização em espaços públicos em geral deteriorados, a visita aos parentes e as festas populares. Os parques e espaços públicos são apropriados mas não contemplam a maior parte da população dos centros urbanos, quanto aos clubes, representam apenas setores das classes médias, bem como as viagens turísticas (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011, p. 105).

O lazer, assim como outros aspectos da vida social refletem a exclusão social. Até mesmo as festas populares expressão da cultura do povo não fugiram à mercantilização. Um exemplo disso é o Carnaval que em muitos lugares perdeu sua identidade, passando a ser uma festa vendida como mercadoria, como os blocos de carnavais privados, dos quais só participa quem pode pagar. Este quadro gera mais uma contradição no acesso ao lazer.

4.3 Utilização dos espaços públicos de lazer

A prática do lazer envolve um conjunto de fatores já discutidos anteriormente, como, por exemplo, tempo, atitude, espaço disponível, a escolha individual em praticar ou não alguma atividade que existe, mesmo que imitada por modismos ou por impedimentos de ordem econômica, política e cultural. É no lazer que o sujeito tem maior liberdade. Desse modo, para entender a dinâmica dos espaços públicos de lazer na cidade de Teresina (PI), verificamos como a população frequenta os espaços disponíveis. Sobre esta questão, obtivemos os seguintes resultados dispostos na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 - Frequência dos moradores nos espaços públicos de lazer do seu bairro

Zona/Bairro	Não	Sim	Total
Centro/ Mafuá	38 51%	37 49%	75 100%
Centro/ Piçarra	52 69%	23 31%	75 100%
Leste/ São João	40 53%	35 47%	75 100%
Leste/ Vale Quem Tem	27 36%	48 64%	75 100%
Norte/ Mocambinho	23 31%	52 69%	75 100%
Norte/ São Joaquim	24 32%	51 68%	75 100%
Sudeste/ Itararé	21 28%	54 72%	75 100%
Sudeste/ Renascença	34 45%	41 55%	75 100%
Sul/ Parque Piauí	42 56%	33 44%	75 100%
Sul/Saci	23 31%	52 69%	75 100%
Total	324 43%	426 57%	750 100%

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

A maioria dos sujeitos da pesquisa, ou seja 57% frequentam as áreas de lazer do bairro onde moram, na análise geral. Os bairros nos quais se verificaram a maior frequência foram: Itararé (72%), Saci e Mocambinho (69%) e São Joaquim (68%). Em quatro bairros, menos da metade da população afirma utilizar os equipamentos de lazer do seu bairro: Mafuá, Piçarra, São João e Parque Piauí.

Podemos relacionar estes dados com a presença de equipamentos nos bairros, os com maior percentual de utilização possuem mais equipamentos, são os mais privilegiados dentro da sua região. No caso dos bairros Mafuá e Piçarra, a baixa utilização pode ser explicada pela existência de poucos espaços no bairro. Entretanto, dois casos chamam a atenção. São João e Parque Piauí possuem equipamentos, porém, estes não são muito utilizados.

No primeiro caso, pode acontecer de a população ter acesso a outros tipos de lazer, por sua faixa de renda ser maior: “as classes sociais média e alta atribuem à cidade a função exclusiva de circulação, já que podem desfrutar de lazer em seus espaços privatizados. Porém, para as classes mais pobres, a cidade continua com a função de lazer, de morar, de trabalho e de circulação” (MARCELLINO, et al., 2008, p. 141). No segundo caso, podemos citar o abandono em que se encontram os espaços de lazer do bairro; um exemplo é o Centro Social Urbano (CSU) muito citado por seus moradores, mas que se encontra deteriorado (Foto 4) e sem condições para as práticas de lazer. Atualmente o local abriga oficinas, aulas de Capoeira e encontros da terceira idade, enquanto as atividades esportivas deixaram de ser realizadas e o local se tornou alvo de usuários de drogas – até assassinatos já ocorreram no local.

Foto 4 - Piscina do CSU do Parque Piauí



Fonte: Laudenides Pontes (jul. 2014).

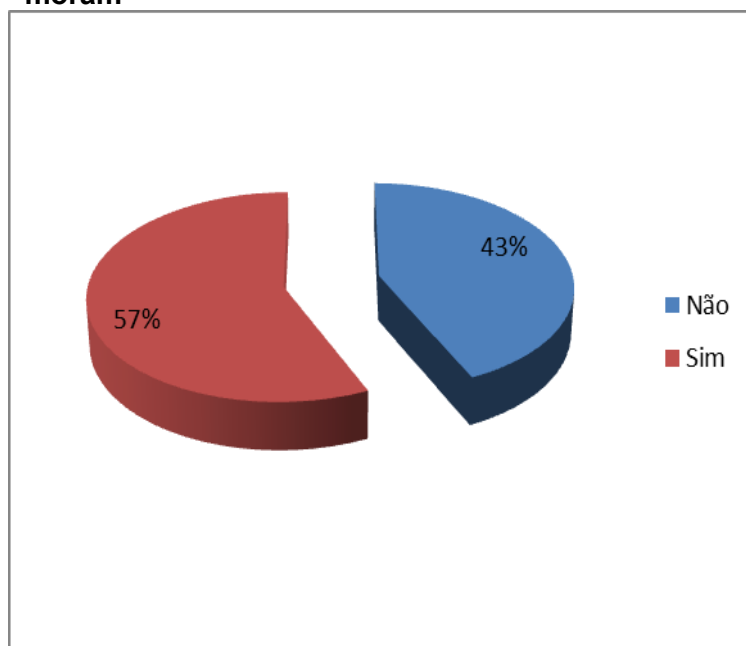
Convém assinalar que, muitas vezes, a rotina de trabalho cansativa das pessoas impede-as de perceber o lazer como um componente importante em suas vidas para a busca da realização e felicidade. Aliado a isso está o forte apelo do sistema capitalista para que cada um de nós seja mais produtivo, voltado ao trabalho e à acumulação de bens. Apesar disso, é inegável a contribuição do lazer para a

qualidade de vida dos indivíduos, daí vem a importância da existência de espaços públicos para este fim:

Dentre os valores funcionais, a principal atribuição dos espaços livres é a opção de lazer e recreação que essas áreas oferecem, principalmente em bairros populares onde os espaços públicos tornam-se bastante utilizados devido à impossibilidade de usufruir o lazer pago, presente nos clubes privados, cinemas, parques de diversão, *shopping centers* e outros (ROBBA E MACEDO, 2010 apud AZEVEDO, 2013, p. 66).

Sobre a utilização, concluímos que, apesar de existirem bairros com frequência menor, a população, em sua maioria, utiliza de alguma forma os espaços existentes em seu bairro, como pode ser visualizado no Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 - Frequência dos moradores pesquisados nas áreas de lazer do bairro onde moram



Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Dentre os espaços citados pelos moradores que frequentaram, destacamos: praças, quadras, locais para caminhadas e academias. Entre os que não frequentam, as justificativas foram recorrentes, principalmente, não conhecimento, falta de tempo, e, sobretudo, a violência presente nestes espaços:

A violência urbana tem sido um dos principais argumentos para a existência do *apartheid* social nas grandes cidades atualmente e para a diminuição do uso desses espaços pelos mais favorecidos socialmente. A violência nos espaços públicos das cidades

apresenta-se sobre várias formas, destacando-se a descaracterização e destruição do patrimônio, os acidentes no trânsito, os roubos, os crimes, a prostituição, o tráfico de drogas, a luta entre gangues de jovens etc. (LIMA, 2006, p. 69).

Foi ainda questionada, para os sujeitos que afirmaram utilizar as áreas de lazer do bairro, a frequência com que o faziam, e, assim, obtivemos as respostas organizadas na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Frequência dos moradores nos espaços públicos de lazer do seu bairro

Zona/Bairro	Frequentemente	Raramente	Não respondeu	Total
Centro/ Mafuá	28 37%	14 19%	33 44%	75 100%
Centro/ Piçarra	10 13%	60 80%	05 7%	75 100%
Leste/ São João	11 15%	45 60%	20 25%	75 100%
Leste/ Vale Quem Tem	26 35%	49 65%	0 0	75 100%
Norte/ Mocambinho	26 35%	40 53%	09 12%	75 100%
Norte/ São Joaquim	29 40%	23 30%	23 30%	75 100%
Sudeste/ Itararé	35 47%	40 53%	0 0	75 100%
Sudeste/ Renascença	25 33%	41 55%	09 12%	75 100%
Sul/ Parque Piauí	22 30%	31 40%	22 30%	75 100%
Sul/Saci	35 47%	07 09	32 44%	75 100%
Total	247 32%	350 47%	153 21%	750 100%

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Apesar de a maioria dos moradores utilizarem as áreas de lazer, esta prática não faz parte de uma rotina, visto que, dentre os que frequentam, 47% o fazem raramente. Outro dado constatado foi que nos bairros com maior número de equipamentos, verificamos a maior frequência pelos moradores. Enfatizamos os casos dos bairros Itararé e Saci.

O que observamos é que não basta a existência dos equipamentos, têm que ser realizadas atividades de animação para que possam contribuir para a utilização destes espaços. Os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre a existência de atividades rotineiras nestes espaços, e a metade afirmou que existem, enquanto os outros afirmaram que não existe ou que não conhecem (Tabela 8).

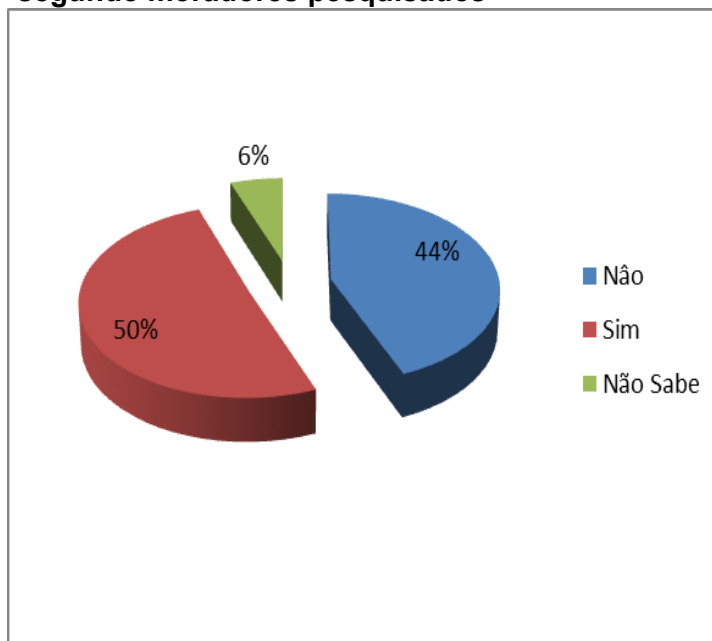
Tabela 8 - Existência de atividades rotineiras nos espaços de lazer do bairro onde reside segundo os moradores pesquisados

ZONA/ BAIRRO	Não	Sim	Não Sabe	Total
Centro/ Mafuá	16 21%	53 70%	06 09%	75 100%
Centro/ Piçarra	55 73%	15 20%	05 07%	75 100%
Leste/ São João	30 40%	27 36%	18 24%	75 100%
Leste/ Vale Quem Tem	35 47%	40 53%	0 0	75 100%
Norte/ Mocambinho	28 37%	47 63%	0	75 100%
Norte/ São Joaquim	39 52%	36 48%	0	75 100%
Sudeste/ Itararé	35 47%	40 53%	0	75 100%
Sudeste/ Renascença	25 33%	41 55%	09 12%	75 100%
Sul/ Parque Piauí	35 47%	36 48%	04 05%	75 100%
Sul/Saci	31 41%	44 59%	0	75 100%
Total	329 43%	379 50%	42 07%	750 100%

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Como pode ser visualizado na Tabela 8, dos dez bairros pesquisados, em quatro deles, a maior parte da população afirma que não existem atividades rotineiras nos espaços de lazer, enquanto em seis, os moradores afirmam existir estas atividades. Este dado pode demonstrar o pouco conhecimento da população sobre os espaços públicos de lazer do seu próprio bairro.

Gráfico 4 - Existência de atividades rotineiras nos espaços públicos de lazer do seu bairro, segundo moradores pesquisados

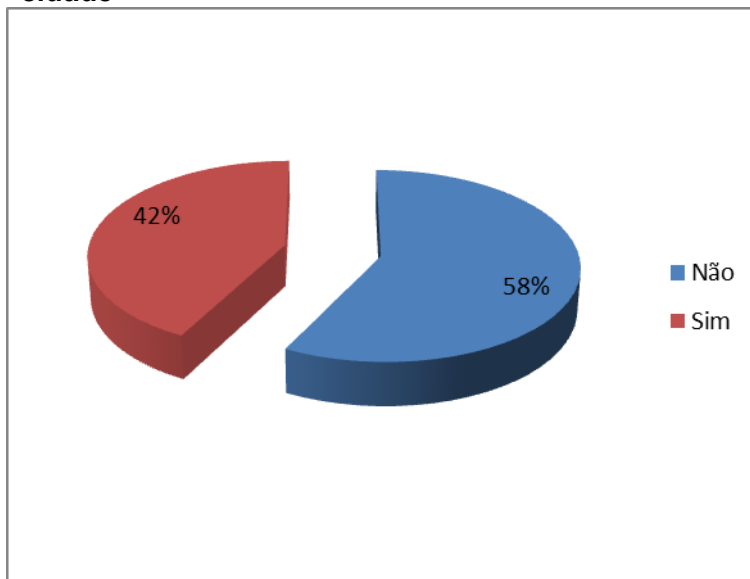


Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Sobre as atividades que são realizadas nos espaços públicos de lazer, foi questionado ao secretário de lazer que tipos são realizadas para a animação destes e, como resposta, ele afirmou que são realizados campeonatos esportivos, o que demonstra que é priorizado principalmente o esporte, e, sobretudo, o futebol, o que favorece o público adulto e masculino. Não há portanto, programações variadas que busquem atender outras camadas da população. Outra questão investigada foi se estes moradores buscavam espaços públicos de lazer em outros bairros da cidade, pois, como já foi visto, muitos bairros não possuem estes espaços.

A maioria dos sujeitos pesquisados não frequenta os espaços de lazer em outros bairros, como pode ser visualizado no Gráfico 5, o que pode acontecer devido ao deslocamento, pois muitos dependem do transporte público e, como se sabe, nos finais de semana e feriados, períodos em que as pessoas têm mais tempo disponível para o lazer, as linhas de ônibus (principal transporte coletivo de Teresina) têm o seu número reduzido, e o tempo de espera por um coletivo é muito grande, o valor das passagens, o que pode desestimular as pessoas em frequentar lugares distantes de suas residências. Outro fator que pode dificultar este acesso é a própria falta de conhecimento sobre estes espaços.

Gráfico 5 - Frequência dos moradores pesquisados em espaços públicos de lazer em outros bairros da cidade



Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Mesmo com estas dificuldades, o percentual de pessoas que afirmam frequentar espaços de lazer de outros bairros ainda é grande (42%). Dentre os locais elencados por elas, destacamos as respostas que foram recorrentes em todas as zonas: Lagoas do Norte, Zoobotânico, pistas de caminhada e quadras de esporte.

4.4 Conservação dos espaços públicos de lazer

Com base nas observações feitas em campo nos bairros pesquisados, verificamos muitos equipamentos de lazer em mau estado de conservação (Fotos 5, 6). Com aparelhos quebrados, enferrujados, sujos, com muito mato ou lixo. A maioria destes espaços é aberta ao público; dessa forma, está sujeito à ação de vândalos, dispostos a danificar o patrimônio público. Atualmente verifica-se uma falta de sensação de pertencimento por parte da população do que é público e isso facilita a ação de pessoas mal intencionadas que querem destruí-los:

Trata-se, efetivamente, do abandono, pela sociedade contemporânea, de valores essenciais que distinguiam e asseguravam o espaço público. Estamos vivenciando um momento no qual se faz presente o reducionismo do espaço público (MORAES et al., 2008, p. 105).

Soma-se a isso a desvalorização do que é público no Brasil, visto geralmente como “terra de ninguém” e caracterizado por uma má qualidade, o que causa seu

abandono pelas camadas com maior poder aquisitivo, e não desperta muito o interesse das pessoas em contribuir para sua melhor conservação:

Hoje, no Brasil, a ideia de coisa pública se confunde, em grande medida, com algo de baixa qualidade ou de uso exclusivo das camadas populares, como no caso de hospitais, escolas, parques, centros de lazer, etc. de certa forma, a mesma desvalorização ocorre com o espaço público, uma vez que o acesso é livre, e a frequência majoritária é composta, em geral, de elementos oriundos dessas camadas populares (GOMES, 2006, p. 185).

Por outro lado, verificamos que a política de reparação desses equipamentos é mais lenta que a depredação, por isso, a participação da comunidade é fundamental para conservar estes espaços. A Foto 5 retrata as condições do vestiário do centro esportivo do Mocambinho que está abandonado, com equipamentos quebrados e muito lixo, o que reflete o abandono deste espaço que poderia servir de suporte para os praticantes de esporte do referido centro. A Foto 6 mostra o alambrado quebrado e enferrujado de um campo da zona Sudeste de Teresina, apenas para ilustrar o que acontece em muitos outros espaços esportivos da cidade.

Foto 5 - Vestiário do Centro Esportivo do Mocambinho - zona Norte



Fonte: Laudenides Pontes (2012).

Foto 6 - Alambrado do Campo de Futebol Renascença – zona Sudeste



Fonte: Laudenides Pontes (2012).

Sobre a conservação dos espaços de lazer nos bairros pesquisados, 63% dos moradores desses bairros afirmam que não são conservados. Nos bairros Vale Quem Tem, Itararé e Mocambinho, foram registrados os maiores percentuais no que diz respeito à falta de conservação destes espaços.

Tabela 9 - Conservação dos espaços públicos de lazer do bairro

Zona/ Bairro	Não	Sim	Total
Centro/ Mafuá	19 25%	56 75%	75 100%
Centro/ Piçarra	54 72%	21 28%	75 100%
Leste/ São João	51 68%	24 32%	75 100%
Leste/ Vale Que Tem	59 79%	16 21%	75 100%
Norte/ Mocambinho	52 70%	23 30%	75 100%
Norte/ São Joaquim	33 44%	42 56%	75 100%
Sudeste/ Itararé	54 72%	21 28%	75 100%
Sudeste/Renascença	50 67%	25 33%	75 100%
Sul/ Parque Piauí	48 64%	27 36%	75 100%
Sul/Saci	48 64%	27 36%	75 100%
Total	468 63%	282 37%	750 100%

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Nesse contexto, surge outra inquietação: – De quem seria a responsabilidade pela conservação destes equipamentos? Que políticas seriam necessárias para manter estes equipamentos em um estado desejável para o uso? Ao mesmo tempo refletimos que o cuidado com o patrimônio público deve ser de todos os órgãos competentes em estar atentos, tanto para a manutenção quanto para a fiscalização e punição de vândalos e também da própria sociedade que deve estar vigilante e zelosa para cuidar do patrimônio que é custeado por todos. É necessário, portanto, um trabalho coletivo para a conservação dos espaços de lazer:

Uma política de lazer adequada pode incentivar a integração do cidadão aos seus grupos de referencia mais próximos, como os vizinhos de rua ou bairro, frequentando associações de cunho cultural e esportivo. Nos dias de hoje quando nenhum governo parece capaz, ou disposto, a arcar sozinho com as suas responsabilidades sociais esta rede de solidariedade e amizade pode ser utilizadas em programas de mutirão e auxílio mútuo, nos quais a população com o apoio do poder publico procura resolver seus problemas mais imediatos (GUTIRREZ, 2001, p. 115).

Algumas iniciativas já foram tomadas pelo poder público, no sentido de incentivar maior preocupação e cuidado da população com os espaços de lazer, como foi noticiado na mídia (Figura 11).

Figura 11 - Campanha incentiva preservação de quadras



Fonte: **Jornal O Dia**, 11 mar. 2003.

Indagado sobre como acontece a manutenção dos espaços de lazer, o secretário de lazer respondeu:

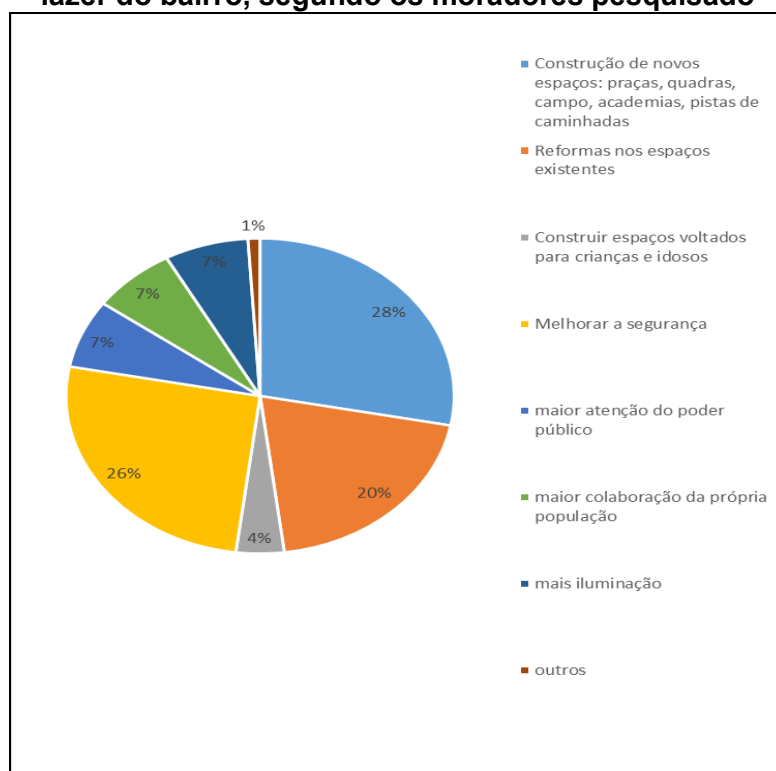
A política adotada pela gestão atual é de conservar os equipamentos existentes antes, primeiro e, só depois, construir novos. A comunidade nem sempre colabora com a manutenção, que é muito cara, principalmente nos campos que necessitam de nivelamento e reposição dos alambrados periodicamente. As academias populares também precisam de manutenção para conserto periódico dos aparelhos.

O secretário afirmou que são priorizadas as academias, nas quais são feitas manutenções mensais.

A problemática do lazer nas cidades vai além de oferecer espaços, pois é preciso que haja políticas de animação; ou seja, atividades que envolvam a população e façam esta se sentir pertencente a este espaço, o que se torna muito difícil no atual mundo globalizado. Sem este sentimento de pertencimento, muitos enxergam estes espaços como algo estranho, distante de sua realidade, e não contribuem para sua conservação: jogando lixo, quebrando, e, ainda, não fiscalizando.

Os moradores foram ainda questionados sobre seus anseios, a respeito do que poderia ser feito no seu bairro para uma melhoria no lazer. As respostas estão dispostas no Gráfico 7, a seguir.

Gráfico 7 - O que poderia ser feito para melhorar o lazer do bairro, segundo os moradores pesquisado



Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Verificamos que a maioria vê a necessidade da construção de novos espaços, pois, em muitos bairros de Teresina, estes espaços estão em número pequeno, ou ainda, há aqueles que não possuem nenhum tipo de equipamento, o que reafirma as nossas considerações de que os espaços que existem não atendem plenamente às necessidades atuais da população, pois não acompanham seu crescimento, e as localizações não são coerentes com as demandas. Além disso, a população solicita a reforma dos espaços já existentes. Como já foi dito, muitos destes encontram-se abandonados e sem condições de uso, o que vai ficar mais claro no tópico seguinte, onde trataremos da realidade encontrada em cada um dos dez bairros analisados.

A segunda maior preocupação dos moradores para a melhoria do lazer é a segurança, uma vez que os espaços públicos na cidade contemporânea são em sua maioria considerados inseguros. Outra solicitação é a construção de espaços para idosos e crianças, parcelas da população que encontram poucas opções no espaço público. Ao analisar a relação dos moradores com os espaços públicos de lazer na cidade de Teresina, constatamos que alguns fatores impedem maior utilização, sobretudo a violência que torna estes espaços inseguros. Além disso, a falta de atividades ou até mesmo a falta de conhecimento sobre estas atividades, problemas com iluminação, limpeza e manutenção dos equipamentos esportivos também são barreiras.

A segurança foi outro fator, pois, conforme já foi discutido, os problemas urbanos não podem ser tratados de maneira isolada, pois um reflete no outro. A violência recorrente hoje nas cidades afasta as pessoas do espaço público, visto que este, muitas vezes, é também lugar dos excluídos e de atividades ilícitas, ponto de prostituição, lugar de repouso de andarilhos ou mendigos; tráfico e consumo de drogas.

A falta de segurança foi um fator muito citado, diversas vezes as pessoas deixam de ir a algum lugar por medo, o que mostra que o lazer não se configura como um fato isolado, e precisa ser visto em conjunto com outros, como a educação, o que vai refletir na própria postura dos cidadãos em melhor conservar os espaços de lazer e a segurança destes espaços.

Figura 12 - Medo afasta a população dos espaços públicos de lazer

Medo e insegurança: população abandona academia popular

Os problemas enfrentados pelos moradores da região da grande Santa Maria vão além da falta de estrutura das ruas e de algumas escolas do bairro. A violência na região tem gerado medo e feito com que os moradores fiquem presos em suas próprias casas, por conta das constantes ações de vândalos e a presença de traficantes de droga.

A situação mais crítica é encontrada na praça do bairro, localizada na rua Lourival Mesquita, onde os moradores afirmam ser um dos locais de maior movimentação e prática de vendas de drogas, na qual, segundo eles, acontecem a partir de nove horas da noite. Os moradores preferem não se identificar por medo de represálias vindas dos criminosos.

Na Praça está instalada uma academia pública para a terceira idade, mas segundo uma moradora, a prática de atividade física não vem sendo realizada por conta do receio da comunidade. “Eles chegam e atrapalham nossa ginástica aqui na praça. Constantemente os idosos vêm sendo ameaçados de ficarem aqui, e o pior é que a maioria deles são menores de 15 a 16 anos”, relata uma moradora que prefere não se identificar.

Uma comerciante, que é membro da Associação de Moradores da Santa Maria da Codipi, e que também preferiu manter o nome em sigilo, afirma que a onda de violência no bairro assusta os empresários da região. “Eu tive sorte porque até hoje não fui assaltada, e acho que sou a única comerciante da região que não sofreu com isso”, declara.

Segundo a empresária, o Centro de Produção, localizado na Praça Santa Maria da Codipi, está fechado há quase dois anos e também tem se tornado abrigo de muitos vândalos, além de ser local para depósito de produtos roubados e furtados. Ela garante: “Nós pedimos o prédio para ser criado um centro cultural, mas a Prefeitura entrou em acordo com o Corpo de Bombeiros, que agora é responsável pelo local, mas nunca fez nenhuma obra”. (Beto Marques e Thiago Bastos)



Idosos deixaram de praticar atividades físicas devido a abordagens feitas por usuários de drogas

Fonte: **Jornal O Dia**, 14 set. 2013, Caderno em Dia, p. 1.

Como afirma Marcellino (2006) os problemas sociais não estão isolados, mas sim interligados, não podem ser colocados em escala de prioridades: “Não é possível se entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas, em uma relação dinâmica. Não entender esse processo pode levar a equívocos que são muito comuns” (MARCELLINO, 2006, p. 14).

Outros fatores citados foram: maior atenção do poder público, maior colaboração da própria população, reforma de áreas já existentes, mais lazer para crianças e idosos – muitas vezes excluídos, pois os espaços privilegiam alguns grupos: “Além disso, no plano cultural, uma série de preconceitos restringe a prática do lazer aos mais habilitados, aos mais jovens e aos que se enquadram nos padrões estabelecidos de ‘normalidade’” (MARCELLINO, 2008, p. 14).

5 OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE TERESINA: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO GEOGRÁFICA

Em razão da dificuldade enfrentada durante esta pesquisa para enquadrar certos espaços de lazer da cidade, e ainda pela falta de uma classificação destes, fica aqui uma proposta de classificação que possa englobar todos os tipos de espaços existentes e assim melhor analisá-los. Nesse contexto, propusemos três categorias de espaços públicos de lazer em Teresina, partindo de uma escala mais ampla para uma mais reduzida, a saber: Espaços Públicos de Lazer da Cidade; Espaços Públicos de Lazer das Zonas Urbanas da Cidade e Espaços Públicos de Lazer do Bairro.

Por meio dos questionários realizados junto aos moradores dos bairros utilizados como amostra para esta pesquisa, das notícias pesquisadas nos jornais, pudemos constatar que muitas pessoas afirmaram frequentar espaços de lazer que não estavam localizados em seu bairro de moradia. Deste modo, verificamos que há espaços em Teresina que atraem um público maior do que somente os moradores do seu entorno, mas dos bairros de toda a zona. Há também aqueles que servem como lazer para moradores de outras zonas da cidade, e ainda são pontos visitados por moradores de outras cidades quando visitam Teresina. Além disso, não poderíamos deixar de citar estes espaços públicos importantes de lazer desta Capital, mesmo que eles não façam parte de nenhum dos bairros escolhidos para a amostra.

5.1 Espaços Públicos de Lazer da Cidade de Teresina

Consideramos como sendo espaços desta categoria aqueles que servem como lazer para os moradores da cidade de forma geral, não tendo seu uso restrito por moradores de algum bairro ou zona específica. Outra característica destes espaços é também servirem como referência na cidade e servir até como um ponto turístico, pois atraem frequentadores de todas as zonas das cidades, o que podemos constatar através dos questionários aplicados e também porque são frequentados por pessoas de outras cidades, uma vez que são considerados pontos turísticos pelos órgãos competentes. Estes espaços são áreas para o passeio ao ar livre,

prática de esportes e atividades físicas, espaços culturais, entre outros. Posteriormente, será feita a descrição de cada um destes espaços.

São estes: o Complexo Ponte Estaiada, o Parque Encontro dos Rios, o Zoobotânico, o Parque Nova Potycabana, estes que podem ser utilizados para passeios, visitação, atividades ao ar livre, atividades físicas e contemplação a natureza. Para atividades culturais, exposições, apresentações musicais, teatrais, de dança, folclóricas e manifestações populares, temos o Theatro 4 de Setembro, Teatro de Arena, Teatro da Assembleia, Centro Artesanal Mestre Dezinho, Casa da Cultura, Clube dos diários, Palácio da Música, Conjunto da Estação Ferroviária de Teresina, Museu do Piauí, Museu de arte Sacra Dom Paulo Libório. E, por último, aqueles que servem para atividades e competições esportivas que são o Estádio Lindolfo Monteiro, o Estádio Albertão e o Ginásio Verdão.

Consideramos que Teresina tem 17 Espaços Públicos que oferecem alguma forma de lazer e atraem moradores de suas diversas zonas. Quanto à localização destes espaços, observamos que há forte concentração, pois doze destes espaços estão na Zona Centro, enquanto apenas três estão na Zona Leste, um na Zona Sul e um na Zona Norte. Nas zonas Sudeste e Sul não se encontra nenhum, como pode ser visualizado nos Mapas 5 e 6.

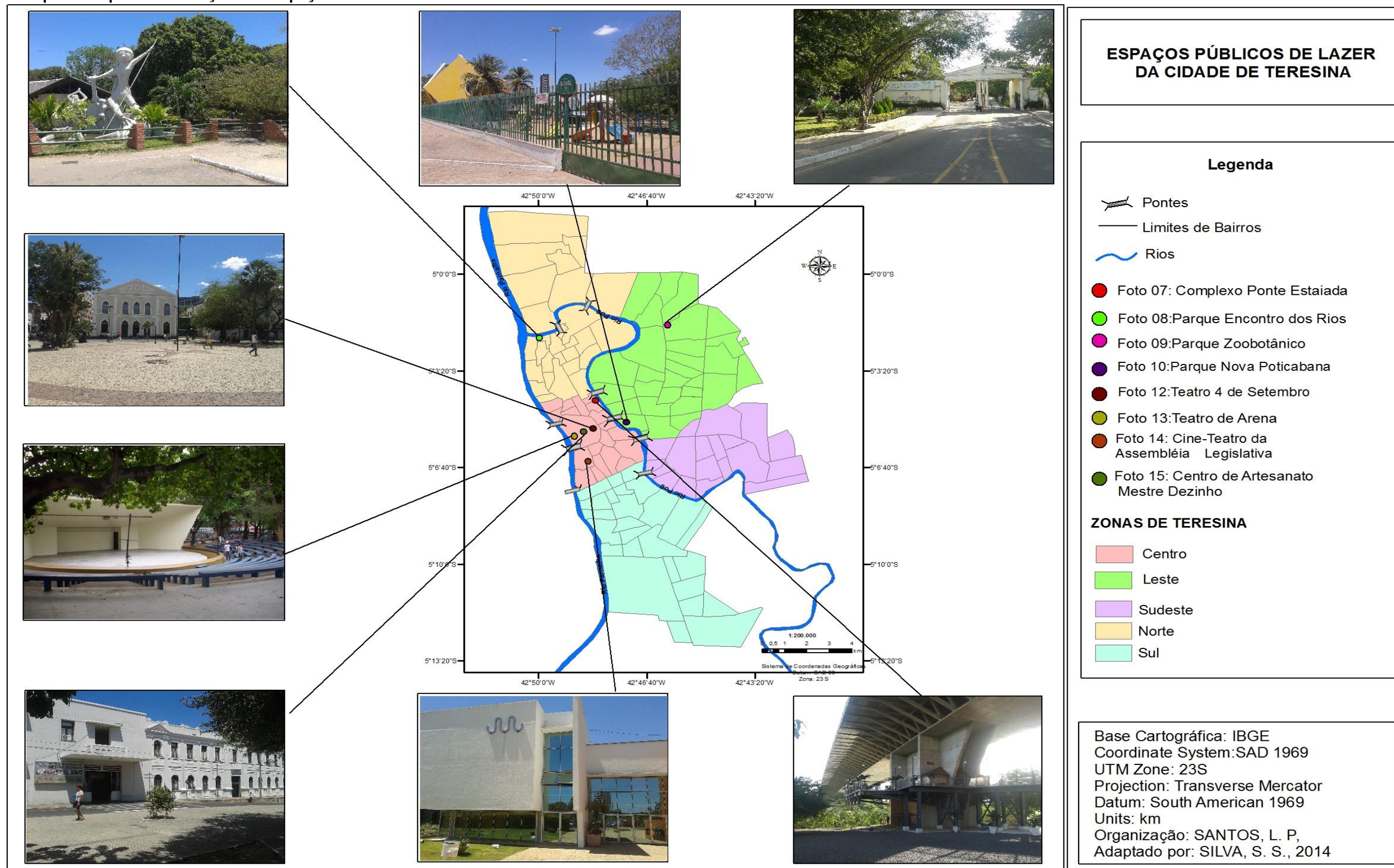
Observamos que dois espaços importantes, por sua grande utilização pelos moradores de Teresina, são o Parque Nova Potycabana e o Parque Zoobotânico, localizados na zona Leste, a zona que concentra o maior número de moradores de maior poder econômico da cidade. Estes também estão entre os que possuem melhor estrutura para o lazer:

Embora a Constituição Federal (Brasil, 1988) estabeleça o lazer, dentre outros, como direito social indispensável, a maior parte da população não usufrui plenamente desse direito, devido a uma grande carência de espaços públicos de lazer em áreas urbanas. De modo geral, observa-se que os espaços públicos dotados de melhor infraestrutura se encontram em bairros cuja população desfruta de elevado padrão social (AZEVEDO, 2013, p. 84).

Outro ponto que merece destaque é o fato de os espaços culturais de Teresina ainda estarem concentrados no Bairro Centro, o que favorece sua utilização à população que possui veículo particular, uma vez que este bairro deixou de ser residencial para se tornar comercial, possuindo poucos moradores. Os usuários destes espaços são, portanto, de outros bairros da cidade, sobretudo, os

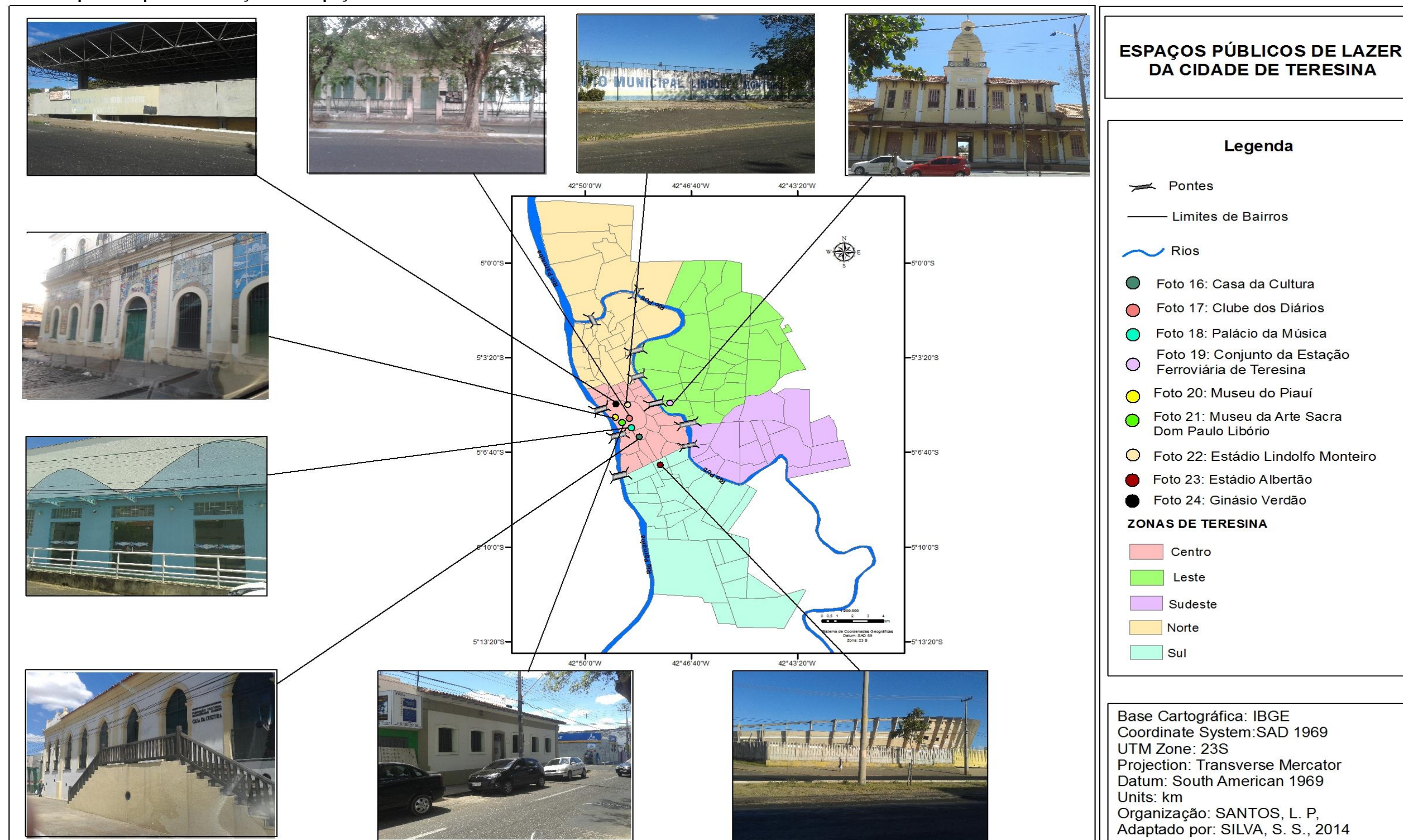
que têm seu próprio veículo. Acrescente-se que, em finais de semana, quando a maioria das pessoas têm tempo para o lazer, a frota de transporte coletivo na cidade diminui muito, o que dificulta os deslocamentos (Mapas 5 e 6).

Mapa 5 - Mapa de localização dos Espaços Públicos de Lazer da cidade de Teresina-a



Fonte: Laudénides Pontes (2013).

Mapa 6 - Mapa de localização dos Espaços Públicos de Lazer da cidade de Teresina-b



Fonte: Laudenides Pontes (2013).

- COMPLEXO PONTE ESTAIADA

O Espaço do Complexo Turístico Mirante Ponte Estaiada (Foto 7) localiza-se às margens do rio Poty. O espaço inaugurado em 2010 tornou-se um complexo turístico com lojas de artesanato, balcão de informações turísticas, espaço lanchonete, espaço de leitura ao ar livre, estacionamento, academia ao ar livre, parquinho para crianças e mirante de noventa e cinco metros de altura com capacidade para oitenta pessoas que possibilita a observação da cidade.

- PARQUE ENCONTRO DOS RIOS

O parque (Foto 8) foi inaugurado em dezembro de 1996 e fica localizado no Bairro Poti Velho, ao lado esquerdo da foz do rio Poti quando ele deságua no rio Parnaíba. A beleza natural do encontro das águas dos dois rios é a principal atração do parque. Trata-se de um local também de importância histórica pois é onde se iniciou o povoamento da Vila do Poti, hoje Poti Velho.

Possui uma área de três hectares, e, como equipamentos, possui um centro de recepção ao turista, espaço para exposição e comercialização de produtos artesanais, monumento ao Cabeça-de-Cuia,⁸ algumas palhoças, dois mirantes, um restaurante flutuante, trilhas, áreas para pesca, esportes aquáticos e brinquedos para as crianças (TERESINA, 2010).

- ZOOBOTÂNICO

O Parque Zoobotânico (Foto 9) está localizado na PI-112 em direção ao município de União, ocupa um espaço de 137 hectares. Criado em 1972, foi o primeiro parque urbano da cidade. É uma opção de lazer muito importante para a cidade, onde se pode ter contato com a natureza através da flora e da fauna, com espécies da fauna brasileira e africana. Apesar de ter passado por vários problemas estruturais, o parque atrai muitos visitantes, como pode ser constatado pelas manchetes dos jornais sobre este espaço:

⁸ Lenda piauiense que conta a história de Crispim, garoto que, ao agredir sua mãe com um corredor de boi, foi amaldiçoado por sua mãe e se transformou em um monstro da cabeça com formato de cabaça; e teria que vagar pelo rio Parnaíba na metade do ano e na outra no rio Poti até encontrar sete Marias virgens.

Visitantes reclamam de acesso no Zoobotânico: o asfalto está deteriorado e com vários buracos (JORNAL O DIA, 3 ago. 1996, p. 11).

Aumentam as visitas ao Zoobotânico: devido ao período de férias aumenta o número de frequentadores que reivindicam que o parque tenha maior número de animais e ainda o conserto da pista de entrada, estes consideram o parque uma ótima opção de lazer na cidade (JORNAL O DIA, 6 jan. 1997, p. 10).

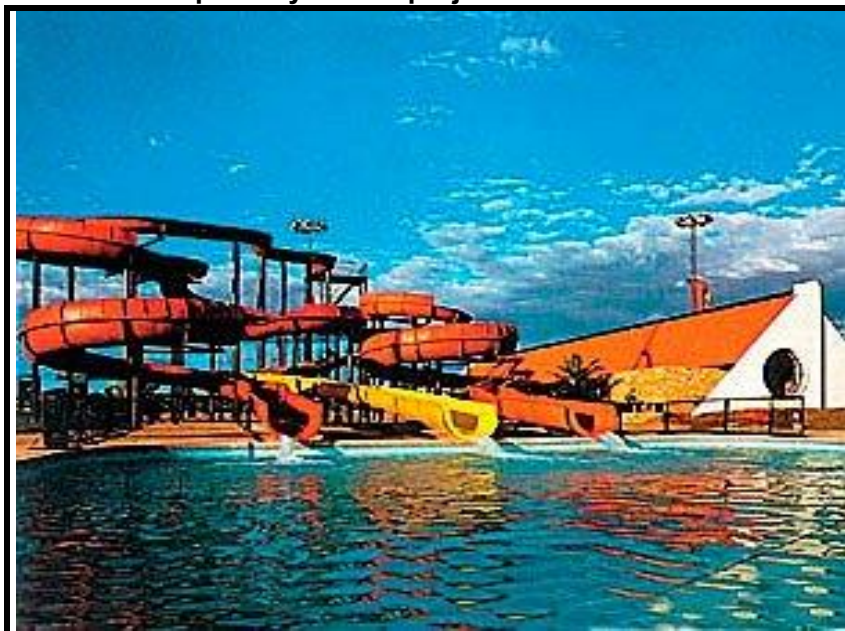
Zoobotânico faz a festa das crianças: sábado, milhares de famílias levaram seus filhos para curtir as novidades do Parque que preparou uma superestrutura para receber os pequenos (JORNAL O DIA, 14 out. 2002, p. 1).

Zoobotânico será fechado: visitas estão suspensas para avaliar segurança da estrutura (JORNAL O DIA, 10 ago. 2007, p. 1).

- PARQUE NOVA POTYTABANA

O Parque Potycabana (Foto 10) situado às margens do rio Poty no Bairro Noivos zona Leste da capital, ocupa uma área de oitenta mil metros quadrados, foi construído durante o governo de Alberto Silva e entregue à população no ano de 1990. Neste projeto inicial era administrado por uma empresa privada Comércio de Bebidas Ltda (COBEL). A construção deste parque envolveu muitas controvérsias, dada sua localização às margens do rio; por outro lado, contribuiu para a valorização deste espaço (Foto 11).

Foto 11 - Parque Potycabana projeto inicial na década de 1990



Fonte: Disponível em:

<<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/politica/potycabana-a-novela-termina-hoje-539.html>>. Acesso em: 17 set. 2014.

O parque oferecia a população banho de piscinas e shows musicais a preços populares o que atraía muitas pessoas; e tornou-se uma importante opção de lazer nesta década. Apesar de criticado, o projeto apresentou-se democrático, e o parque um cartão postal da cidade, como foi noticiado em muitos jornais à época:

Quando o ex-governador e hoje deputado federal Alberto Silva (PMDB) concebeu a Potycabana pensando em deixar um local de lazer para a população mais pobre de Teresina, que não tem condições de frequentar os clubes sociais, com certeza não imaginou que seu projeto, na época severamente criticado por seus adversários políticos, fosse dar tão certo. Apesar de toda a sua pompa, que já começa pelo nome – Grand Park Potycabana – a obra é hoje, com certeza a área de lazer mais popular e democrática da capital (JORNAL O DIA, 19 jun. 1995, p. 2).

A despeito de todo o sucesso, e de ter se tornado uma referência ao lazer da cidade, os projetos de manutenção e animação do parque não foram capazes de evitar o seu declínio a partir dos anos 2000. Em 2004, o parque aquático foi desativado, e, em 2008, foi totalmente fechado, o que significou grande perda para a população (DISPONÍVEL EM: <http://cidadeverde.com/potycabana-e-reaberta-apos-5-anos-relembre-e-veja-fotos-do-parque-132975>. Acesso em: 11 set. 2014).

Figura 13 - Potycabana, um retrato desolador



Fonte: **Jornal O Dia** (27 ago. 2008, Caderno Dia a Dia, p. 01).

No ano de 2013, o parque foi reinaugurado, com o nome de Parque Nova Potycabana, e trouxe uma nova proposta de lazer, não mais com piscinas e shows musicais, mas voltado para atividades físicas. Sua estrutura atual conta com: oito quadras esportivas de várias modalidades esportivas (badminton, poliesportivas, futebol e vôlei de areia, futebol *society* e outra de tênis), mesas para prática de jogos de tabuleiro, como xadrez, pistas para ciclismo e caminhada, com 1.500 metros, cada, pista de skate na modalidade *street* e ainda área verde de quinze mil metros quadrados.

O espaço tornou-se hoje novamente uma importante opção de lazer que possibilita várias opções, tais como: práticas esportivas, caminhadas, parquinhos para crianças, passeios, áreas verdes para realização de piqueniques, exposições e eventos culturais. É um espaço público relevante na cidade, que merece atenção a sua manutenção, segurança e animação, para que não aconteça como da primeira vez em que o descaso deteriorou importante espaço público de lazer da cidade.

- THEATRO 4 DE SETEMBRO

O Theatro 4 de Setembro (Foto 12) é um grande ícone da cultura teresinense, localizado no centro da cidade; foi e continua muito significativo para história cultural do Estado. No dia 4 de setembro de 1889, um grupo de senhoras procurou o presidente da Província, Sr. Teófilo Fernandes dos Santos, para reivindicar a construção de um teatro. Solicitação que foi atendida, pois, em 21 de setembro do citado ano, o teatro começou a ser construído. Foi entregue à população no dia 21 de abril de 1894, mas não foi apresentado nenhum espetáculo, uma vez que o prédio não possuía ainda uma estrutura completa. No dia 2 de maio de 1895, foi apresentado nesse Theatro o primeiro espetáculo “o Desnaturado”. Por muito tempo, serviu como espaço para a exibição de filmes, até a inauguração dos Cine Rex e Royal. O complexo cultural Theatro 4 de Setembro é composto por Sala Torquato Neto, Galeria de Artes e o Espaço Cultural Osório Junior.

Uma grande reforma envolvendo Theatro 4 de Setembro, Clube dos Diários e Praça Pedro II se deu em 1998. Esse Theatro havia ficado quatro anos fechado. Em 2002, outra reforma ali se deu em razão de um incêndio, por causa de uma falha no sistema elétrico. Vários foram os problemas estruturais que envolveram o Theatro 4 de Setembro, nesses mais de cem anos de história, mostrando a lentidão do poder público em resolvê-los: “Burocracia é de lascar”. Em novembro de 2010 o teatro vai

fazer um ano que está interditado por falta de segurança (JORNAL O DIA, 7 out. 2010).

Figura 14 - Interditado, Teatro divide espaço com moradores de rua



Fonte: **Jornal O Dia** (7 out. 2010, Caderno Torquato, p. 01).

- TEATRO DE ARENA

Inaugurado no dia 5 de novembro de 1965, o teatro de Arena (Foto 13) se localiza na Praça Marechal Deodoro, mais conhecida como Praça da Bandeira. É a única concha acústica da cidade, possui dois camarins e capacidade para três mil pessoas. O local serve como palco de muitas manifestações culturais, além de servir para muitas associações de trabalhadores realizarem suas reuniões. É de fácil acesso está localizado em frente ao terminal de ônibus que possui linha para vários bairros da cidade. É um teatro aberto que pode sediar apresentações culturais sem nenhum custo para a população. Poderia ser melhor utilizado se não fosse a falta de segurança da praça onde está localizado.

- TEATRO DA ASSEMBLEIA

O Cineteatro da Assembleia Legislativa (Foto 14) é uma das mais modernas casas de espetáculos da cidade. Foi inaugurado em 2006. Sua estrutura possui duzentos e oitenta e seis lugares, sofisticados recursos cênicos e equipado para

receber inclusive portadores de deficiência física. Funciona no anexo da Casa Legislativa. Seu belo entorno tem jardins, espelhos d'água, passarelas e esculturas (DISPONÍVEL EM: <http://www.teresinapanoramica.com/teatros.html>. Acesso em 10 set. 2014).

- CENTRO ARTESANAL MESTRE DEZINHO

A Central de Artesanato Mestre Dezinho (Foto 15) recebeu esse nome em homenagem ao Metre Dezinho, importante artesão piauiense; foi inaugurada no dia 14 de março de 1983. Está localizada em frente à Praça Pedro II, no centro da cidade, integrando o seu complexo cultural, no prédio onde funcionou a sede da polícia militar à época da ditadura. Em sua estrutura possui lojas de artesanato, palco para shows, escola de dança e música, lanchonetes e restaurantes. Possibilita ao visitante conhecer mais sobre o artesanato teresinense e piauiense.

- CASA DA CULTURA

Foi inaugurada em 12 de agosto de 1994, em um prédio localizado em frente à Praça Saraiva, Centro de Teresina (Foto 16), construído entre 1870 e 1880 pelo Sr. João do Rego Monteiro, o Barão de Gurgueia, para servir como sua residência. Depois, o prédio funcionou como Seminário, residência episcopal, colégio e sede do DNOCS, até que, em 1986, foi tombado como patrimônio histórico e cultural do Piauí. A casa da Cultura é uma opção de lazer cultural, pois oferece exposições de arte, biblioteca e oficinas.

- CLUBE DOS DIÁRIOS

O Complexo Cultural Clube dos Diários (Foto 17), localizado na Rua Álvaro Mendes, Bairro Centro, foi inaugurado no ano de 1927, e sediava as festas da elite teresinense. Na década de 1990, foi reformado pelo governo do Estado e tornou-se um centro cultural formado pela Sala Torquato Neto, Espaço Cultural Osório Junior e a Galeria.

Constitui um espaço próprio para receber exposições diversas, exibições de filmes, solenidades, lançamentos de livros, shows musicais dentre outras manifestações culturais. É aberto à comunidade em geral, durante todo o dia, de segunda a sábado, e tem projetos culturais, como Boca da Noite, Cinema para Todos (DISPONÍVEL EM: http://www.fundac.pi.gov.br/nossas_casas.php).

- PALÁCIO DA MÚSICA

Inaugurado no ano de 2008, O Palácio da Música (Foto 18) funciona no prédio do antigo Mercado do Cajueiro, desativado há anos, na Rua Santa Luzia, no centro de Teresina. Funciona atualmente como Casa da Orquestra Sinfônica de Teresina, Banda 16 de Agosto e Coral da Cidade. É um espaço para apresentações culturais, oficinas, palestras, concertos musicais e exposições.

- CONJUNTO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TERESINA

O Conjunto da Estação Ferroviária de Teresina (Foto 19) é um bem cultural tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em estilo francês, foi construído entre 1922 e 1926. Nele está situado o Espaço Cultural Trilhos. É dedicado às apresentações e divulgação dos trabalhos de artistas locais (TERESINA, 2010).

A Estação Ferroviária está localizada na Rua Miguel Rosa, conta hoje com uma exposição permanente de fotografias e maquetes que mostram um pouco da história da cidade de Teresina (SOUSA, 2008).

- MUSEU DO PIAUÍ

O prédio onde hoje se localiza o Museu do Piauí (Foto 20), centro da cidade, foi construído em 1859, e faz parte da própria história de Teresina. Foi uma das primeiras residências construídas, quando aconteceu a mudança da capital de Oeiras para Teresina. Já foi sede do Poder Executivo e do Poder Judiciário até que, em 22 de dezembro de 1980, foi transformado em Museu do Piauí. Como se vê, o próprio prédio já traz muita história. Em sua estrutura, o Museu possui salas de exposições permanentes que possibilitam a seus visitantes conhecer mais sobre a história do homem e do Piauí.

- MUSEU DE ARTE SACRA DOM PAULO LIBÓRIO

O Museu foi inaugurado em 15 de agosto de 2011; localiza-se na Rua Olavo Bilac, no Bairro Centro (Foto 21). Possui uma coleção de aproximadamente duas mil peças, dos séculos XVII a XXI, contém imaginária sacra, alfaías, paramentos e mobiliário, tendo surgido da junção de alguns pertences da Arquidiocese de Teresina, da compra efetuada pela Prefeitura e de empréstimos de colecionadores

da comunidade. A coleção foi organizada em forma de museu, para ser apresentada ao público interessado na memória religiosa através da arte.

O nome do Museu é uma homenagem a Dom Paulo Hipólito de Sousa Libório, primeiro bispo natural do Piauí que serviu em Teresina; além disso, a casa que sedia hoje o museu foi sua última moradia. Este espaço representa uma opção de lazer cultural ao possibilitar a seus visitantes conhecer melhor sobre a história religiosa da cidade (DISPONÍVEL EM: <http://www.fcmc.pi.gov.br/paginas/Museu-de-Arte-Sacra-de-Teresina/58/>).

- ESTÁDIO LINDOLFO MONTEIRO E ESTÁDIO ALBERTÃO

São os dois principais estádios de futebol da cidade. O Lindolfo Monteiro ou “Lindolfinho” (Foto 22) foi inaugurado no ano de 1944, o estádio se localiza no bairro Centro. O Estádio Governador Alberto Silva o “Albertão”, situado no Bairro Redenção, zona Sul de Teresina (Foto 23), foi inaugurado em agosto de 1973, com grande estrutura para sediar eventos esportivos com sessenta mil lugares; no entanto, este espaço poderia ser melhor aproveitado. A reportagem a seguir, retrata o abandono em que se encontra o estádio:

Mas na história, ficou uma ressalva que não estava nos planos iniciais. Quarenta anos depois de sua inauguração, no dia 26 de agosto de 1973, nenhum dos mais pessimistas torcedores que vibravam naquela época poderia imaginar que o “Gigante da Redenção” caísse no esquecimento. O estádio – que já abrigou jogos da Seleção Brasileira – está vazio. Os gritos de gol nas arquibancadas, por enquanto estão silenciados. E se depender da inércia das autoridades que administram o estádio, novas festas deverão ser adiadas. Uma situação que envergonha o torcedor. (DISPONÍVEL EM:

<http://m.globoesporte.globo.com/pi/noticia/2013/08/albertao-40-anos-esquecido-estadio-aguarda-silencioso-por-modernizacao.html>.

Acesso em: 17 set. 2014).

- GINÁSIO VERDÃO

O Ginásio Poliesportivo Dirceu Arcoverde, conhecido como “Verdão” (Foto 24), foi inaugurado no dia 7 de agosto de 1978; está localizado no Bairro Centro, e tornou-se importante espaço de lazer da cidade, tanto para eventos esportivos como também para a realização de shows e grandes eventos na cidade. No ano de 1966, passou por grande incidente quando seu teto desabou. Já enfrentou muitos problemas estruturais, conforme relatado nas notícias seguintes:

‘Situação do verdão continua precária’ problemas como buraco no teto, no piso e falta de limpeza (JORNAL O DIA, 7 jul. 2005, Caderno Esporte, p. 7).

‘Ginásio Verdão é invadido duas vezes na mesma semana’ (JORNAL O DIA, 15 mar. 2011).

Figura 15 - Chuva revela estado crítico do Verdão



Fonte: **Jornal O Dia**, 19 mar. 2013, p. 7.

5.2 Espaços Públicos de Lazer das Zonas Urbanas da Cidade de Teresina

Os Espaços Públicos de Lazer das Zonas Urbanas da Cidade de Teresina são aqueles que, segundo os entrevistados, são frequentados por grande número de moradores da zona em que se localizam, e não somente do bairro; mas não chegam a ser representativos para a cidade como um todo. Nesta categoria, consideramos sete espaços: o Anfiteatro do Monte Castelo, Teatro Municipal João Paulo II, Teatro do Boi, utilizados para atividades culturais. Para a realização de atividades ao ar livre, contemplação à natureza, temos o Balneário Curva São Paulo, o Parque Lagoas do Norte, o Parque Ambiental do Mocambinho e o Parque da Cidade. Sobre a espacialização, existe um na zona Centro; quatro na zona Norte; e dois na zona Sudeste (Mapa 7).

Mapa 7 - Distribuição dos Espaços Públicos de Lazer das Zonas Urbanas de Teresina



Fonte: Laudenides Pontes (2013).

- ANFITEATRO DO MONTE CASTELO

O anfiteatro localizado no Bairro Monte Castelo (Foto 25), zona Centro da cidade, faz parte do Complexo Mirante do Monte Castelo, que possui também um campo de futebol. Foi inaugurado no dia 15 de agosto de 2008, e recebe o nome de Anfiteatro Rubens Aragão, “O Rubito”, em homenagem a Rubens Aragão, por ter sido ele um dos grandes incentivadores do teatro no bairro, sendo também o autor do texto da Paixão de Cristo (DISPONÍVEL EM: <http://www.cabecadecuia.com/cultura/28070/inaugurado-anfiteatro-do-bairro-monte-castelo>. Acesso em: 9 set. 2014). Este equipamento possibilita a apresentação de atividades artísticas e culturais para os moradores, tendo como grande destaque a encenação da Paixão de Cristo no período da Semana Santa.

- TEATRO MUNICIPAL JOÃO PAULO II

O Teatro Municipal João Paulo II (Foto 26) foi inaugurado em 13 de agosto de 2005. Está localizado no Bairro Itararé, o mais populoso de Teresina, atendendo a uma população de cerca de 200.000 pessoas que moram em seu entorno. Com capacidade para 313 pessoas, possui dois camarins e espaço cênico com moderna estrutura de som e luz (DISPONÍVEL EM: <http://www.teresinapanoramica.com/teatros.html>. Acesso em: 10 set. 2014). É considerado um teatro escola, haja vista oferecer oficinas de arte, música e dança para a comunidade. Tem um papel muito importante para o lazer da cidade, pois aproxima o teatro das pessoas mais pobres, dando a elas oportunidade de conhecer novos objetos culturais e novas formas de lazer.

- TEATRO DO BOI

O Teatro do Boi (Foto 27), assim chamado por estar localizado no prédio do antigo Matadouro municipal, foi criado em 15 de agosto de 1987, é mantido pela Prefeitura Municipal de Teresina. Abriga em suas instalações, no Bairro Matadouro, um espaço cênico com capacidade para 160 pessoas, sala de dança, biblioteca e galeria de artes (DISPONÍVEL EM: <http://www.teresinapanoramica.com/teatros.html>. Acesso em: 10 set. 2014). Tem a missão de desenvolver trabalho artístico voltado à população carente da região, com oficinas de Capoeira, Artes Plásticas (desenho, pintura e reciclagem), bumba meu boi mirim, teatro, dança e música (TERESINA,

2010). Da mesma forma, que o Teatro João Paulo, o Teatro do Boi pode desempenhar um importante papel em aproximar o teatro das pessoas mais pobres, apresentando-lhes esta nova forma de lazer, que antes se resumia às pessoas mais ricas.

- BALNEÁRIO CURVA SÃO PAULO

Inaugurado em agosto de 2007 como um complexo de turismo e lazer, o balneário se localiza às margens do rio Poti, no Bairro São Paulo, zona Sudeste da capital; até então o local apresentava apenas barracas de palhas improvisadas para comercialização de comidas e bebidas, não havia banheiros ou qualquer outro tipo de estrutura, mas já se configurava como uma opção de lazer para os teresinenses (Foto 29).

Foto 29 - Balneário Curva São Paulo no ano de 2004



Fonte: Laudenides Pontes (28 nov. 2004).

Com a reforma, foram gastos mais de dois milhões; esses recursos vieram da Prefeitura municipal da União e sua estrutura passou a ter quarenta e seis bares, barracas móveis, estacionamento, mirante para salva-vidas. O local oferecia belas paisagens, bares, restaurantes, lojas de artesanato e eventos de esportes (Foto 30).

Foto 30 - Balneário Curva São Paulo no ano de 2007



Fonte: Disponível em: <<http://balneariocurvasaopaulo.blogspot.com.br>>.
Acesso em: 9 set. /2014.

A estrutura, no entanto, não durou muito tempo, após oito meses de sua inauguração, o balneário foi destruído pela inundação das águas do Poti. O muro construído não foi capaz de conter as águas do rio que ocuparam seu leito natural onde ficavam as barracas que foram danificadas. A Prefeitura afirmou, à época, que poderia ter ocorrido um erro no cálculo do projeto ou irresponsabilidade da construtora. Atualmente, o balneário passa por problemas relacionados ao abandono do poder público ao local, e à falta de segurança, conforme noticiado na mídia.

Figura 16 - Curva São Paulo está abandonada



Fonte: **Jornal O Dia**, 29 jun. 2011 , Caderno em Dia, p. 5.

- PARQUE LAGOAS DO NORTE

A primeira etapa do Parque foi entregue em junho de 2012. É a maior intervenção urbanística já realizada em Teresina. O projeto foi executado com apoio financeiro do Banco Mundial e recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal. A zona Norte onde está instalado o Parque se destaca pela riqueza cultural nos artesanatos de cerâmica e manifestações folclóricas e natural através dos rios (Foto 31). O projeto visou beneficiar mais de cem mil pessoas que residem nos treze bairros da zona. Desde a sua inauguração, atrai muitos frequentadores que consideram o espaço uma nova opção de lazer na cidade:

Cerca de 3 mil pessoas, essa é a estimativa de visitantes do Parque Linear Lagoas do Norte durante a tarde de ontem, no seu primeiro fim de semana após a inauguração da obra. Famílias, casais, jovens, adolescentes das mais diversas regiões de Teresina estiveram no local para conferir a beleza e desfrutar das atividades de lazer do mais novo ponto turístico da cidade. Moradora do bairro Bela Vista, zona sul da capital, a dona de casa Antônia Carvalho, 58 anos, aproveitou a tarde deste domingo para na companhia de seu filho, levar os netos Nicolas e Vinicius ao parque. “Na zona sul não tem muitos atrativos e as crianças precisam gastar bastante energia então decidi trazer eles aqui. Além de conhecer o local, estou reconhecendo este ambiente como ura de lazer” (Reportagem: Parque Lagoas do Norte recebe milhares de pessoas no fim de semana (FRANÇA, 2012, p. 1).

O parque possui uma área de doze hectares e tem como equipamentos: anfiteatro com capacidade para 200 pessoas, quadras esportivas, pista para caminhada, ciclovias, *playground*, academia de ginástica para pessoas com necessidades especiais e idosos, pista de *skate*, praça com bancos voltados para a lagoa para facilitar a sua contemplação, quiosques para comercialização de alimentos. Com esta boa estrutura, o problema reside em como será feita a sua manutenção, que é também uma preocupação da população que reside na região:

População teme a falta de manutenção do Parque Lagoas do Norte: apesar de aprovar o novo parque, teresinense exige fiscalização para evitar que o local tenha o mesmo destino que a Curva São Paulo (JORNAL O DIA, 3 jul. 2012, Caderno em Dia, p. 1).

- PARQUE AMBIENTAL DO MOCAMBINHO

O Parque Ambiental do Mocambinho foi inaugurado no dia 17 de agosto de 1994, pelo então prefeito Wall Ferraz. É uma área de trinta e oito hectares com grande diversidade de fauna e flora. Foi criado através de um convênio entre a Prefeitura e o IBAMA (Foto 32).

Conhecido também como Jardim Botânico de Teresina, o Parque do Buenos Aires ou Antigo Horto Florestal está instalado em uma área de trinta e oito hectares, no Bairro Mocambinho, e compreende a maior área de preservação permanente da cidade. Neste parque são desenvolvidas pesquisas com elementos da natureza; para tanto, conta-se com um laboratório, além de um herbário com vegetais secos para estudos de botânica. Destacam-se, também, trilhas educativas para os visitantes e um auditório para cursos, seminários, e treinamentos, com capacidade para cinquenta pessoas (TERESINA, 2010, p. 99).

- PARQUE DA CIDADE

Inaugurado em 9 de maio de 1982, o Parque da Cidade João Mendes Olímpio de Melo (Foto 33) localiza-se no Bairro Primavera, zona Norte de Teresina, tem uma área de dezessete hectares com grande diversidade de plantas e animais.

O parque é considerado área de preservação ambiental, constituindo-se em um local para a realização de eventos culturais/ecológicos e de apoio às atividades de educação ambiental para escolas e grupos comunitários. Foram identificadas mais de cento e vinte espécies vegetais, entre árvores, arbustos e ervas, agrupadas em quarenta e oito famílias. A diversidade da fauna encontrada no Parque mostra grande quantidade de invertebrados, além de alguns vertebrados, bem como várias espécies de peixes do rio Poti (TERESINA, 2010, p. 99). Atualmente passa por alguns problemas como é noticiado na mídia:

Figura 17 - Parque da cidade continua a serviço do vandalismo



Fonte: **Jornal O Dia**, 21 maio 2013, p. 1.

Apesar de possuir boa estrutura de equipamentos esportivos, banheiros, pontos de descanso e observação, trilhas ecológicas, e já ter sido um espaço de lazer muito procurado pela população, atualmente passa por muitos problemas estruturais e de segurança. Como visto em outros espaços públicos de lazer da cidade, a falta de segurança é um dos entraves que dificulta seu uso pela população.

5.3 Espaços Públicos de Lazer dos Bairros de Teresina

Como Espaços Públicos de Lazer dos Bairros de Teresina foram considerados os espaços menores que atendem, sobretudo, à população do bairro onde se localizam. Para conhecer melhor a realidade dos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina, foram analisados espaços públicos de lazer de dez bairros da cidade, sendo dois de cada zona da cidade. A escolha destes bairros não seguiu um critério único, mas se deu conforme a particularidade de cada zona. Os bairros escolhidos contêm o maior número de equipamentos ou maior diversidade destes, ou ainda, população mais numerosa. A seguir, as análises de cada zona.

5.3.1 Zona Centro e os espaços culturais

A zona Centro de Teresina possui 223 bairros com uma população de 118.923 habitantes, segundo dados do Censo IBGE (2010). Esta zona foi o ponto de partida para a mudança da capital de Oeiras para Teresina, uma vez que o marco inicial para a construção da nova capital fica localizado no bairro Centro. O início de seu crescimento ocorreu no entorno da Praça da Constituição. A maioria dos bairros desta zona é antiga, pois foi a primeira zona de ocupação oficial da cidade, possui grande vocação comercial e de serviços.

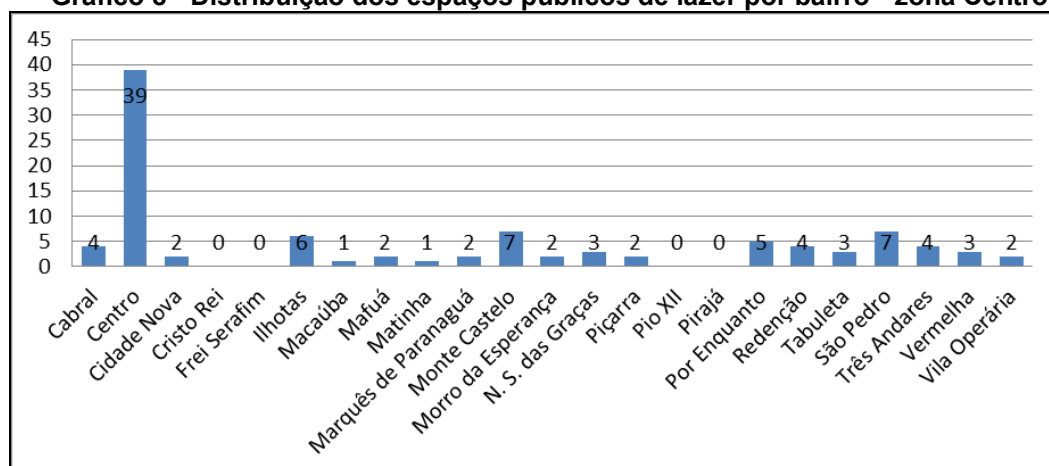
Sobre os equipamentos de lazer existentes nesta zona da cidade, destacamos que esta centraliza seus espaços culturais, concentrando onze dos quatorze existentes na cidade. Nela, também se localizam os maiores ginásios e estádios da Capital. Possui ao todo noventa e sete equipamentos:

Tabela 10 - Espaços públicos de lazer da zona Centro de Teresina

Equipamentos de Lazer	Zona Centro
Academias	0
Biblioteca	4
Campos de Futebol	8
Espaços Culturais	11
Estádios/Ginásios	5
Parque Urbanos	4
Praças	58
Quadras de esportes	9
Total	99

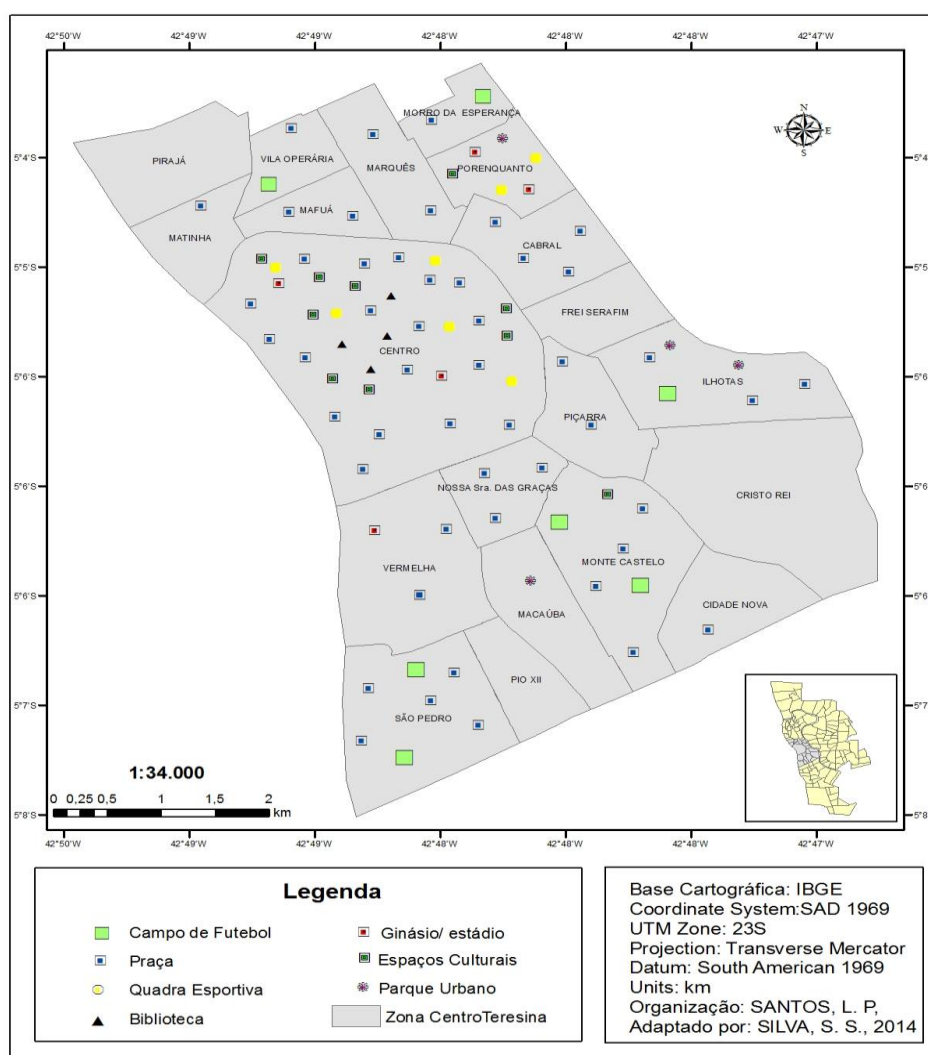
Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

O equipamento mais presente é a praça, pois nesta zona se localizam as praças mais antigas da cidade, as quais, em décadas passadas, eram locais privilegiados de lazer na cidade. Possui o maior número de espaços culturais da cidade. A média de equipamentos públicos de lazer na zona é de um equipamento para cada 1.226 habitantes. Observamos, ainda, que estes equipamentos encontram-se mal distribuídos entre os bairros da zona, como pode ser visualizado no Gráfico 8 e no Mapa 8.

Gráfico 8 - Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro - zona Centro

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Mapa 8 - Distribuição dos espaços públicos de lazer na zona Centro da cidade de Teresina-PI
Distribuição dos equipamentos de lazer Zona Centro Teresina/PI



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

A análise da distribuição dos espaços públicos de lazer na zona Centro nos permite afirmar que há uma má distribuição destes, com visível centralização, no Bairro Centro que possui 39 equipamentos; ou seja, mais de 30% dos disponíveis na zona. Este fato pode ser explicado porque o bairro, por ter sido sede da capital, foi dotado de muitas praças e equipamentos, como teatro, casas de culturas e áreas para esportes. No entanto, hoje, este bairro é essencialmente comercial. Na zona, existem quatro bairros sem nenhum tipo de equipamento de lazer. Nela, foram analisados os bairros Mafuá e Piçarra.

5.3.1.1 Bairro Mafuá

O Bairro Mafuá é um dos mais antigos da cidade; apresenta esse nome em alusão à feira livre, situada no bairro desde a década de 1920, que servia de entreposto comercial para os trabalhadores que atuavam na construção da Estrada do Gado (Av. Circular, hoje Av. Miguel Rosa). Mafuá vem do francês *ma foire* que quer dizer minha feira. Segundo Lima:

Na década de 1920, o responsável pela obra, Capitão engenheiro José Faustino Santos e Silva, chamou a área de Mafuá, referindo-se às atividades de feiras-livres e à venda de comida aos trabalhadores no local da construção do parque ferroviário, onde se concentrava em seu conjunto um grande número de operários e trabalhadores braçais ocupados com a escavação ou corte do terreno ondulado para o estabelecimento da *grad* e a colocação dos trilhos da estrada de ferro (2006, p. 29).

O Bairro Mafuá fica aproximadamente a 1 km do centro da cidade e possui grande vocação comercial, com destaque de uma feira livre que oferece aos consumidores produtos diversificados. Segundo dados do Censo IBGE (2010), o bairro possui 2.861 moradores com renda média mensal de R\$ 2.040,00. A escolha do bairro ocorreu pelo fato de, mesmo sendo um bairro antigo, possuir poucos equipamentos de lazer.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro possui como equipamentos de lazer duas praças públicas: Praça Augusto Ferro e Pracinha Antônio Cristino Leite. A média de equipamentos por habitante é de 1.430. No entanto, durante a pesquisa de campo e conversa com os moradores do bairro, só localizamos uma praça no bairro. É importante ressaltar que muitas praças serão denominadas neste trabalho por algum ponto de referência ou através do nome

dado pela própria população, uma vez que entre os dados fornecidos pela PMT não consta o nome de todas as praças; e, na maioria destas, não encontramos nenhuma identificação, ou, quando encontramos placas, muitas delas estavam danificadas.

A praça analisada no Bairro Mafuá (Foto 34) está localizada em frente ao mercado público do bairro, sendo, portanto, um local de fácil acesso e com bastante fluxo de pessoas. Sobre a sua infraestrutura, a praça encontra-se bem iluminada, sendo que não havia a presença de policiais nas proximidades. Possui como equipamentos bancos e mesinhas para jogos. Contém boa arborização, proporcionando sombra a seus frequentadores. Ressalte-se que a praça é bem pequena.

No tocante à existência e utilização de equipamentos públicos de lazer no bairro, descrevemos alguns depoimentos de moradores no Quadro 5.

Quadro 5 - Opinião dos moradores do bairro Mafuá sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	35	Professora	F	Praça e academia	06	“O bairro precisa de um espaço específico para crianças e instrutores nas academias.”
02	49	Comerciante	M	Não frequenta	20	“É preciso criar uma área onde pudesse haver atividade física.”
03	36	Balconista	F	Não frequenta	05	“Ampliar as áreas de lazer e oferecer segurança.”
04	27	Agente de Saúde	M	Não frequenta porque o bairro não possui áreas de lazer	04	“É preciso aumentar as áreas de lazer e atividade física.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Sobre o Bairro Mafuá, constatamos a ausência de equipamentos de lazer; naquele espaço possui apenas uma praça. Apesar de ser um dos mais antigos da cidade, não oferece espaços públicos de lazer para seus moradores.

5.3.1.2 Bairro Piçarra

O Bairro Piçarra é um dos mais antigos da cidade de Teresina, existe desde o começo do século passado. Segundo Teresina em Bairros (2013), a área recebeu o nome por causa das grandes jazidas de piçarra lá existentes. O bairro era alvo de discriminação, pois possuía o Morro do Querosene (zona de prostituição) e pelas inúmeras casas de palhas. O bairro evoluiu, recebeu o mercado e a abertura de avenidas. A década de 1970 foi muito importante para o desenvolvimento do bairro, pois foram abertas avenidas, instalou-se um grande hospital no bairro e desenvolveu-se o comércio de material de construção. Neste período, surgiram vários bairros em sua área de influência, entre eles Cristo Rei, Cidade Nova e Ilhotas.

Possui uma área de 0,647 Km² e população de 3.662 habitantes, segundo o censo IBGE (2010), com uma renda média de R\$ 1.900,00. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro possui como equipamentos públicos de lazer duas praças: Praça João Orsano (Casamater) e Praça Dom Severino (Igreja São Raimundo). Apesar de não constar nos dados fornecidos pela Prefeitura, constatamos ainda a existência de uma quadra poliesportiva no bairro que se localiza ao lado da Praça Dom Severino. A média de equipamentos por habitante é de 1.220. No que se refere à existência e utilização de equipamentos públicos de lazer no bairro, descrevemos, no Quadro 6, depoimentos de alguns moradores.

Quadro 6 - Opinião dos moradores do bairro Piçarra sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	67	Aposentado	M	Não frequenta os espaços de lazer do bairro porque diz que não são apropriados	40	"O poder público deveria ter um olhar mais atento para o bairro, mas infelizmente um bairro tão antigo ficou esquecido."
02	47	Vendedora	F	Não frequenta	47	"Não frequento porque não tem segurança."
03	37	Motorista	M	Não frequenta porque não são atrativas	15	"O poder público deveria investir mais nessa área."
04	30	Professora	F	Não frequenta	4	"É preciso novos espaços"

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

No Bairro Piçarra, foram visitadas e analisadas as duas praças e uma quadra poliesportiva. A Praça pública João Orsano da Silva (Foto 35) está localizada na Avenida Leônidas Melo, local de grande movimentação de pessoas, possui iluminação adequada, sendo que não havia a presença de policiais na área, com arborização que proporciona sombreamento. É uma pracinha bem pequena, havia moto-táxis no local. Durante a noite, a praça é ocupada por vendedores de comida.

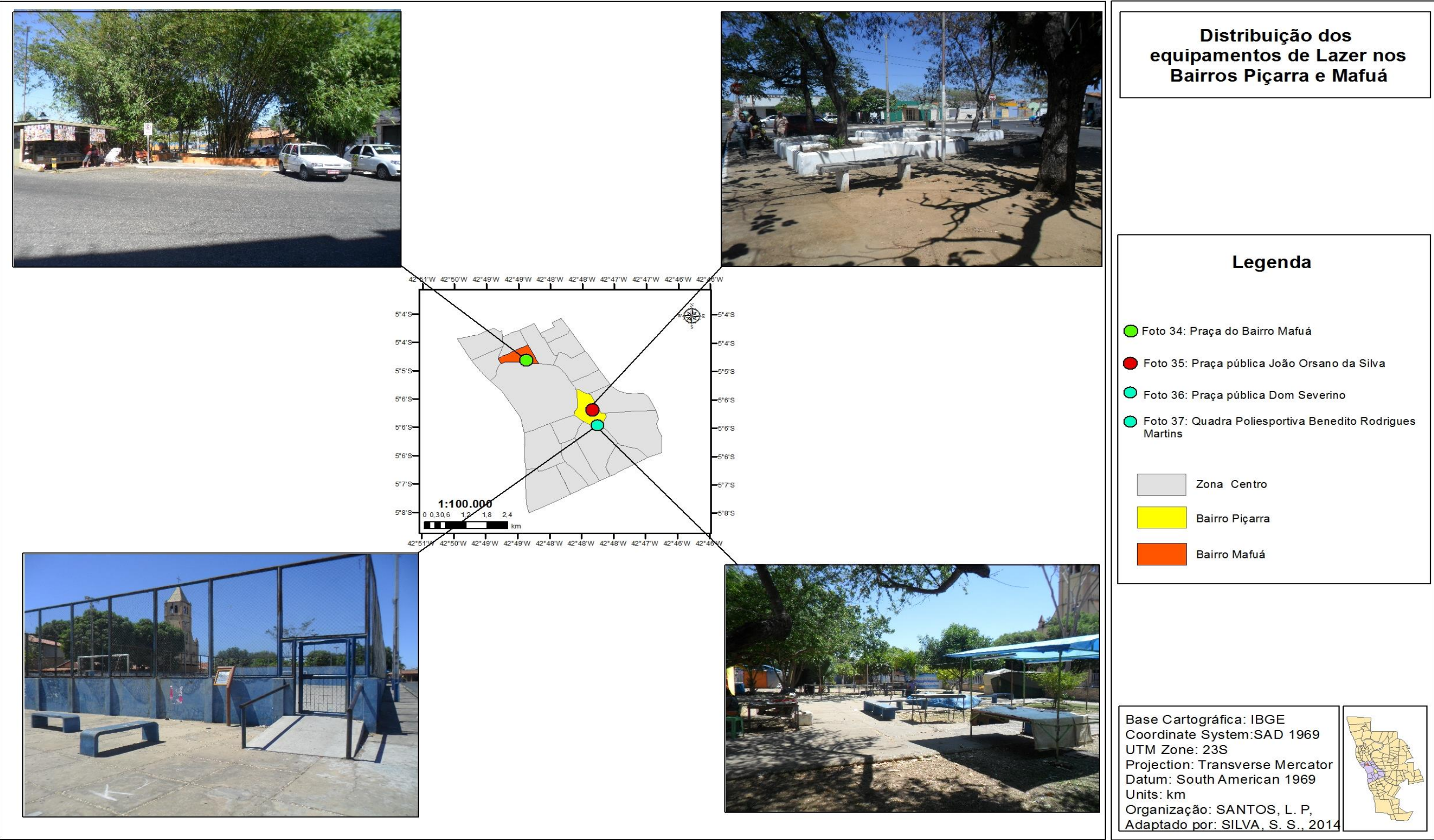
A Praça pública Dom Severino (Foto 36) localiza-se em frente à Igreja de São Raimundo, padroeiro do bairro, possui iluminação, no entanto, frequentadores afirmam que nem todas as lâmpadas funcionam, o que deixa a praça escura à noite. Não havia policiamento na área; existe arborização com árvores frondosas proporcionando sombreamento. Não possui placa de identificação nem acessibilidade. Há bancos, mas, no momento da pesquisa, a praça estava ocupada por barracas por ocasião dos festejos do padroeiro do bairro.

A quadra poliesportiva Benedito Rodrigues Martins, localizada ao lado da Praça Dom Severino (Foto 37), é cercada por alambrados e possui traves como equipamento de segurança. À época da pesquisa não havia segurança. A iluminação existe e é adequada. Segundo moradores do entorno, é utilizada três vezes por semana, não há instalações hidrossanitárias.

Após as observações e questionários aplicados nos bairros escolhidos na zona Centro, é possível afirmar que os bairros precisam de mais equipamentos; as praças que existem não possuem acesso para pessoas com dificuldade de locomoção; não existem opções de lazer para crianças no bairro, há necessidade de espaços para práticas esportivas e ainda há problemas de segurança e iluminação para a utilização dos equipamentos existentes.

A zona Centro da cidade possui muitas praças, e, ainda, a maioria dos espaços culturais existentes na cidade; no entanto, estes equipamentos estão centralizados em poucos bairros. Apesar de muitos dos bairros que compõem a zona, atualmente, assumirem uma função comercial, esta possui muitos moradores e carece da construção de equipamentos, principalmente, naqueles bairros que não possuem. Os equipamentos do bairro Centro são mais utilizados por moradores de outros bairros da cidade que podem pagar pelo deslocamento.

Mapa 9 - Distribuição dos equipamentos Mafuá e Piçarra



Fonte: Laudenides Pontes (2013).

5.3.2 Zona Leste, os parques urbanos em evidência

A zona Leste da cidade de Teresina é formada por 27 bairros, abrange uma área de 63,45 Km² e população total de 167.443 habitantes, conforme o Censo do IBGE (2010). Por volta da década de 1960, a expansão urbana de Teresina ultrapassou o limite entre os rios Poti e Parnaíba chegando a esta zona.

Esta ocupação foi impulsionada principalmente pela construção da primeira ponte de concreto sobre o rio Poti (ligando a cidade à BR-343), pela instalação do Campus da Universidade Federal, criação do Jôquei Clube (lazer voltado para a elite da cidade), e do Centro Social de Nossa Senhora de Fátima da Arquidiocese de Teresina. Antes da construção da ponte Juscelino Kubitschek, a zona Leste da cidade era ocupada por sítios e chácaras onde poucas pessoas residiam:

Essa zona da cidade passou a atrair tanto a população de maior poder aquisitivo, que ocupou os terrenos mais regulares do planalto, como também a população de baixa renda, principalmente pela invasão dos grandes terrenos, ora vazios, ora de maior vulnerabilidade ambiental, como as encostas íngremes e os fundos de vales dos riachos. Destaque-se que as lagoas ciliares dessa zona passaram a ser aterradas principalmente para ocupação de empreendimentos de alto padrão (shopping centers, parque Potycabana, residências de luxo) (TERESINA, 2002, p. 4).

A zona Leste constituiu-se no lugar escolhido pela população de alto poder aquisitivo que residia no centro, quando este foi assumindo uma função comercial. Esta população encontrou na zona Leste amenidades e, principalmente, por ser nesta área onde grandes latifundiários urbanos lotearam terras e posteriormente fixaram suas residências, atraindo uma vizinhança com renda semelhante (ABREU, 1983).

Durante a década de 1970, esta zona apresentou grande crescimento, tornando-se uma área muito importante da cidade, no que diz respeito à infraestrutura e oferta de serviços.

Atualmente, a zona abriga a população com maior poder aquisitivo da cidade, a chamada “área nobre” ou, conforme Façanha (2004), uma área de segregação residencial de alto *status*. Nesta zona da cidade, é possível constatar vários contrastes, por possuir áreas de alta valorização imobiliária, com residências luxuosas e subcentros comerciais de artigos de luxo, onde habita a maior parte da população de alta renda da cidade, contendo o Bairro Jôquei com a maior renda por

domicílio da cidade 12.033,03 reais. É nesta área onde se localizam os dois *shoppings centers* da cidade. Por outro lado, possui bairros com população com menor faixa de renda que habita conjuntos populares e vilas. Por sua vez, esta zona da cidade possui grandes desigualdades socioespaciais. No que tange aos espaços públicos de lazer, conforme a Tabela 11, a zona possui:

Tabela 11 - Espaços públicos de lazer da zona Leste de Teresina

Equipamentos de Lazer	Zona Leste
Academias	3
Biblioteca	2
Campos de Futebol	16
Espaços Culturais	0
Estádios/Ginásios	1
Parque Urbanos	10
Praças	49
Quadras de esportes	11
Total	92

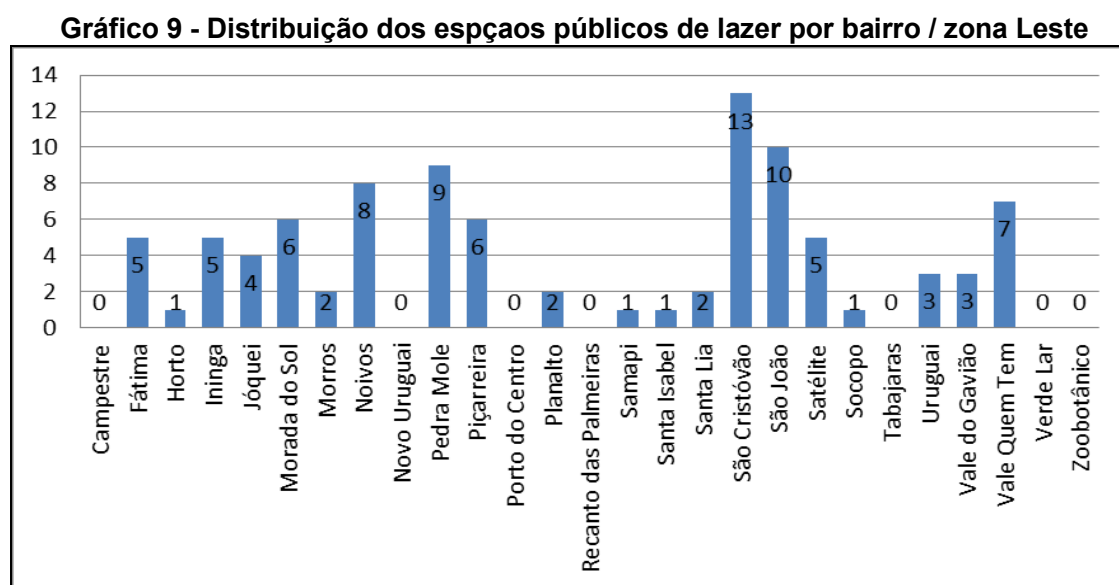
Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Como pode ser constatado, a zona Leste de Teresina possui o total de 92 equipamentos públicos de lazer, sendo a quarta zona da cidade em quantidade destes. No que respeita a sua composição, observamos que, mais uma vez, predominam as praças como equipamento mais presente; e, em segundo lugar, os campos de futebol.

A zona Leste é a que possui o maior número de parques ambientais; somam-se dez. Isto confere a esta região, segundo Machado (et al., 2010, p. 105), a posição de zona com melhor distribuição de área verde da cidade de Teresina com 214 m²/hab, em relação à população de 2000. Por outro lado, a zona possui poucos espaços culturais e teatros. A média de espaços públicos de lazer por habitante é de um equipamento para cada 1.781 habitantes.

Observamos que os tipos de equipamentos existentes na zona Leste priorizam o lazer esportivo em detrimento das atividades culturais, uma vez que o número de campos de futebol, quadras de esportes, ginásios e estádios é bem

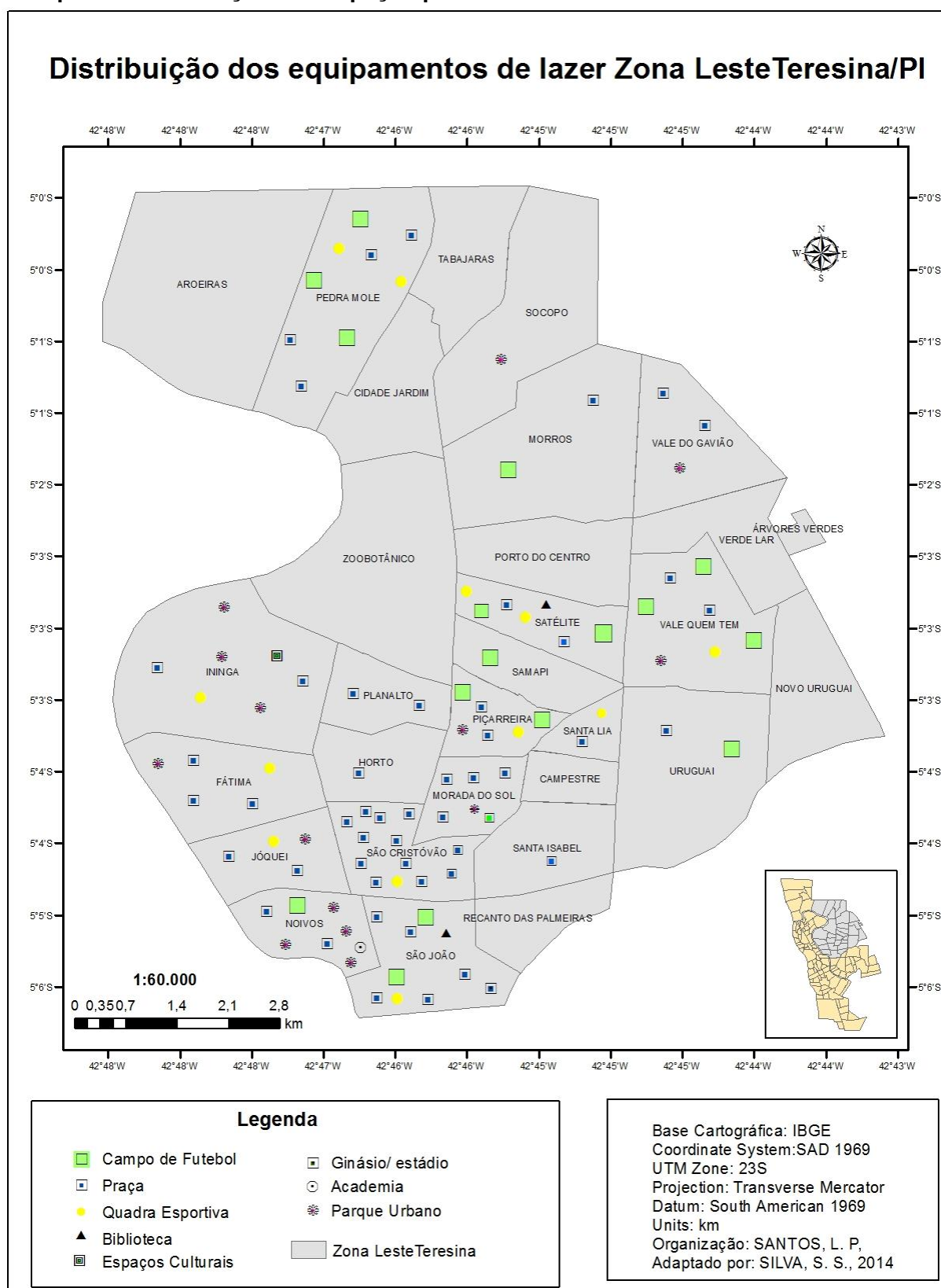
superior ao de espaços culturais. Sobre a distribuição destes equipamentos nos bairros da região, verificou-se que estes não se dão de forma equitativa. Enquanto a região possui seis bairros sem nenhum tipo de espaço de lazer, outros concentram boa parte destes, como: São Cristóvão, São João, Morada do Sol, Pedra Mole, Vale Quem Tem, Piçarreira e Noivos (Gráfico 9 e Mapa 10).



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Nesta zona, foram analisados os bairros São João e Vale quem Tem, pois possuem grande número de equipamentos e população expressiva. O bairro Vale Quem Tem possui a maior população da zona. Uma observação a ser feita é a respeito do Bairro São Cristóvão: apesar de possuir o maior número de equipamentos, este não possui variedade, ou seja diversificação nos equipamentos, visto que doze dos treze equipamentos constantes na zona são praças (Mapa 10).

Mapa 10 - Distribuição dos espaços públicos de lazer na Zona Leste / Teresina-PI



5.3.2.1 Bairro São João

O Bairro São João possui atualmente, segundo o Censo IBGE (2010), 8.362 habitantes com renda média de R\$ 4.208,77 por domicílio. A área onde havia muitas palmeiras chamava-se, pejorativamente, de Macacal. Os moradores, insatisfeitos com essa denominação, adotaram o nome São João, que designava um sítio existente no local, de propriedade da família de Adolfo Alencar (TERESINA, 2013).

Segundo a Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro possui cinco praças, dois campos de futebol, um ginásio poliesportivo, uma quadra de esportes, e uma biblioteca. A média de equipamentos por habitantes no bairro é de um espaço para cada 836 habitantes. Dentre estes, excluímos da análise apenas uma praça que é apenas um canteiro que divide as duas avenidas. Sobre a existência e utilização desses espaços, ouvimos alguns moradores e dispusemos suas respostas no Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 - Opinião dos moradores do bairro São João sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	39	Costureira	F	Não frequenta	39	“Mais investimentos nas praças.”
02	32	Moto-taxista	M	Frequenta	4	“Mais limpeza e conservação.”
03	30	Dona de casa	F	Frequenta as praças	15	“O poder público deveria investir mais nessa área.”
04	45	Bombeiro	M	Não frequenta	12	“É preciso uma academia pública bem equipada.”
5	56	Manicure	F	Faz caminhada no bairro, apesar de não ter local adequado	03	“Mais opções para idosos como academia popular.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

A Biblioteca Comunitária do Bairro São João (Foto 38) funciona diariamente com aulas de música e teatro gratuitas, sendo muito frequentada. A coordenadora solicita reforma, pois as instalações são antigas e sem conservação.

Sobre as praças analisadas no Bairro São João, podemos dizer que este possui duas grandes praças: a da Igreja (Foto 39) e a Senador Bernardino Viana (Foto 40). Têm grande extensão, são muito arborizadas, e proporcionam muita sombra. A Praça da Igreja que fica localizada em frente à Igreja do bairro possui apenas um poste e aproveita a iluminação da quadra; possui ainda um Box da polícia (Foto 41) que estava desativado. Como equipamentos, possui bancos, uma quadra e brinquedos para crianças. Localiza-se em uma avenida muito movimentada, no entanto, não possui acessibilidade. Estava em reforma à época da pesquisa.

A quadra de esportes é bem iluminada, no entanto, sua estrutura não se encontra conservada, apresenta muita sujeira, além de traves e alambrados enferrujados. Segundo moradores do entorno, todas as noites acontecem jogos no local. A placa de identificação encontra-se danificada, fato que impossibilita conhecer o nome da praça, como pode ser visto na Foto 42, a seguir.

Foto 42 - Quadra de Esportes da Praça do Bairro São João



Fonte: Laudenides Pontes (set/2012).

Um problema recorrente nas praças visitadas durante esta pesquisa foi a falta de identificação, pois a grande maioria delas não possui uma placa com nome; algumas possuem, no entanto, já estão muito desgastadas, impossibilitando sua visualização, como é o caso da praça em questão, onde encontramos a placa (Figura 43).

Foto 43 - Praça sem identificação



Fonte: Laudenides Pontes (set. 2012).

A Praça Bernardino Viana está localizada próximo ao Distrito Policial do bairro. Com relação a sua infraestrutura, não possui iluminação adequada; mas possui como equipamento bancos, um coreto que pode ser utilizado para apresentações culturais (Foto 44) e um campo de futebol. Possui boa arborização, consequentemente proporciona sombra a seus frequentadores. Não tem acessibilidade. Por ter uma grande área com muitas árvores e sombra, proporciona espaço e clima agradável, ideal para passeios e brincadeiras de crianças. No entanto, observamos que a falta de segurança pode afastar os frequentadores da área.

O campo de futebol encontrado na Praça Senador Bernardino Viana (Foto 45) é improvisado com traves de madeira, do tipo chamado popularmente de “puerão”, é comum observar pela cidade a existência de campos de futebol improvisados.

As outras praças encontradas no bairro são menores. A praça em frente à Biblioteca (Foto 46) não é bem iluminada e possui apenas um poste. É bem arborizada, tanto com árvores frondosas, que dão sombra, quanto com paisagismo, o que dá uma boa estética à praça. Como equipamentos possui somente bancos. A Praça do Bairro São João (Foto 47) é muito pequena, praticamente só um canteiro que divide as duas avenidas. Possui boa arborização, bancos, iluminação só com dois postes. A placa de identificação encontra-se apagada. À noite, a praça é

ocupada por vendedores de lanches. Não há acessibilidade para cadeirantes nas duas praças.

O outro campo de futebol do bairro é do projeto Mandacaru (Foto 48). Com relação a sua estrutura, possui iluminação adequada; quanto à arborização existem algumas árvores de pequeno porte que não proporcionam sombreamento. No que tange à estrutura, o campo possui traves com redes, arquibancadas de cimento, refletores, banco para jogadores e vestiários com instalações hidrossanitárias. Existem atividades rotineiramente no campo. Ao lado do campo, situa-se um ginásio poliesportivo.

O Ginásio Cabeça Branca (Foto 49) é iluminado e fica fechado, só é aberto para as atividades que são frequentes. O acesso ao campo e ao ginásio do projeto Mandacaru é prejudicado por um matagal que torna a área insegura, além de ser um depósito de lixo, tornando o local insalubre (Foto 50).

Foto 50 - Rua de acesso ao campo e ao Ginásio Poliesportivo do Projeto Mandacaru

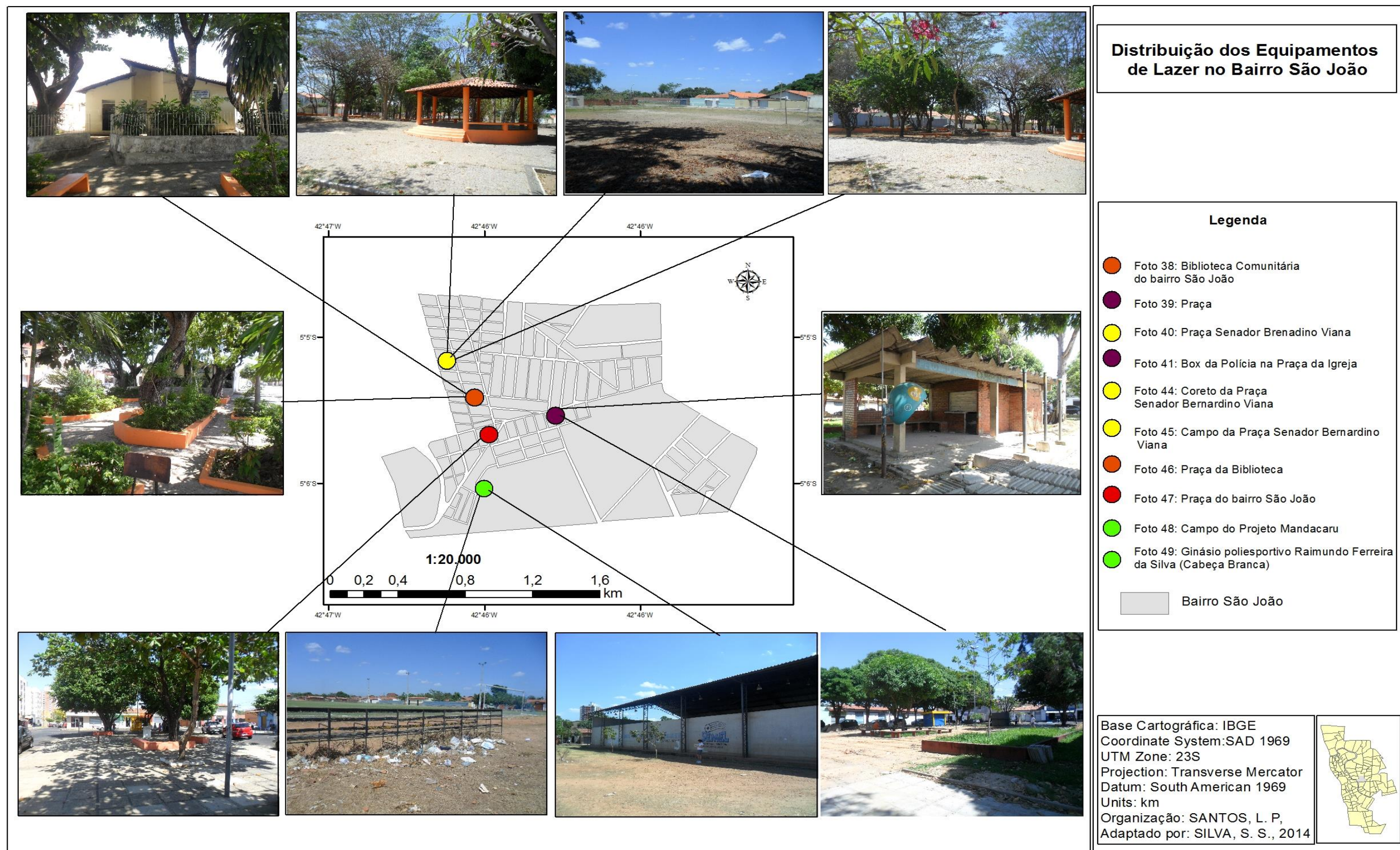


Fonte: Laudenides Pontes (set. 2012).

Conforme observações feitas no Bairro São João, concluímos que ali a estrutura de lazer oferece poucas opções às crianças. É um dos bairros com melhor estrutura de praças da cidade, considerando suas duas maiores praças. Além disso, as mulheres, idosos e portadores de necessidade especiais também ficam aquém

destes equipamentos, pois o bairro não possui pistas para caminhada, academias públicas, centros culturais e as praças não possuem acessibilidade. Sobre a localização destes equipamentos no bairro, constatamos que estão bem distribuídos pelas quadras do bairro, conforme pode ser visualizado no Mapa 11, a seguir.

Mapa 11 - Distribuição dos equipamentos de Lazer no Bairro São João



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.2.2 Bairro Vale Quem Tem

O Bairro Vale quem Tem é uma área de expansão da cidade para a zona Leste da cidade; ocupa as terras que eram da Fazenda Vale Quem Tem Vergonha, daí o nome do bairro. Vivenciou desde 1991 uma ocupação rápida, passando de 330 o número de moradores para mais de 20.000 atualmente. Segundo o Censo IBGE (2010), possui 20.106 habitantes, sendo o sexto mais populoso da cidade. A renda média mensal por domicílio é de R\$ 1.652,14, segundo dados do IBGE (2010). No que se refere aos espaços públicos de lazer, o bairro conta com duas praças, uma quadra de esportes e três campos de futebol. São 3.351 habitantes para cada área de lazer. Sobre a existência e utilização desses espaços, ouvimos alguns moradores do bairro que afirmaram conforme Quadro 8, a seguir.

Quadro 8 - Opinião dos moradores do bairro Vale Quem Tem sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	26	Técnica em enfermagem	F	Não frequenta por causa da insegurança	02	“É preciso investimento em segurança e infraestrutura.”
02	38	Professor	M	Não frequenta os espaços de lazer do bairro porque acha eles sujos	15	“É preciso conscientizar os moradores para preservar e haver mais investimento público no setor.”
03	48	Doméstica	F	Frequenta a academia pública	08	“É preciso mais segurança e infraestrutura.”
04	16	Estudante	M	Frequenta a quadra	16	“Melhorar a iluminação e a segurança.”
05	35	Autônoma	F	Não frequenta porque os considera depredados	10	“É preciso mais investimento em infraestrutura e policiamento.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

A Praça Sigefredo Pacheco Sobrinho (Foto 51) possui iluminação adequada, é localizada em frente à Igreja do bairro, é bem arborizada com muito sombreamento (Foto 52), possui como equipamentos apenas bancos. Não há acesso para pessoas com necessidades especiais. Observamos, ainda, presença de comércio na praça com *trailers* e ambulantes.

Foto 52 - Sombra proporcionada pelas árvores



Fonte: Laudenides Pontes (set. 2012).

Esta praça, a maior do bairro, está associada à presença da Igreja Católica; verificamos que esta é uma tendência na cidade, pois as grandes praças dos bairros são geralmente as que contêm a Igreja Matriz do bairro, o que evidencia a influência da religião católica na urbanização da cidade.

A praça em questão é bem ampla e com muita sombra, pode ser um local de encontro e de passeio para os moradores do bairro. Como observado em outras praças, a placa de identificação da praça encontrava-se danificada. Nesta praça foi possível observar algumas pessoas conversando (Foto 53, a seguir).

Foto 53 - Pessoas conversando na praça



Fonte: Laudenides Pontes (set. 2012).

A outra praça do bairro é a Praça do Parque Mão Santa (Foto 54). Nela, existe iluminação adequada e algumas árvores de pequeno porte que não proporcionam sombreamento. Possui como equipamentos bancos e academia para a terceira idade (Foto 55). A academia pública presente no bairro faz parte do Projeto de Academias da Terceira Idade da Prefeitura de Teresina. Possui equipamentos bem conservados e, segundo moradores do bairro, é bastante frequentada.

Próximo à praça (Foto 53) existe uma quadra de esportes de areia (Foto 56) e campo de futebol. O campo de futebol (Foto 57) tem iluminação adequada. Quanto à segurança, os moradores relatam a ocorrência de muitos assaltos. Pouca arborização. Os equipamentos presentes são bancos dentro do campo e arquibancada fora, vestiários que estão em bom estado de conservação. Acerca de sua utilização, é frequente com jogos todas as noites.

O Bairro Vale Quem Tem possui uma média muito baixa de equipamentos por habitante, uma vez que são mais de três mil habitantes para cada espaço de lazer, tornando-se urgente a implantação de novos espaços na zona. O bairro possui poucas áreas verdes, apenas duas praças e poucos espaços para prática esportiva. Não possui pistas de caminhadas. A violência contribui para afastar os moradores

destas áreas, como afirmaram alguns presentes no momento das observações. A academia pública da área é muito frequentada e um bom exemplo de lazer gratuito aos moradores. Além disso, a análise do Mapa 11, que mostra a distribuição destes equipamentos no bairro, nos permite afirmar que eles estão concentrados na parte Oeste do bairro.

A análise dos equipamentos públicos de lazer dos bairros São João e Vale Quem Tem, junto com os questionários realizados com os moradores dos bairros, permite fazer algumas observações: enquanto o Bairro São João apresenta praças grandes e arborizadas, o Bairro Vale Quem Tem, apesar de uma população expressiva a maior da zona, só tem duas praças. A falta de segurança é um fator que afasta a população destes equipamentos; as praças não possuem acesso para cadeirantes; há poucas opções de lazer para crianças no bairro, pois não há parquinhos.

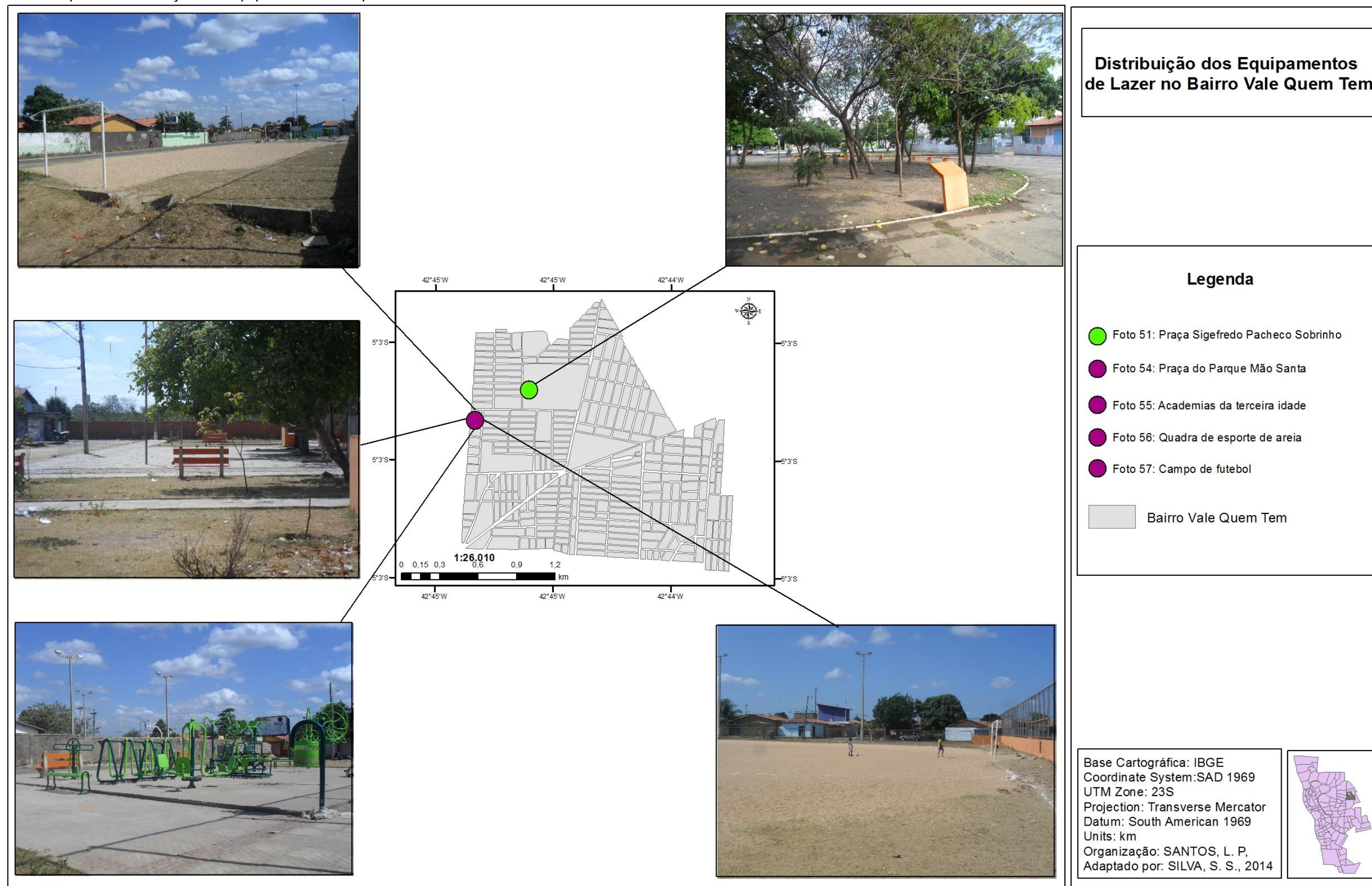
As áreas esportivas, em sua maioria, encontram-se depredadas; há problemas de segurança e iluminação para a utilização de alguns equipamentos; a biblioteca pública do bairro é bastante frequentada e um bom exemplo de equipamento que pode ser disponibilizado para a população; a academia pública do bairro Vale Quem Tem é bastante utilizada pela comunidade, no entanto, os moradores afirmam que esta não atende à demanda. No tocante a distribuição destes equipamentos no bairro é possível afirmar que há uma concentração em um ponto, visto que, os poucos espaços existentes estão localizados próximos uns dos outros, situação verificada conforme o Mapa 11, a seguir.

A zona Leste da cidade apresenta grandes desigualdades sociais e espaciais, pois se, por um lado, abriga a população de maior renda da cidade e uma rede de comércio e serviços para atender esta população, por outro, possui bairros com uma população de classe baixa. Observamos que a deficiência em espaços públicos de lazer se dá em quase todos os bairros desta zona, independente da faixa de renda de sua população, o que nos leva a concluir que a distribuição destes equipamentos não tem relação direta com o poder aquisitivo da população, o que é mais observado na qualidade destes.

A zona em questão possui muitos equipamentos privados de lazer (bares, restaurantes, clubes, espaços esportivos, casas de shows, os *shoppings*), no entanto, estes estão disponíveis à população que pode pagar. A população que não pode pagar e que mora na zona não dispõe de equipamentos suficientes. Conclui-se

que esta zona ainda está carente de espaços públicos de lazer; dessa forma é preciso que haja não somente uma ação dos governantes, mas também da comunidade em geral para cobrar e conservar os equipamentos existentes.

Mapa 12 - Distribuição dos equipamentos Vale quem Tem



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013)

5.3.3 Zona Norte e os rios

A zona Norte de Teresina é formada por 23 bairros com 178.755 habitantes, segundo o Censo IBGE (2010). A ocupação da zona Norte da cidade começou desde a origem do sítio urbano de Teresina, pois foi a partir da Vila do Poti (atual Bairro Poti Velho) que se iniciou a ocupação da cidade. No entanto, a ocupação desta zona não foi priorizada durante certo período.

A ocupação dessa zona da cidade se intensificou, principalmente, depois da instalação do Aeroporto e de conjuntos habitacionais da Companhia Habitacional do Piauí (COHAB). Na década de 1960, passou a ser ocupada pela população de menor poder aquisitivo, por se constituir em uma área de largos terraços fluviais pontilhados com muitas lagoas plúvio/fluviais, trazendo problemas decorrentes da falta de saneamento e da convivência periódica com as inundações, que, nos períodos mais chuvosos, alagam as residências e desabrigam as famílias (TERESINA, 2002).

No tocante à política de construção de conjuntos habitacionais, esta zona foi deixada de lado no começo, em razão de suas condições naturais, tendo apenas um conjunto construído na década de 1960, o Primavera I. Somente na década de 1980, a zona Norte seria beneficiada com grandes conjuntos, em que foram construídos os conjuntos Mocambinho I (1982), Mocambinho II (1984) e Mocambinho III (1985). Através destes conjuntos, foi impulsionada a ocupação de áreas vazias entre o centro e os rios Poti e Parnaíba.

A década de 1990 foi importante para a expansão desta zona da cidade. Nesse período, através de políticas de reassentamento, realizados pela PMT, foram criados bairros, o Santa Rosa e Cidade Industrial, os quais foram ocupados por populações de baixa renda (FAÇANHA, 2004). Atualmente, esta zona é a mais populosa da cidade.

No que se refere ao lazer, a zona possui 112 espaços públicos de lazer, o que resulta em uma média de um espaço para cada 1.596 habitantes, distribuídos da seguinte forma (Tabela 12):

Tabela 12 - Espaços públicos de lazer da Zona Norte de Teresina

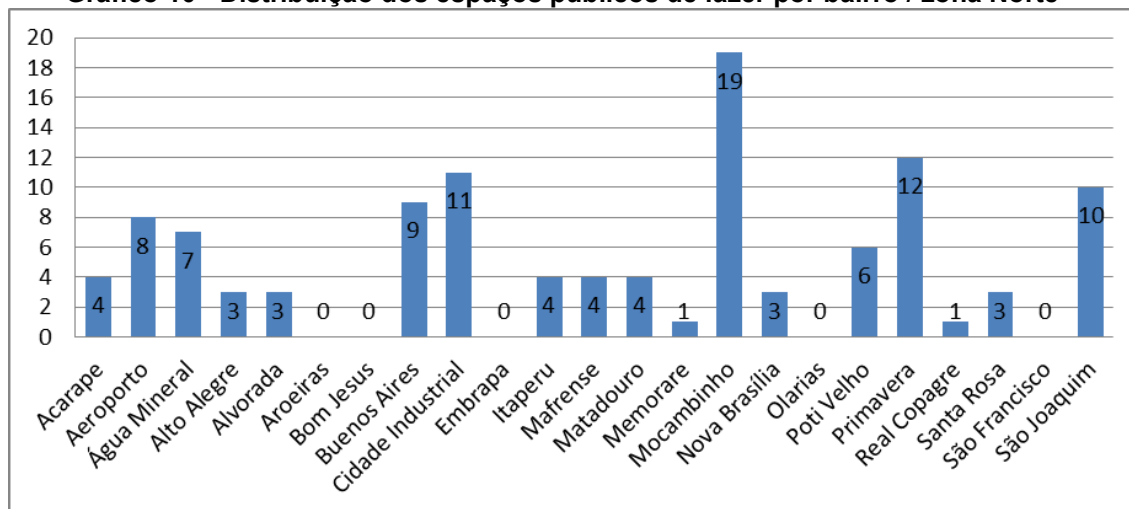
Equipamentos de Lazer	Zona Norte
Academias	5
Biblioteca	2
Campos de Futebol	20
Espaços Culturais	1
Estádios/Ginásios	6
Parque Urbanos	7
Praças	54
Quadras de esportes	15
Total	110

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Como se pode observar, na zona Norte de Teresina, também predominam as praças; como equipamento mais numeroso além dos campos de futebol e quadras. Mais uma vez, fica constatado que a cidade conta com mais espaços para o lazer esportivo e poucos para eventos culturais.

Sobre a distribuição destes equipamentos pelos bairros que compõem a zona, observamos, novamente, grande disparidade, pois em poucos bairros se concentram a maior parte destes espaços, enquanto outros possuem poucos; e ainda há aqueles sem qualquer tipo de equipamento público de lazer. Isso nos faz refletir sobre quais são as causas desta má distribuição que pode resultar da ineficiência das políticas públicas neste setor e a pouca organização da comunidade dos bairros em reivindicar estes equipamentos.

Nesta zona da cidade, a maior parte dos equipamentos está concentrada nos bairros Mocaminho, Primavera, São Joaquim, Aeroporto e Buenos Aires, os quais juntos possuem 55 equipamentos; ou seja, mais de 50% do total da zona, sendo que a mesma possui mais dezoito bairros. Os bairros citados estão entre os que possuem maior população da zona Norte em estudo, o que poderia explicar a maior concentração destes equipamentos.

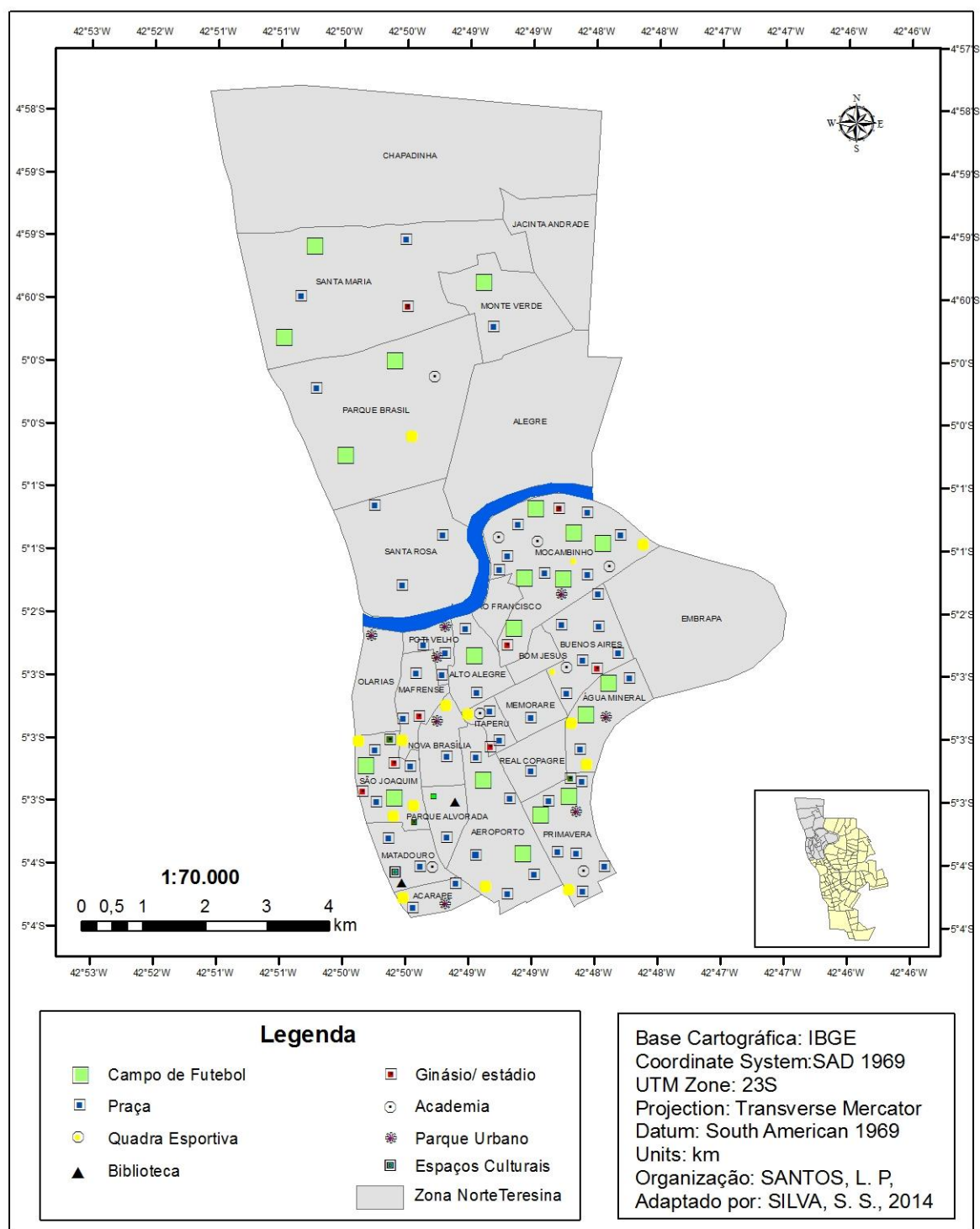
Gráfico 10 - Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Norte

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

A análise na zona Norte de Teresina se deu através dos bairros Mocambinho e São Joaquim. O Bairro Mocambinho é o que possui o maior número de equipamentos na zona e a segunda maior população. O Bairro São Joaquim é o terceiro em número de equipamentos e um dos mais populosos da zona, como pode ser visualizado no Mapa 13. A análise do mapa permite constatar que à margem do rio onde estão localizados os bairros de povoamento mais antigo há uma concentração maior de espaços públicos de lazer, enquanto na outra margem onde se situam os grandes conjuntos populares, como Parque Brasil, Santa Maria da Codipi e Jacinta Andrade, ainda há uma escassez destes equipamentos não obstante a grande população que mora nestes bairros.

Mapa 13 - Distribuição dos equipamentos de lazer na Zona Norte da cidade de Teresina-PI

Distribuição dos equipamentos de lazer Zona Norte Teresina/PI



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.3.1 Bairro Mocambinho

O Bairro Mocambinho (que quer dizer cabaninha), como é conhecido o Conjunto Habitacional José Francisco de Almeida Neto, foi construído pela COHAB (Companhia de Habitação do Piauí) em três etapas: Mocambinho I, em 1982; Mocambinho II, em 1984 e Mocambinho III, em 1985. O bairro surgiu a partir da política pública dos conjuntos que teve como objetivo diminuir o *déficit* habitacional da cidade. Atualmente, possui 28.385 habitantes, segundo IBGE (2010), com renda média mensal de R\$ 2.172,03.

No que se refere ao lazer, segundo a Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro possui como equipamentos de lazer urbano: sete praças, um parque ambiental, duas quadras, seis campos de futebol, um ginásio, um estádio e uma academia, totalizando dezenove espaços de lazer. Sobre a existência e utilização destes espaços, segue depoimento de alguns moradores.

Quadro 9 - Opinião dos moradores do bairro Mocambinho sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	22	Doméstica	F	Frequenta as praças do bairro	22	“Precisa ter mais conservação nos lugares existentes.”
02	30	Gari	M	Não frequenta	12	“Mais segurança.”
03	58	Costureira	F	Não frequenta pois considera perigoso	40	“Precisa reformar as praças e colocar segurança redobrada.”
04	39	Auxiliar administrativo	M	Frequenta as quadras de esportes do bairro	20	“Precisa de mais investimentos públicos e conscientização da população para conservar.”
05	61	Magarefe	M	Não frequenta porque tem muitos “malandros”	33	“É preciso mais segurança e espaços para crianças.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

No que se refere à quantidade de espaços públicos de lazer do bairro, o Sr. Luiz Pereira de Araújo, presidente da Associação de Moradores, considera insuficiente para a dimensão populacional do bairro. Afirma que os espaços mais utilizados do bairro são os campos de futebol e as academias ao ar livre; além disso, há a caminhada praticada na calçada do parque ambiental do bairro. Acrescentou ainda que uma das reivindicações dos moradores é que este passeio seja prolongado.

Sobre a animação nestes espaços afirmou que a Prefeitura realiza alguns eventos durante o ano e a própria comunidade organiza campeonatos nos campos de futebol, o que faz dos campos os espaços mais bem conservados, pois os próprios envolvidos nos eventos colaboram para sua conservação. Por outro lado, de modo geral, admite que os moradores não conservam os espaços públicos de lazer do bairro. A Prefeitura, por sua vez, realiza uma limpeza mensal nestes espaços, mas o reparo e reposição de equipamentos são lentos. Citou como exemplo as telas de proteção do campo do complexo cultural que foram roubadas e ainda não foram repostas.

Por último, quando questionado sobre o que poderia ser feito para melhorar o lazer do bairro, o Sr. Luís citou que a Prefeitura deveria investir mais na conservação dos espaços existentes, ampliar o passeio para a prática da caminhada e melhorar a segurança pública do bairro.

Encontramos no Bairro Mocambinho um grande espaço público de lazer que poderia ser utilizado de várias maneiras pela comunidade. Da mesma forma que o Bairro Parque Piauí (Zona Sul), o Bairro Mocambinho possui um Complexo Cultural, denominado Antônio Rodrigues da Costa (Foto 58), o qual é formado por dois campos de futebol e uma quadra de esportes. Estes equipamentos possuem arquibancada, refletores e alambrado.

Estes equipamentos estão situados em uma grande praça que se localiza numa avenida movimentada do bairro, logo, de fácil acesso aos moradores. Assim como foi observado em várias outras áreas de lazer público em Teresina-PI, há também, no complexo em questão, a apropriação por estruturas privadas, no caso um Circo que ocupa a praça temporariamente(Foto 59).

Foto 59 - Circo localizado em praça pública



Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

Sobre a estrutura encontrada no Complexo, observou-se boa iluminação com vários refletores. Uma boa estrutura para a prática de esportes, pois os campos e quadra possuem iluminação, arquibancadas e vestiário. No entanto, os equipamentos estão em péssimo estado de conservação, principalmente o vestiário, que virou depósito de lixo, mostrando sinais de depredação e abandono, como pode ser visto a seguir (Foto 60).

Foto 60 - Equipamentos em mau estado de conservação



Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

Quanto à arborização, observou-se que o local poderia ser mais bem aproveitado, pois conta com bastante espaço livre, mas com poucas árvores frondosas. Mais árvores àquele local proporcionariam sombra e uma temperatura agradável ao local, em consequência, seu melhor aproveitamento, principalmente levando-se em consideração as altas temperaturas registradas na cidade de Teresina. Acrescente-se que foi encontrado muito lixo no local (Foto 61).

Outro aspecto analisado no Bairro Mocambinho foi a Praça da Igreja Matriz Santa Joana D'arc (Foto 62), pois, como em todos os bairros analisados, a Praça da Igreja sempre é um ponto de encontro para os moradores que se reúnem e se encontram a cada ato religioso. A praça em questão é muito arborizada, logo, proporciona muita sombra a seus frequentadores. Como equipamentos, possui bancos e uma arena ou anfiteatro que pode ser utilizado para manifestações culturais. Sobre a iluminação, os moradores pedem lâmpadas mais adequadas. Não se observou acessibilidade para portadores de necessidades especiais.

Outra praça observada foi a Praça da Bíblia (Foto 63) que se localiza em frente ao hospital do bairro, na Avenida Pedro Freitas, por conseguinte, é um local com grande fluxo de pessoas. A praça em questão é bem arborizada e bem bonita, possui tanto árvores frondosas, quanto plantas ornamentais. É uma das poucas, entre as que foram analisadas, que possui identificação (Foto 64).

Foto 64 - Praça da Bíblia Mocambinho



Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

No que se refere a sua infraestrutura, possui iluminação adequada, coletores de lixo, bancos (Foto 65). Não tem acessibilidade para portadores de necessidades especiais. Outra praça analisada no Mocambinho foi a Praça Paulo de Tarso Moraes, que é conhecida como Praça da Telemar (Foto 66); possui como equipamentos bancos, palco e academia ao ar livre.

O Ginásio Poliesportivo Pato Preto (Foto 67) é de fácil acesso aos moradores do Bairro Mocambinho, localizado na Avenida Prefeito Freitas Neto, local de bastante movimento. Quanto à sua estrutura, possui boa iluminação, o bebedouro estava quebrado e o vestiário em más condições para uso. Ressalte-se que o ginásio encontrava-se em reforma à época da pesquisa. Sobre a segurança, o ginásio encontrava-se aberto, sem nenhum tipo de vigilância.

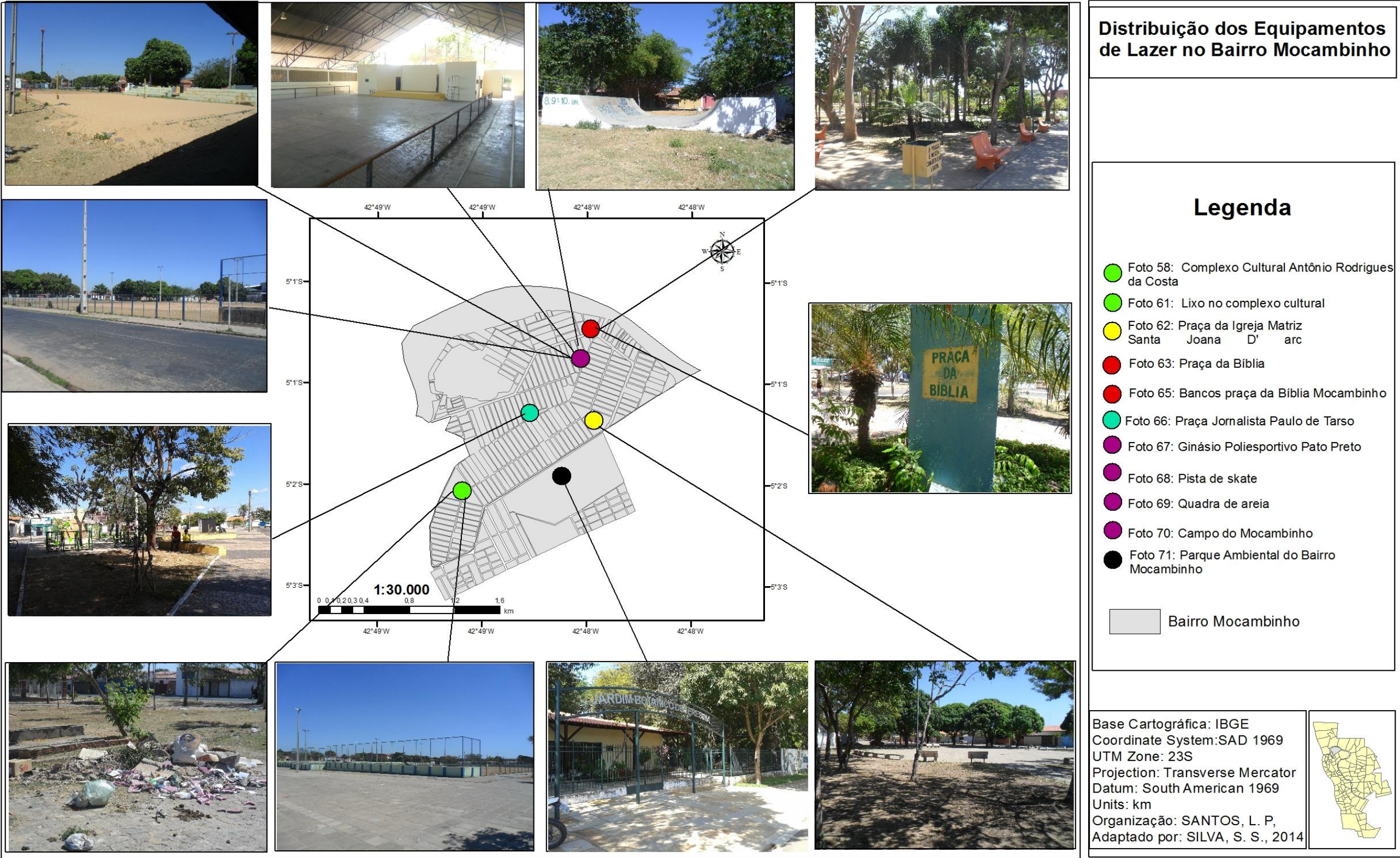
Ao lado do ginásio, localizam-se dois outros equipamentos de lazer, uma pista de skate (Foto 68) e uma quadra de areia (Foto 69), a qual, segundo moradores do entorno, é utilizada diariamente para a prática de voleibol.

Outro equipamento analisado no Bairro Mocambinho foi o Campo de futebol conhecido como Campo do Mocambinho (Foto 70). O campo possui boa infraestrutura para a prática esportiva, é cercado com alambrado e possui refletores; no entanto, a iluminação não é adequada, o que impede sua utilização no período noturno. Não possui acessibilidade. Outro espaço de lazer importante do bairro é o Parque Ambiental do Bairro Mocambinho (Foto 71), analisado anteriormente, por se tratar de um espaço público de lazer das zonas urbanas.

Por meio das observações feitas no bairro, foi possível concluir que no local há equipamentos que possibilitam a prática esportiva, no entanto, esses precisam de maior conservação e manutenção, pois observamos que alguns viraram depósitos de lixo. O bairro não possui pistas para a prática de caminhadas, e a população improvisa, utilizando a calçada do entorno do parque ambiental para este fim.

No bairro, não existem parquinhos para crianças nas praças, e ainda é deficiente em espaços culturais; não possuindo bibliotecas, teatros nem centros culturais. Sobre a localização destes espaços, ao olhar o Mapa 13, concluímos que estes estão em diferentes pontos do bairro, possibilitando a sua população um melhor acesso a estes espaços.

Mapa 14 - Distribuição dos equipamentos de lazer no bairro Mocambinho



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013)

5.3.3.2 Bairro São Joaquim

O Bairro São Joaquim é um conjunto habitacional que foi construído pela Companhia Habitacional do Piauí (COHAB) em 1985 com 824 unidades. Tem esse nome por ocupar as terras do antigo sítio de mesmo nome. Engloba o São Joaquim também a Vila Apolônia, a Vila Carlos Feitosa e a Vila Padre Eduardo. Segundo o Censo do IBGE (2010), o bairro possui 10.558 habitantes com renda média de R\$ 1.248,01.

Conforme dados da Prefeitura municipal de Teresina, o bairro possui os seguintes equipamentos de lazer: três praças, três quadras de esportes, dois campos de futebol e um estádio. Acrescentamos ainda a esses dados a existência de um parque urbano que é o Parque Lagoas do Norte. Sobre estes espaços, observe-se o que os moradores do bairro afirmam (Quando 10).

Quadro 10 - Opinião dos moradores do bairro São Joaquim sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	21	Cabeleireira	F	Não frequenta	12	“Precisa de mais segurança nas praças.”
02	47	Comerciante	M	Frequenta o Parque Lagoas do Norte	30	“Implantar atividades interativas e melhorar a segurança.”
03	41	Doméstica	F	Faz caminhada no bairro	22	“Trazer mais atividades físicas para o bairro.”
04	32	Comerciante	M	Frequenta o Parque Lagoas do Norte	20	“Reformas, espaços adequados para as crianças, segurança.”
5	52	Técnico em Informática	M	Não frequenta porque as quadras são mais frequentadas por jovens	16	“O bairro precisa de uma boa praça.”

Fonte: Pesquisa de Pontes (ago. 2012).

Sobre os espaços de lazer do bairro, começamos pela análise dos espaços destinados ao lazer esportivo. O campo de futebol Palmeirão (Foto 72) fica localizado próximo ao mercado público do bairro e, no seu entorno, estão muitas residências, logo, bastante acessível aos moradores. Quanto à sua estrutura, o campo possui boa iluminação, alambrado em volta ao campo, bancos e arborização. O campo não possui estrutura de vestiários.

Quanto à segurança, o campo é aberto e, à época da pesquisa, não possuía nenhum tipo de vigilância. Bem como se observa em outros locais, este também demonstra sinais de depredação e falta conservação. Como pode ser visto na Foto a seguir.

Foto 73 - Alambrado danificado e traves enferrujadas no Campo Palmeirão



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

A quadra de esportes (Foto 74), localizada na Avenida Boa Esperança, próximo à Vila Apolônia, possui boa estrutura para a prática de esportes com iluminação e alambrado. Está em local acessível.

Outro campo de futebol analisado no bairro foi o Campo São Joaquim (Foto 75). Localizado na Quadra 11 daquela localidade, em uma grande praça, que, além do campo, tem duas quadras poliesportivas (Foto 76). O campo tem boa iluminação. Sua estrutura inclui alambrados e arquibancadas em volta. O campo e a quadra são abertos à comunidade e não têm nenhum tipo de vigilância.

O campo e as quadras não possuem acessibilidade e apresentam sinais de falta de conservação, o que pode ser notado na pintura, no gramado do campo, como também nas traves enferrujadas. Este complexo pode oportunizar muitas práticas esportivas à comunidade local.

Localizado também na Avenida Boa Esperança, está o Campo Carlos Feitosa (Foto 77), local de fácil acesso para a comunidade, conta com ótima estrutura, com gramado, traves e bancos, todos em bom estado de conservação; falta, no campo, iluminação para que este possa ser utilizado também no período noturno. A área em volta do campo tem arborização, no entanto, pode ser mais bem aproveitada com mais árvores.

O campo não possui vestiários ou arquibancadas, é aberto à comunidade e não possui qualquer tipo de vigilância ou policiamento. Apesar da existência de muitos coletores de lixo ao redor do campo, foi detectado muito lixo, demonstrando que falta também a colaboração da comunidade na conservação dos equipamentos de lazer. Por achar que o que é “público” não é de ninguém ou é do governo, muitas pessoas não têm nenhum tipo de cuidado com o espaço público e acabam por lhe tratar como simples depósito para lixo.

Foto 78 - Campo Carlos Feitosa – lixo



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

A Praça São Judas Tadeu (Foto 79) localiza-se em frente à Igreja do bairro, que, conforme visto em todos os bairros pesquisados, a Praça da Igreja Matriz se mantém como uma referência para a comunidade (Foto 80). Sobre sua estrutura, possui boa iluminação, como também boa arborização, com muito sombreamento. Como estrutura, a praça possui bancos e uma quadra de esportes. Conforme observado na maioria das praças pesquisadas, não possui acessibilidade para portadores de necessidades especiais, além disso, a praça não possui identificação.

Foto 80 - Igreja São Judas Tadeu localizada na praça



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

A quadra (Foto 81), localizada na Praça da Igreja São Judas, possui boa estrutura e apresenta bom estado de conservação. Outro espaço de lazer do bairro é o parque Lagoas do Norte (Foto 82) que envolve vários equipamentos, tais como pista de caminhada, playgrounds, praça, quadras esportivas, academia ao ar livre. Este já foi analisado anteriormente por se tratar de um espaço público de Lazer das Zonas Urbanas de Teresina.

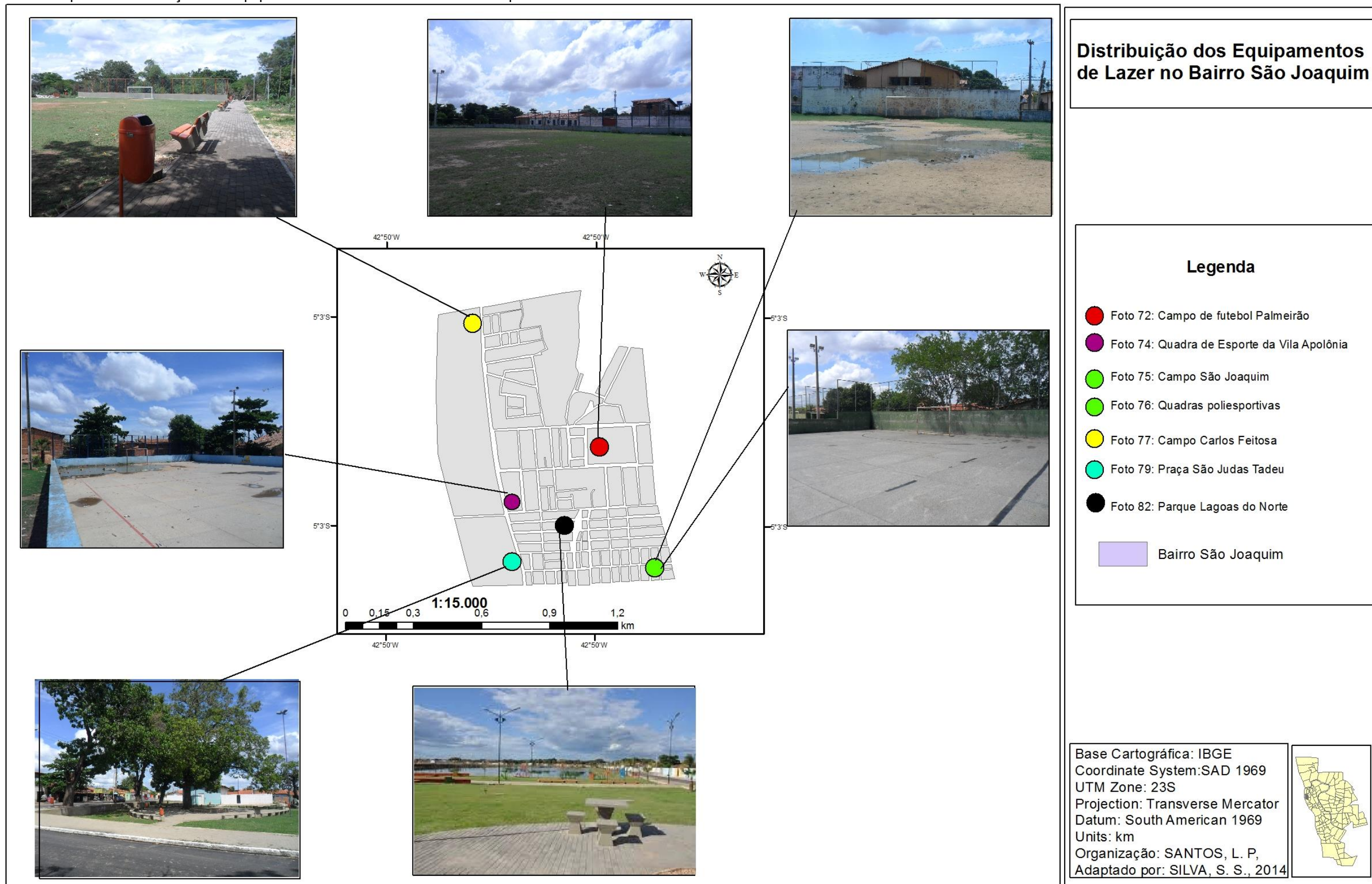
Foto 81 - Quadra Poliesportiva localizada na Praça São Judas Tadeu



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

Sobre o Bairro São Joaquim, conclui-se que existem equipamentos de lazer para quem gosta de praticar esportes, com campos e quadras, no entanto, alguns precisam de melhor conservação. Não foram encontradas opções para crianças, como parquinhos, ou para idosos, pois o bairro não dispõe de pistas de caminhadas ou academias públicas. Quanto à cultura, não existem bibliotecas nem teatros. Os equipamentos estão concentrados na Avenida Boa Esperança. Outra observação: em nenhum dos equipamentos foi encontrada alguma forma de acessibilidade para os portadores de necessidades especiais. A análise do Mapa 14 nos permite afirmar que os equipamentos estão bem distribuídos no bairro, pois se localizam em quadras diferentes, o que proporciona acesso a estes espaços a mais pessoas, nas proximidades de suas residências.

Mapa 15 - Distribuição dos equipamentos de lazer no bairro São Joaquim



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.4 Zona Sudeste e o vazio de espaços

A zona Sudeste da cidade de Teresina é formada por vinte bairros, possui 134.119 habitantes, conforme o Censo IBGE (2010), e 79,80 Km² de área. As áreas, que atualmente compõem esta região eram de fazendas e povoados rurais como Itararé, Cumprida, Extrema; atualmente, dão nome a alguns bairros da região. Segundo Façanha (2004), a expansão da cidade para a região Leste-Sudeste se deu a partir dos anos de 1970, através da construção de conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda.

Nos dias atuais, a zona se encontra em grande expansão urbana e possui o bairro mais populoso de Teresina, o Itararé, com 37.443 habitantes. Desde a década de 1970 até hoje, a zona vivenciou grande expansão, seja pelo surgimento de novos conjuntos habitacionais, residenciais e condomínios de apartamentos, seja pela expansão da rede de comércios e serviços na zona. Segundo Lima (2010), esta zona da cidade se configura, atualmente, como um subcentro da cidade. No que tange aos equipamentos de lazer, a zona é a que possui o menor número de equipamentos em comparação com as demais da cidade. A Tabela 13, a seguir, mostra a composição destes equipamentos de lazer.

Tabela 13 – Espaços públicos de lazer da Zona Sudeste de Teresina

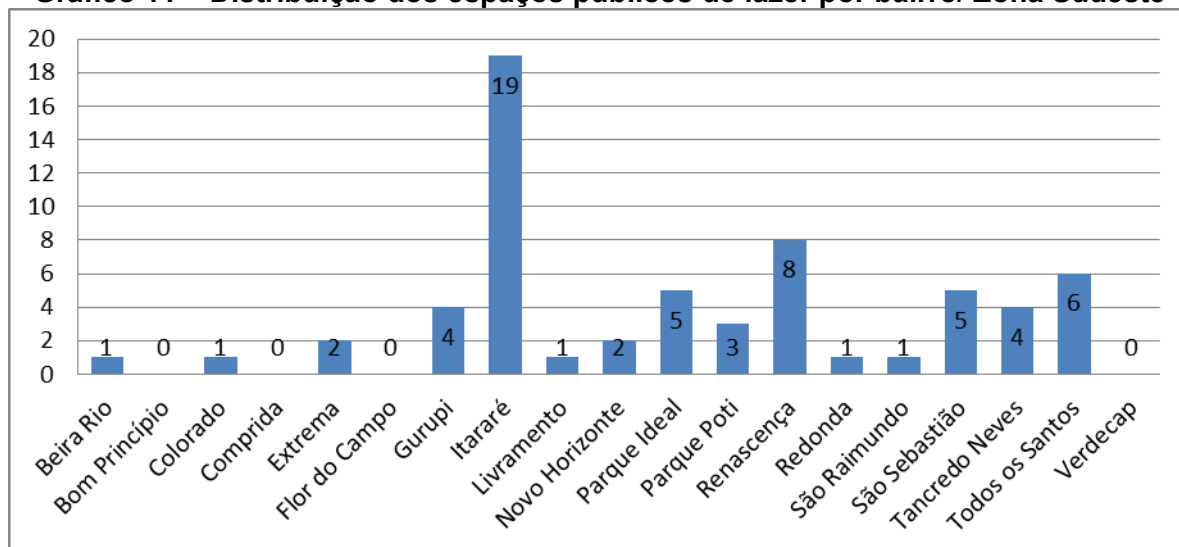
Equipamentos de Lazer	Zona Sudeste
Academias	3
Biblioteca	1
Campos de Futebol	17
Espaços Culturais	1
Estádios/Ginásios	2
Parque Urbanos	4
Praças	29
Quadras de esportes	6
Total	63

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Como pode ser observado, a zona possui um total de sessenta e três equipamentos públicos de lazer; também foi encontrada uma pista de caminhada localizada no Bairro Itararé. Possui a média de um equipamento de lazer para cada 2.128 habitantes. Além de possuir uma média muito baixa de equipamentos, estes

estão mal distribuídos pelos bairros da zona, como pode ser visualizado no Gráfico 11, a seguir.

Gráfico 11 – Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro/ Zona Sudeste

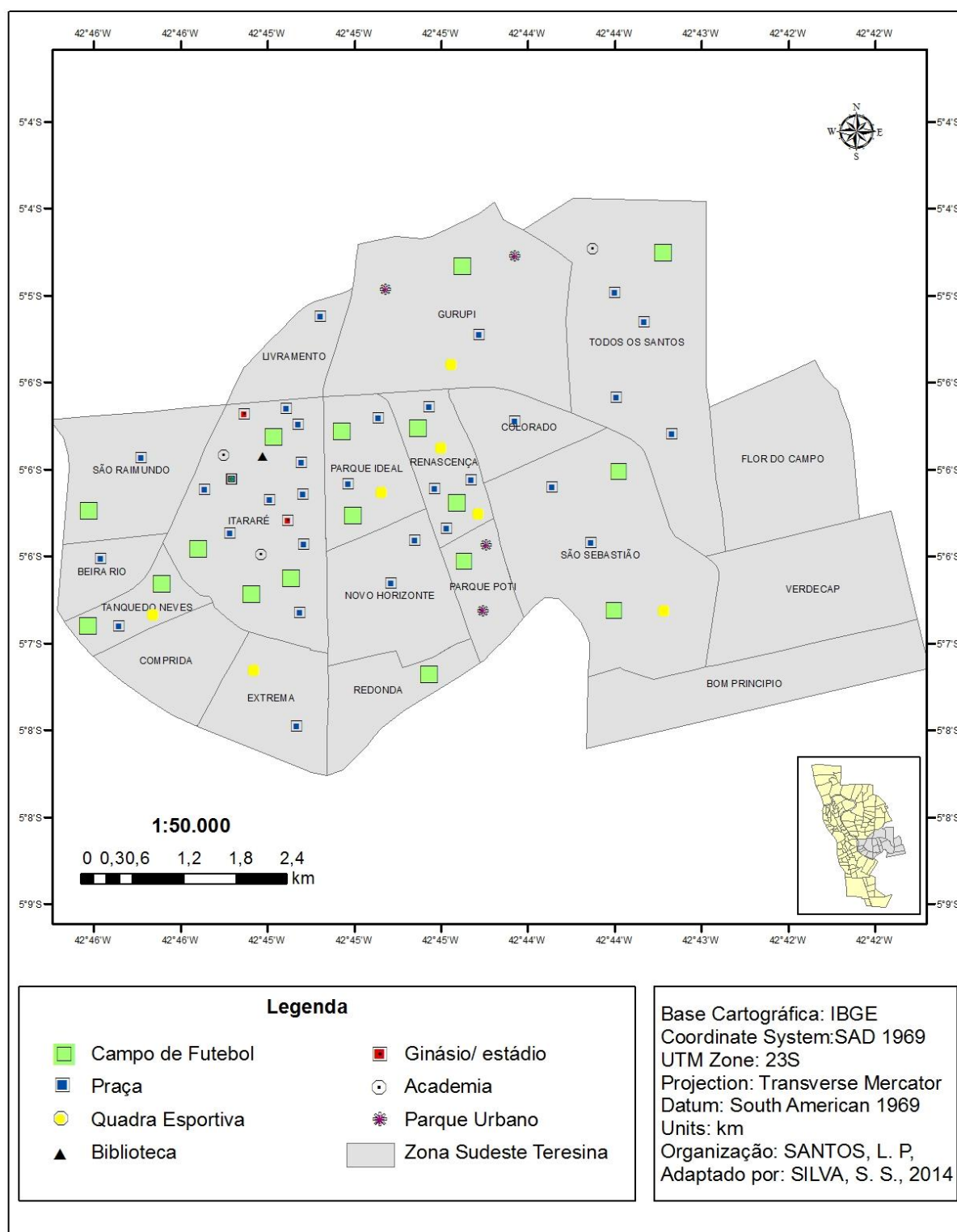


Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Conforme o Gráfico 11, constatamos que apenas três bairros centralizam mais de 50% dos equipamentos de lazer da região, enquanto existem cinco bairros com nenhum tipo de equipamento. Nesta região, foram analisados os equipamentos localizados nos bairros Itararé e Renascença I. A escolha desses bairros se deu em razão de possuírem grandes contingentes populacionais dentro da zona, e ainda por possuírem a maior concentração de equipamentos de lazer na referida zona. No Mapa 16, a seguir, encontram-se as análises dos pontos visitados.

Mapa 16 - Distribuição dos Equipamentos de lazer na zona Sudeste da cidade de Teresina-PI

Distribuição dos equipamentos de lazer Zona Sudeste Teresina/PI



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.4.1 Bairro Itararé

O conjunto habitacional denominado de Itararé I foi criado em 1977, pela Companhia de Habitação do Piauí (COHAB), com o objetivo de abrigar pessoas que moravam em áreas de risco e afastar os pobres da área nobre da cidade. Constituído por 3.040 unidades habitacionais iguais, dispostas em quadras paralelas. Em 1980, foi feita a ampliação deste conjunto com a construção do Itararé II, com 4.254 unidades. Posteriormente, estes conjuntos passaram a ser chamados de Dirceu I e Dirceu II, em homenagem ao ex-governador do Estado Dirceu Mendes Arcoverde.

O Bairro Itararé, atualmente, é o mais populoso da cidade de Teresina, com uma população de 37.443 habitantes, com renda média por domicílio de R\$ 1.646,59, segundo dados do Censo IBGE (2010). Como equipamentos de lazer possui nove praças, duas academias populares, um teatro, uma pista para caminhada, uma biblioteca, dois ginásios poliesportivos e quatro campos de futebol. Conforme estes dados, o bairro possui uma média de um equipamento de lazer para cada 2.203 habitantes.

Verificamos que o equipamento de lazer mais presente no bairro é a praça; esta possibilita o convívio social, passeios, contato com áreas verdes, brincadeiras para crianças, como também a prática de atividades físicas. O bairro possui duas academias públicas que se situam em praças.

Sobre os equipamentos de lazer do bairro, o presidente da Associação de Moradores do bairro, Sr. Raimundo Mendes da Rocha, afirmou que os espaços públicos de lazer existentes não são suficientes, pois faltam praças. Ele afirmou ainda, que, na construção do bairro, os espaços destinados à construção destes equipamentos foram vendidos para a iniciativa privada. Assegurou também que a região carece de um parque com áreas verdes. Sobre a manutenção destes espaços, afirmou que é ruim porque o poder público demora muito para fazer as reparações que são reivindicadas.

A respeito da utilização destes espaços, o Sr. Raimundo comentou que são mal utilizados, pois as praças são ocupadas por feirantes, usuários de drogas. Citou também o exemplo do ginásio do bairro (Edimilson Jorge) que, à época de enchentes, é ocupado pelos desabrigados, os quais causam depredação no espaço, e o poder público demora muito para recuperar. Outro caso que pode ser citado no

bairro é o Centro esportivo Almeidão que teve uma reforma mal feita, pois não tem administração e é mal utilizado. No tocante à existência e utilização desses espaços, ouvimos alguns moradores do bairro. As respostas estão dispostas no Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 - Opinião dos moradores do bairro Itararé sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	22	Digitadora	F	Não frequenta	15	“Criar mais espaços e colocar mais segurança nos que já tem.”
02	51	Estilista de moda	F	Não frequenta	34	“Precisaria que ao reformar os espaços de lazer tivesse uma equipe para administrar.”
03	62	Marceneiro	M	Frequenta pista de caminhada no bairro	34	“Não frequento as áreas de lazer do bairro porque é perigoso, falta segurança, é preciso haver mais segurança e fiscalização nestes locais.”
04	26	Terapeuta ocupacional	M	Frequenta o campo de futebol	2	“O bairro precisa de mais eventos culturais.”
5	22	Dona de casa	F	Não frequenta	6	“Precisa de parquinho para as crianças.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Foram analisados os espaços maiores do bairro. Partiremos agora para uma análise qualitativa destes. Sobre as praças do bairro, podemos observar que são áreas de presença de verde, quebram a monotonia da paisagem e, geralmente, se localizam em avenidas movimentadas, onde se encontram áreas comerciais ou a Igreja Matriz dos bairros. Foram analisadas as praças maiores, são elas: Praça Espaço Cultural, Praça dos Correios, Praça do Hospital, Praça da Igreja Santa Teresinha, Praça do 8º Distrito Policial, Praça da Polinter (Foto 83), Praça do Bambu, Praça do Mercado do Dirceu II.

A Praça Espaço Cultural (Foto 84) fica localizada próximo à Avenida José Francisco de Almeida Neto, conhecida como Avenida principal do bairro. É uma praça particular em relação às demais encontradas no bairro, pois se destina à realização de eventos culturais. Como estrutura possui um palco, bancos ao seu redor e palmeiras. Possui boa iluminação, o que possibilita a sua utilização noturna,

no entanto, sua utilização diurna fica comprometida, pois não oferece sombreamento.

As demais praças do bairro têm características semelhantes. Como estrutura, possuem bancos, iluminação. Quanto à segurança, não foi observada a presença de policiais em nenhuma das praças visitadas. Todas são arborizadas e, algumas praças, como a dos Correios (Foto 85) e a do Bambu (Foto 86), se destacam com muitas árvores frondosas que proporcionam bastante sombreamento. Em nenhuma delas encontramos acessibilidade a pessoas portadoras de necessidades especiais, como rampa para cadeirantes, por exemplo. A praça do hospital, a qual tem esse nome por estar localizada próxima ao hospital público do bairro, é utilizada como estacionamento (Foto 87).

Observamos que algumas praças são muito utilizadas no período da noite, principalmente pela iniciativa privada. Na Praça dos Correios, há grande presença de *trailers* que comercializam lanches diversos e colocam mesas nas praças. Na Praça Espaço cultural, além da venda de alimentos, há ainda pessoas que instalam parques infantis ou alugam carrinhos para crianças, o que faz essa praça ser muito frequentada no período noturno.

As praças visitadas, geralmente, são conhecidas pela população pelo nome de alguma instituição que se localiza próximo a elas, por exemplo: Praça do Hospital, Praça da Igreja, Praça da Polinter. Este fato pode ser ocasionado porque a maioria das praças não possui placa de identificação, para que a comunidade conheça seu nome, e as que possuem encontram-se danificadas (Foto 88).

Foto 88 - Placa de identificação da praça danificada



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

Além de serem áreas para passeio e reservas de áreas verdes nas cidades, proporcionando o contato com a natureza, as praças, por serem locais de fácil acesso à população, podem ser um bom espaço para outros equipamentos de lazer, como academias e quadras poliesportivas. No Bairro Itararé, encontramos estes equipamentos em duas praças.

Na Praça dos Correios existe uma academia de musculação e uma quadra de esportes. A academia pública existente na Praça dos Correios (Foto 89) é diferente das demais encontradas pela cidade. Apesar de ser mantida pela Prefeitura Municipal de Teresina, foi construída através de uma parceria com a Companhia Siderúrgica Nacional em 2011. Seus equipamentos são diferentes, fabricados com aço inoxidável e estofados de material naval. Instalada em uma área aberta de 300m² aproximadamente, funciona com instrutores formados em Educação Física, e, para utilizá-la, o usuário precisa ser matriculado. Uma das reivindicações da população do bairro, observadas com base nos questionários, foi que esta academia oferecesse maior número de vagas. A quadra de esportes (Foto 90) é de areia e cercada por alambrados. Embora seja iluminada, à época da pesquisa, estava em péssimo estado de conservação. Foi possível também encontrar muita sujeira no local.

A outra academia do bairro está na Praça do Mercado do Dirceu II (Foto 91), possui aparelhos em bom estado de conservação, placa educativa sobre os mesmos e possíveis exercícios a serem realizados. Segundo dados colhidos nos questionários, é muito frequentada, inclusive, os moradores reivindicam mais equipamentos como estes no bairro, devido à grande demanda.

No que se refere ao lazer esportivo, o Bairro Itararé possui quatro campos de futebol, um ginásio e um estádio.

O complexo esportivo Almeidão (Foto 92), localizado no Itararé I, poderia ser um espaço propício a estas práticas. O complexo é composto por um campo de futebol (Foto 93), ao redor do campo existe uma pista de atletismo (Foto 94), ginásio poliesportivo (Foto 95), quadra de areia (Foto 96) e vestiários. Este complexo foi reformado e entregue à comunidade em março de 2008, antes era apenas um campo de futebol.

Foto 92 - Complexo Esportivo “Almeidão”



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

Apesar da grande estrutura que o complexo possui, é possível observar no local alguns sinais de abandono (Foto 97). O espaço está muito depredado, demonstrando que a obra foi um grande desperdício de receita pública. Sem uma política de animação nem de administração, o espaço é alvo de vandalismo, com aparelhos danificados, muito lixo, refletores quebrados, atraindo usuários de droga e afastando a comunidade que poderia estar a utilizá-la para a prática esportiva. Este é um exemplo de como não é suficiente apenas construir novos espaços, mais do que é isso, é preciso manter uma política de animação e manutenção destes locais.

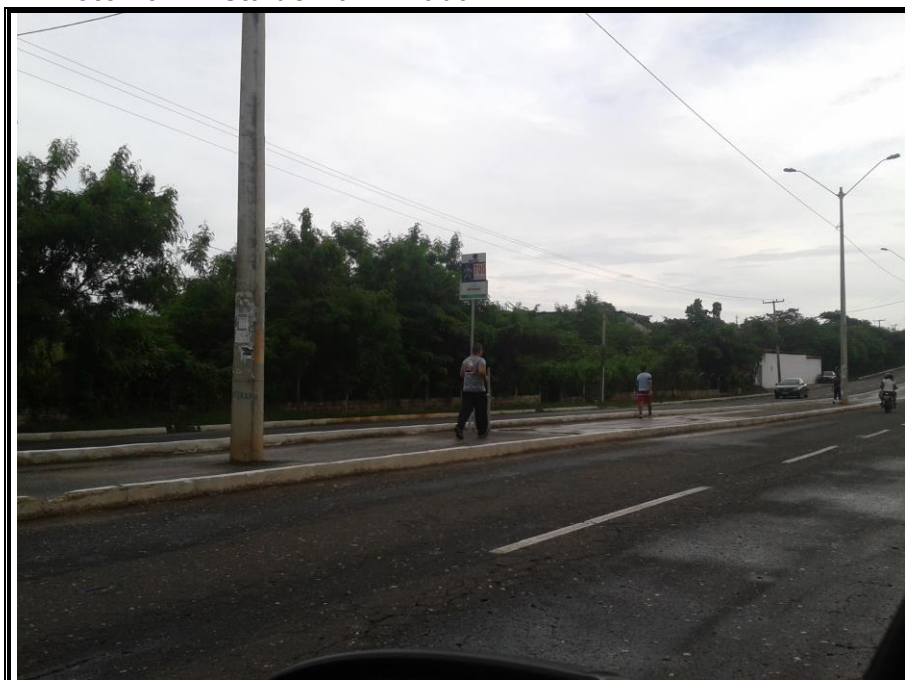
O Ginásio Poliesportivo Edimilson Jorge (Foto 98), localizado no Bairro Itararé, é um dos quatro da cidade de Teresina. O ginásio conta com uma boa estrutura: arquibancada, banheiros, bebedouro. No entanto, não está em bom estado de conservação. O ginásio é bem localizado, próximo à avenida principal do bairro que tem linhas de ônibus para todos os bairros da zona Sudeste. Este local tem atividades frequentes. Na parte externa do ginásio há uma rampa para a prática de *skatismo* (Foto 99).

Com relação aos campos de futebol, o Campo de Futebol Carlos Lima (Foto 100) é localizado no Conjunto Dirceu II, bem próximo a várias residências, sendo um local acessível aos moradores. Não possui muita infraestrutura, pois não há

arquibancada, banheiro, água. Tem iluminação e é bastante arborizado ao redor. É bastante frequentado pelos moradores.

No Bairro Itararé também é muito comum a prática de caminhada, realizada na pista da Avenida Joaquim Nelson. Como estrutura, conta com marcadores de quilometragem e aparelhos para exercícios físicos, no entanto, tendo em vista localizar-se entre duas avenidas com grande fluxo de veículos, seriam necessários redutores de velocidade para diminuir os riscos de acidente (Foto 101).

Foto 101- Pista de Caminhada



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

O Campo de Futebol Lucidão (Foto 102) possui boa estrutura com iluminação, arquibancadas, vestiários e traves em boas condições. É cercado por alambrado. Segundo moradores da área, o local tem atividades frequentes. É localizado no centro do bairro, tornando-se de fácil acesso; no entanto, não apresenta acessibilidade para portadores de necessidades especiais. Como na maioria dos locais visitados, os frequentadores dos dois campos reclamam da segurança.

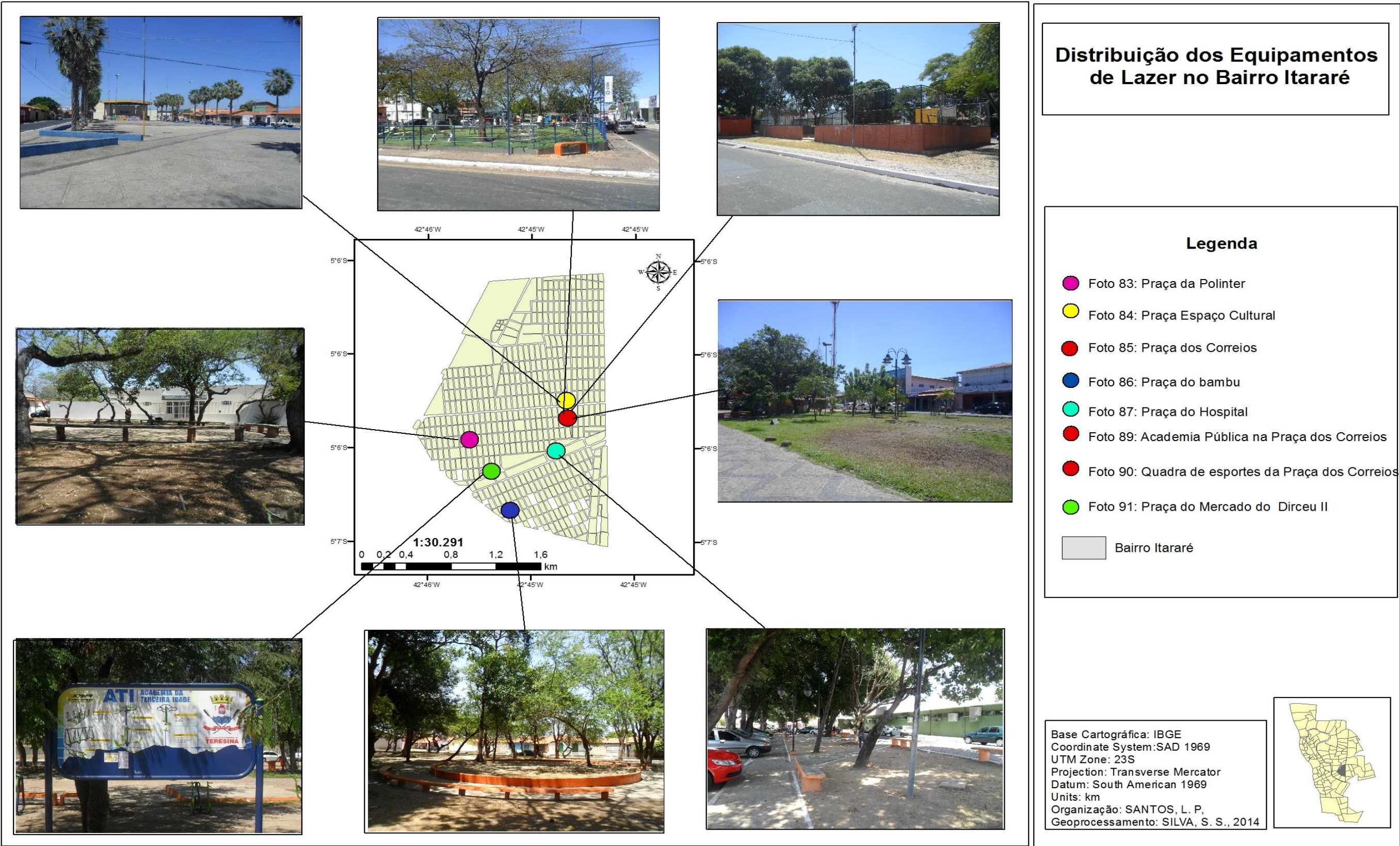
Um dos poucos espaços culturais existentes na cidade é o Teatro Municipal João Paulo II (Foto 103), inaugurado em 13 de agosto de 2005, está localizado no Bairro Dirceu Arcoverde I, tem capacidade para 313 pessoas, possui dois camarins e espaço cênico com moderna estrutura de som e luz. É um teatro-escola onde são realizadas oficinas artísticas, além das apresentações culturais. É um bom exemplo

de como levar a cultura para perto da população, pois oferece espetáculos a baixo custo. O local possui boa estrutura física e acessibilidade para portadores de necessidades especiais.

A análise dos espaços de lazer público encontrados no bairro permite afirmar que são subutilizados pela população ou utilizados para fins aos quais não foram destinados. A clientela mais atendida são os homens, que encontram espaços para a prática de esportes, principalmente o futebol. A violência e a depredação afastam a população, que encontra outros meios para usufruir do lazer. Para um melhor lazer no bairro, o Sr. Raimundo Meneses, presidente da AMI, sugere melhor conservação das praças, construção de parquinhos para crianças, mais pistas de caminhadas, criação de uma rua de lazer no bairro, aos domingos, com a interdição da avenida principal do bairro, que ficaria destinada à prática de caminhada, ciclismo, skate e passeio das crianças.

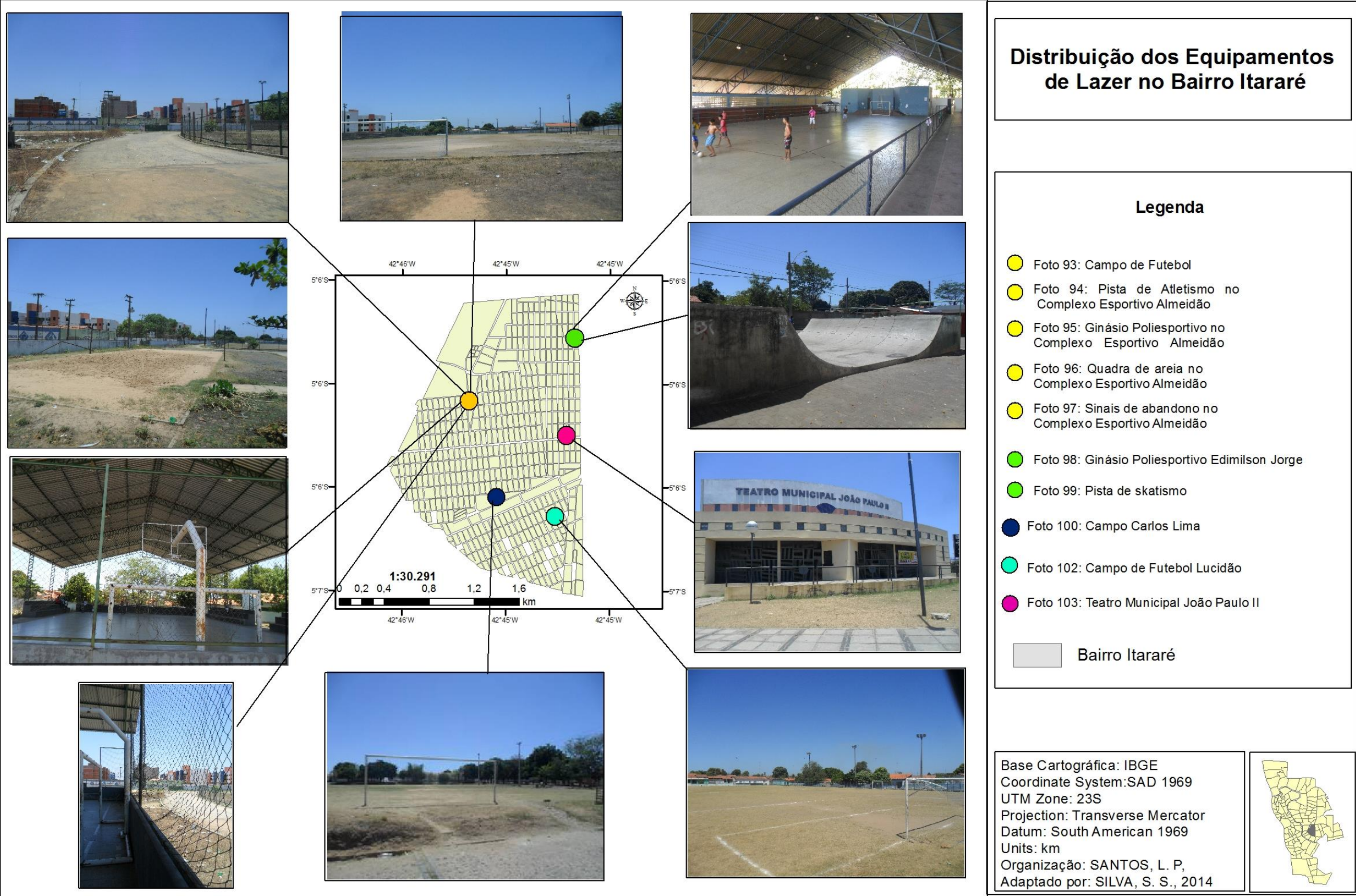
A análise do mapa de distribuição destes espaços no bairro é importante para sabermos se estes estão concentrados em um ponto específico ou encontram-se espalhados, dessa forma sendo mais acessíveis a um número maior de moradores. No caso do Bairro Itararé, conforme pode ser visto nos Mapas 17 e 18, tanto os bairros Itararé I quanto o Itararé II possuem equipamentos e estes se localizam por vários pontos do bairro.

Mapa 17 - Distribuição dos Equipamentos de Lazer no Bairro Itararé - A



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Mapa 18 - Distribuição dos Equipamentos de Lazer no Bairro Itararé - B



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.4.2 Bairro Renascença

O outro bairro analisado na zona Sudeste foi o Bairro Renascença; engloba três conjuntos habitacionais com o mesmo nome, Renascença I, II e III, os quais foram construídos pela Companhia Habitacional do Piauí, respectivamente, em 1986, 1988, e 1991. Segundo dados do Censo IBGE (2010), o bairro possui 12.685 habitantes com renda média por domicílio de R\$ 1.525,97. Os equipamentos de lazer existentes no bairro, segundo dados da Prefeitura Municipal de Teresina, são: quatro praças, dois campos de futebol e duas quadras de esporte. No tocante à existência e utilização desses espaços, observemos as afirmações dos moradores (Quadro 12).

Quadro 12 - Opinião dos moradores do bairro Renascença sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	49	Cobrador de ônibus	M	Frequenta as praças do bairro frequentemente, disse que não frequenta áreas de lazer de outros bairros porque tem dificuldade de transportes	24	“O bairro precisa de mais locais para lazer, como um teatro e locais para caminhadas.”
02	32	Técnica em Enfermagem	F	Não frequenta	10	“É preciso implantar mais áreas de lazer com segurança, principalmente para crianças, jovens e idosos.”
03	28	Auxiliar de serviços	F	Não frequenta os espaços de lazer porque considera perigoso	13	“No bairro, faltam parquinhos para crianças.”
04	20	Atendente	M	Frequenta as quadras de esportes do bairro	20	“O bairro precisa de mais atividades culturais “

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Como é possível constatar, para os moradores, os equipamentos públicos existentes no bairro não são suficientes e apresentam deficiências, como segurança e falta de animação. Partiremos agora para análise dos espaços analisados *in loco*.

Sobre as praças localizadas no bairro, a praça do Bairro Renascença I (Foto 104) está situada em meio às quadras, e nela se encontra a Igreja Matriz do bairro. É uma praça ampla, com muitas árvores, bancos, possui um palco (Foto 105), uma academia pública (Foto 106), e uma quadra coberta, voltada para a prática esportiva (Foto 107). Não possui acessibilidade e nela há lanchonetes.

A quadra coberta existente na Praça do Bairro Renascença I tem boa estrutura; no entanto, mais uma vez, observamos sua má conservação; ou seja, alambrados quebrados e vestiários sem condições para uso, por estarem em péssimo estado de conservação; o que pode ser resultado da ineficiência política de conservação aliada à depredação praticada por vândalos (Foto 108).

Foto 108 - Vestiário depredado



Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

Quanto às outras duas praças analisadas no bairro, a Praça I do Renascença II (Foto 109) e a Praça II do Renascença II (Foto 110) são semelhantes, ambas se localizam no cruzamento das principais avenidas do bairro, sendo, deste modo, locais de fácil acesso e com bastante fluxo de pessoas. Nas proximidades destas praças existem vários pontos comerciais, bares, lanchonetes e pizzarias (Foto 110).

Foto 110 - Praça II do Renascença II



Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

Sobre a infraestrutura dessas praças, possuem iluminação adequada; como equipamento possuem bancos, sendo que na Praça I (Foto 111) há brinquedos para crianças (Foto 112). Apresentam boa arborização, proporcionando sombra para seus frequentadores. Estas praças fazem parte do pequeno número das que possuem rampa para cadeirantes, dentre todas as visitadas (Foto 113). Nestas praças, também existem comércios como chaveiros e vendedores de CD's (Foto 114).

No que tange ao lazer esportivo, o bairro possui ainda dois campos de futebol, uma vez que observamos que esta é a modalidade esportiva com mais equipamentos disponíveis na cidade, seguindo a tendência nacional de apreço pelo esporte. O campo de Futebol em questão (Foto 115) localiza-se em uma Avenida movimentada do bairro próximo a várias residências, sendo, portanto, de fácil acesso aos moradores da região. Em sua estrutura, o campo possui traves para jogo de futebol, alambrados ao fundo, traves e vestiários. Não possui iluminação, o que impossibilita seu uso à noite.

Foto 116 - Porta quebrada do campo



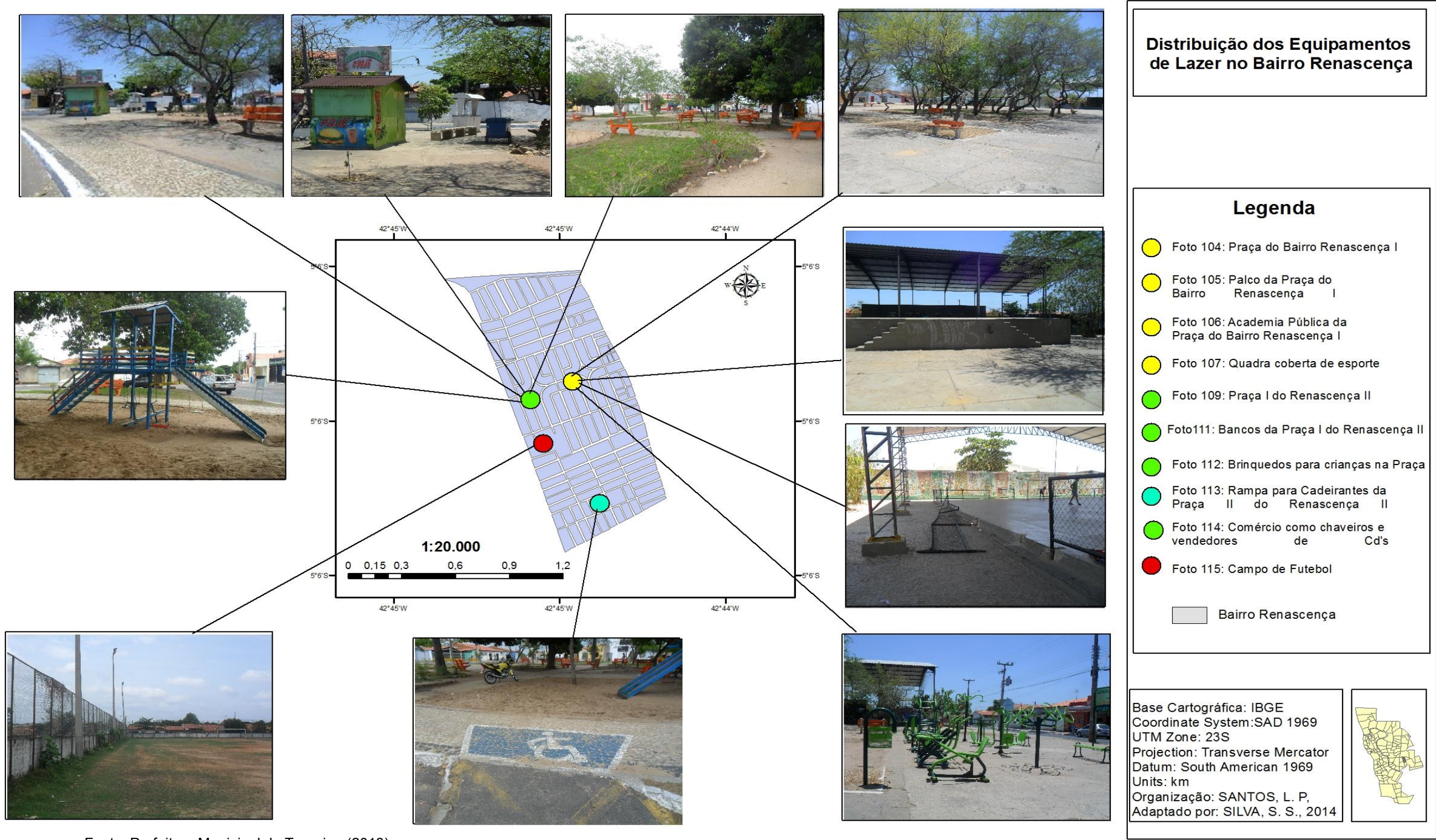
Fonte: Laudenides Pontes (ago. 2012).

Outro campo localizado no Bairro Renascença possui refletores, alambrado, traves que não estão bem conservadas. Não possui vestiários nem arquibancadas. O campo, um dos poucos da cidade que é fechado, no entanto, no momento da pesquisa, encontrava-se com a porta quebrada e aberta. Ao lado do campo foi improvisada uma pista para a prática de saltos de bicicleta e motocicleta. Quanto à distribuição espacial destes equipamentos, percebemos que os poucos existentes se concentram no Renascença I e II sendo que o Renascença III não possui nenhum espaços público do lazer.

No tocante às observações realizadas *in loco*, nos bairros Itararé e Renascença, escolhidos por conterem o maior número de equipamentos, foram feitas as seguintes constatações: os equipamentos mais bem conservados são as praças; apenas uma praça possui acesso a cadeirantes; há poucas opções de lazer para crianças no bairro: não há parquinhos. Em apenas uma praça foi encontrado parquinho, o qual não estava em bom estado de conservação. As áreas esportivas, em sua maioria, encontram-se depredadas; há problemas de segurança e iluminação para a utilização de alguns equipamentos, o teatro encontrado na zona é um bom exemplo de equipamento público de lazer. Foram encontradas duas academias públicas na zona que são bastante utilizadas pela comunidade, no entanto, não são suficientes para atender a demanda.

Constatamos que a zona Sudeste, apesar de ser uma área bastante populosa e em plena expansão pela construção de novos conjuntos habitacionais e condomínios, como acontece atualmente, não está estruturada com equipamentos de lazer públicos para a comunidade. Além disso, os equipamentos existentes estão concentrados em espaços mais centrais, e as comunidades mais periféricas ficam desprovidas de espaços públicos de lazer. Outra constatação foi a não conservação de alguns dos locais visitados, que, visivelmente, ocorreu pela própria população. Aliada a isto, há a falta de manutenção regular por parte do poder público. Conclui-se, então, que a área estudada ainda está carente de equipamentos que possibilitem lazer gratuito aos moradores, visto que é preciso haver não somente uma ação dos governantes, mas também da comunidade em geral para cobrar e conservar os equipamentos já existentes.

Mapa 19 - Distribuição dos equipamentos de lazer no bairro Renascença



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.5 Zona Sul a evidência dos espaços esportivos

A zona Sul da cidade de Teresina é formada por vinte e um bairros, com uma área de 69,34 Km² e população de 211.386 habitantes. Segundo Lima (2002), a expansão da ocupação para a zona Sul iniciou-se com a urbanização da Estrada Nova, em 1877, quando esta era um caminho que ia desde a Praça Saraiva até o lugar Areias (hoje bairro da zona Sul).

Façanha (2004, p. 182) afirma que a zona sul “devido à existência de poucos obstáculos naturais, foi um vetor importante para a expansão da malha urbana, beneficiada com a implantação de serviços de infraestrutura e de políticas públicas acionadas pelo governo federal”.

Para este autor, alguns fatos que contribuíram para a ocupação desta zona foram a abertura das avenidas Barão de Gurgueia e Miguel Rosa, as quais possibilitaram a expansão de várias atividades de comércio e serviços ao longo da Zona Sul, e a instalação do Distrito Industrial, no fim dos anos 60. No que se refere ao lazer, possui os seguintes equipamentos de lazer, conforme Tabela 14 a seguir.

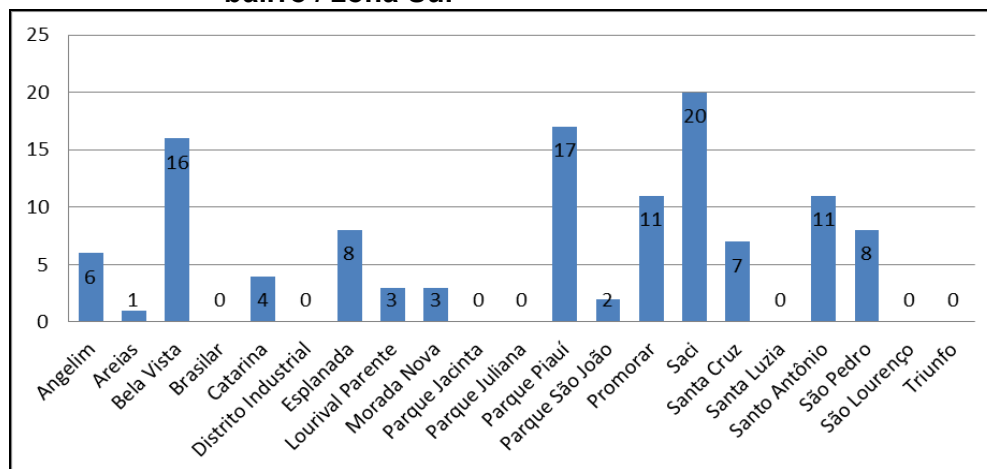
Tabela 14 - Espaços públicos de lazer da zona Sul de Teresina

Equipamentos de Lazer	Zona Sul
Academias	3
Biblioteca	1
Campos de Futebol	25
Espaços Culturais	0
Estádios/Ginásios	8
Parque Urbanos	9
Praças	60
Quadras de esportes	13
Total	119

Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

O equipamento de lazer mais presente nesta zona é a praça, assim como em todas as outras zonas pesquisadas. A zona não possui nenhum espaço cultural, ponto turístico nem biblioteca. A média de equipamentos por habitantes é de 1.806 habitantes para cada equipamento. A distribuição destes equipamentos por bairro se configura segundo apresenta-se no Gráfico 12, a seguir.

Gráfico 12 - Distribuição dos espaços públicos de lazer por bairro / zona Sul



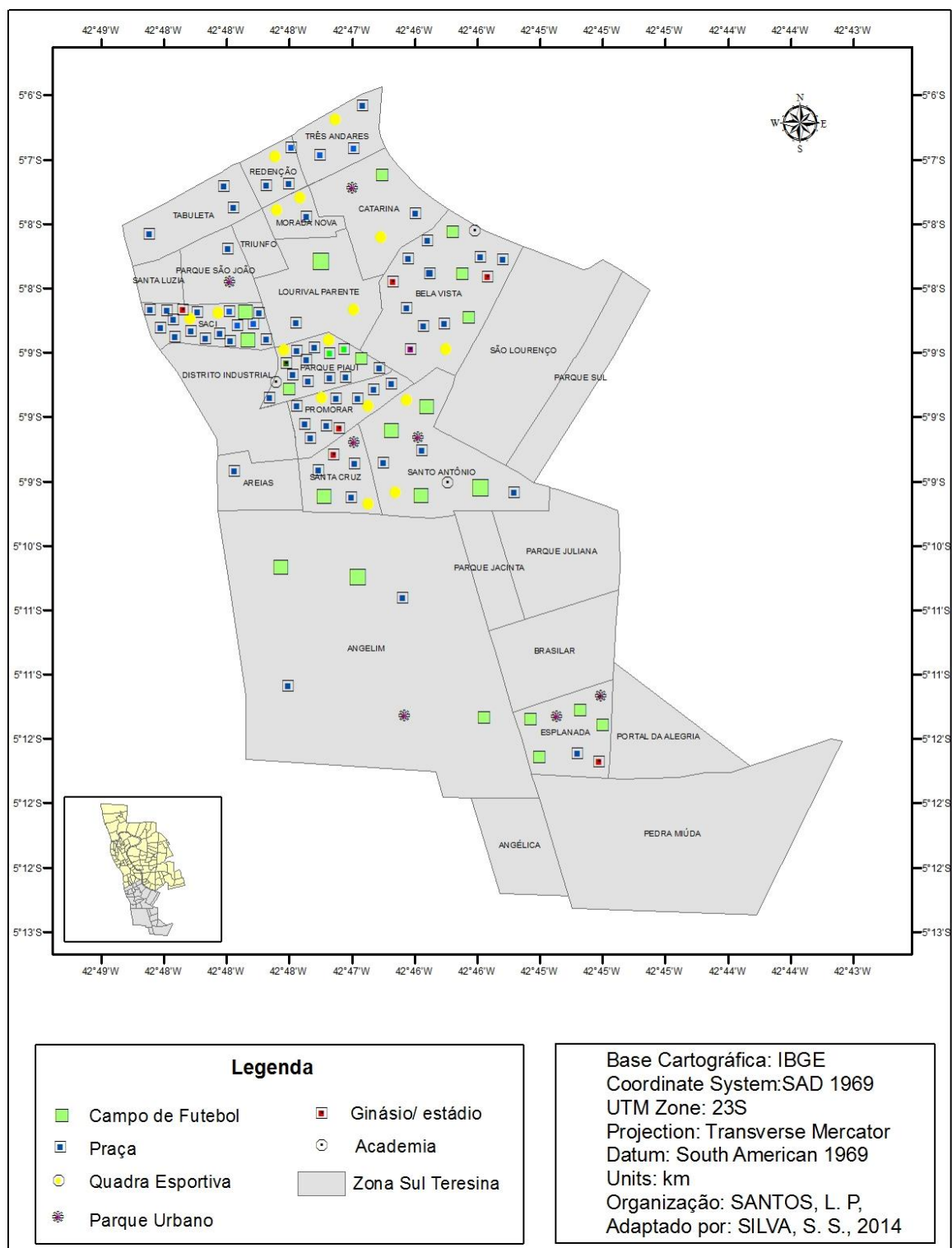
Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

A distribuição dos equipamentos de lazer na zona Sul de Teresina acontece de forma desigual, uma vez que poucos bairros concentram muitos equipamentos, como é o caso dos bairros Saci, Parque Piauí, Bela Vista, Santo Antônio e Promorar, haja vista que sete bairros desta zona não possuem nenhum tipo de equipamento. Podemos afirmar que esta distribuição não segue o critério populacional, pois o bairro mais populoso da zona, o Angelim, com 27.743 habitantes, possui apenas seis equipamentos, e o Bairro Saci, com o maior número de equipamentos, é o décimo em população. O Mapa 19, a seguir, mostra como os equipamentos estão distribuídos pela zona.

Os bairros escolhidos para a análise dos espaços de lazer foram Saci e Parque Piauí, porque, além de serem os que contêm mais equipamentos, estão entre os mais populosos da zona.

Mapa 20 - Distribuição dos Equipamentos de lazer - zona Sul da cidade de Teresina-PI

Distribuição dos equipamentos de lazer Zona Sul Teresina/PI



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.5.1 Bairro Parque Piauí

O Bairro Parque Piauí é um conjunto habitacional criado pela COHAB em 1968 com 2.294 unidades, foi um dos primeiros da cidade. Segundo Teresina (2000), sua ocupação foi dificultada, durante os sete primeiros anos, pela falta de infraestrutura. Foi ampliado, em 1977, no governo Dirceu Arcoverde. O conjunto ocupa quase toda a área do bairro, que ficou assim conhecido. Atualmente, destaca-se pelo comércio intenso e sua área de influência abrange vários bairros vizinhos.

Possui, segundo o Censo IBGE (2010), 11.307 habitantes com renda média de R\$ 2.349,35. Conforme a Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro tem os seguintes equipamentos de lazer: onze praças, dois campos de futebol, um ginásio poliesportivo, duas quadras de esportes e uma academia.

Além das observações feitas nos espaços de lazer do bairro, foram colhidos depoimentos de moradores sobre a existência e utilização destes, conforme estão dispostos no Quadro 13, a seguir.

Quadro 13 - Opinião dos moradores do bairro Parque Piauí sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	49	Comerciante	F	Frequenta a academia pública do bairro frequentemente	40	“Precisa criar mais espaços para as crianças com sinalização e segurança.”
02	28	Autônomo	M	Frequenta as quadras do bairro frequentemente	28	“Para melhorar o lazer do bairro é preciso reformar o CSU, reformar as quadras e ter mais segurança.”
03	26	Dona de casa	F	Não frequenta os espaços de lazer do bairro porque tem um filho pequeno e não tem tempo	26	“Precisa criar mais espaços para as crianças com sinalização e segurança.”
04	69	Vendedora	F	Frequenta o clube privado do bairro	40	“Para o lazer do bairro melhorar, seria necessário ter mais opções de lazer para idosos.”
05	35	Autônoma	F	Faz caminhada nas ruas, pois o bairro não possui espaço específico para tal	35	“Gostaria que fosse criado um espaço para caminhada, reforma do CSU e mais segurança.”
6	22	Estudante	M	Frequenta as quadras e o CSU	02	“Parque para crianças e reforma do CSU que é um espaço de esporte e lazer.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Foram analisadas quatro praças do bairro. Na entrada do Bairro Parque Piauí, na Avenida Henry Wall de Carvalho se localizam duas grandes praças. A primeira (Foto 117) é bem iluminada e muito arborizada. Como equipamentos, possui apenas bancos. Não tem acessibilidade. Assim como na maioria das praças pesquisadas, não havia placa de identificação, dificultando conhecer assim o seu nome (Foto 118).

A outra praça (Foto 119), localizada na entrada do bairro, é muito ampla. É bem iluminada, tem boa arborização com muito sombreamento. Como equipamentos, possui bancos (Foto 120). É de fácil acesso aos moradores, pois está localizada em uma avenida muito movimentada. Não possui acessibilidade e nem identificação.

Outra praça analisada foi a Praça São João (Foto 121). No que diz respeito à infraestrutura, não há iluminação, como também não tem acessibilidade. Conta com muitas árvores. Como equipamentos, a praça possui bancos de madeira improvisados pela população (Foto 122) e um campinho de futebol. Havia presença de muito lixo na praça, o que sinaliza que os próprios moradores do bairro jogam lixo neste local dificultando assim a sua conservação (Foto 123).

Foto 123 – Presença de muito lixo na praça



Fonte: Laudenides Pontes (out. 2012).

O Centro Esportivo e Cultural Prof. Francisco das Chagas Venâncio – “Venâncio do Parque” (Foto 124) – é localizado em uma área muito movimentada do bairro, uma vez que está em frente ao mercado público. O centro é uma grande praça onde estão instalados os seguintes equipamentos: três quadras de esportes (sendo uma de areia e duas de concreto) (Foto 125), dois campos de futebol (Fotos 126, 127), banheiros públicos (Foto 128), duas academias de ginástica (Fotos 129, 130), um palco (Foto 131), parquinho para crianças (Foto 132), bancos de madeira (Foto 133). Observou-se grande fluxo de pessoas no local.

O centro é uma grande área de lazer do bairro, o qual possibilita oportunidades de lazer para todas as idades. Possui quadras e campos para a prática esportiva, palco para eventos culturais, espaço para a caminhada. Por ser bem amplo, pode ser um local de encontro, pois há muita sombra e bancos, bem como academia de ginástica, parquinho para crianças, eventos esportivos, uma vez que o campo de futebol se encontra bem conservado.

No entanto, foi possível observar alguns problemas na sua conservação, quais sejam: os equipamentos quebrados e enferrujados nas quadras, o parquinho das crianças em péssimo estado de conservação, como também o banheiro público com muita sujeira, presença de lixo. O equipamento mais conservado é o campo de futebol que se encontra fechado e só é aberto para eventos.

Como em outras praças, o espaço do Centro Esportivo também é ocupado por atividades privadas, como bares, lanchonetes, vendedores de dvd's e até um circo (Foto 135) que estava instalado no local.

Outro ponto de lazer citado do bairro foi o Centro Social Urbano (CSU) (Foto 134), que, para muitos moradores, era um importante espaço de lazer do bairro que foi abandonado. Além disso, o local tornou-se ponto para uso de drogas; e até crimes de assassinato já aconteceram nas suas dependências.

A recuperação do espaço é uma reivindicação dos moradores do bairro, como foi noticiado na reportagem “Destruído, CSU do Piauí será complexo da polícia civil no estado” no site 180 Graus do dia 16 mar. 2014.

O Centro Social Urbano (CSU) do Parque Piauí, zona Sul de Teresina, foi inaugurado na década de 1970. Desde então, o espaço tornou-se uma opção de lazer para a população da região, mas, atualmente, o centro, que possui quadra de esportes e piscina, está abandonado e funcionando apenas com 11 cursos de qualificação. Em dezembro de 2013, o Governo do Estado retirou a administração

do CSU da Secretaria de Assistência Social (SASC) e repassou para Secretaria de Segurança. Com a mudança, o prédio irá virar um complexo da Polícia Civil. (...) esmo com a promessa de recuperação da estrutura do prédio, a população da região do Parque Piauí resolveu se manifestar e protestar pedindo que o Governo do Estado não feche o Centro Social Urbano. "O que falta aqui é uma limpeza e novos funcionários. A população não esqueceu o CSU. Ele foi esquecido pelo Governo que tirou os funcionários e deixou de prestar assistência quanto à manutenção do prédio. Antigamente, quando a gente precisava de eletricista, bombeiros e capinagem, era só pedir que no outro dia as equipes estavam aqui, mas com o tempo, fomos sendo abandonados", disse José Nascimento, funcionário do CSU desde 1989 (DISPONÍVEL EM: <<http://180graus.com/noticias/csu-do-parque-piaui-passa-a-ser-complexo-da-policia-civil-do-piaui>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

O centro possui estrutura com várias salas, pátio, quadra de esportes e piscina que se encontram totalmente abandonados tomado pelo mato e sujeira (Foto 136). Essas estruturas que poderiam ser utilizadas pela população tanto em atividades educativas como de lazer estão sendo subutilizadas, o que mostra a demora do poder público em resolver algumas demandas simples da sociedade, como a reforma de um prédio.

Foto 136 - Mato e sujeira no CSU do Parque Piauí

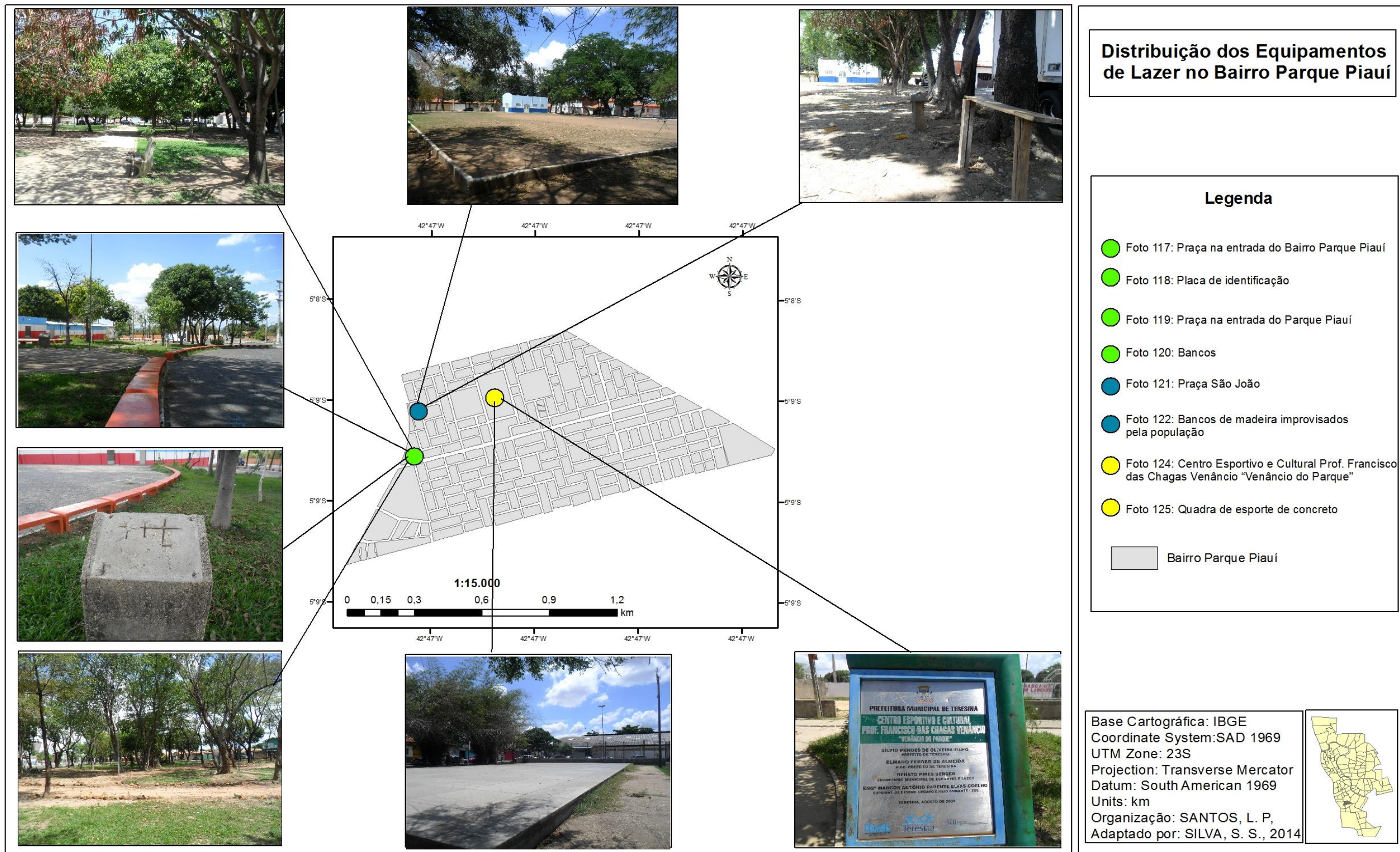


Fonte: Laudenides Pontes (jul. 2014).

Sobre a distribuição dos espaços públicos de lazer no Bairro Parque Piauí, podemos afirmar que estes se encontram principalmente na parte leste do bairro. Um ponto positivo da localidade é a existência do Centro Esportivo que reúne opção

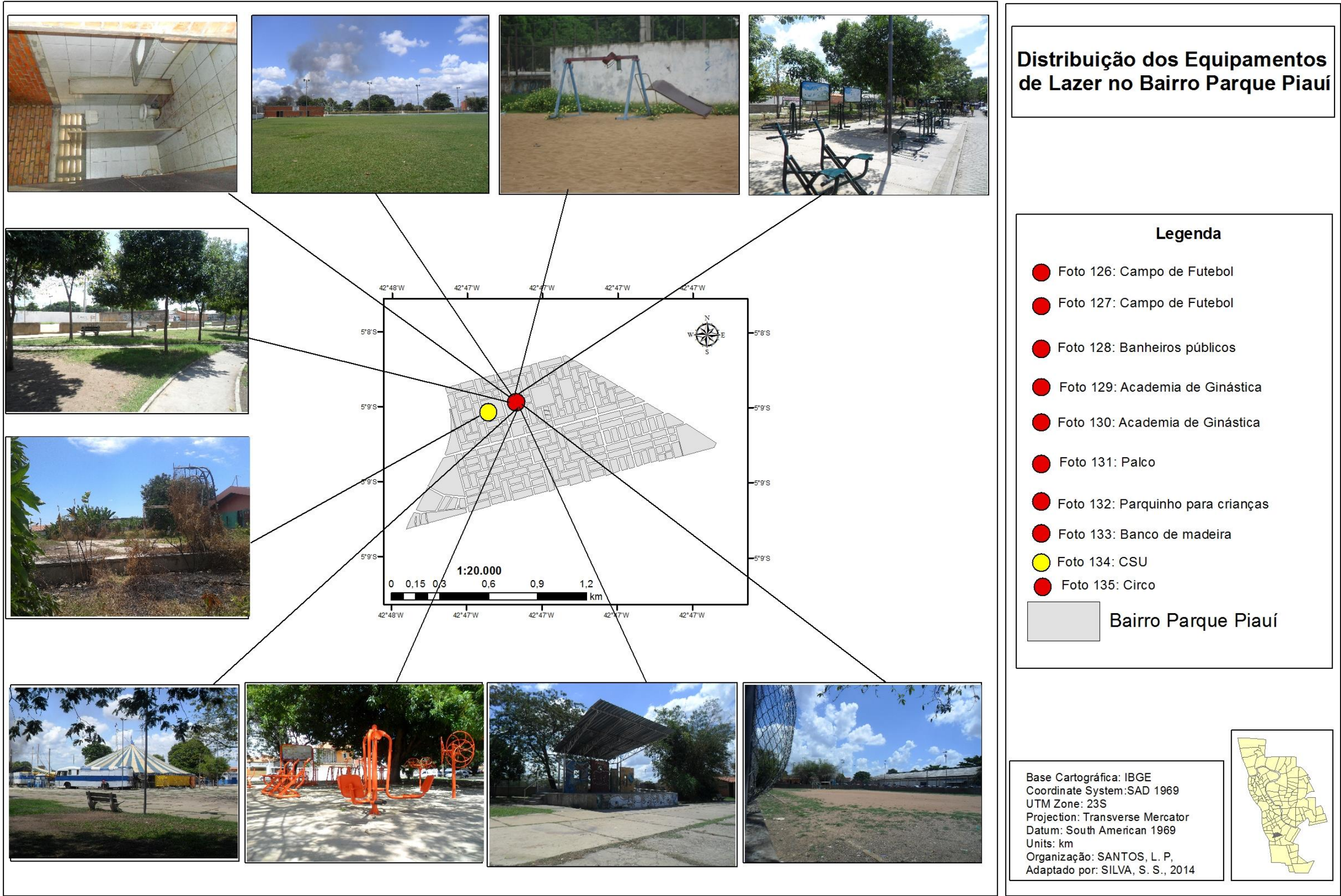
de lazer para todas as idades, como parquinho para crianças, quadras e campos para a prática esportiva, academia para atividades físicas, palco para apresentações culturais. Tem uma grande extensão que pode ser aproveitada para a prática de caminhadas. No entanto, seria necessária uma reforma para recuperar os equipamentos que se encontram mal conservados, uma política de fiscalização para que o espaço se mantenha conservado.

Mapa 21 - Distribuição dos equipamentos de lazer no Bairro Parque Piauí-a



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

Mapa 21 - Distribuição dos equipamentos Bairro Parque Piauí - b



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

5.3.5.2 Bairro Saci

O Bairro Saci é um conjunto habitacional construído em 1979. Recebeu este nome por se localizar próximo a uma fábrica de cimento com o mesmo nome. Conforme Censo (IBGE 2010), o bairro tem uma população de 8.190 habitantes com renda média mensal de R\$ 3.607,42. Segundo a Prefeitura Municipal de Teresina, o bairro conta com quinze praças, duas quadras de esportes, um estádio, dois campos de futebol e um espaço cultural.

Sobre a existência e utilização de equipamentos públicos de lazer no bairro, descrevemos no Quadro 14, a seguir, alguns depoimentos de moradores.

Quadro 14 - Opinião dos moradores do bairro Saci sobre os espaços públicos de lazer do bairro

Morador	Idade (anos)	Ocupação	Sexo	Espaços de lazer que frequenta no bairro	Tempo de residência no bairro (anos)	Opinião sobre os espaços de lazer do bairro
01	73	Bancário	M	Frequenta as praças do bairro	03	“Para melhorar o lazer do bairro é preciso criar mais academias públicas.”
02	24	Vendedora	F	Não frequenta	02	“É preciso mais praças, mais árvores.”
03	55	Militar	M	Não frequenta os espaços de lazer do bairro	28	“O poder público deveria criar áreas para corrida.”
04	40	Pedagoga	F	Frequenta as praças do bairro	04	“Deveriam ser feitas atividades dirigidas para os jovens.”
05	25	Estudante	M	Frequenta as quadras	14	“Mais aproveitamento dos espaços do bairro.”

Fonte: Pesquisa de Campo (ago. 2012).

Sobre os espaços públicos de lazer do Bairro Saci a presidente da Associação de Moradores do bairro, a Sra. Ruth Maria Sobral Matos, afirma que existem muitos espaços, no entanto, estes, não estão conservados, sem condição de uso. Afirma também que a comunidade precisa de um ginásio poliesportivo. Os espaços mais utilizados do bairro, segundo a presidente, é a Praça das Palmeiras

onde as pessoas realizam caminhadas e se exercitam na academia ao ar livre, diariamente, e o campo da Acadepol nos finais de semana. Segundo a sua observação o tipo de lazer preferido da comunidade são as atividades físicas e esporte.

No que se refere à animação destes espaços, a Sra. Ruth afirmou que o Saci fica de fora da maioria dos projetos da Prefeitura que vão para os outros bairros e acha que isso acontece por as pessoas pensarem que a comunidade do Saci tem alta renda, e, por isso, não precisa; o que, para ela, se trata de uma visão equivocada do bairro. Sobre a conservação destes espaços, afirma que deixa muito a desejar, mas acrescenta que a população faz a sua parte, principalmente os moradores do entorno das praças.

Sobre as ações que poderiam melhorar o lazer do bairro, citou a necessidade de se construir um ginásio poliesportivo, da recuperação dos espaços existentes, e da melhoria da segurança. Relatou que as pessoas têm medo de frequentar certos espaços públicos dos bairros e que os “bandidos” agem até durante o dia, assaltando as pessoas na Praça da Igreja quando saem da missa.

Seguem as análises feitas nos espaços visitados. Dentre estas praças, existem várias que são pracinhas, as quais ficam entres as casas com muitas árvores e bancos (Foto 137).

Nesta pesquisa, foram analisadas somente as praças maiores. A Praça Prefeito João Mendes (Foto 138) fica localizada em frente à Igreja Matriz do bairro, na Avenida Dr. Luiz Pires Chaves, e é conhecida pelos moradores como Praça das Palmeiras. Quanto à estrutura da praça, esta é bem iluminada e bem arborizada, tanto com árvores frondosas, que dão sombra, quanto com paisagismo, o que torna a praça muito bonita. Como equipamentos, possui bancos, palco para eventos (Foto 139), caminhos para passeio e academia de ginástica (Foto 140). Não há acessibilidade.

A praça possui placa de identificação. Observa-se, ainda, a presença de comércio na praça, *trailers* e ambulantes. A academia presente na praça possui equipamentos em bom estado de conservação.

Localizada na avenida principal do bairro, a Praça da Amizade (Foto 141) conta com bancos e muitas árvores. A iluminação existe, mas não é adequada. Como equipamentos, possui apenas bancos. Não possui acessibilidade. Por estar em local de fácil acesso, poderia ser um ponto de encontro dos moradores, no

entanto, eles afirmam que à noite é muito perigoso frequentar a praça porque esta é ocupada por usuários de drogas.

Na Rua Francisca de Melo Lobo, se localizam uma quadra de esportes (Foto 142) e um campo de futebol (Foto 143), que são conhecidos como campo da Academia de Polícia (ACADEPOL). Quanto à sua estrutura, tem iluminação, que também não está adequada, impossibilitando o uso desses equipamentos no período noturno. Há presença de muitas árvores em volta, possibilitando sombra; o campo e a quadra têm instalações hidrossanitárias através de um vestiário. No que se refere à quadra, foi possível observar equipamentos velhos e enferrujados (Foto 144). O campo conta com boa estrutura e, segundo moradores do entorno, é muito frequentado.

Foto 144 - Equipamentos enferrujados



Fonte: Laudenides Pontes (dez. 2012).

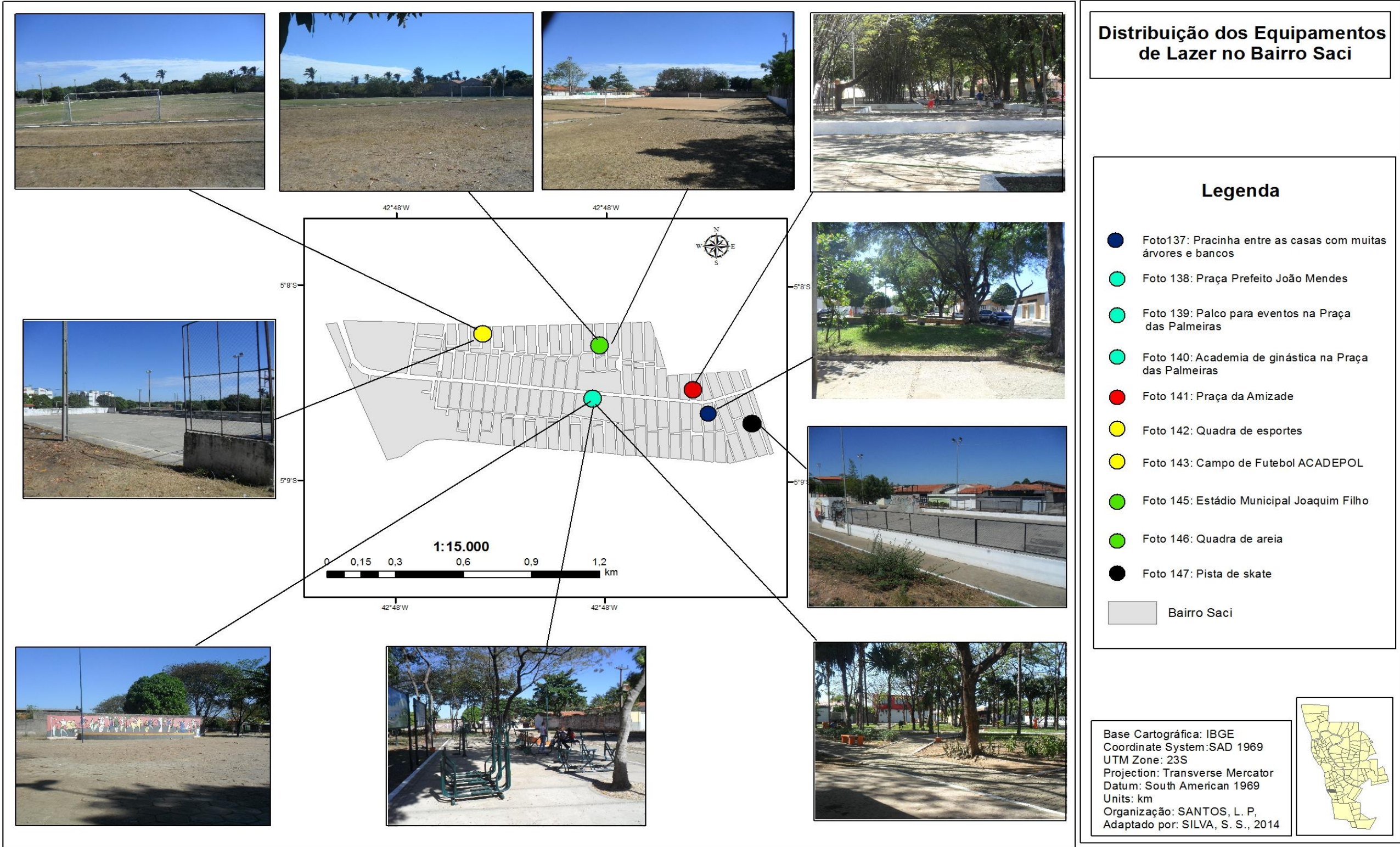
Outro espaço para o lazer esportivo, visitado no Bairro Saci, foi o Estádio Municipal Joaquim Filho (Foto 145). O estádio é formado por um campo de futebol e uma quadra de areia (Foto 146). Sua infraestrutura conta com iluminação e vestiário. O local é bem arborizado e próximo ao bairro. Não havia policiamento no local.

Apesar de não constar nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Teresina, foi observada, no bairro, uma pista de skate (Foto 147) que também pode ser considerada um equipamento de lazer.

O Bairro Saci é um dos que apresenta melhor estrutura e distribuição de espaços públicos de lazer na cidade, possui muitas praças e espaços esportivos, que estão distribuídos por todo o bairro, como pode ser visualizado no Mapa 22. No entanto, ainda são necessárias no bairro políticas no sentido de reformar e fiscalizar estes espaços, para impedir a ação de vândalos, e ainda uma melhora na segurança para que as pessoas possam usufruir deles sem medo.

Após as observações feitas nos espaços públicos de lazer do bairro e questionários aplicados nos bairros Saci e Parque Piauí, é possível afirmar que, apesar de o Bairro Saci ser um dos que possuem mais equipamentos de lazer na cidade, constatamos, ainda, uma insatisfação da população em relação a estes. Os bairros precisam de mais equipamentos, principalmente no que se refere a opções para crianças e idosos. As praças não possuem acesso para cadeirantes. A população do Parque Piauí considera o CSU um espaço propício para o lazer e solicita sua reforma; há necessidade de espaços para práticas esportivas; e, ainda, problemas de segurança e iluminação para a utilização dos equipamentos já existentes.

Mapa 23- Distribuição dos equipamentos bairro Saci



Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é produto de inúmeras relações sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Por meio de seu estudo, é possível entender um pouco mais a sociedade que nela vive. Atualmente, o surgimento e o crescimento das cidades acontecem na maioria das vezes sem um planejamento prévio; ou seja, primeiro chegam as pessoas e novos espaços são ocupados. Posteriormente, começa a busca pela infraestrutura necessária. Em outros casos, ocorre um planejamento pouco eficaz que não objetiva o bem-estar de todos os cidadãos, pelo contrário, pois está a serviço do mercado e, desse modo, acaba privilegiando as classes abastadas.

Esta lógica inversa ocasiona vários problemas estruturais, sociais e ambientais, fazendo com que a cidade seja também um lugar de conflitos e segregação. Dentre os problemas urbanos mais comuns está a falta de estrutura das cidades para atender às necessidades de seus habitantes, como, por exemplo, as de saneamento básico, segurança, transporte, moradia, saúde, educação, emprego e as de lazer.

Neste sentido, consideramos importante o estudo dos espaços públicos de lazer da cidade atual, uma vez que estes são fatores que podem contribuir para exclusão ou inclusão dos cidadãos no lazer. Além disso, a Geografia como ciência do espaço geográfico tem grande contribuição a prestar para o aprofundamento dessa análise.

Para fazer uma análise dos espaços públicos de lazer da cidade de Teresina (PI), foi traçado um longo caminho teórico e prático. No campo teórico, recorremos a autores que tratam da cidade e de sua produção, dos agentes e práticas socioespaciais que lhe dão forma, e ainda a atual dinâmica dos espaços públicos. Neste contexto, foi preciso ainda entender o que é o fenômeno do lazer, do que se trata atualmente, como surgiu e vem adquirindo importância na vida moderna, e os impasses que o seu usufruto encontra, dando destaque às barreiras espaciais.

No campo prático, foi de extrema relevância a espacialização dos espaços públicos de lazer na cidade, para contemplar a análise locacional, caracterizando a distribuição espacial. Além disso, foi possível identificar os espaços maiores e mais lembrados pelos moradores; e, por último, adentrar por uma análise mais profunda

nos equipamentos de dez bairros da cidade, procurando abranger a maior diversidade possível. Foi ainda necessário entender um pouco da história dos espaços públicos de lazer na cidade, e fazer um retrocesso para visualizar como alguns espaços já foram, deixaram ou continuam a ser utilizados. Tendo em vista que o poder público é um dos maiores responsáveis pelo espaço público, buscamos entender ainda como o lazer foi tratado ao longo dos planejamentos urbanos da cidade; e, dessa forma, entender como este assunto vem ganhando espaço na estruturação da cidade.

Muitas foram as dificuldades encontradas durante este caminho, principalmente na busca por dados precisos para subsidiar as pesquisas. Muitos números foram descobertos, por meio de documentos elaborados pelo próprio poder público; no entanto, estes sempre apresentavam discrepâncias, o que nos colocou frente a uma grande dúvida: – O poder público realmente sabe quantos, onde estão, qual a denominação de todos os espaços públicos de lazer da cidade? Diante deste questionamento, elegemos o documento *Teresina em Bairros* (2013), da Prefeitura Municipal de Teresina, como norteador da pesquisa, posto que era o único que apresentava esses números para cada bairro; e assim atendia de forma mais aproximada o nosso objetivo de fazer uma espacialização para a cidade como um todo.

Outra dificuldade encontrada foi na realização das observações, em alguns dos espaços visitados; o clima de insegurança era tamanho que não foi possível permanecer o tempo desejado. E o simples fato de tirar a câmera para fazer o registro fotográfico já consistia em risco de sermos assaltados. Desejávamos ainda entrevistar os representantes das Associações de Moradores dos dez bairros pesquisados, contudo, só encontramos três; nos outros bairros não há sede ou não há representante, porque não houve candidatos à eleição, e se houve ninguém conhece; o que demonstra a situação de enfraquecimento por que passam as associações comunitárias atualmente.

Além disso, nos consideramos desbravadores, uma vez que a Geografia, apesar de possuir grande potencial para a análise do lazer, ainda oferece tímida contribuição; e este ainda é um campo pouco tratado por esta ciência, por isso, foi preciso buscar subsídios em outras ciências, sobretudo na Sociologia.

Não obstante essas dificuldades, como produto, alcançamos o nosso objetivo principal, que foi analisar a distribuição dos espaços públicos de lazer da cidade de

Teresina; e, como resultado, encontramos uma cidade que ainda não conseguiu oferecer de forma qualitativa e quantitativa estes espaços. Quantitativa, pois o número de espaços ainda é pequeno para a população, totalizando, em média, um equipamento para cada 1.582,6 habitantes; o que, se fossemos analisar em termos de uso, resultaria em uma sobrecarga para qualquer tipo de equipamento. Além disso, há bairros em que esta média é de mais de três mil pessoas para um espaço, acrescentando-se a isso a ausência de espaços públicos em alguns bairros.

Quanto ao aspecto qualitativo dos espaços públicos de lazer, foi possível observar que a maioria dos espaços encontra-se com algum problema, seja de conservação dos equipamentos nele presentes, limpeza, iluminação. Foram encontradas lâmpadas que não funcionam, equipamentos esportivos quebrados e enferrujados, presença de mato ou lixo. Este quadro demonstra que estes espaços sofrem duplo abandono primeiro por parte dos órgãos públicos que não adotam medidas eficientes de conservação e fiscalização; e, segundo, por parte da própria comunidade que nem sempre exerce seu papel na conservação destes.

A pesquisa acabou sendo bastante ampliada em relação ao projeto original, pois houve a necessidade de propor uma classificação para os espaços públicos de lazer de Teresina, com o objetivo de contribuir para uma análise mais aprofundada destes espaços. Como resultado, propusemos três categorias de espaços públicos de lazer em Teresina, partindo de uma escala mais ampla para uma mais reduzida, na qual identificamos: dezessete Espaços Públicos de Lazer da Cidade; sete Espaços Públicos de Lazer das Zonas Urbanas da Cidade e Espaços Públicos de Lazer do Bairro, que são aqueles menores que atendem, sobretudo, à população do bairro onde se localizam.

Esta pesquisa analisou o lazer, qualificando-o e espacializando-o; entretanto, não aprofundou o estudo das práticas socioespaciais que neles ocorrem, uma vez que demandaria outras metodologias e abordagens, ampliando demais o escopo da tese. Mesmo assim, algumas questões foram abordadas, tanto por meio do resgate histórico do lazer desde o surgimento de Teresina, quanto pela opinião da população sobre suas preferências de formas de lazer; ou seja, como conhece, frequenta e conserva estes espaços. Ressalte-se, entretanto, que observamos que as práticas socioespaciais apresentam peculiaridades, nos modos de apropriação dos espaços de lazer pelos moradores, nas diferentes zonas da cidade, as quais necessitam de novos estudos mais específicos.

O lazer contribui de forma significativa para a apropriação dos espaços públicos da cidade, e, conseqüentemente, para uma vivência mais significativa da cidade, pois o indivíduo amplia sua escala para além de sua própria casa, conhecendo a rua, o bairro, a cidade. Algumas dinâmicas visíveis no espaço público revelam muito sobre a sociedade, como, por exemplo, o crescimento da violência, a mercantilização, o seu abandono e desvalorização pelos próprios usuários.

Na cidade de Teresina houve significativa mudança nessas últimas décadas, nos espaços de lazer. As praças eram espaços públicos, muito utilizados para o lazer, mas estão perdendo este papel; muitas se tornaram lugares perigosos, ou se tornaram local de passagem ou comércio. Os rios continuam sendo uma opção de lazer; contudo, há restrições, em razão da segurança e da qualidade da água. Os espaços culturais da cidade encontram-se ainda centralizados, mas com algumas iniciativas nos bairros mais periféricos. Atualmente há uma valorização das atividades físicas e esportivas como lazer, o que demanda outros tipos de espaços públicos como pistas de caminhadas, parques e academias de ginástica.

Sobre a forma como o lazer foi tratado nos planos urbanos de Teresina, constatamos que, apesar de se ter um avanço no sentido de incluir o lazer como um componente para a qualidade de vida na cidade, estes planos tratam o assunto de forma geral sem considerar as especificidades encontradas na cidade, uma vez que, não observam as especificidades dos diferentes lugares, planejando-a como se ela fosse um todo homogêneo.

Constatamos ainda que a segregação espacial se dá também na esfera do lazer, o que é visível na cidade de Teresina, uma vez que este tem tido pouca atenção da esfera pública e tem sido valorizado pela esfera privada. Se por um lado aparecem mais espaços privados que possibilitam todos os tipos de divertimento, os espaços públicos enfrentam os problemas já mencionados. Além disso, destacamos que os espaços públicos melhor equipados encontram-se em zonas com população de maior renda.

Alguns aspectos chamaram a atenção durante esta pesquisa, os quais destacaram a seguir:

- 1 Verificamos que predomina na cidade o interesse nas atividades físicas através do esporte, notadamente o futebol; e as atividades sociais

caracterizadas pelo convívio social com amigos e familiares, o que requer investimentos em espaços que possibilitem esses lazeres.

2 O espaço público de lazer em maior número são as praças, as quais somam 250 dos existentes na cidade; dos treze espaços culturais existentes na cidade de Teresina, onze estão localizados na zona centro.

3 A zona com menos equipamentos é a Sudeste, apesar de apresentar uma forte expansão urbana.

4 Há uma má distribuição desses equipamentos dentro das zonas, ou seja, alguns bairros centralizam os espaços enquanto outros não os possuem.

5 Faltam espaços que atendam crianças, idosos, portadores de necessidades especiais.

6 Falta animação nos espaços existentes.

7 A violência é uma grande barreira na apropriação dos espaços públicos de lazer da cidade.

Diante desta realidade, é possível afirmar que o lazer na cidade de Teresina está se tornando cada dia mais uma mercadoria, haja vista que os espaços públicos não conseguem atender a essa necessidade da população, principalmente a mais pobre, que paradoxalmente tem menos recursos para buscar outras formas de lazer.

Este quadro é fruto de vários processos, pois o lazer como fato social só pode ser analisado em conjunto com as demais dinâmicas da sociedade. Neste contexto, destacamos algumas questões que devem entrar na pauta dos novos planos municipais:

- A mudança que os espaços públicos vêm sofrendo atualmente, a crescente violência nas cidades.
- O desenvolvimento tecnológico que oferece novos produtos para o lazer.
- A ineficiência do poder público em dotar as cidades de espaços públicos que estejam perto da comunidade e atendam suas reais necessidades.
- A falta de consciência de alguns moradores que não contribuem para a conservação dos espaços existentes.

- A ação de agentes que tratam o espaço como mercadoria e não como um bem social. Muitas outras questões foram apontadas ao longo desta tese, e certamente não tivemos a pretensão de esgotá-las.

Acreditamos em uma cidade que busque possibilitar o lazer de qualidade para a maior parte de sua população; para tanto, tem que privilegiar políticas públicas que prezem não só pela quantidade de espaços, mas por práticas mantenedoras de conservação, segurança, animação desses espaços. É necessário ainda que estes espaços sejam construídos em lugares com concentração populacional ou que tenham muitas vias de comunicação, tais como: linha de ônibus que permita o acesso do maior número possível de pessoas. Além disso, devem considerar a diversidade do perfil populacional, como, por exemplo, as crianças, os idosos e os portadores de necessidades especiais.

Por fim, é preciso ainda acompanhar as mudanças sociais que implicam novas atividades e novos tipos de espaços; e, sobretudo, prezar pela segurança pública, uma vez que esta influencia diretamente o espaço público. Entendemos também que estas demandas não podem ser atribuídas como responsabilidade única do poder público, mas deve ser compartilhada por toda a sociedade, só assim o lazer poderá ser vivido de forma plena nos espaços públicos da cidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, I.G. **O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- ALMEDIDA, Marco Antônio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luís. **O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização.** São Paulo: Phorte, 2011.
- ARAÚJO, J. L. L. A verticalização como segregação espacial em Teresina. **Revista Espaço e Tempo**, Teresina, UFPI, v. 1, n. 3, 1993.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. O cotidiano num ritmo de trabalho e lazer. **Cadernos de Teresina**, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano IX, n. 20, ago. 1995.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- AZEVEDO, Ricardo José Gontijo. **O espaço público nas cidades médias: análise da dinâmica socioespacial de praças e parques em Limeira-SP.** Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Parnaíba e São Francisco – CODEVASF. **Plano de Ação Integrado e Sustentável para a RIDE Grande Teresina.** Produto II: Diagnóstico Situacional Participativo, 2013.
- CAMARGO. Luiz O. Lima. **O que é lazer.** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CAMPOS, Letícia Ferro Gomes Madeira. **Da unha de gato ao florescer do caneleiro: análise do processo de elaboração da Agenda 21 local: Agenda 2015 - Plano de desenvolvimento sustentável.** Dissertação (Mestrado) – UFPI PRODEMA TROPEN, Teresina-PI, 2011.
- CARLOS, Ana F. A. de. Repensando a geografia urbana: uma nova perspectiva se abre. In: CARLOS, Ana F. A. de (Org.). **Os caminhos da reflexão da cidade e do urbano.** São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Espaço-tempo na metrópole.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. As formas de lazer da cidade. **Cadernos de Teresina**, ano VIII n. 18 dez. 1994.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Teresina na primeira década do século XX. **Cadernos de Teresina**, ano IX, n. 19, abr. 1995. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A cultura física e prática do futebol em Teresina no começo do século XX. **Cadernos de Teresina**, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 22 abr. 1996.

CASTELO BRANCO, Antonio Frederico Vilarinho. **A ação do Estado e do mercado imobiliário no processo de segregação espacial em bairros da zona leste de Teresina**. 190 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papirus, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: SPOSITO, Maria E. B. , SOUZA, Marcelo L. de, CARLOS, Ana F. A., **A produção do espaço urbano**: agentes e processo, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Rita Dione Araújo. Os espaços públicos abertos e as leis de uso e ocupação: uma questão de qualidade para ambientes sustentáveis. **Anais...** apresentado no III Encontro Nacional Sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis (ENECS), 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução de Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

F. D., ANTONIO FILHO; DEZAN, M. D. S. Metodologias de pesquisa e procedimentos técnicos: considerações para o uso em projetos de pesquisa em Geografia. In: **Climatologia e estudos da paisagem-CLIMEP**, v. 4, p. 79-92, 2009.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina**: agentes, processos e formas espaciais da cidade. Recife-PE. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

_____. **Desmitificando a geografia**: espaço, tempo e imagens. Teresina: EDUFPI, 2004.

_____. Gestão urbana e dilemas no poder local: interinidade e dispersão em Teresina (PI). **Revista de Geografia**. Recife, v. 24, n. 1, p. 77-97, jan./abr. 2007.

_____. Entender a cidade: os ritos de suas transformações, as linguagens do engenho humano organizando o espaço da convivência e as dimensões de suas múltiplas existências e existencialidades. **Jornal O Dia 150 anos de Teresina**, 2012.

FAÇANHA, Antônio Cardoso; VIANA, Bartira A. da S. Planejamento e gestão urbana em Teresina (PI): notas da Agenda 2015 como plano diretor. **Revista Equador**, (UFPI), vol. 1, n.1, p. 60-78, jun./dez. 2012.

FARRET, Ricardo L. (Org.). **O espaço da cidade**: contribuição à análise da cidade. São Paulo: Projeto, 1985.

FRANÇA, Katylenin. Parque Lagoas do Norte recebe milhares de pessoas no fim de semana. **Jornal O Dia**, 2 de jul. 2012. Caderno em Dia, p. 1.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. O silêncio das cidades: os espaços públicos sob ameaça, a democracia em suspensão. In: **Cidades, Revista Científica**, Presidente Prudente, v. 2, n. 4, p. 249-265, 2004.

_____. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. **Lazer no Brasil**: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. Movimento Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades** – REGIC. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KALLAS, Luna Miranda Esper. Parques urbanos de Teresina: diagnóstico e recomendações. **Cadernos de Teresina**, ano XVIII, n. 37, ago. 2005.

_____. **Desenhando o clima e a vegetação**: um estudo de caso do loteamento HBB em Teresina-PI. 2008. 167p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Breve histórico do espaço urbano como campo disciplinar In: FARRET, Ricardo Libanez. **O espaço da cidade: contribuição à análise urbana**. São Paulo: Projeto, 1985.

LEFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 178 p. Tradução de Sérgio Martins e revisão técnica de Margarida Maria de Andrade.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ágape, 1991. Tradução de Alcides João de Barros.

_____. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 83, dez. p. 35-54, 2008.

LIMA, Antonia Jesuita de. Gestão urbana e os planos diretores participativos: o que apontam os dados? Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (11:2011: Salvador, BA). **Anais eletrônicos** do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, BA, 07 a 10 de agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia.

LIMA, Paulo H. G de. **Promoção imobiliária em Teresina/PI: Uma análise do desenvolvimento da produção privada de habitações – 1984/1999**, Recife, 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.

_____. **Mapa da localização geográfica de Teresina**. Teresina: 2009.

_____. **Poli-centralidade em Teresina: ocorrência e características**, Rio Claro, 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista.

LIMA, Dália Maria Maia Cavalcanti de. **O espaço de todos, cada um no seu lugar: o uso dos espaços públicos destinados ao lazer em Natal**. 2006. 250p. Tese (Doutorado em ciências sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. **Rupturas permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990**. 2006. Dissertação (Mestrado) – UFPI, 111p.

LIMA, Iracilde M. de Moura Fé. Revalorizando o verde em Teresina: o papel das unidades ambientais. **Cadernos de Teresina**: FCMC, ano X n. 24, dez. 1996.

_____. Teresina: urbanização e meio ambiente. **Revista Scientia et Spes**, Teresina: ICF, v. 1, n. 2, p. 181-206, 2002.

LIMA, Nilsângela. Luz elétrica: Estão iluminados o passeio público: bares, cafés e cinemas. In: FONSECA NETO et al. Teresina 150 anos: 1852-2002. Teresina, **O Dia**, p. 129-132, 2002.

MACHADO, Roselis R. B. M., PEREIRA, Eugênia C. G., ANDRADE, Laise de H. C. Evolução temporal (2000-2006) da cobertura vegetal na zona urbana do município de Teresina-PI. **REVESBAU**, Piracicaba-SP, v. 5, n. 3, p. 97-112, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas-SP: Papirus, 2001.

_____. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho, BARBOSA, Felipe soligo, MARIANO, Stephanie Helena. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas-SP: Alínea, 2008.

MARICATO, E. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARQUES, Beto. Wi-fi grátis: praças de Teresina terão pontos de internet abertos ao público, **Jornal O Dia**, 1 nov. 2013, Caderno em Dia , p. 4.

MASCARENHAS, Gilmar. Contribuições da Geografia para o estudo do lazer. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). **Lazer**: olhares multidisciplinares. Campinas-SP: Alínea, 2010.

MATOS, Fátima Loureiro de. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade Porto. **OBSERVATORIUM - Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, n. 4, p.17-33, jul. 2010.

MELO, Victor Andrade de e PERES, Fabio de Faria. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. **Movimento**, Porto Alegre: UFRGS, vol. 11, n. 3, p. 127-151 , 2005.

MORAES, A. A. G. de; BERETA, A. S.; CALIXTO, M. J. M. S.. Entre o público e o privado: uma discussão sobre a apropriação das calçadas. In. CALIXTO, M. J. M. S. **O espaço urbano em redefinição**. Dourados, MS: UFGD, 2008.

MULLER, A. Lazer, desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma ideia. In: MULLER, A; DACOSTA, L. P. (Org.). **Lazer e desenvolvimento regional**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 9-40.

NERES, Christiane Carvalho; ARAÚJO, Raimundo Lenilde. Um olhar sobre Teresina a partir da Cartografia Urbana e Evolução dos Mapas. In: Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, 3, São Paulo. 2010. **Anais Eletrônicos**. São Paulo: USP, 2010.

OLIVEIRA, Livânia Norberta de; SILVA, Carlos Ernando da. Qualidade da água do rio Poti e suas implicações para atividade de lazer em Teresina-PI. **Revista Equador UFPI**, vol. 3, n. 1, p. 128-147, jan./jun. 2014.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri; LOMBARDO, Magda Adelaide. **No “clima” do consumo:** implicação do consumo nas mudanças climáticas globais. Rio Claro: Divisa, 2011.

PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer.** São Paulo: Cortez, 2006.

PEREIRA, Sofia Laurentino Barbosa; NOGUEIRA, Samuel Soares Campos. CIDADE E IDENTIDADE: uma análise do projeto de revitalização do centro de Teresina. **Revista Equador**, UFPI, vol. 2, n. 2, p. 84-99, jul./dez. 2013.

PIMENTEL, Járabas. Escravidão abolida, dominação afirmada: In: FONSECA NETO et al. **Teresina 150 anos: 1852-2002.** Teresina: O Dia, 2002.

PINTO, Leila Mirtes S. de M. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história para contar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas de lazer.** Campinas-SP: Alínea, 2008.

PONTES, Daniele Regina et al. **Revisão do Plano de Habitação de Interesse Social do Piauí.** Curitiba: Ambiens, 2010.

POTY, Clarissa, J Praças perdem o apelo do lazer. **JORNAL O DIA**, 27 mar. 2011, Caderno Domingo, p. 04 .

QUEIROZ, Ivan da Silva. A cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva:** ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

REIS, Carla de Brito. Os novos lugares de lazer na metrópole do Rio de Janeiro. In: SILVA, C. A. da; FREIRE, G., OLIVEIRA, J. G. de. (Org.). **Metrópole:** governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: Faperj, 2006.

REIS FILHO, Antonio Aderson. **Análise integrada por geoprocessamento da expansão urbana de Teresina com base no estatuto da cidade:** estudo de potencialidades, restrições e conflitos de interesses. 279 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociencias, Minas Gerais, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, Arlete Moyses. **Geografia e violência urbana.** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva:** ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Debate – o trabalho na cidade. In: CARLOS, Ana F. A.; LEMOS, Amália I. G. **Dilemas urbanos:** novas abordagens sobre a cidade. (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, Rodrigo da Silva. **Planejamento urbano em Teresina:** análise das projeções de expansão urbana. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. Teresina: espaços marginais e desfiguração. **Cadernos de Teresina**, FCMC, ano XI, n. 27, abr. 1997.

SABOYA, Renato. O Surgimento do planejamento urbano. **Revista Urbanidades**. 2008. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/03/o-surgimentodoplanejamento-Urbano>>. Acesso em: 3 set. 2014.

SANTINI, R. de C. G. **Dimensões do lazer e da recreação**. São Paulo: Angelotti, 1993.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Espaço e sociedade**. 2. ed. Petrópolis: vozes, 1982.

_____. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Huitec, 1999.

_____. **Manual de Geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SCARLATO, Francisco Capuano. População e urbanização brasileira. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

SERPA, Angelo. A ampliação do consumo e os conflitos entre o público e o privado na cidade contemporânea: questões para debate. In: CARLOS, Ana F. A.; LEMOS, Amália I. G. (Org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea. In: VASCONCELOS, Pedro Almeida de; CORREA, Roberto Lobato; PINTALDI, Silvana Maria (Org.). **A cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Edima Aranha. Lazer nos espaços urbanos. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, Três Lagoas-MS, v. 1, n.1, p. 54-68, 2004.

SILVA, José Barzacchiello da. Discutindo a cidade e urbano: temas para debate. In: COSTA, Maria C. L. ; SILVA, J. B; DANTAS, Eustógio W. C. (Org.). **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação a apropriação. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 19, p. 93-111, 2006.

_____. Apontamentos para uma proposta teórico-metodológica para análise dos espaços públicos em cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUSA, Claise Anne Viana. O Parque Municipal da Floresta Fóssil do rio POTi. **Cadernos de Teresina**, CMC, ano VIII n. 17 ago. 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUSA, Cícero Rodrigues de. **As políticas de turismo em Teresina como fator de desenvolvimento econômico e social na perspectiva do desenvolvimento sustentável**. Dissertação (Mestrado) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: SPOSITO, Eliseu S. (Org.). **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GAsPERR, 1999, p. 13-29.

SPOSITO, Eliseu Silvério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Políticas públicas: teoria, prática e ideologia. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento - SEMPLAM. **Aspectos e características - perfil 1993**. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1993.

TERESINA. LEI 3.151 de 23 de Dezembro de 2002. Institui o Plano de Desenvolvimento Sustentável - Teresina **Agenda 2015** como plano diretor de Teresina.

_____. **Teresina Agenda 2015**: Plano de Desenvolvimento Sustentável. Teresina: PMT, 2006.

_____. **Teresina Agenda 2015**: Plano de Desenvolvimento Sustentável - Síntese. Teresina: PMT, 2002a.

_____. **Teresina Agenda 2015**: a cidade que queremos. Diagnósticos e cenários – Habitação. Teresina, 2002b.

_____. **Lei 3.264, de 9 de janeiro de 2004**, expande a zona urbana de Teresina ao norte do bairro Aroeiras e prescreve as zonas de uso da área expandida. 2004.

_____. **II Plano Estrutural de Teresina**. PMT, 1988.

_____. **Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano**. Relatório 1: Alternativas de Desenvolvimento. PMT, 1983a.

_____. **Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano**. Relatório 2: Formulação de Políticas e Estratégias. PMT, 1983b.

_____. **Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano**. Relatório 3: Consolidação das Políticas e Estratégias. PMT, 1983c.

_____. **I Plano Estrutural de Teresina**. Volume I. PMT, 1977a.

_____. **I Plano Estrutural de Teresina**. Volume II. PMT, 1977b.

_____. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado**. PMT, 1969.

_____. **Perfil de Teresina**: econômico, social, físico e demográfico. Teresina: Secretaria Municipal de Desenvolvimento econômico e turismo. SEMDEC. Prefeitura Municipal de Teresina, 2010.

_____. **Plano Local de Habitação de Interesse Social – PLHIS de Teresina**: estratégias e ações. Consplan Semplan: Teresina, 2012.

TERESINA. Agenda 2030. **Teresina 2000 a 2010: Diagnóstico - Avanços - Desafios**. Secretaria Municipal de Planejamento e Avaliação de Teresina. Prefeitura de Teresina. 2013.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento - SEMPLAM. **Teresina: área de influencia econômica e produto interno bruto**. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 2014.

TITTO, Wedner. Teresina tem uma biblioteca pública para cada 100 mil habitantes. **Jornal O Dia**, 1 abr. 2012, Caderno Domingo, p. 8.

VIANA, Bartira Araújo da Silva. O sentido da cidade: entre a evolução urbana e o processo de verticalização. **Carta Cepro**, Teresina, v. 23, n. 1, 2005.

VILARINHO, Marco. Teresina: costumes e manias. **Jornal O Dia**, Teresina 30 jul. 2002. Caderno Especial. p. 3-5.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço Intraurbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2013**: homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, 2013.

POPULAÇÃO OPTA POR LAZER ALTERNATIVO NA PERIFERIA: circuitos oficiais de diversão excluem bairros distantes. **Jornal O Dia**, 10 jun. 1996. Caderno Cidades, p. 10.

POTYTABANA SE TORNA OPÇÃO DE LAZER EM TERESINA. **Jornal O Dia**, 19 jun. 1995. Reportagem, p. 2.

SITES CONSULTADOS

MARTINS, Josiel. **Medo da violência coloca Teresina entre as capitais mais inseguras do país**. Pesquisa mostra que o medo de ser vítima de bandidos mudou os hábitos dos brasileiros (Reportagem). 25 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.portalodia.com/noticias/policia/medo-da-violencia-coloca-teresina-entre-as-capitais-mais-inseguras-do-pais-145777.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento-SEAMPLAM. **Teresina em Bairros - 2013**. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 2013. Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br/teresina-em-bairros>>. Acesso em 17/07/2013

http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/teresina_pi#idh Acesso em 17/07/2013

IBGE. <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=22&search=piaui>> Acesso em 17/07/2013

Apêndices

APÊNDICE A – QUADRO DE OBSERVAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS- IGCE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUADRO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER

IDENTIFICAÇÃO: _____

BAIRRO: _____

ENDEREÇO: _____

ILUMINAÇÃO	OBSERVAÇÕES
() Existe e é adequada () Existe e não é adequada () não existe	
SEGURANÇA	OBSERVAÇÕES
() Existe e é adequada () Existe e não é adequada () não existe	
ARBORIZAÇÃO	OBSERVAÇÕES
() Existe e é adequada () Existe e não é adequada () não existe	
EQUIPAMENTOS	OBSERVAÇÕES
() Existe e é adequada () Existe e não é adequada () não existe	
INSTALAÇÕES HIDROSANITÁRIAS	OBSERVAÇÕES
() Existe e é adequada () Existe e não é adequada () não existe	
ACESSIBILIDADE	OBSERVAÇÕES
() próximo ao bairro () distante, mas existe transporte coletivo	
EXISTE ATIVIDADES NO LOCAL	OBSERVAÇÕES
() raramente () frequentemente	
OUTRAS OBSERVAÇÕES	

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS-
IGCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO

Este questionário constitui instrumento da pesquisa intitulada: OS ESPAÇOS DO LAZER URBANO NA CIDADE DE TERESINA-PI. Para tanto contamos com a sua colaboração.

01. IDADE: _____
02. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
03. BAIRRO ONDE MORA: _____
04. TEMPO DE RESIDENCIA NO BAIRRO: _____
05. PROFISSÃO: _____
06. QUE ATIVIDADES DE LAZER VOCÊ PREFERE/

() esporte / jogos	() TV, rádio, internet
() festas	() outros Quais? _____
() convívio social com amigos ou familiares	
() passeios ou atividades ao ar livre	
07. QUE TIPOS DE AREAS DE LAZER ESTE BAIRRO OFERECE AOS SEUS MORADORES?

() praças
() ginásios poliesportivos
() locais para caminhadas e atividades físicas
() quadra de esportes
() teatro
() cinema
() clubes
() outros Quais? _____
08. VOCE FREQUENTA ALGUM DESTES LOCAIS?

() sim. Qual? _____
() não. Por quê? _____

() outros Quais? _____

09.COM QUE FREQUENCIA VOCE FREQUENTA ESTES LOCAIS?

- () raramente
() frequentemente

10. EXISTEM ATIVIDADES ROTINEIRAS DESENVOLVIDAS NAS ÁREAS DE LAZER DO SEU BAIRRO?

- () sim
() não

11. VOCE FREQUENTA ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM OUTROS BAIRROS DA CIDADE?

- () sim
() não

Por que? _____

12. OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DO SEU BAIRRO SÃO BEM CONSERVADOS?

- () sim
() não

Por que? _____

13. EM SUA OPINIÃO OS MORADORES DESTE BAIRRO CONTRIBUEM PARA A CONSERVAÇÃO DAS ÁREAS DE LAZER DESTE BAIRRO?

- () sim
() não

Por que? _____

14. EM SUA OPINIÃO O QUE PODERIA SER FEITO PARA MELHORAR O LAZER DESTE BAIRRO?

**APÊNDICE C – ENTREVISTA DIRIGIDA AO SECRETÁRIO DE LAZER DA
CIDADE DE TERESINA-PI**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS-
IGCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ENTREVISTA

ENTREVISTADO: _____

ORGÃO: _____

DATA DA ENTREVISTA: _____

Esta entrevista constitui instrumento da pesquisa intitulada: OS ESPAÇOS DO LAZER NA CIDADE DE TERESINA-PI. Para tanto contamos com a sua colaboração.

01. Que ações do poder público possibilitam áreas de lazer urbano para a população?
02. Como é feita a escolha dos bairros para a implantação dos equipamentos de lazer?
03. Como é feita a manutenção dos equipamentos de lazer?
04. Como é feita a animação dos equipamentos de lazer?
05. Por que existem bairros com insuficiência de equipamentos de lazer ou com equipamentos mal conservados?
06. A comunidade participa da escolha dos tipos e da localização dos equipamentos de lazer no seu bairro?

APÊNDICE D – RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM SECRETÁRIO DE LAZER

Entrevista com o secretário de lazer Sr. Roberto Veloso. Realizada em 06/12/2012

01. Além da construção de quadras, ginásios esportivos e academias populares a secretaria promove campeonatos esportivos nas quadras e ginásios fornecendo material esportivo (vestuário, premiação). Além disso, a secretaria promove o trenzinho da alegria para as crianças, com animadores e professores de educação física (conforme solicitação dos bairros). Atualmente o trenzinho da alegria vai todos os sábados para as lagoas do norte.
02. A comunidade solicita a construção de equipamentos de lazer no orçamento popular. A solicitação é encaminhada para as SDUs que são responsáveis pela parte de construção ou pode ser feita com o orçamento da secretaria de lazer. O secretário afirma que quanto maior for a organização política da comunidade e o seu poder de reivindicação a comunidade é mais beneficiada.
03. A manutenção: segundo o secretário a política adotada pela gestão atual é de conservar os equipamentos existentes antes primeiro e só depois construir novos. Afirma ainda que a comunidade nem sempre colabora com a manutenção. O secretário afirma que é muito cara manutenção principalmente nos campos que necessitam de nivelamento e reposição dos alambrados periodicamente. As academias populares também precisam de manutenção para conserto periódico dos aparelhos. O secretário afirmou que são priorizadas as academias, nas quais são feitas manutenções mensais. Sobre os ginásios, o secretário afirma que apesar de possuírem administrador é muito difícil sua manutenção.
04. Animação: campeonatos esportivos
05. Pois depende do poder de organização política do bairro. A manutenção não consegue acompanhar o poder depredatório da própria comunidade.
06. Participa através do orçamento popular ou associações de bairros que podem reivindicar diariamente na secretaria de lazer
07. OBSERVAÇÕES: para o orçamento de 2013 foram previstas ciclovias, pistas de caminhada, parques infantis.
O secretário afirma que nem sempre é possível construir equipamento onde a comunidade requer, pois é preciso obedecer leis que regem a construção em locais públicos.



APÊNDICE E – ENTREVISTA DIRIGIDA AOS PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS-IGCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ENTREVISTA

ENTREVISTADO: _____

ORGÃO: _____

DATA DA ENTREVISTA: _____

Esta entrevista constitui instrumento da pesquisa intitulada: OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NA CIDADE DE TERESINA-PI. Para tanto contamos com a sua colaboração.

01. O senhor (a) considera suficiente os espaços públicos de lazer existentes no seu bairro?
02. De que maneira o senhor (a) e os moradores do bairro utilizam os espaços públicos de lazer no seu bairro?
03. Comente sobre a animação e conservação dos espaços públicos de lazer no seu bairro?
04. Que tipo de lazer os moradores deste bairro preferem?
05. De que maneira a população do bairro contribui para a conservação e animação os espaços públicos de lazer do bairro?
06. O que poderia ser feito para melhorar o lazer no seu bairro?

APÊNDICE F – RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO ITARARÉ

Entrevista com o presidente da Associação de moradores do Itararé Sr. Raimundo Mendes da Rocha. Realizada em 20/12/2012

01. Não faltam praças, mas outros equipamentos como parques. Os espaços destinados para equipamentos de lazer na construção do bairro foram vendidos para a iniciativa privada.
02. Os espaços públicos são mal utilizados. As praças são ocupadas por feirantes e usuários de droga. O ginásio é ocupado pelos desabrigados em épocas enchentes que depredam e a prefeitura demora muito para recuperar. Os moradores utilizam como lazer mais bares, boates, churrascarias. A AMI requisitou a construção de quadras nas escolas para serem utilizadas pela comunidade no final de semana. O Almeidão é mal utilizado foi feita uma reforma mal feita e não tem administração.
03. A manutenção é ruim o poder público demora muito para atender as nossas reivindicações
04. Bar, danceterias e casa de amigos.
05. A população contribui pouco
06. Mais conservação nas praças, construir parquinhos para crianças e pistas de caminhada. Criar ruas de lazer isolando um sentido da avenida principal do bairro nos finais de semana para a prática de esportes.

APÊNDICE G – RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO MOCAMBINHO

Entrevista com o presidente da Associação de moradores do Mocambinho Sr. Luis Pereira de Araújo. Realizada em 22/09/2014

01. Os espaços públicos de lazer do bairro são insuficientes para atender a população do bairro que é grande.
02. As duas praças que possuem academia e os campos de futebol são os espaços mais utilizados.
03. Há um descaso do o poder público com a manutenção, só realizada uma limpeza mensal nas praças. Os espaços mais bem conservados como é o caso do campo de futebol são cuidados pela comunidade. Sobre a animação acontece alguns eventos como o Zé Pereira no carnaval e campeonatos esportivos.
04. Festa junina, esportes, caminhada
05. A população contribui muito pouco
06. Mais investimento da prefeitura nessa área, conservar os espaços que já existem, ampliar o passeio para a prática de caminhada, mais segurança pública.

APÊNDICE H – RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO SACI

Entrevista com a presidente da Associação de moradores do Saci Sra. Ruth Maria Sobral Matos. Realizada em 22/09/2014

1. Se os espaços tivessem utilidade com condições de uso daria pra atender a população, mas não estão conservados
2. A minoria que utiliza, prefere a Praça das palmeiras para a prática de caminhada e se exercitar na academia. Existe uma ONG que mantém um professor para orientar as pessoas nas atividades físicas. O Campo da acadopol muito utilizado, nele vai ser feito uma pista de caminhada
3. Animação não existe. O Saci fica de fora dos projetos da prefeitura que tem a visão que a população do Saci é de classe alto e não precisa
4. Esportes
5. A população ajuda na conservação, principalmente os moradores em frente da praça
6. Construção do ginásio, recuperação das áreas existentes e a melhoria da segurança Nas Praças há usuários de drogas e assaltantes as pessoas são assaltadas a qualquer hora, até quando saem da missa

Anexos

ANEXOS A – TABELA 2- RENDA POR DOMICÍLIO- BAIRROS DE TERESINA

BAIRRO	RENDA MÉDIA POR DOMICÍLIO
Jóquei - Teresina – PI	12.033,03
Frei Serafim - Teresina – PI	10.321,03
Fátima - Teresina – PI	8.671,11
São Cristóvão - Teresina – PI	8.543,12
Ininga - Teresina – PI	7.818,98
Horto - Teresina – PI	7.553,88
Morada do Sol - Teresina – PI	6.884,91
Recanto das Palmeiras - Teresina – PI	6.430,85
Noivos - Teresina – PI	6.097,93
Santa Isabel - Teresina – PI	5.544,91
Zoobotânico - Teresina – PI	5.419,55
Planalto - Teresina – PI	5.034,74
Acarapé - Teresina – PI	4.680,49
Centro - Teresina – PI	4.648,18
Triunfo - Teresina – PI	4.372,67
São João - Teresina – PI	4.208,77
Marquês de Paranaguá - Teresina – PI	3.778,60
Cabral - Teresina – PI	3.776,68
Ilhotas - Teresina – PI	3.696,95
Vila Operária - Teresina – PI	3.618,58
Saci - Teresina – PI	3.607,42
Cristo Rei - Teresina – PI	3.467,55
Macaúba - Teresina – PI	3.439,38
Campestre - Teresina – PI	3.334,89
Piçarra - Teresina – PI	3.208,26
Aeroporto - Teresina – PI	3.136,31
Vermelha - Teresina – PI	3.098,86
N. S. das Graças - Teresina – PI	3.038,02
Santa Lia - Teresina – PI	2.993,29
Mafuá - Teresina – PI	2.975,09
Pirajá - Teresina – PI	2.952,55
Pio XII - Teresina – PI	2.780,50
Uruguai - Teresina – PI	2.772,77
Cidade Nova - Teresina – PI	2.672,83
Matinha - Teresina – PI	2.668,80
Itaperu - Teresina – PI	2.646,48
Por Enquanto - Teresina – PI	2.640,96
Tabuleta - Teresina – PI	2.578,78
Primavera - Teresina – PI	2.478,39
Morros - Teresina – PI	2.432,80
Monte Castelo - Teresina – PI	2.432,28
Piçarreira - Teresina – PI	2.383,24
Parque Piauí - Teresina – PI	2.349,35
Morada Nova - Teresina – PI	2.323,41

Lourival Parente - Teresina – PI	2.296,02
São Pedro - Teresina – PI	2.243,34
Mocambinho - Teresina – PI	2.172,03
Memorare - Teresina – PI	2.104,72
Tancredo Neves - Teresina – PI	2.064,24
Parque São João - Teresina – PI	2.054,04
Socopó - Teresina – PI	1.997,94
Bela Vista - Teresina – PI	1.988,46
Real Copagre - Teresina – PI	1.955,84
Santa Luzia - Teresina – PI	1.863,25
Alto Alegre - Teresina – PI	1.742,59
Três Andares - Teresina – PI	1.737,48
Bom Jesus - Teresina – PI	1.690,92
Novo Uruguai - Teresina – PI	1.683,34
Porto do Centro - Teresina – PI	1.672,63
Vale Quem Tem - Teresina – PI	1.652,14
Itararé - Teresina – PI	1.646,59
Buenos Aires - Teresina – PI	1.621,73
Comprida - Teresina – PI	1.583,68
Redonda - Teresina – PI	1.543,53
Todos os Santos - Teresina – PI	1.528,19
Renascença - Teresina – PI	1.525,97
Vale do Gavião - Teresina – PI	1.500,87
Parque Ideal - Teresina – PI	1.493,99
Brasilar - Teresina – PI	1.472,38
Morro da Esperança - Teresina – PI	1.448,83
Pedra Mole - Teresina – PI	1.438,46
Matadouro - Teresina – PI	1.408,74
Embrapa - Teresina – PI	1.401,17
Novo Horizonte - Teresina – PI	1.394,19
Promorar - Teresina – PI	1.389,79
Santa Cruz - Teresina – PI	1.374,34
Gurupi - Teresina – PI	1.369,72
São Sebastião - Teresina – PI	1.364,13
Alvorada - Teresina – PI	1.341,08
Satélite - Teresina – PI	1.337,00
Parque Juliana - Teresina – PI	1.319,38
Poti Velho - Teresina – PI	1.308,95
Verdecap - Teresina – PI	1.302,09
Catarina - Teresina – PI	1.298,82
Esplanada - Teresina – PI	1.279,48
Extrema - Teresina – PI	1.260,93
Água Mineral - Teresina – PI	1.254,89
São Joaquim - Teresina – PI	1.248,01
São Raimundo - Teresina – PI	1.246,90
Mafrense - Teresina – PI	1.233,37

Redenção - Teresina – PI	1.218,12
São Francisco - Teresina – PI	1.194,22
Flor do Campo - Teresina – PI	1.190,38
Parque Poti - Teresina – PI	1.140,79
Santo Antônio - Teresina – PI	1.121,91
Angelim - Teresina – PI	1.102,37
Colorado - Teresina – PI	1.102,02
Beira Rio - Teresina – PI	1.090,01
Nova Brasília - Teresina – PI	1.074,75
Bom Princípio - Teresina – PI	1.067,13
Areias - Teresina – PI	1.033,10
Samapi - Teresina – PI	1.014,28
Distrito Industrial - Teresina – PI	985,96
Parque Jacinta - Teresina – PI	961,19
Aroeiras - Teresina – PI	889,32
Cidade Industrial - Teresina – PI	878,06
Tabajaras - Teresina – PI	858,52
Verde Lar - Teresina – PI	838,87
Olarias - Teresina – PI	804,56
Santa Rosa - Teresina – PI	777,85
São Lourenço - Teresina – PI	714,40

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Anexos